



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

SHIRLEY DIAS GONÇALVES

CARTOGRAFIA DO PROCESSO DE PESQUISA COM ESTUDANTES
PESQUISADORES DE ESCOLA PÚBLICA: M(P)ATERNIDADE NA
ADOLESCÊNCIA EM CENA

FORTALEZA

2023

SHIRLEY DIAS GONÇALVES

CARTOGRAFIA DO PROCESSO DE PESQUISA COM ADOLESCENTES
PESQUISADORES DE ESCOLA PÚBLICA: M(P)ATERNIDADE NA
ADOLESCÊNCIA EM CENA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Psicologia. Área de concentração: Psicologia.

Orientador: Prof. Dra. Luciana Lobo Miranda.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

G628c Gonçalves, Shirley Dias.

Cartografia do processo de pesquisa com estudantes pesquisadores de escola pública : m(p)aternidade na adolescência em cena / Shirley Dias Gonçalves. – 2023.
236 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2023.

Orientação: Profa. Dra. Luciana Lobo Miranda.

1. cartografia. 2. escola. 3. maternidade. 4. paternidade. 5. adolescência. I. Título.

CDD 150

SHIRLEY DIAS GONÇALVES

CARTOGRAFIA DO PROCESSO DE PESQUISA COM ADOLESCENTES
PESQUISADORES DE ESCOLA PÚBLICA: M(P)ATERNIDADE NA
ADOLESCÊNCIA EM CENA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Psicologia. Área de concentração: Psicologia.

Linha de pesquisa: Subjetividade e Crítica do Contemporâneo

Orientador: Prof. Dra. Luciana Lobo Miranda.

Aprovada em: 12/12/2023.

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Luciana Lobo Miranda (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professora Dra. Jaileila de Araújo Menezes
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Professora Dra. Monalisa Pontes Xavier
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Professor Dr. João Paulo Pereira Barros
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professora Dra. Celecina de Maria Veras Sales
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ao coletivo do PIBIC-EM e à comunidade escolar da escola Potência que fizeram parte
desta pesquisa. Com gratidão.

AGRADECIMENTOS

Essa seção da tese é de extrema importância para destacar as valiosas ajudas e contribuições de pessoas que compartilharam comigo este percurso de 5 anos de Doutorado, a quem sou muito grata.

Agradeço a Deus pela realização desse sonho que foi cursar o Doutorado em Psicologia nessa instituição tão importante que é a Universidade Federal do Ceará - UFC. Tenho orgulho de trabalhar na UFC como psicóloga e de ter sido aluna desta renomada instituição na pós-graduação tanto no Mestrado e como no Doutorado em Psicologia.

Ao meu pai Neylson (in memoriam) meu porto-seguro, meu grande incentivador dos estudos, que vibrou comigo desde o momento da aprovação na seleção do Doutorado e que eu sei que, aonde ele esteja, está muito feliz pela conclusão do Doutorado. Essa conquista é nossa!

À minha mãe Maria de Fátima, minha referência, que sempre se dedicou e se esforçou, juntamente com meu pai, para investir na minha educação. Obrigada por ser sempre apoio na minha vida.

Ao meu esposo Danilo pelo companheirismo na parceria da vida, por apoiar meu sonho, por acreditar em mim e por ser abrigo e colo em momentos difíceis dessa jornada.

Aos nossos filhos Eduardo e Heloísa pela compreensão nos momentos que a mamãe estava estudando e pela companhia tão presente nessa caminhada, seja no território físico da universidade ao participar de aulas e reunião do grupo de pesquisa, seja no espaço virtual dos encontros online no Google Meet do grupo de discussão do PIBIC-EM.

À minha sogra Hiranice, por ser rede de apoio nos cuidados com Eduardo e Heloísa, possibilitando-me estudar/pesquisar.

Ao meu sogro Danilo, à minha sogra Hiranice, às cunhadas Carol e Luiza e aos cunhados Daniel, Rafael e Aquiles, obrigada por sempre poder contar com vocês *“na confusão do dia-a-dia, no sufoco de uma dívida, na dor de qualquer coisa”* (Skank).

Aos compadres Renata Reich e Fillipe Armelão por sempre torcerem e rezarem por mim. Gratidão pela amizade de vocês, que se fazem presentes no meu dia-a-dia apesar da distância geográfica entre as cidades em que moramos.

A minha orientadora Prof^a Luciana Lobo Miranda pela parceria, pela empatia, pelo exemplo de docente que és e na qual me inspiro, por sua humanidade em

compreender que a vida e seus percalços acontece em paralelo à pós-graduação. Meu muito obrigada!

A/os colega/es Tadeu Lucas, Lara Gonçalves, Marlon Coutinho, Mayara Nishiyama, Artur Ponciano, Gabriel Miranda, Matheus Leite, que formaram nosso coletivo do grupo de discussão do PIBIC-EM. Vocês foram meu amparo e minha fortaleza diante do cenário horrendo da pandemia da COVID-19. O meu presente do Doutorado foi ter conhecido vocês.

Aos bolsistas e voluntários/as do grupo de discussão do PIBIC-EM pelo empenho, dedicação e comprometimento com a pesquisa. Agradeço por ter conhecido vocês durante essa travessia.

À amiga Luiza Eridan, pelas palavras de incentivo desde a seleção do Doutorado e pelos momentos de estudo juntas. Obrigada pela parceria e amizade!

Às amigas Luciana Fontenele e Deyseane Lima pelo apoio e pelas trocas compartilhadas.

Aos colega/es Luísa Freire, Luísa Holanda, Tadeu Lucas, Lara Gonçalves, Marlon Coutinho, Mayara Nishiyama, Artur Ponciano, Emanuele Barros, Gabriel Miranda, Matheus Leite, Thalia Bezerra, José Alves, Gabrielle Feitosa, Andrezza Queiroz, Paulo Francis, a todes do coletivo “É da nossa escola que falamos”. Muito obrigada pela parceria.

À equipe gestora e aos/às professores/as Diretores de Turma da escola *Potência* pelo apoio e parceria para a realização desta pesquisa.

À todes participantes da comunidade escolar que contribuíram diretamente com a pesquisa, respondendo ao formulário.

À banca examinadora: Prof^a Monalisa Pontes Xavier, Prof^a Jaileila de Araújo Menezes, Prof^a Celecina de Maria Veras Sales e Prof^o João Paulo Pereira Barros pelas valiosas contribuições a esta tese.

Ao professor Walberto dos Santos pelas contribuições para a melhoria do instrumento de pesquisa e revisão do formulário online.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que financiou essa pesquisa com duas bolsas de PIBIC Ensino Médio.

“A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida” (Vinicius de Moraes)

RESUMO:

Esta pesquisa tem como objetivo cartografar o processo de pesquisa com adolescentes pesquisadores de uma escola pública estadual localizada em Fortaleza-CE sobre maternidade e paternidade na adolescência no cotidiano escolar. Analisa-se o seguinte questionamento: Como a produção de uma cartografia com adolescentes de uma escola pública estadual de Fortaleza acerca da maternidade e paternidade na adolescência pode se constituir como dispositivo na pesquisa COM adolescentes? Os princípios teórico-metodológicos são da pesquisa intervenção (PI) - sobretudo a cartografia de Deleuze e Guattari (1995) e da Análise Institucional Francesa (Lourau, 1993; 2004). A relevância da pesquisa consiste em analisar o processo de pesquisa COM adolescentes na temática m(p)aternidade dentro do território da escola pública e não SOBRE adolescentes. No primeiro momento, intitulado entre o rastreio e o toque (Kastrup, 2008), acompanhamos um curso de extensão “Formação de jovens pesquisadores no cotidiano escolar” que, dentre outros temas, mobilizou a temática da maternidade e paternidade de adolescentes. No segundo momento, intitulado pouso, tivemos o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio (PIBIC-EM), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que ofereceu condições de possibilidades para se criar um dispositivo de pesquisa. Neste um ano, um grupo de pesquisadores constituído por três estudantes secundaristas (dois bolsistas do PIBIC-EM e um voluntário), graduandos e pós-graduandos de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) realizaram coletivamente uma pesquisa, de forma remota devido ao contexto da pandemia da Covid-19. Os estudantes do PIBIC-EM participaram como agentes protagonistas de todo o processo de construção coletiva da pesquisa, desde o planejamento até a execução da mesma, atuando na construção e delimitação do objeto, pergunta de partida, objetivos, criação e aplicação do instrumento de investigação (formulário on-line), a análise coletiva dos dados e a restituição dos resultados, com a elaboração de uma cartilha digital. O questionário online foi composto por 27 perguntas, compreendida em questões de múltipla escolha e subjetivas, e foi respondido por 599 pessoas (84,11% alunos, 6,52% ex-alunos, 4,01% mães/pais/responsáveis, 3,68% professores, 1,90% gestão, 0,7% funcionários). Essa pesquisa também faz um debate sobre a relação de gênero, maternidade e paternidade. Pode-se considerar a potência da participação dos adolescentes secundaristas ao elaborar uma pesquisa com o alcance a vários segmentos da comunidade escolar e que contou com a parceria e mobilização da

escola Potência, envolvendo professores e gestores mesmo num período tão adverso de contexto remoto devido à pandemia. O coletivo, formado pelos/as pesquisadores secundaristas do PIBIC-EM e os/as pesquisadores acadêmicos/as da UFC, funcionou como uma comunidade de aprendizagem (bell hooks, 2021), com um desejo de aprender, sentir, afetar, implicar e inventar através de experimentações desse processo de pesquisa.

Palavras-Chaves: cartografia; escola; gravidez; maternidade; paternidade; adolescência.

ABSTRACT:

This research aims to map the research process with adolescent researchers from a state public school located in Fortaleza-CE on maternity and paternity in adolescence in the school routine. The following question is analyzed: How can the production of a cartography with adolescents from a state public school in Fortaleza about maternity and paternity in adolescence be constituted as a device in research WITH adolescents? The theoretical-methodological principles are from intervention research (IP) - especially the cartography of Deleuze and Guattari (1995) and from French Institutional Analysis (Lourau, 1993; 2004). The relevance of the research consists in analyzing the research process WITH adolescents on the theme m(p)aternity within the territory of the public school and not ABOUT adolescents. In the first moment, entitled between screening and touch (Kastrup, 2008), we followed an extension course "Training of young researchers in everyday school life" which, among other topics, mobilized the theme of adolescent motherhood and fatherhood. In the second moment, entitled landing, we had the support of the Institutional Program of Scientific Initiation Scholarships for High School (PIBIC-EM), of the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq), which offered conditions of possibilities to create a research device. In this one year, a group of researchers made up of three high school students (two PIBIC-EM scholarship holders and one volunteer), undergraduate and graduate students of Psychology at the Federal University of Ceará (UFC) collectively carried out a research, remotely due to the context of the Covid-19 pandemic. The PIBIC-EM students participated as protagonists of the entire process of collective construction of the research, from planning to its execution, acting in the construction and delimitation of the object, starting question, objectives, creation and application of the investigation instrument (online form), the collective analysis of the data and the restitution of the results, with the elaboration of a digital booklet. The online questionnaire consisted of 27 questions, comprised of multiple-choice and subjective questions, and was answered by 599 people (84.11% students, 6.52% former students, 4.01% mothers/fathers/guardians, 3.68% teachers, 1.90% management, 0.7% employees). This research also discusses the relationship between gender, motherhood and fatherhood. The power of the participation of high school adolescents can be considered when developing a survey with the reach of various segments of the school community and which counted on the partnership and mobilization of the Potencia school, involving teachers and managers even in such an adverse period

of remote context due to the pandemic. The collective, formed by high school researchers from PIBIC-EM and academic researchers from UFC, functioned as a learning community (bell hooks, 2021), with a desire to learn, feel, affect, implicate, and invent through experimentation in this research process.

Keywords: cartography; school; pregnancy; maternity; paternity; adolescence.

RESUMEN:

Esta investigación tiene como objetivo mapear el proceso de investigación con investigadores adolescentes de una escuela pública estatal ubicada en Fortaleza-CE sobre maternidad y paternidad en la adolescencia en la rutina escolar. Se analiza la siguiente pregunta: ¿Cómo puede constituirse la producción de una cartografía con adolescentes de una escuela pública estatal de Fortaleza sobre maternidad y paternidad en la adolescencia como un dispositivo en la investigación CON adolescentes? Los principios teórico-metodológicos provienen de la investigación de intervención (PI), especialmente de la cartografía de Deleuze y Guattari (1995) y del análisis institucional francés (Lourau, 1993; 2004). La pertinencia de la investigación consiste en analizar el proceso de investigación CON adolescentes sobre el tema m(p)aternidad dentro del territorio de la escuela pública y no SOBRE adolescentes. En el primer momento, titulado entre la proyección y el tacto (Kastrup, 2008), seguimos un curso de extensión "Formación de jóvenes investigadores en la vida cotidiana escolar" que, entre otros temas, movilizó el tema de la maternidad y la paternidad adolescente. En el segundo momento, titulado aterrizaje, contamos con el apoyo del Programa Institucional de Becas de Iniciación Científica para la Enseñanza Media (PIBIC-EM), del Consejo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico (CNPq), que ofrecía condiciones de posibilidades para crear un dispositivo de investigación. En este año, un grupo de investigadores compuesto por tres estudiantes de enseñanza media (dos becarios del PIBIC-EM y un voluntario), estudiantes de grado y posgrado de Psicología de la Universidad Federal de Ceará (UFC) realizaron colectivamente una investigación, de forma remota debido al contexto de la pandemia de Covid-19. Los estudiantes del PIBIC-EM participaron como protagonistas de todo el proceso de construcción colectiva de la investigación, desde la planificación hasta su ejecución, actuando en la construcción y delimitación del objeto, pregunta de partida, objetivos, creación y aplicación del instrumento de investigación (formulario online), el análisis colectivo de los datos y la restitución de los resultados, con la elaboración de un cuadernillo digital. El cuestionario online constó de 27 preguntas, compuestas por preguntas de opción múltiple y subjetivas, y fue respondido por 599 personas (84,11% estudiantes, 6,52% exalumnos, 4,01% madres/padres/tutores, 3,68% docentes, 1,90% directivos, 0,7% empleados). Esta investigación también discute la relación entre género, maternidad y paternidad. El poder de la participación de los adolescentes de secundaria

puede ser considerado al momento de desarrollar una encuesta con el alcance de diversos segmentos de la comunidad escolar y que contó con la asociación y movilización de la escuela Potencia, involucrando a docentes y directivos incluso en un período tan adverso de contexto remoto debido a la pandemia. El colectivo, formado por investigadores de secundaria del PIBIC-EM e investigadores académicos de la UFC, funcionó como una comunidad de aprendizaje (bell hooks, 2021), con el deseo de aprender, sentir, afectar, implicar e inventar a través de la experimentación de este proceso de investigación.

Palabras clave: cartografía; escuela; embarazo; maternidade; paternidade; adolescencia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Foto na reunião do grupo de pesquisa.....	24
Figura 2 - Foto do grupo de pesquisa no LAPSUS.....	25
Figura 3 - Muro externo da escola.....	43
Figura 4 - Parede do corredor interno da escola.....	44
Figura 5 - Cartaz de divulgação do Curso: Formação de jovens pesquisadores do cotidiano escolar, articulado ao Projeto de Extensão “É da Nossa Escola que Falamos”	44
Figura 6 - Observação do jardim da escola.....	56
Figura 7- Cartaz da observação do jardim do grupo “O Hoje afetando o amanhã”	56
Figura 8 - Capas dos diários de campo customizados por cada equipe	58
Figura 9 - Capa do diário de campo do grupo “O Hoje afetando o amanhã”	58
Figura 10 - Diário de campo do grupo “O Hoje afetando o amanhã”	60
Figura 11 - Elaboração de cartaz para divulgação dos questionários online.....	66
Figura 12 - Cartaz produzido pela equipe “O hoje afetando o amanhã” para divulgação da pesquisa nas turmas da escola.....	67
Figura 13 - Análise e categorização dos dados das pesquisas.....	71
Figura 14 - Banner artesanal produzido pelo grupo “O hoje afetando o amanhã” para restituição da pesquisa.....	71
Figura 15 - Restituição com professores Diretores de turma. Ao fundo, os banners das pesquisas realizadas pelos jovens colados na parede.....	73
Figura 16 - Restituição na escola com os representantes de turma.....	75
Figura 17 - Print da gravação da roda de conversa com estudantes do 3º ano sobre Saúde Mental e quarentena.....	79
Figura 18 - Cartaz de divulgação da Roda de conversa com os estudantes sobre a experiência das aulas remotas.....	79
Figura 19 - Print da gravação de um encontro virtual da equipe de pesquisadores do PIBIC-EM realizado em dezembro de 2020.....	86
Figura 20 - Cartaz de divulgação da seleção dos bolsistas.....	90
Figura 21 - Figura de materialidade sobre maternidade e paternidade na adolescência produzida pela candidata à bolsa PIBIC-EM.....	94

Figura 22 - Mapa mental de definição de pesquisa (produzido no dia 29/09/2020) ...	100
Figura 23 - Mapa Mental sobre Pesquisa Qualitativa e quantitativa (produzido no dia 06/10/2020)	106
Figura 24 - Mapa mental sobre Educação Sexual	110
Figura 25 - Charge retratando um ambiente de sala de aula	116
Figura 26: Charge retratando uma conversa de um adolescente com a sua tia.....	118
Figura 27: Nuvem de palavras do encontro de encerramento do semestre do PIBIC-EM em 15/12/2020.....	121
Figura 28 - Print da gravação de um dos encontros de elaboração do formulário online.....	127
Figura 29 - Banner de divulgação da pesquisa com o link do formulário.....	134
Figura 30 - Post do instagram para divulgação do formulário	137
Figura 31 - Quadro digital produzido na dinâmica Check-in e check-out para avaliação do processo de pesquisa (produzido no dia 16/07/2021)	146
Figura 32 - Gráficos comparativos das respostas à questão 20 do formulário online.....	151
Figura 33 - Quadro comparativo de respostas válidas da questão 22 entre os segmentos que se identificaram em relação à identidade de gênero.....	153
Figura 34 - Capa da cartilha digital elaborada pelo grupo de discussão do PIBIC-EM.....	157
Figura 35 - Porcentagem de respostas à pergunta do formulário: “Como você acha que os familiares de um/a jovem reagem ao descobrirem que ele/a engravidou na adolescência?”	160
Figura 36 - Porcentagem de respostas que relaciona a evasão e a dificuldade de acompanhar a rotina escolar afetam mais a jovem mãe.....	162
Figura 37 - Foto da equipe de pesquisadores do PIBIC-EM da escola Potência.....	172
Figura 38 - Foto da entrega do certificado da participação do PIBIC-EM emitido pela PRPPG/UFC.....	172
Figura 39 - Print do post convite para ação solidária de doação de fraldas (Diário de campo de 25/04/2022)	174

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEU - Clube do Estudante Universitário

CH - Centro de Humanidades

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

COVID-19 - Doença provocada pelo vírus SARS-CoV-2

CPAR - Critical Participatory Action Research/Pesquisa Ação Participativa Crítica

DT - Diretor de Turma

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

IST - Infecção Sexualmente Transmissível

LACEP - Laboratório Cearense de Psicometria

LAPSUS - Laboratório de Psicologia em Subjetividade e Sociedade

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais, Queer, Intersexos e Agêneros

NTTPS - Núcleo de Trabalho, Pesquisas e Práticas Sociais

OMS - Organização Mundial da Saúde

PDT - Professor Diretor de Turma

PI - Pesquisa-Intervenção

PIBIC-EM - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Para o Ensino Médio

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PPDT - Projeto Professor Diretor de Turma

PRPPG - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação

SARS-CoV-2 - Severe Acute Respiratory Syndrome

SPSS - Statistical Package for the Social Sciences

TA - Termo de Assentimento

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UECE - Universidade Estadual do Ceará

UFC - Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: IMPLICAÇÃO COM O TEMA E CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	20
2 PESQUISA-INTERVENÇÃO: TRILHANDO O CAMINHO COM PISTAS METODOLÓGICAS DA CARTOGRAFIA NA ESCOLA.....	37
2.1 Pesquisa-intervenção e o ethos da cartografia.....	37
2.2 Lócus da pesquisa: a escola Potência	41
2.3 A construção de uma pesquisa entre afetações e implicações.....	46
2.4 O rastreo: participação no curso de extensão “Formação de jovens pesquisadores no cotidiano escolar”.....	49
2.5 O toque: “O Hoje afetando o amanhã”:	62
3 O POUSO NO GRUPO DE DISCUSSÃO DO PIBIC ENSINO MÉDIO: PESQUISACOM ADOLESCENTES ESTUDANTES DA ESCOLA POTÊNCIA.....	77
3.1 Atravessamentos da Pandemia de COVID-19 na Educação e na Pesquisa.....	77
3.2 Fazer pesquisa durante a pandemia e suas adversidades.....	83
3.3 O pouso: grupo de pesquisa formado com secundaristas bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC -EM).....	88
3.4 Apresentação dos/das bolsistas PIBIC Ensino Médio.....	95
3.5 Encontros da equipe PIBIC-EM: construindo um PesquisacOM no contexto da pandemia	98
3.5.1 Gravidez na adolescência e educação sexual: reflexões em tempos de políticas públicas que pregam a abstinência sexual	114
3.5.2 Pausa para uma avaliação de um processo de pesquisa em que estávamos todes aprendendo.....	120
4 ANÁLISE DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO COLETIVA E APLICAÇÃO DO FORMULÁRIO ONLINE	124
4.1 Formulário online do <i>Google Forms</i> : caracterização do instrumento.....	128

4.2	Divulgação do formulário online: estratégias de mobilização para participação da comunidade escolar na pesquisa	130
4.3	Cena analisadora da interdição do corpo feminino por parte da gestão escolar: exclusão do vídeo de divulgação do formulário no instagram da escola Potência.....	136
4.4	Cena analisadora: atravessamentos de gênero no processo da pesquisa.....	139
4.5	Descrição do processo de análise das respostas do formulário.....	144
4.5.1	Perfil biosociodemográfico dos respondentes.....	145
4.6	Avaliação do processo de pesquisa com o grupo de discussão do PIBIC-EM.....	145
5	O RECONHECIMENTO ATENTO: RESTITUIÇÃO DA PESQUISA E A ELABORAÇÃO DA CARTILHA DIGITAL.....	150
5. 1	Restituição à equipe gestora da escola Potência.....	151
5. 2	Processo de criação coletiva da Cartilha digital	156
5. 3	Restituição aos professores/as Diretores de Turma (DT's) da escola Potência....	168
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS: ENCONTROS E DESPEDIÇÃS	171
	REFERÊNCIAS.....	176
	APÊNDICES.....	183
	APÊNDICE A – FORMULÁRIO ON-LINE “O HOJE AFETANDO O AMANHÃ”.....	183
	APÊNDICE B - FORMULÁRIO ON-LINE PESQUISA “GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: DIÁLOGOS SOBRE MATERNIDADE E PATERNIDADE NA ESCOLA”	186
	APÊNDICE C – TABELA COM NÚMERO DE ENCONTROS, TEMÁTICA E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DO GRUPO DE DISCUSSÃO PIBIC-EM.....	197
	APÊNDICE D – TABELA COM AS CATEGORIAS GERAIS E A DESCRIÇÃO DAS CATEGORIAS	200
	APÊNDICE E – CARTILHA DIGITAL PRODUZIDA PELO GRUPO DE DISCUSSÃO PIBIC-EM.....	203
	APÊNDICE F – MATERIAL DE APOIO PARA OS/AS/ES DIRETORES DE TURMA SOBRE GRAVIDEZ, M(P)ATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA	220

ANEXOS.....	228
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	228
ANEXO B – TERMO DE ASSENTIMENTO	232
ANEXO C - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	235

1 INTRODUÇÃO: IMPLICAÇÃO COM O TEMA E CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Inicialmente, o meu interesse de pesquisa envolvia a temática do corpo, que já tinha sido objeto de estudo na minha dissertação de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), na ocasião, o corpo obeso¹. No Doutorado, o título do meu primeiro projeto de pesquisa era “Corpo e mídia: análise dos discursos das redes sociais sobre o corpo com jovens de uma escola pública de Fortaleza”, tendo em vista que tinha interesse em dar continuidade ao estudo da temática sobre o corpo, nesse caso o corpo do adolescente e suas relações com as mídias sociais, questionando de que modo os adolescentes são subjetivados pelos discursos que circulam nas redes sociais, principalmente em relação a questão do culto ao corpo, belo, jovem e magro.

Nas andanças em busca de uma escola para realizar a disciplina de Estágio em Docência II² do Doutorado em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), fui até a escola que vou denominar ficticiamente de *Potência*³, falar com o diretor sobre minha proposta de estágio e, na ocasião, fui informada pela secretária da instituição que os diretores estavam no conselho escolar e que eu voltasse a procurar na semana seguinte. Porém, eu estava apreensiva e tinha uma certa urgência em começar a estagiar logo, tendo em vista que a carga horária da disciplina era alta e eu precisava concluir o estágio naquele semestre por motivos pessoais que irei relatar mais adiante. Desse modo, já saí da escola *Potência* e fui direto visitar outra escola, que ficava a um quarteirão de distância, em busca de uma oportunidade de estágio em docência.

Essa outra escola era uma instituição pública de ensino profissionalizante de Fortaleza, na qual fui bem recebida pela diretora e expliquei a ideia do trabalho de estágio

¹ A dissertação de Mestrado intitulada “Obesidade em discurso: cenas do grupo terapêutico com pacientes diagnosticados obesos em um hospital público de Fortaleza-CE” teve como objetivo investigar os discursos que circulam no grupo terapêutico realizado com pacientes diagnosticados obesos de um hospital público de referência em cirurgia bariátrica no município de Fortaleza-CE e como esses pacientes são subjetivados por esses discursos. Assim, foram estudadas as relações de saber-poder que perpassavam sobre o corpo obeso no espaço hospitalar.

² Disciplina obrigatória do Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFC. No Estágio em Docência II é oferecida a possibilidade das/dos doutorandas/os exercer a prática docente seja em disciplinas obrigatórias e optativas do curso de Psicologia ou outros, seja ministrar curso de extensão e/ou atividades cadastradas com temática articulada à pesquisa realizada.

³ A escola *Potência* se tornou o lócus onde a pesquisa desta tese de doutorado foi realizada e será apresentada mais detalhadamente no capítulo 3.

em docência que seriam oficinas em que eu iria propor discussões sobre a temática da minha pesquisa de doutorado. A diretora sugeriu que eu entrasse em contato com o professor da disciplina de Projeto de Vida, pois considerava que o espaço dessa disciplina era pertinente para o estágio.

Desse modo, ministrei oficinas semanalmente, durante três meses do ano de 2018, nesta escola na disciplina de Projeto de Vida com uma turma do curso profissionalizante de Administração do 1º ano do Ensino Médio, composta por estudantes de 15 a 17 anos. Nessa experiência, propôs oficinas com temáticas sugeridas inicialmente pelos estudantes como relacionamento interpessoal (trabalho em equipe, diálogo) e lancei também uma discussão mais voltada ao meu projeto inicial de pesquisa sobre como a mídia, principalmente as redes sociais, influencia o modo de ser adolescente, no que se refere a ideais de aparência e padrões de beleza, porém não houve uma boa adesão de, por exemplo, realizar a atividade proposta de trazer materialidades e posts das redes sociais (facebook, instagram, youtube) sobre essa temática. O pouco engajamento da turma à discussão proposta pelo meu projeto de pesquisa inicial, de certa forma, contribuiu com o meu desânimo em relação ao tema.

Essas transformações dos projetos de pesquisa e do objeto de estudo são recorrentes a partir da ida do pesquisador/pesquisadora ao campo, no contato com o orientador/orientadora e com os pares do grupo de pesquisa, num trabalho coletivo, como afirma Arendt (2016). Além disso, a escolha pela temática de estudo envolve a implicação do pesquisador com o tema.

Portanto, posso afirmar que o interesse pelo objeto de estudo dessa pesquisa de Doutorado intitulada “Cartografia do processo de pesquisa com adolescentes pesquisadores de escola pública: m(p)aternidade na adolescência em cena” surge na interlocução de dois momentos. O primeiro momento está relacionado à minha vida pessoal, que foi a decisão de engravidar e viver pela segunda vez a maternidade. A descoberta da gravidez coincidiu com o início do curso de Doutorado, em março de 2018, uma gravidez planejada e sonhada, mesmo sabendo que não ia ser fácil conciliar trabalho, estudos e maternidade.

Dentro da própria universidade, recebi questionamentos, de uma colega de sala ao perceber que eu estava grávida pelo crescimento da barriga, de como seria possível e como eu daria conta de conciliar os estudos do Doutorado e os cuidados com a bebê, se

eu iria trancar o curso, se conseguiria concluí-lo. Não tinha respostas a essas perguntas, mas estava decidida a viver os dois sonhos que tanto desejei: Doutorado e Maternidade.

Durante o ano de 2018, me dediquei a cursar todas as disciplinas necessárias para o curso de Doutorado enquanto Heloísa, minha filha, estava no meu ventre, pois sabia que, após o nascimento dela, a rotina de estudos iria dar lugar, por um bom tempo, aos cuidados e assistência a uma bebê, além de uma maior atenção ao meu filho mais velho, Eduardo, nesse momento da chegada da irmã. Esse era o motivo da minha urgência em concluir a disciplina de estágio em docência relatada acima, bem como a maioria dos outros requisitos obrigatórios do Doutorado.

Costumava conversar com Heloísa para ela ajudar a mamãe e ficar o máximo de tempo possível dentro da barriga (assegurada a saúde da mãe e da bebê), para eu finalizar as disciplinas e aproveitar bem todas as aulas. Conclui as disciplinas um mês antes do término do semestre letivo (dezembro), tendo em vista o nascimento de Heloísa, em novembro de 2018, com 41 semanas de gestação. Para isso, contei com a compreensão das professoras e professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFC em antecipar a minha entrega das avaliações/trabalhos finais das disciplinas para entrar de licença maternidade e realizar o trancamento do curso de Doutorado nesse período.

Estive de licença maternidade do Doutorado durante quatro meses (de novembro de 2018 a março de 2019) e retornei aos estudos direto para participação no projeto de extensão “É da Nossa Escola que falamos”⁴, que se configura como o segundo momento de interesse pelo objeto de estudo dessa pesquisa.

Esse retorno aos estudos após a licença maternidade foi marcado por uma certa ambivalência de emoções. Ao mesmo tempo, que, no aspecto acadêmico, eu estava

⁴ O projeto de extensão “É da nossa escola que falamos” realizou como ação de extensão o curso “Formação de Jovens Pesquisadores do cotidiano escolar” numa escola pública de Fortaleza-CE, cujo objetivo era promover uma formação crítica com estudantes enquanto jovens pesquisadores de seu próprio cotidiano escolar, através de uma pesquisa colaborativa em que os próprios sujeitos atuem como pesquisadores deste processo. Ao longo de nossa pesquisa falaremos mais desse projeto, desse coletivo que alicerça o presente trabalho. Por ora vale as seguintes informações: As ações do projeto estão articuladas às pesquisas desenvolvidas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Edital nº2/2018) e no Programa de Pós-graduação em Psicologia. Os participantes do curso eram estudantes do Ensino Médio de uma escola pública, além de estudantes de Graduação, Pós-graduação em Psicologia da UFC e professora do Departamento de Psicologia, que compunha o grupo de trabalho e também integrantes do Laboratório de Psicologia em Subjetividade e Sociedade (LAPSUS). É importante ressaltar que a presente pesquisa de Doutorado se insere como desdobramento da pesquisa “Educação, Modos de Subjetivação e Formação de jovens pesquisadores da micropolítica do cotidiano escolar” sob o Edital Nº 2/2018 - PIBIC 2018/2019, que foi submetida na Plataforma Brasil e aprovada no Comitê de Ética em março de 2019 sob parecer nº 3.227.767.

empolgada por estar retornando aos estudos direto para a atuação no campo de pesquisa e extensão, em contato com adolescentes, vivenciando o cotidiano escolar, espaço no qual gosto de estar; no aspecto pessoal, estava preocupada ao me distanciar da minha bebê de quatro meses de vida, que estava em aleitamento materno exclusivo, e demonstrava dificuldade e resistência, através de choros intensos, em aceitar a mamadeira de leite materno oferecida pela minha sogra ou minha cunhada que cuidavam dela durante as duas horas em que eu estava participando dos encontros presenciais do curso de extensão na escola, no período da tarde.

Com o passar do tempo, Heloísa, aos seis meses de vida, começou a ir comigo para a universidade para as reuniões do grupo de pesquisa, às quartas-feiras à noite na sala do Laboratório de Psicologia em Subjetividade e Sociedade (LAPSUS)⁵. Algumas vezes, também buscava meu filho Eduardo na escola no final da tarde, levava pra reunião e ele ficava brincando com seus brinquedos naquele espaço, em princípio, destinado a atividades acadêmicas, de pesquisa, ensino e extensão, isto é, teoricamente "inapropriado" para crianças. Em outros momentos, meu marido ficava passeando com as crianças na quadra de esportes do Clube do Estudante Universitário (CEU) do Centro de Humanidades (CH) enquanto aguardava a reunião acabar. Todas as vezes que precisei levar as crianças ao LAPSUS fui bem acolhida tanto pela professora Luciana Lobo quanto pelos colegas do grupo de pesquisa. O ambiente era leve e acolhedor, eu era quem me preocupava da bebê chorar, tirar a atenção dos integrantes do grupo de pesquisa e dispersar a reunião. Eles brincavam com Heloísa, seguravam no colo, como mostra a figura a seguir.

⁵ O Laboratório de Psicologia em Subjetividade e Sociedade (LAPSUS) tem como objetivo desenvolver atividades de Pesquisa em Psicologia, de caráter interdisciplinar, visando refletir os diversos aspectos que afetam as subjetividades contemporâneas, envolvendo temas sobre Comunicação, Sociologia da Cultura, Filosofia, Cultura do Consumo, Ética, Alteridade, Literatura, "Modernidade/Pós-Modernidade", dentre outros, a partir de um referencial crítico e sócio-cultural.



Figura 1: Foto na reunião do grupo de pesquisa

Realmente o caminho percorrido no intuito de equilibrar maternidade e carreira acadêmica não foi e não tem sido fácil⁶. O que torna mais suave esse percurso é quando se encontra uma rede de apoio formada por família, professores e colegas do grupo de pesquisa sensíveis, compreensíveis e solícitos, que, com essa postura, promove leveza e acolhimento. Sou grata à professora orientadora Luciana Lobo e ao grupo de pesquisa que acolheram a mim e aos meus filhos nos diversos momentos em que tive que levá-los aos encontros/reuniões do grupo de pesquisa, seja no presencial ou no virtual⁷, como se observa na foto a seguir:

⁶ A questão de maternidade e carreira acadêmica tem sido abordada pelo movimento *Parent in Science* (Disponível em: <https://www.parentinscience.com/sobre-o-parent-in-science>. Acesso em: 15/07/2023), que surgiu com o intuito de levantar a discussão sobre a maternidade e paternidade dentro do universo da ciência do Brasil, com ações que promovem a busca de conhecimento sobre as consequências da chegada dos filhos na carreira científica de mulheres e homens.

⁷ Posteriormente, irei abordar sobre esse acolhimento dos colegas do grupo de pesquisa no campo do virtual, pois a pesquisa teve que ser realizada de modo remoto nos anos de 2020 e 2021 devido a pandemia da COVID-19.



Figura 2: Foto do grupo de pesquisa no LAPSUS

Como citado anteriormente, o segundo momento de interesse pelo objeto de estudo dessa pesquisa, foi a participação no projeto de Extensão “É da nossa escola que falamos”. Esse projeto, formado por docente e discentes da graduação e da pós-graduação em Psicologia da UFC, promoveu, dentre outras ações, um curso de extensão intitulado “Formação de Jovens Pesquisadores do Cotidiano Escolar”⁸ com objetivo de incentivar que jovens, estudantes de uma Escola Pública Estadual de Fortaleza/CE, pudessem, através de uma formação crítica, pesquisar suas inquietações a respeito da vida escolar.

Logo no início, quando ouvi a proposta de adentrarmos a escola para investigar o que interessava aos jovens pesquisar com outros jovens dentro do território escolar, me senti um pouco confusa e preocupada, pois, a princípio, pareceu não existir um tema de pesquisa definido, específico, estruturado. Só depois entendi que existia sim um objeto de estudo preciso, que era a própria pesquisa de interesse dos jovens estudantes, porém as temáticas destas pesquisas só iriam surgir durante o processo do curso de extensão. Isto é, estas/estes adolescentes uma vez imbuídas/dos por nós para exercerem o compromisso ético-político que a pesquisa nos convoca quando somos instigados a discutir nosso próprio cotidiano, no caso escolar, nos proporcionava o acompanhamento cartográfico do

⁸ O curso “Formação de Jovens Pesquisadores do Cotidiano Escolar” esteve articulado tanto a pesquisa “Educação, modos de subjetivação e formação de jovens pesquisadores da micropolítica do cotidiano escolar” quanto ao projeto de extensão “É da Nossa Escola que falamos”. Esta articulação ocorreu devido a aposta no caráter indissociável entre ensino-pesquisa-extensão, base da Universidade, e da própria política de pesquisa praticada pela Pesquisa Intervenção (PI) e pela Critical Participatory Action Research (CPAR), que será discutida no capítulo 3.

processo de pesquisa protagonizado por eles/elas próprios. Saber o que os/as movem, o que os/as inquietam investigar, seus receios, e descobertas era, por sua vez, o que nos movimentava no território escolar. Então, em conversa com a professora-orientadora, foi ressaltada a importância de se abrir para o novo, o inesperado e as inúmeras possibilidades de temas de pesquisa que poderiam surgir do interesse dos jovens. Aos poucos, fui me tranquilizando e trabalhando minha própria (in)segurança.

Enquanto procurávamos uma escola que encampasse a proposta do "É da Nossa Escola que falamos" de criarmos um grupo de formação de pesquisadores secundaristas do cotidiano escolar, fazíamos visitas a algumas escolas próximas ao Centro de Humanidades da UFC, agendávamos encontros com o núcleo gestor para discutir nossa proposta bem como frequentávamos espaços abertos à comunidade. Um desses foi as apresentações dos trabalhos da disciplina de Núcleo de Trabalho, Pesquisas e Práticas Sociais (NTPPS) de uma escola estadual de ensino médio de tempo integral⁹. Na ocasião, um trabalho do primeiro ano do ensino médio sobre o ambiente escolar chamou a atenção de uma integrante do grupo de pesquisa, como pode ser observado no trecho a seguir do diário de campo¹⁰:

Uma pesquisa em particular que chamou a atenção foi a relacionada à gravidez na adolescência. Nesse caso, a equipe fingiu que uma das meninas estava grávida e assim passaram a perguntar para as outras pessoas da sala o que elas achavam disso, e segundo ela, a menina que se disse estar grávida passou a "sentir na pele" o que era aquilo. Esse foi um trabalho que gostei muito, pois mostra que a questão da sexualidade para aqueles jovens realmente pode ser um ponto que merece ser discutido, e foi dito pela equipe que houve palestras sobre esse assunto na escola, o que é muito bom. (DIÁRIO DE CAMPO DE PESQUISADORA ACADÊMICA, 22/11/18)

Atenta-se para a importância do tema gravidez na adolescência ser emergente no contexto da escola, tendo sido escolhido esse tema pelos/as alunos/as, o que corrobora com estudos na área (MENEZES, *et al.*, 2012; MEDEIROS, 2021) e que serão discutidas mais adiante. Apesar da boa recepção por parte da coordenação desta escola, não foi possível a realização do projeto de pesquisa e extensão nessa instituição.

⁹ A disciplina de NTPPS é um componente curricular com o objetivo de desenvolver competências por meio da pesquisa, interdisciplinaridade e protagonismo juvenil, abordando os seguintes temas: a escola e a família, para o primeiro ano do ensino médio; a comunidade, para o segundo ano e o mundo do trabalho, para o terceiro ano (Disponível em: <https://www.seduc.ce.gov.br/e-o-que-e-o-ntpps/> Acesso em: 15/07/2021).

¹⁰ O diário de campo foi um dos instrumentos metodológicos da pesquisa e será discutido capítulo 3.

O interesse pela temática de gravidez na adolescência também aconteceu na escola que se tornou lócus da presente pesquisa e onde foi realizado o curso de extensão já citado, fomentando a pesquisa na micropolítica do cotidiano escolar numa perspectiva da decolonização do conhecimento e da democratização da pesquisa no campo dos direitos (APPADURAI, 2006). Esse momento se caracterizou como a primeira aproximação com o campo que será discutido no capítulo 2 desta tese.

Numa das turmas formadas, um dos grupos de estudantes secundaristas, composto exclusivamente por meninas, realizou a pesquisa: "O Hoje afetando o amanhã", que tinha como objetivo analisar a influência da idade e diferentes pensamentos dos integrantes da escola acerca da perspectiva de futuro de meninas que engravidaram na adolescência. Dentre várias possibilidades de temas, as alunas elegeram a gravidez na adolescência como o tema mais relevante a ser pesquisado na micropolítica do cotidiano escolar. Essa pesquisa "O Hoje afetando o amanhã" impactou mais profundamente o meu interesse em pesquisar sobre maternidade e paternidade com jovens estudantes da escola pública, tendo em vista a minha implicação pessoal com a temática da maternidade vivenciada concomitantemente com os estudos de pós-graduação associado ao interesse em pesquisar como são produzidas práticas discursivas sobre experiências de maternidade e paternidade durante a vida escolar de estudantes adolescentes.

Assim, pelos motivos e justificativas acima relatados tanto em relação a implicação¹¹ pessoal quanto a relevância do tema na própria instituição escolar na qual atuei na extensão, despertou o meu interesse em pesquisar, nesta tese de doutorado, o processo de construção de uma pesquisa com adolescentes estudantes do ensino médio de uma escola pública de Fortaleza-CE sobre a maternidade e a paternidade na adolescência.

Estava decidida a mergulhar na temática dando prosseguimento na própria escola, envolvendo novos agentes e aprofundando a participação dos estudantes como co-pesquisadores com a possibilidade de receberem uma bolsa através do programa PIBIC-EM do CNPq. No entanto, em 2020, chegou a pandemia da COVID-19, doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 (do inglês Severe Acute Respiratory Syndrome"), que matou milhões de pessoas no mundo. A pesquisa, antes planejada para ser realizada de

¹¹ Posteriormente, será discutido o conceito de análise de implicação instituído por Lourau (2004) ao falar da impossibilidade de neutralidade no campo da pesquisa. Esse referencial justifica-se por esta pesquisa estar inserida no ethos da pesquisa-intervenção de base cartográfica, na qual a presente pesquisa é tributária.

modo presencial, teve que ser modificada para o formato virtual, tendo em vista o fechamento das escolas no Ceará a partir de março de 2020, no qual as atividades escolares presenciais foram migradas para o modo remoto como medida sanitária para conter a transmissibilidade do coronavírus. No capítulo 2, iremos abordar sobre o pesquisar em tempos de pandemia de COVID-19, discutindo também sobre os atravessamentos da Pandemia na Educação e na Pesquisa e sobre as adversidades de produzir uma pesquisa durante a pandemia.

Devido a essa mudança, compusemos um grupo de pesquisa remoto com o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio (PIBIC-EM)¹² formado por estudantes secundaristas (bolsistas e voluntários) de uma escola pública de Fortaleza-CE e universitários da Graduação e da Pós-Graduação em Psicologia. Esse grupo realizou encontros semanais exclusivamente em formato virtual durante um ano (agosto de 2020 a agosto de 2021) para produzir uma pesquisa sobre gravidez, maternidade e paternidade na adolescência no contexto escolar cujo público alvo era a comunidade da escola *Potência*.

É importante salientar que, aqui nessa experiência de Doutorado, o grupo de pesquisadores do PIBIC-EM representa o lugar das perguntas, da construção dos problemas, do aprofundamento dos estudos. Não importa quem faz as perguntas, quem provoca o debate, quem discorda ou tem uma excelente ideia: somos um grupo, habitado pela heterogeneidade inerente da força de ser coletivo. O PIBIC-EM é gente: Shirley, Tadeu, Marlon, Lara, Mayara, Matheus, Gabriel, Artur, Levi, Bia, Bruno e Daniela (esses quatro últimos nomes são fictícios para preservar a identidade dos estudantes secundaristas). Esta tese nutriu-se desse grupo. Tenho um sentimento especial de gratidão às pessoas que compõem esse grupo, que deu sentidos e produziu deslocamentos importantes para essa pesquisa de Doutorado¹³. Além disso, nossos encontros

¹² O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio (PIBIC-EM) foi um dispositivo central da pesquisa e será discutido capítulo 3. O PIBIC-EM surge como uma ação de política pública de educação científica e tecnológica estabelecida entre as Universidade e Institutos Federais e escolas de nível médio, públicas do ensino regular, escolas militares, escolas técnicas com objetivo de desenvolver um programa de educação científica, incentivando o interesse pela ciência. O programa concede bolsa aos estudantes do ensino médio do ensino público. (BRASIL, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/assuntos/popularizacao-da-ciencia/o-cnpq-e-a-divulgacao-cientifica>. Acesso em: 10 abr 2022).

¹³ Peço licença para reforçar o agradecimento a este coletivo também na introdução dessa pesquisa. É que falar de um processo de pesquisa ocorrido majoritariamente em contexto de distanciamento social merece um especial destaque para a força do coletivo.

representava para mim uma forma de nutrir, mesmo que virtualmente, as relações sociais (reencontrar os colegas da universidade e conhecer novas pessoas: os estudantes secundaristas), que foram afetadas com o distanciamento social que estávamos vivendo decorrente da pandemia da COVID-19, esse período horrível e doloroso da história mundial.

Parceiros de muitos finais de tarde e noites de discussões, de construção de uma comunidade de aprendizagem de pesquisa. Corroborando com bell hooks (2021), uma comunidade educativa que entende a educação como prática de liberdade e como uma forma horizontal, de modo que todas/os as/os estudantes são percebidas/os como sujeitos de conhecimento e, como tal, também sujeitos de transformação da sua realidade, e da sua realidade no coletivo.

Assim, a presente pesquisa de Doutorado tratou de cartografar o processo de pesquisa do PIBIC-EM com adolescentes pesquisadores de uma escola pública estadual localizada em Fortaleza-CE sobre maternidade e paternidade na adolescência no cotidiano escolar, a partir de um estudo metodológico qualitativo com base na Pesquisa-Intervenção (PI) (ROCHA; AGUIAR, 2003, 2007; MIRANDA *et al.*, 2018) sob o método da cartografia (KASTRUP, 2008, 2015; PASSOS; BARROS, 2012), com intensa participação dos sujeitos, visto como co-pesquisadores no delineamento da pesquisa (TORRE, *et al.*, 2018; MIRANDA, FINE e TORRE, 2020), aliando a perspectiva da Pesquisa Ação Participativa Crítica (CPAR) (TORRE, 2014) acerca da descolonização do saber na produção de pesquisa participativa (APPADURAI, 2006).

Apesar do tema gravidez, maternidade e paternidade na adolescência e a relação com a vida escolar não ser propriamente inédito como tema de estudos da Psicologia, estudá-lo por meio de uma cartografia, eminentemente coletiva, com o olhar constitutivo dos estudantes secundaristas de uma escola pública, que participaram efetivamente de todo o processo de pesquisa, visando o próprio cotidiano em que estavam inseridos, seja sim o fator mais relevante da presente análise.

Como aponta a investigação realizada pelas autoras Gaia, Menezes e Silva (2020), esta temática também deve compreender uma perspectiva crítica sobre o campo dos direitos sexuais e reprodutivos, que em suas análises, pontuam uma fragilidade institucional das escolas e de políticas públicas em lidarem com esse tema de forma contextualizada e menos biologicista. O termo direitos reprodutivos trata do reconhecimento do direito da pessoa de decidir sobre sua reprodução, e o termo direitos

sexuais diz respeito ao direito de todas as pessoas vivenciarem sua sexualidade sem preconceito, discriminação, violência (MENEZES *et al.*, 2012).

Segundo Zinet (2016), a gravidez na adolescência é um dos principais motivos pelo qual meninas param de estudar, de acordo com pesquisa realizada em parceria pelo Ministério da Educação, Organização dos Estados Ibero Americanos e Faculdade Latino-Americana de Ciências. De acordo com o referido estudo, enquanto 18,1% das meninas de 15 a 29 anos indicam a gravidez como principal motivo de abandonar os estudos, somente 1,3% dos meninos da mesma faixa etária indicam que interromperam os estudos pela mesma razão. Haja vista esses dados, pode-se considerar que a maternidade e a paternidade na adolescência contribuem para evasão escolar, porém não da mesma forma para indivíduos do gênero masculino e feminino.

Ainda em relação à evasão escolar, Brigagão e Gonçalves (2009) aponta que é difícil para as jovens meninas assumirem o lugar de “diferente”, “grávida” na sala de aula e devido ao constrangimento "optam" por não frequentar a escola, abandonando-a. Questiona-se se realmente é uma opção não frequentar a escola ou trata-se de uma ausência de opção devido a falta de acolhimento de sua nova posição de mãe-estudante no ambiente escolar ou devido a não ter com quem deixar o bebê após o nascimento. Outra questão importante a ser considerada diz respeito à falta de creches, pois mesmo que a jovem mãe tenha interesse em dar seguimento aos estudos, se não tiver com quem deixar a criança, ela não consegue (ZINET, 2016).

Segundo dados do Ministério da Saúde (2020), no Brasil, nascem, por ano, mais de 434,5 mil bebês, filhos de mães adolescentes. O referido país registra taxa de 68,4 nascimentos para cada mil adolescentes e jovens mulheres entre 15 a 19 anos, o que é considerado um índice elevado se comparado à taxa mundial que é de 46 nascimentos. De acordo com a pesquisa Nacer Brasil 2016 do Ministério da Saúde (2020), 66% das gestações em adolescentes não são planejadas e aproximadamente 75% das mães adolescentes estavam fora da escola, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2013.

Para aumentar a mobilização de adolescentes em torno da temática, o governo federal acrescentou o artigo 8º-A à Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA), por meio da lei nº13.798, de 3 de janeiro de 2019, para instituir a Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência cujo objetivo é

disseminar informações sobre medidas preventivas e educativas que contribuam para a redução da incidência da gravidez na adolescência (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019).

Como ação da Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência, o governo brasileiro lançou a campanha de Prevenção à gravidez na adolescência intitulada: “Tudo tem seu tempo: Adolescência primeiro, gravidez depois” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). A campanha é voltada para adolescentes, jovens, seus pais ou responsáveis e o objetivo é sensibilizar adolescentes e jovens sobre os riscos e consequências da gravidez na adolescência.

De acordo com dados do site Ministério da Saúde (2017), a gravidez na adolescência teve uma queda de 17% no Brasil, de 2004 a 2015, segundo dados preliminares do Sinasc (Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos) do Ministério da Saúde. A região com mais filhos de mães adolescentes é o Nordeste (180.072 – 32%), região que essa pesquisa está sendo realizada (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017).

É importante salientar que a maternidade e a paternidade na adolescência são significadas, aceitas e reconhecidas de modo diferenciado, a depender da cultura, da etnia, da classe social, da raça e do gênero, ou seja, merecem ser interseccionalizado com os demais marcadores sociais. Nas sociedades urbanas ocidentais, nas classes sociais média e alta, as motivações da gravidez na adolescência tende para patologização, pois o projeto de maternidade/paternidade é adiado tendo em vista a valorização da capacitação profissional e acadêmica em busca de independência financeira (ORLANDI; TONELI, 2008). Por outro lado, nas classes populares, o investimento em um projeto de maternidade e paternidade se torna muitas vezes a grande promessa de satisfação e futuro, tendo em vista a falta de perspectivas escolar ou profissional incapazes de apresentar alternativas atraentes para descartar a opção pela maternidade nessa época da vida (NUNES, 2012).

Segundo alguns pesquisadores, a paternidade é frequentemente associada à noção de virilidade e masculinidade no imaginário social bem como insere o adolescente no mundo dos adultos, de modo a favorecer um maior reconhecimento social, trazendo satisfação e enaltecendo o jovem pai (LUZ; BERNI, 2010; ORLANDI; TONELI, 2008). Já a maternidade na adolescência é compreendida como transgressão, risco social, enfatizando o aspecto inconsequente e irresponsável, estigmatizando essas jovens que engravidaram “fora de hora” (NUNES, 2012).

É importante salientar em relação aos termos juventude e adolescência que o tema juventude é dado ênfase pela Sociologia enquanto o tema da constituição das subjetividades juvenis é estudado na Psicologia. Os dois termos podem ser articulados, tendo em vista que a adolescência é um marco conceitual importante para o estudo da juventude, inscrevendo-se como processo psicológico na teoria do sujeito, como se dá a produção de subjetividades juvenis e também se associando ao estudo das juventudes enquanto categoria social que se constrói no jogo de forças sociais dos diferentes grupos das sociedades modernas (CASTRO, 2019).

Para Organização Mundial de Saúde (OMS), a adolescência constitui num processo biológico e abrange as idades de 10 a 19 anos completos e a juventude é uma categoria sociológica e abrange de 15 aos 24 anos. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), principal instrumento normativo do Brasil sobre os direitos da criança e do adolescente, afirma a adolescência entre 12 e 18 anos incompletos e o termo juventude não aparece.

O critério cronológico é importante para definição de estratégias de política de saúde pública, porém ignora aspectos singulares, psicológicos, sociais, históricos e culturais que também devem ser considerados na abordagem conceitual de adolescência e de juventude (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2007). Nesse estudo, iremos privilegiar o termo adolescência tendo em vista que na temática de gravidez nessa etapa da vida, esse é o termo utilizado entre os estudantes.

A partir da explanação na introdução desta tese sobre o objeto de estudo em questão, da implicação da pesquisadora com o tema de pesquisa e da participação em uma pesquisa intervenção com jovens pesquisadores da micropolítica do cotidiano escolar, ecoa o seguinte questionamento: Como a produção de uma cartografia com adolescentes de uma escola pública estadual de Fortaleza acerca da maternidade e paternidade na adolescência pode se constituir como dispositivo na pesquisa COM adolescentes durante a pandemia/ensino remoto?

Tomando como ponto de partida essa problematização, configura-se como objetivo desse estudo cartografar o processo de pesquisa com adolescentes pesquisadores de uma escola pública estadual localizada em Fortaleza-CE sobre maternidade e paternidade na adolescência no cotidiano escolar. Assim, como desdobramentos específicos, objetivamos investigar o processo de pesquisar COM adolescentes secundaristas sobre maternidade e paternidade no cotidiano escolar a partir da perspectiva

metodológica da cartografia; identificar as possibilidades e os desafios de participação dos bolsistas e voluntários do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC - Ensino Médio), ao construir coletivamente uma pesquisa desde o planejamento até a execução, no contexto do ensino remoto devido a pandemia de Covid-19; analisar o lugar da pesquisa participante e seus efeitos de participação na concepção de adolescentes pesquisadores acerca da maternidade e paternidade na adolescência; refletir sobre os dispositivos de restituição em uma pesquisa participativa com adolescentes secundaristas.

A proposta dessa introdução que constitui o capítulo um (1) da tese intitulado “*Introdução: implicação com o tema e contextualização do objeto de estudo*” foi de apresentar brevemente o contexto da pesquisa e situar os leitores com relação à construção do problema de pesquisa: uma construção coletiva de uma pesquisa participativa com adolescentes estudantes secundaristas (os caminhos percorridos, iniciando essa trajetória sobre como ocorreu a escolha pela temática de pesquisa, a implicação da pesquisadora com o tema e a construção do objeto de estudo). Ao longo da tese, narraremos as movimentações trilhadas no decorrer da construção da pesquisa, pois, como já dizia o poeta e escritor espanhol Antônio Machado: “Caminante no hay caminos, se hace camino al andar”¹⁴.

O caminho não está dado e pronto, ele vai sendo construído com pistas e pegadas provocadas pelos deslocamentos. Como afirma Sylvio Gadelha, “o conhecimento se produz em deslocamentos”¹⁵, sejam estes deslocamentos territoriais do âmbito físico (os lugares percorridos) como também do âmbito existencial, relacionados à implicação da pesquisadora com o tema. Daí a importância de mostrar os percalços iniciais, as dificuldades encontradas, assim como as conquistas e as potências produzidas nesse caminhar-pesquisar, que vão produzindo mudanças, movimentos e deslocamentos.

No capítulo dois (2) intitulado “*Pesquisa intervenção: trilhando o caminho com pistas metodológicas da cartografia na escola*” são traçadas as estratégias teórico-metodológicas da pesquisa-intervenção (PI) e da cartografia que operam no jogo/na pesquisa, enquanto *ethos*, campo epistemológico, ético e metodológico da pesquisa. A cartografia vai se constituindo na relação com o que se está estudando, de forma

¹⁴ Caminhante, não há caminho, faz-se caminho ao caminhar (tradução realizada pela pesquisadora).

¹⁵ Essa afirmação foi proferida pelo Prof^o Sylvio Gadelha durante a palestra intitulada “Deleuze, Foucault e Guattari e as contribuições para a psicologia” na Universidade Estadual do Ceará no ano de 2009.

processual, portanto, cartografar é acompanhar processos. Nesse sentido, narramos e acompanhamos o processo de pesquisa com adolescentes estudantes de uma escola pública, desde o seu "preâmbulo", o rastreio quando o tema de pesquisa começou a habitar em mim ainda no curso de extensão no qual foi realizada uma pesquisa *COM* adolescentes pesquisadores do cotidiano escolar até a constituição do grupo de pesquisadores vinculados ao PIBIC Ensino Médio para a construção de uma pesquisa *COM* secundaristas (bolsistas e voluntários) sobre o tema em questão.

Nesse capítulo, será descrito também o tabuleiro do jogo, o cenário onde ocorreu a pesquisa, uma escola pública de Fortaleza: a escola Potência. No jogo, há espaços designados e marcados no tabuleiro, porém a pesquisa não é estática e sim movimento, podendo sofrer transformações inclusive desses espaços em seu percurso. Uma reconfiguração que ocorreu com a chegada da pandemia da COVID-19 foi a mudança de habitar o território físico da escola de forma presencial para o campo do virtual de encontros remotos na plataforma *Google meet*.

Ainda no capítulo três será discutida a participação no curso de extensão "Formação de Jovens Pesquisadores do Cotidiano Escolar", dando ênfase às discussões tecidas a respeito da temática do grupo de pesquisa intitulado "O Hoje afetando o amanhã". Em analogia às variedades da atenção do cartógrafo (KASTRUP, 2012), o momento do curso de extensão funcionou como um rastreio, no sentido da exploração do território escolar sem foco, afinando a atenção para possíveis pistas imprevisíveis e o grupo "O Hoje afetando o amanhã" funcionou como o toque em relação a minha atenção de cartógrafa ter sido tocada e capturada de modo involuntário, numa rápida sensação, por uma pesquisa específica realizada pelas estudantes secundaristas.

No capítulo três (3) intitulado "*O pouso no grupo de discussão do PIBIC Ensino Médio: pesquisa COM adolescentes estudantes da escola Potência*" abordaremos inicialmente os atravessamentos da pandemia de COVID-19 na educação e na pesquisa e os desafios de fazer pesquisa durante a pandemia e suas adversidades. Ainda em analogia ao jogo de tabuleiro, no qual comumente reúne um grupo de amigos para jogar e se divertir, apresentaremos como foi a seleção dos/das bolsistas PIBIC-EM totalmente realizada de forma remota devido ao contexto da pandemia e os jogadores desse jogo/pesquisa, um grupo de pesquisadores formados por acadêmicos da Graduação e da Pós-Graduação de Psicologia e estudantes secundaristas de uma escola pública de Fortaleza. Contamos com uma carta coringa nesse percurso que foi o engajamento dos

estudantes secundaristas no delineamento da pesquisa sobre gravidez na adolescência, maternidade e paternidade na escola através do PIBIC Ensino Médio, na realização de uma pesquisa COM adolescentes estudantes como co-pesquisadores da micropolítica do cotidiano escolar. O projeto de pesquisa foi contemplado com duas bolsas remuneradas do CNPq e com uma participação voluntária de estudantes secundaristas de escola pública de Fortaleza-CE. Também, neste capítulo, iremos descrever e discutir como foram os encontros semanais do grupo desde a construção da pesquisa, escolha e aplicação do instrumento (formulário) e a sensibilização com os docentes do Projeto Professores Diretores de Turma (PPDT's¹⁶).

No capítulo quatro (4) intitulado “*A análise do processo de construção coletiva e aplicação do formulário online*”, discutiremos o processo de elaboração do formulário online, que ocorreu de forma detalhada e minuciosa bem como as estratégias de divulgação do questionário nas redes sociais e a parceria valiosa com o Projeto Professor Diretor de Turma - PPDT na sensibilização dos estudantes durante aulas de Formação Cidadã para responder o questionário online da pesquisa. Neste capítulo, também iremos apresentar os resultados produzidos na pesquisa.

No capítulo cinco (5) intitulado “*O reconhecimento atento: restituição da pesquisa e a elaboração da cartilha digital*” será debatido o processo de elaboração da cartilha digital pelo grupo de pesquisadores do PIBIC Ensino Médio, como foram discutidos os dados produzidos na pesquisa oriundos das respostas do questionário online bem como o processo de escolha de quais dados da pesquisa iriam compor a cartilha digital. A cartilha consistiu no produto final para a restituição da pesquisa para a comunidade escolar. O próprio processo de restituição também se constitui como dado da pesquisa.

A estratégia da pesquisa-intervenção atua no plano dos acontecimentos do cotidiano e busca analisadores que problematizam eventos percebidos como naturais, que atravessam o campo da intervenção. Em alguns jogos, há a carta “revés” que, nessa analogia do jogo com a pesquisa, pode ser relacionada como algo que à primeira vista não deu certo na pesquisa, atravessamentos e acontecimentos que dialogam com o inesperado.

¹⁶O Projeto Professor Diretor de Turma (PPDT's) consiste em um docente se responsabilizar por uma turma, para conhecer e atender os estudantes em suas necessidades. As atribuições do professor diretor de turma são o trabalho de formação cidadã e desenvolvimento de competências socioemocionais junto aos seus estudantes e a mediação das relações entre a sua turma e os demais segmentos da comunidade escolar (SEDUC, 2022).

Esses são considerados analisadores da pesquisa, que revela as contradições de um acontecimento a partir de uma decomposição do que parecia uma verdade instituída, desvelando o caráter polifônico da realidade (PAULON, 2005). Esses analisadores são produtos/dados constituintes do processo de pesquisa. Serão discutidos dois analisadores relacionados a relação de gênero que movimentaram o próprio processo do grupo e atravessaram os corpos dos bolsistas PIBIC-EM: 1-) A dificuldade de aceitação, por parte de alguns membros do grupo, da identidade de gênero de um bolsista 2-) A tentativa de disciplinamento do corpo de uma das bolsistas por parte da escola. No capítulo seis (6) intitulado “*Considerações finais*”: encontros e despedidas, serão tecidas as considerações finais da tese.

A relevância desta pesquisa para a área de Psicologia e áreas afins justifica-se na medida em que o objeto de estudo aqui investigado apresenta-se na contemporaneidade, promovendo discussão crítica acerca do processo de subjetivação e cultura contemporânea. A importância da temática consiste em pesquisar COM adolescentes suas experiências de m(p)aternidade dentro do território da escola pública e não SOBRE adolescentes.

Portanto, a presente pesquisa está inserida na Linha de Subjetividade e Crítica do Contemporâneo por tratar-se de um objeto de estudo presente no cotidiano da micropolítica escolar que afeta o processo de subjetivação da adolescência contemporânea ao envolver a problemática da relação maternidade, paternidade e adolescência e a repercussão da gravidez na vida escolar dos/das adolescentes.

2 PESQUISA-INTERVENÇÃO: TRILHANDO O CAMINHO COM PISTAS METÓDOLÓGICAS DA CARTOGRAFIA NA ESCOLA

2.1. Pesquisa intervenção e o ethos da cartografia

O método cartográfico, proposto por Gilles Deleuze e Félix Guatarri (1995), estuda o processo de produção da subjetividade e dá ênfase ao caminho, que vai sendo traçado sem determinações dadas *a priori* e nem regras prontas para serem aplicadas. Entende-se método cartográfico como um percurso que se constrói no decorrer da pesquisa, sendo portanto uma construção *ad hoc*¹⁷, única e que requer a habitação do território e a implicação do pesquisador, como afirma Passos e Barros (2012, p.30-31):

Conhecer a realidade é acompanhar seu processo de constituição, o que não pode se realizar sem uma imersão no plano da experiência. Conhecer o caminho de constituição de dado objeto, equivale a caminhar com esse objeto, constituir esse próprio caminho, constituir-se no caminho. Esse é o caminho da pesquisa-intervenção.

¹⁷ É uma expressão latina que significa "para isto" ou "para esta finalidade". Refere-se a uma solução específica elaborada para um problema ou fim preciso. Portanto, não pode ser generalizada e nem utilizada para outros propósitos. (Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ad_hoc Acesso em: 5 ago 2023).

A cartografia, enquanto método de pesquisa-intervenção (PASSOS; BARROS, 2012), é um processo teórico metodológico que dá ênfase ao PESQUISAR COM como exercício ético-estético-político de construção de um plano comum. Nessa pesquisa, a cartografia não será apenas um método, mas também um *ethos*, uma atitude de pesquisa, traçada no movimento e na processualidade dos acontecimentos. Nesse sentido, a cartografia aqui traçada funcionará como dispositivo que possui uma orientação ético-política, com pistas que possibilitam a cartógrafa percorrer e se perder nos caminhos da pesquisa realizada COM jovens de uma escola pública que pesquisavam a relação (p)maternidade durante o ensino médio, considerando que o processo de pesquisar é construído pelo objeto, pelos sujeitos e pelas análises em jogo (PASSOS; BARROS, 2012).

A pesquisa cartográfica articula-se no *ethos* relativo aos modos como seus pesquisadores se interessam e compõem com o campo de pesquisa, modo de convivência, de inclusão dos participantes, de relação com estes, de disponibilidade, configurando uma atitude que se constrói no trabalho de campo (BARROS; KASTRUP, 2009). Assim, são investigações feitas na articulação dos objetos de estudo a seu plano de produção.

Trata-se de um processo de pesquisa em que conhecer e fazer estão em aliança. É acompanhando os processos que são tecidas experiências que possibilitam criar um plano coletivo de forças, nas quais sujeitos, objeto, teoria e prática estão conectadas num mesmo plano comum de produção inventiva da experiência (KASTRUP, 2008) e, por isso, inventar é intervir no mundo, é transformar a realidade, afetando os planos de forças que coabitam a produção de subjetividades. É na experiência que o trabalho do cartógrafo se desenvolve, onde a relevância de pesquisar está no “Como?”, ao invés de “O que?”. Em nosso caso, não se trata de pensar o que é para os jovens a gravidez na adolescência, ou o que é ser uma jovem mãe ou jovem pai, mas COMO percebem esta condição, com marcada diferença de gênero, na relação com o cotidiano escolar. Desse modo, é que a cartografia passa a ser um método interventivo em que o conhecer produz transformações (PASSOS; BARROS, 2012).

Dessa maneira, as pistas do método cartográfico orientam o percurso, levando em consideração os efeitos do processo de pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados. Como afirma Passos e Barros (2012, p. 18) “A cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano de experiência acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso

de investigação”. Esse plano de experiência é a intervenção, é um saber que vem, que emerge do fazer. Por isso, a máxima transformar para conhecer e não conhecer para transformar.

Assim, a presente pesquisa se insere no âmbito da pesquisa-intervenção com pistas metodológicas da cartografia para criar um espaço de trabalho com a escola e com os adolescentes que se caracteriza pelo pesquisar COM, atuando na micropolítica do cotidiano escolar, no intuito de promover uma formação crítica com estudantes enquanto jovens pesquisadores do seu cotidiano escolar, através de uma pesquisa colaborativa em que os próprios sujeitos atuam como pesquisadores, neste caso, sobre gravidez, m(p)aternidade na adolescência.

A pesquisa-intervenção consiste em uma proposta de pesquisa participativa que busca investigar de forma dinâmica uma determinada realidade, assumindo um caráter de intervenção político-social, reconhecendo o lugar do pesquisador como sujeito que intervém na realidade da pesquisa e, portanto, assume um papel de não neutralidade (LOURAU, 1993; PAULON 2005; KASTRUP, 2008).

Kastrup (2009, p. 40) enfatiza que “Para o cartógrafo, o importante é a localização de pistas, de signos de processualidade” que orientam o percurso da pesquisa, considerando os efeitos do processo. Cada passo conduz ao passo seguinte, como o desenrolar de um novelo, onde as estratégias metodológicas vão se constituindo na relação com o que se está estudando, de modo processual.

Passos, Kastrup e Escóssia (2009) propõem pistas para o fazer cartográfico. A primeira delas aborda a inseparabilidade entre o conhecer o fazer, entre o pesquisar e o intervir, sendo, portanto, toda pesquisa uma intervenção, o que exige do cartógrafo um mergulho no plano de experiências. A segunda pista diz respeito a atenção do cartógrafo durante o trabalho de campo que deve ser uma atenção à espreita, uma concentração sem focalização, considerando os quatro gestos da atenção do cartógrafo: o rastreio (varredura do campo quando ainda não se conhece a realidade a ser estudada), o toque (exploração assimétrica do terreno), o pouso (a atenção focal) e o reconhecimento atento (reconduz o/a cartógrafo/a ao que ele/ela deseja estudar, de modo a destacar seus contornos singulares). A terceira pista corresponde à proposta da cartografia de acompanhar processos. O conhecimento se produz na experiência, na vivência, nas percepções, afetos e sensações do/da cartógrafo/a, com a máxima afetar-se para intervir, havendo assim um deslocamento do objeto para os processos (afetivos, sensitivos).

As conversas no cotidiano são de grande relevância nesta pesquisa, pois compartilha-se a noção de que o conhecimento é produzido na sua dimensão micropolítica, portanto, por se produzir nesta dimensão, não se pode dissociar o ato de conhecer do ato de intervir. Assim, a presente pesquisa objetiva atuar com os princípios da pesquisa-participante. Nessa perspectiva, pretende discutir o lugar do pesquisador, bem como a impossibilidade da existência de neutralidade na prática de pesquisa, visto que a participação da pesquisadora suscita um processo de produção e construção no grupo.

Por isso, foi importante fazer uso da observação e do diário de campo como lugar de elaboração dessa atenção à espreita descrita antes, e que, para Montero (2006), consiste em registros que fazem um elo entre a prática, o que foi vivenciado pelo pesquisador no campo e a teoria estudada. O diário de campo foi utilizado para registrar as descrições detalhadas do que ocorreu no campo, as ideias, apontamentos, observações, dúvidas e questionamentos que surgirem nessas conversas, possibilitando, ao participante da pesquisa, narrativas e repertórios interpretativos livres de formalidades (MENEZES; COSTA, 2010). Para a cartografia, essas anotações auxiliam na produção de dados da pesquisa e buscam captar o que se dá no plano intensivo das forças e dos afetos, transformando essas observações e impressões que emergem no encontro com o campo em conhecimento e modos de fazer (BARROS e KASTRUP, 2012).

Outra perspectiva metodológica inerente ao *ethos* aqui adotado e que também se coloca sob o guarda-chuva das pesquisas participativas é a pesquisa ação participativa crítica ou Critical Participatory Action Research - CPAR, como é internacionalmente conhecida, por buscar em seu cotidiano a democratização da pesquisa como possibilidade de justiça social, no que se refere a decolonização da pesquisa e da intensificação do sujeito como efetivamente participante de todo o processo (MIRANDA, *et al.*, 2018; MIRANDA, FINE, TORRE, 2020). Tendo em vista que a pesquisa, como dito por Appadurai (2006), é uma forma organizada de se conhecer algo que ainda não se conhece completamente, e que deve ser considerada um direito de todos, não exclusivo aos ambientes acadêmicos, buscamos construir um espaço COM os jovens em que estes pudessem pensar conosco sobre o lugar que a escola ocupa em diversas problemáticas com eles abordadas, sobretudo as relacionadas a gravidez, maternidade e paternidade de adolescentes ainda no contexto de ensino médio, numa escola pública. Dessa maneira,

busca-se um constante acompanhar desses processos, isto é, cartografando-os (KASTRUP, 2008) com o dispositivo (grupo PIBIC EM¹⁸) criado para tal.

A CPAR pode ser considerada uma abordagem de pesquisa, ancorada em princípios epistemológicos e éticos que consideram como conhecimentos tanto aqueles oriundos da academia, quanto aqueles produzidos na experiência vivida (TORRE, 2014). A CPAR coloca como central a importância da decolonização do conhecimento como princípio do próprio processo da pesquisa (MIGNOLO, 2009; APPADURAI, 2006), buscando trabalhar COM e não SOBRE as camadas sociais invisibilizadas e marginalizadas. Assim, para retirar a concepção de que o conhecimento “verdadeiro” e “válido” surge exclusivamente do mundo acadêmico, a CPAR propõe que os agentes da comunidade sejam co-pesquisadores do seu cotidiano (MIRANDA *et al.*, 2018).

A proposta da CPAR pensa todo o processo de pesquisar COM a comunidade, construindo o tema, os instrumentos para a coleta dos dados, a análise dos resultados, a maneira de divulgação e os impactos que essa divulgação trará para o cotidiano do meio envolvido na construção de conhecimento coletivo (TORRE, 2014). O envolvimento da comunidade na concepção, construção, execução e análise da pesquisa se torna essencial, pois são eles/elas que são atravessados(as) pela micropolítica do cotidiano institucional, subjetivados seja pelos problemas, violências e discriminações vividos, seja pelos afetos, saberes e resistências experienciados também no cotidiano.

Apresentamos na seção seguinte, o cenário onde este entrelaçamento entre a cartografia e a CPAR aconteceu: a escola *Potência*. Por coincidência, eu já tinha tido um breve contato com essa instituição escolar no momento em que busquei um local para realizar o Estágio em Docência II, disciplina obrigatória do Doutorado em Psicologia, citada anteriormente na introdução desta tese. Digo coincidência, porque na referida ocasião, em 2018, não consegui conversar com a equipe gestora devido a um evento (Conselho escolar) que estava acontecendo e, em 2019, foi a equipe gestora que demonstrou interesse em a pesquisa ser realizada na escola *Potência*. No tópico a seguir, iremos explicar como ocorreu esse processo de escolha do lócus da pesquisa e apresentar mais detalhadamente a escola *Potência*.

2.2 Lócus da pesquisa: a escola *Potência*

¹⁸ O desenvolvimento do PIBIC EM como dispositivo da presente pesquisa será discutido no capítulo 4.

Conforme dito na introdução, esta pesquisa faz parte do Projeto Guarda-Chuva “Educação, Modos de Subjetivação e Formação de jovens pesquisadores da micropolítica do cotidiano escolar”, articulado ao projeto de extensão “É da nossa escola que falamos” e ao Curso de extensão “Formação de Jovens Pesquisadores do cotidiano escolar”. No início ainda não tínhamos a ideia que a presente tese comporia a pesquisa que ora se iniciaria. Estava no primeiro ano do Doutorado e o grupo de pesquisa buscava uma escola para fomentar a pesquisa científica no espaço escolar público.

Após visitas a algumas escolas sem sucesso, eis que surge um movimento oposto ao da busca ativa do local para realização da pesquisa. Ao invés de nós pesquisadores buscarmos e encontrarmos o local para o lócus da pesquisa-extensão, foi a própria escola que escolheu o nosso projeto. O diretor da escola estava participando de uma reunião do Departamento de Psicologia da UFC, na qual foram apresentados vários projetos de extensão ligados ao departamento, dentre eles, o projeto de extensão “É da nossa escola que falamos” e na ocasião demonstrou interesse do projeto ser realizado na sua escola, convidando a nossa equipe para uma reunião com os coordenadores. Assim, realizamos visitas para conhecer e apresentar a proposta da pesquisa para a equipe gestora, que serão descritas mais adiante e firmamos parceria com essa escola.

Inicialmente, faremos uma breve descrição dessa instituição escolar, lócus da pesquisa. Trata-se de escola pública estadual de ensino médio regular, localizada em um bairro central de Fortaleza-CE e possui estudantes que residem nos mais diversos bairros de Fortaleza e até de cidades metropolitanas, sendo um grupo muito heterogêneo. A instituição possui mais de dois mil estudantes, além de duzentos professores e professoras efetivas e temporárias, distribuídos entre os turnos manhã, tarde e noite. Para manter o sigilo do nome da instituição, escolhemos o nome fictício “Potência”. A escolha desse nome veio após a reflexão sobre o slogan da mesma que faz referência a sua própria força.

Em uma das visitas ao território escolar, foi realizado o seguinte registro no diário de campo a respeito das primeiras impressões da instituição:

É possível perceber duas características que parecem ser fortes na escola: as aprovações no ENEM e em vestibulares e a arte. As aprovações percebi devido ao mural enorme, logo na entrada da escola, com a foto e nome dos estudantes aprovados no ENEM e vestibulares. A arte foi algo que percebi devido ao grande

número de quadros pintados pelos próprios alunos/as espalhados por toda a escola, mostrando o incentivo ao sentimento de pertencimento dos/as alunos/as na escola e à construção coletiva do espaço, características estas que não pude perceber nas outras escolas (DIÁRIO DE CAMPO DOS PESQUISADORES ACADÊMICOS, 13/11/2018).

Como observado acima, é uma escola de Ensino Médio grande e reconhecida na cidade por seu grande número de aprovações no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e em outros vestibulares. Além das aprovações, a instituição também é conhecida por sua militância em defesa da garantia e da melhoria da educação pública. A escola é reconhecida pelo envolvimento de toda a comunidade escolar e, especialmente, dos/as estudantes em atos políticos, como nas ocupações das escolas públicas em 2016 com o objetivo de impedir a aprovação de projetos de lei e de emendas constitucionais de diminuição de gastos com a educação. O grêmio estudantil é ativo e atuante, participando de conselhos e estabelecendo uma mediação entre as demandas gerais dos/as estudantes e a gestão, contando também com a participação dos/as representantes de turma.

Assim, a escola assume abertamente um compromisso com a transformação social pela educação, tanto pelo ingresso de seus/suas alunos/as no ensino superior, quanto por meio da participação política e da promoção de espaços e ações que discutam, por exemplo, questões como o racismo e as relações de gênero e de sexualidade.

A cada bimestre da escola tem como atividade uma feira relacionada às áreas de conhecimento (Matemática, Ciências da Natureza, Linguagens, Ciências Humanas), que coloca diversas temáticas para que os alunos construam trabalhos, como é o caso da feira da Semana de Consciência Negra e da Semana de Integração. Durante estes momentos, os estudantes costumam realizar produções artísticas como quadros, pinturas, desenhos e fotografias, que são expostos em todo o espaço escolar, remetendo tanto à temática trabalhada quanto à construção dos alunos/as, mostrando o incentivo à construção coletiva do espaço e ao sentimento de pertencimento dos estudantes à escola.

Seu território compreende um jardim central também denominado de bosque e ao redor do jardim, localizam-se os corredores com as salas de aula. As imagens abaixo do muro externo e das paredes internas de seus corredores, exemplificam e retratam os temas discutidos e postos em evidência pelos estudantes na Semana de integração da escola, como, por exemplo combate ao racismo, ao preconceito, à violência contra a mulher, ao

bullying, o respeito à diversidade sexual e à diversidade religiosa, a inclusão, a sustentabilidade e meio ambiente, o respeito a beleza singular de cada um sem padrões, dentre outros:



Figura 3: Muro externo da escola



Figura 4: Parede do corredor interno da escola

Na ocasião em que a equipe de pesquisadores foi visitar a escola para apresentar a proposta de pesquisa-extensão para os coordenadores, estes ficaram bem empolgados, não pontuando nenhum empecilho e sugerindo ideias para a implantação do projeto, tais como: os componentes da equipe passarem nas salas explicando sobre os encontros; a elaboração de painéis de arte com chamadas para os dias de atividades e espalharmos pelo ambiente da escola; a proposta de produção artística alternativa a divulgação dos resultados da pesquisa; e finalmente a utilização das redes sociais da escola, que são um espaço de comunicação eficiente com os alunos, para divulgação do projeto. Acatamos algumas das sugestões da coordenadora, realizamos a divulgação do projeto nas salas de aulas e fixamos, nos murais de avisos da escola, o seguinte cartaz de divulgação do curso:

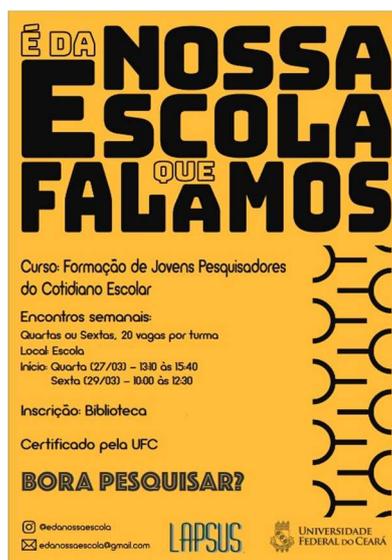


Figura 5: Cartaz de divulgação do Curso: Formação de jovens pesquisadores do cotidiano escolar, articulado ao Projeto de Extensão “É da Nossa Escola que Falamos”.

Na reunião, os gestores advertiram que os estudantes poderiam perder o interesse pelas atividades no decorrer do curso, visto que, a escola não os obriga, tendo que partir do entusiasmo deles. Tal ponto se encaixou com a nossa pesquisa, pois, a participação era de caráter voluntário.

Ainda em relação à participação estudantil, percebemos a abertura da escola para o protagonismo estudantil, conforme pode-se observar no registro de diário de campo a seguir:

Alguns pontos da dinâmica escolar foram percebidos e, provavelmente, justifiquem a abertura dos gestores da instituição para iniciativas externas, tais como: as obras artísticas dos alunos espalhadas na parede do ambiente da escola; os eventos produzidos em cada bimestre sobre as áreas de conhecimento; a semana das ciências humanas que incentiva os alunos a pintarem as paredes de suas salas e as lixeiras sobre o tema do evento – Consciência Negra, nesse ano (2018). Assim, percebe-se que a escola acredita e proporciona o protagonismo juvenil dos seus alunos (DIÁRIO DE CAMPO DOS PESQUISADORES ACADÊMICOS, 13/11/2018).

Desde o começo, o professor frisou o “protagonismo juvenil” da escola, sendo entendido como um espaço de voz e ação dos alunos dentro do espaço escolar, considerando sua apropriação sobre temáticas (Seminário de Consciência Negra), sem estarem ligados a um professor (DIÁRIO DE CAMPO DOS PESQUISADORES ACADÊMICOS, 26/11/2018).

O nosso grupo de pesquisa-extensão foi convidado pela equipe gestora a assistir as apresentações dos estudantes na Semana de Integração, o que foi um momento importante de observação e inserção dos pesquisadores acadêmicos no cotidiano escolar. Além disso, a partir dessas observações, houve uma identificação da proposta do projeto “É da nossa escola que falamos” com a escola, que já incentiva os jovens a pensarem criticamente e a falarem por si, como retratado nos trechos de diário de campo abaixo:

A partir disso, foi importante perceber que todas as equipes tinham alunos que pareciam ter se apropriado bastante sobre as temáticas (Seminário de Consciência Negra), apresentando um pensamento crítico acerca dos dados que haviam sido coletados durante suas buscas para a apresentação. [...] Dessa forma, o projeto [É da nossa escola que falamos] parece ser algo que ganharia força naquele espaço, com adolescentes que querem falar por si e que são incentivados a isso (DIÁRIO DE CAMPO DOS PESQUISADORES ACADÊMICOS, 26/11/2018).

Assim, após esse período importante de observações, parece-me que trabalhar em um ambiente em que os alunos já sejam instigados a pensar sobre sua realidade (nesse caso, macrossocial), será bastante proveitoso ao iniciarmos essa nova pesquisa (DIÁRIO DE CAMPO DOS PESQUISADORES ACADÊMICOS, 14/12/2018).

Outro ponto que me chamou a atenção era de que a escola possuía um núcleo de estudos de gênero, cujo nome é em homenagem a uma ex-aluna vítima de feminicídio, formado por professoras de sociologia e história e estudantes que promovem diversas ações orientadas por princípios como respeito à liberdade, tolerância, incentivo à dignidade humana e combate a violação de direitos.

A seguir, iremos relatar as experimentações metodológicas de uma pesquisa-intervenção desenvolvida na escola *Potência*.

2.3 A construção de uma pesquisa entre afetações e implicações

A presente pesquisa acontece em três fases que se articulam. A primeira foi no final de 2018 e em 2019, quando nós habitamos presencialmente o território escolar onde a temática acerca de gravidez, maternidade e paternidade durante o ensino médio emergiu, e passamos a observar e identificar práticas discursivas e não discursivas acerca desta temática. Quais discursos circulam na escola sobre: quem fala, como fala e o que fala sobre essa temática, quais atitudes se tem em relação a esses jovens pais e mães? Como esses jovens pais e mães são governados na instituição escolar? Esse momento se constituiu na nossa participação e do grupo de pesquisa “É da nossa escola que falamos” no curso de extensão “Formação de Jovens Pesquisadores do Cotidiano Escolar¹⁹” realizado na escola *Potência* e caracterizamos essa atuação como entre o rastreio e o toque cartográfico (KASTRUP, 2012).

O rastreio indica as andanças na construção da territorialidade da pesquisa, no qual estávamos atentos ao que interessava aos adolescentes pesquisar com outros adolescentes no cotidiano escolar e o toque indica algo que se destacou, ganhou relevo no conjunto de elementos observados, selecionado de forma involuntária pela atenção do cartógrafo que tornou-se fonte de alerta. No caso dessa pesquisa de doutorado, capturamos o olhar de modo quase reflexo para a escolha da temática de um dos grupos de adolescentes do curso de Extensão citado anteriormente, intitulado “O Hoje afetando o amanhã²⁰”. Esse grupo de pesquisadoras, formado exclusivamente de meninas, elegeu como objeto de estudo de investigação a gravidez, m(p)aternidade na adolescência por considerá-la pulsante na micropolítica do cotidiano da referida escola.

É importante salientar que o toque pode levar um tempo para acontecer e, durante o rastreio na nossa experiência de acompanhar o processo de pesquisa COM adolescentes durante todo o curso de extensão, ele ocorreu ao final deste. Eu, como cartógrafa utilizando a atenção à espreita, me senti tocada pela força da afetação e implicação dessa

¹⁹ No tópico 3.4 desta tese será explanado mais detalhadamente sobre o curso de extensão “Formação de Jovens Pesquisadores do Cotidiano Escolar”.

²⁰ No tópico 3.5 desta tese será explanado sobre o grupo de pesquisa “O Hoje afetando o amanhã”.

temática de investigação que coincidia com a experiência da maternidade vivenciada por mim naquele período, conforme enunciado na introdução.

Nesse sentido, como nos afirma Kastrup (2012), a importância do toque no desenvolvimento de uma pesquisa de campo nos mostra que ela possui múltiplas entradas e não um percurso unidirecional para um fim determinado, assegurando o rigor do método sem perder a característica da imprevisibilidade do processo de produção do conhecimento.

Dessa forma, elegi como objeto de estudo desta tese de doutorado cartografar a processualidade da construção de uma pesquisa COM adolescentes, estudantes da escola pública, sobre maternidade e paternidade na adolescência, no contexto escolar. Em razão do período pandêmico da COVID-19 que vivenciamos em 2020 e 2021, a segunda e a terceira fase da pesquisa, que serão abordadas a seguir, foram realizadas de modo remoto.

O segundo momento consistiu na formação de um grupo de pesquisa com apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio (PIBIC-EM), uma parceria entre Universidade Federal do Ceará (UFC) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Contamos com a participação de bolsistas PIBIC Ensino Médio²¹, estudantes secundaristas da escola *Potência*, que atuaram como agentes ativos e participativos na construção da mesma. Foram realizados encontros semanais, via Google Meet, durante o período de um ano (de agosto de 2020 a agosto de 2021), sendo cada encontro de uma hora e trinta minutos de duração, no qual o grupo de pesquisadores do PIBIC-EM planejou e desenvolveu coletivamente uma pesquisa exclusivamente remota em que foi aplicado um formulário online intitulado “Gravidez na adolescência: diálogos sobre maternidade e paternidade na escola”.

É importante salientar que os bolsistas fizeram parte de uma equipe de pesquisadores formada também por alunos da graduação e da pós-graduação em Psicologia da UFC. A participação dos/as bolsistas foi de significativa importância para esta pesquisa, tendo em vista serem estudantes de dentro do território da escola *Potência*, apropriado da micropolítica do cotidiano escolar, auxiliando no processo de construção da mesma sobre a temática paternidade e maternidade em jovens estudantes do ensino médio, ainda que em tempos de pandemia.

²¹ O grupo PIBIC-EM, sobretudo nos primeiros meses, se configurou como o momento do pouso que será abordado no capítulo 4.

Assim, os/as bolsistas PIBIC-EM tiveram centralidade na construção e no delineamento da pesquisa, desenvolvendo atividades como: leitura de referências bibliográficas sobre o tema, divulgação do questionário na escola para a comunidade escolar responder, sugestão de atividades para os encontros do PIBIC-EM, elaboração do instrumento (formulário online), análise dos resultados com a utilização de software Atlas Ti para gerenciamento dos dados, dentre outras. O momento de elaboração coletiva do instrumento, a divulgação, a aplicação e as análises configurou-se como o pouso (KASTRUP, 2012), a atenção focal, do encontro com o que escutamos dos estudantes PIBIC-EM acerca de seu cotidiano, a literatura pesquisada e as respostas advindas do questionário aplicado. Nossa atenção deslizava nestas múltiplas entradas.

O terceiro momento da pesquisa foi a restituição²² da pesquisa aos professores Diretores de turma e à gestão escolar, no qual os participantes do PIBIC-EM visibilizaram os resultados da pesquisa considerados mais significativos através de uma estratégia que eles mesmos escolheram: a cartilha digital (apêndice E). A elaboração da cartilha digital foi feita de modo coletivo e processual, tal como corrobora a citação abaixo:

O acompanhamento dos processos exige também a produção coletiva do conhecimento. Há um coletivo se fazendo *com* a pesquisa, há uma pesquisa se fazendo *com* o coletivo. A produção dos dados é processual e a processualidade se prolonga no momento da análise do material, que se faz também no tempo, com o tempo, em sintonia com o coletivo. Da mesma maneira, o texto que traz e faz circular os resultados da pesquisa é igualmente processual e coletivo, resultado de muitos encontros (KASTRUP, 2012, p. 74).

O momento de construção coletiva e da restituição com professores e gestores foi marcado principalmente pelo reconhecimento atento (KASTRUP, 2012), pois nos reconduziu ao que desejávamos estudar, onde na cartilha destacamos os contornos singulares, produzindo os analisadores da relação gravidez, maternidade, paternidade durante a vida escolar do adolescente estudante de uma escola pública. Ao longo deste e dos próximos capítulos serão desenvolvidos estes gestos: rastreio, toque, pouso e reconhecimento atento na constituição da presente pesquisa. Não se trata de momentos estanques nem separados como se nos apropriássemos da cartografia como um manual metodológico, mas sim de uma tentativa de organizar os fluxos, as intensidades vivenciadas COM o grupo de pesquisadoras e pesquisadores. Cada um desses quatro

²² A restituição da pesquisa que será abordada no capítulo 5.

"níveis" trazidos brevemente para dar uma ideia mais geral do processo que foi se constituindo no próprio caminhar, como todo o seu inesperado, dentre eles a própria pandemia, será devidamente aprofundado neste e nos próximos capítulos. Trata-se de pensar como foi se constituindo uma discussão e análise coletiva acerca da gravidez, (m)paternidade na adolescência durante o Ensino Médio, no próprio grupo de pesquisa.

No tópico a seguir, irei abordar e detalhar mais sobre o curso de extensão “Formação de Jovens Pesquisadores do Cotidiano Escolar”, responsável pelo rastreo na constituição da presente cartografia.

2.4 O rastreo: participação no curso de extensão “Formação de jovens pesquisadores no cotidiano escolar”

Conforme anteriormente visto, Kastrup (2012) discute quatro variedades que fazem parte do trabalho do cartógrafo: o rastreo, o toque, o pouso e o reconhecimento atento. Desculpe-nos trazer novamente a temática para a discussão deste processo de pesquisa. Segundo a referida autora, o rastreo é a varredura do campo, entra-se em campo sem conhecer o alvo a ser seguido, que surgirá de maneira imprevisível. A atenção do cartógrafo é aberta e sem foco, no qual vai se atentar para localizar pistas e signos de processualidade, fazendo uma exploração do terreno até que a atenção seja tocada por algo. O toque equivale ao tato, a zona de contato. O gesto de pouso indica que a percepção realiza uma parada como uma espécie de zoom, não no sentido de focalização e sim que a atenção pouso em algo e há um trabalho preciso na intensidade e magnitude, formando um novo território de observação que se reconfigura, pois a atenção configura o próprio campo perceptivo (KASTRUP, 2012). O reconhecimento atento diz respeito a atitude investigativa do cartógrafo de "vamos ver o que está acontecendo", tendo em vista que cartografar é acompanhar processos e objetiva desenhar a rede de forças à qual o fenômeno em questão encontra-se conectado e, em certa medida, se deixar levar por esse campo coletivo de forças.

Nesse processo, é possível fazer uma analogia das quatro variedades da atenção do cartógrafo com os caminhos desenvolvidos nesta pesquisa. Conforme anteriormente dito, o curso de extensão “Formação de Jovens Pesquisadores do Cotidiano Escolar” funcionou em certa medida como entre o rastreo e o toque, sendo o rastreo no sentido da exploração do território escolar sem foco, afinando a atenção para possíveis pistas

imprevisíveis e o toque em relação a minha atenção de cartógrafa ter sido tocada e capturada de modo involuntário, numa rápida sensação, por uma pesquisa específica realizada pelas estudantes secundaristas intitulada “O hoje afetando o amanhã”. O desenvolvimento da pesquisa do PIBIC-EM com a atuação coletiva dos estudantes secundaristas em todo o processo de constituição da pesquisa equivale ao pouso. Nesse tópico da tese, iremos abordar o processo de atenção da cartógrafa no desenvolvimento da pesquisa no rastreio (curso de extensão) e no toque (pesquisa “O hoje afetando o amanhã”).

O curso de extensão “Formação de Jovens Pesquisadores do Cotidiano Escolar” ocorreu de março a julho de 2019 em uma escola pública estadual de Ensino Médio de Fortaleza-CE. O curso pretendeu que os jovens estudantes de escola pública se tornassem pesquisadores de seu ambiente escolar, visto ser fundamental que os jovens pudessem falar sobre si, enunciar e visibilizar os limites, as potências e os tensionamentos presentes no contexto escolar no qual estão inseridos.

Conforme dito na introdução da presente pesquisa, o curso de extensão esteve articulado à pesquisa “Educação, modos de subjetivação e formação de jovens pesquisadores da micropolítica do cotidiano escolar” e ao projeto de extensão “É da nossa Escola que falamos”. Nesse sentido, trabalhamos com uma pesquisa participativa denominada de pesquisa-intervenção, de orientação institucionalista, na qual defende-se a não separação sujeito/objeto e leva-se em consideração a implicação do pesquisador, a complexidade e indissociabilidade da produção de conhecimento da atuação/intervenção (ROMAGNOLI, 2014).

Realizamos uma pesquisa-intervenção (PI) articulada ao referencial teórico-metodológico da Pesquisa Ação Participativa Crítica (CPAR na sigla em inglês, como é internacionalmente conhecida), que balizou a construção de uma pesquisa participativa com jovens em que eles próprios foram protagonistas no processo de pesquisa, potencializando o compromisso ético-político dos alunos com o cotidiano escolar.

A pesquisa, como dito por Appadurai (2006), é uma forma organizada de se conhecer algo que ainda não se conhece completamente, e que deve ser considerada um direito de todos, reivindicando o acesso e a produção de pesquisa não exclusiva aos ambientes acadêmicos. Nessa perspectiva da descolonização do conhecimento, buscamos construir um espaço COM os jovens em que estes pudessem pensar conosco sobre o lugar

que a escola ocupa em diversas problemáticas por eles abordadas (MIRANDA *et al.*, 2020).

A pesquisa guarda-chuva que faço referência teve como ideia a radicalização na ideia de pesquisar COM, na qual de modo coletivo, pesquisadores da universidade e da escola construísem os objetos de pesquisa, baseados nas vivências escolares dos/das secundaristas, ao invés de um tema prévio de pesquisa relacionado ao cotidiano escolar. Assim, os dispositivos de análise eram as próprias pesquisas realizadas, tendo em vista que interessava analisar a relação que eles e elas estabeleciam com cotidiano escolar.

Os estudantes participaram como agentes protagonistas de todo o processo de construção coletiva da pesquisa, desde o planejamento até a execução da mesma, atuando na escolha dos temas, na construção do objeto, justificativa, pergunta de partida, objetivos, criação e aplicação dos instrumentos de investigação, a análise coletiva dos dados e a divulgação dos resultados (TORRE, *et.al*, 2018).

O curso teve duração de trinta horas, com direito a certificação da Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal do Ceará e aconteceu no horário do contraturno ao qual os estudantes estavam matriculados, foram formadas duas turmas, sendo uma às quartas-feiras no turno da tarde e a outra às sextas-feiras no turno da manhã. Eu acompanhei, semanalmente, as reuniões da turma de quarta-feira e tive acesso ao material produzido pela turma de sexta-feira, bem como participei das discussões do grupo de pesquisa que envolviam as duas turmas. As inscrições foram realizadas por ordem de chegada, sendo disponibilizadas 20 vagas para cada turno de curso, totalizando 40.

Participaram do curso 36 estudantes do segundo ano do ensino médio, e ao final, 30 participantes receberam certificação de acordo com a frequência nos encontros, exigência da Pró-Reitoria de Extensão na qual o curso encontrava-se vinculado. A escolha dessa série ocorreu por uma proposta dada pela coordenação da escola, já que os alunos e alunas do segundo ano já teriam passado por um ano de vivência no ambiente escolar (o primeiro ano do ensino médio), mas não estariam ainda tão focados no vestibular.

A escola mostrou-se bastante participativa e implicada com a nossa ação de extensão, com interesse e curiosidade sobre o trabalho que estávamos realizando e também oferecendo todo o suporte e apoios necessários para a realização do curso de formação através de sua inserção no cronograma de reserva da sala de estudos, local dos encontros, e dos almoços semanais para as/os estudantes inscritos oferecidos pela cantina da escola.

Durante o curso aplicamos um questionário com perguntas quantitativas e qualitativas tanto relacionados a aspectos biossociodemográficos, quanto à escola. Obtivemos trinta e quatro respostas, tendo como resultado que 62,5% são do gênero feminino, e 37,5% do gênero masculino, com média de idade total de 16 anos. Dos integrantes, 56,25% consideram-se pardos, 25% brancos, e 18,75% negros. Todos os e as estudantes pretendiam fazer o Enem. A maioria que afirmou conhecer a renda familiar possuía uma renda de dois a três salários mínimos (25%), e, do total de respondentes, 31,25% disseram receber algum tipo de auxílio do governo.

Duas estudantes afirmaram realizar algum trabalho ou ter um emprego, mas nenhuma das duas tinha carteira assinada ou era a principal provedora financeira da família. Dos respondentes, antes de iniciar os estudos na escola de realização da pesquisa, 37,5% estudavam em uma instituição privada, 50% em uma instituição pública, e 12,5% não responderam à questão. Todos os/as jovens tinham expectativas altas ou muito altas de terminar o Ensino Médio, mas apenas 65,6% deles possuíam expectativas altas ou muito altas de entrar na universidade. Em relação à escola, 87,5 % concordavam um pouco ou totalmente que desejavam continuar seus estudos na escola, assim como 75% concordavam um pouco ou totalmente que se sentiam bem quando estavam na escola.

Em seu funcionamento, o curso foi composto por nove encontros presenciais, com duração de duas horas e meia cada um, um encontro de preparação para a apresentação das pesquisas para os docentes do Projeto Professor Diretor de Turma (PPDT's)²³, a reunião de divulgação das pesquisas para os PDT's e a divulgação dos resultados para os alunos representantes de turma, totalizando doze encontros.

Realizamos o planejamento do curso Formação de Jovens pesquisadores do cotidiano escolar, de acordo com o exposto a seguir:

1º encontro: Discussão sobre as bases epistemológicas, éticas e políticas de uma pesquisa na escola;

2º: O direito à pesquisa e as relações de poder na escola;

3º: Pesquisar COM: O estudante como pesquisador de seu próprio cotidiano;

4º: Criação coletiva do objeto de pesquisa e objetivos;

²³O Projeto Professor Diretor de Turma (PPDT's) consiste em um docente se responsabilizar por uma turma, para conhecer e atender os estudantes em suas necessidades. As atribuições do professor diretor de turma são o trabalho de formação cidadã e desenvolvimento de competências socioemocionais junto aos seus estudantes e a mediação das relações entre a sua turma e os demais segmentos da comunidade escolar (SEDUC, 2022).

- 5º: Criação dos instrumentos de investigação de pesquisa;
- 6º: Aplicação do instrumento com a comunidade escolar;
- 7º: Análise coletiva dos dados;
- 8º: Análise coletiva dos dados;
- 9º: Divulgação dos resultados com a comunidade escolar.

O grupo de pesquisadores acadêmicos semanalmente realizava reuniões no Laboratório de Psicologia em Subjetividade e Sociedade (LAPSUS) para compartilhar e avaliar as discussões que haviam acontecido nos encontros, além de planejar os próximos encontros. Todos os momentos do curso foram gravados em vídeo e/ou áudio com prévia autorização de todos os participantes e seus responsáveis através de assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e de Termo de Assentimento (TA), assinados pelos responsáveis dos estudantes com idades inferiores a 18 anos.

A ideia proposta era, dada uma formação de pesquisadores, o que estudantes gostariam de investigar em seu cotidiano escolar? O que as/os mobilizaria? Como a escolha de determinados temas faz ver e faz falar sobre o próprio cotidiano escolar em que encontravam-se inseridos? Cartograficamente acompanharíamos tais processos através do curso de extensão “Formação de Jovens Pesquisadores do cotidiano escolar”. Assim, no primeiro encontro, solicitamos que os estudantes escrevessem num papel, individualmente, temas sobre “Jovens no Cotidiano Escolar”. Os temas, inicialmente, eram bastante amplos. No segundo encontro, colocamos sob a mesa todos os temas listados pelos secundaristas no encontro anterior e solicitamos que cada estudante escolhesse quatro temas que os interessasse e, a partir deles, construísse um título único para uma pesquisa a partir de suas escolhas. Com a leitura de cada um dos títulos, os/as alunos/as se agruparam de acordo com a semelhança de suas escolhas e ao destaque que deram a elas na construção do título. Trabalhamos as temáticas por meio de rodas de conversas, esquetes, produção de desenhos, colagens e diário de campo que era um caderno coletivo para registro de pensamentos, ideias e posicionamentos a respeito da temática de pesquisa. Exercitamos na prática nas dinâmicas de grupo dos encontros, os instrumentos metodológicos da observação e entrevistas.

Os secundaristas participantes do curso se dividiram em sete sub-grupos de acordo com o interesse comum pelo tema de pesquisa. As sete pesquisas foram intituladas: “O

hoje afetando o amanhã”; “Como as opiniões antagônicas afetam a relação dos estudantes, podendo resultar no preconceito”; “A pressão no pré-vestibular”; “A saúde mental dos jovens”; "Como quebrar os padrões sociais?"; "Construindo meu eu na vida escolar"; "O desgaste de um adolescente durante a sua vida acadêmica". Todas as temáticas de pesquisa (Saúde Mental na escola, Pressão pré-vestibular, Gravidez na adolescência, Racismo, Desgaste na vida acadêmica, Aprendizagem, Divergências de opiniões) foram pensadas a partir da inquietação dos jovens pesquisadores advindo da observação da dinâmica escolar. Será dado maior destaque ao grupo de pesquisa “O hoje afetando o amanhã”, composto por quatro meninas, que objetivou discutir a gravidez na adolescência durante a vida escolar, que acabou por se configurar o primeiro toque na construção do objeto da presente pesquisa.

O despertar de interesse pela temática teve como ápice o encontro onde as equipes de jovens pesquisadores de quarta e sexta-feira se juntaram e apresentaram suas pesquisas uns aos outros. O momento de ouvir a apresentação do grupo “O hoje afetando o amanhã”, formado exclusivamente por meninas, me afetou de modo imprevisível, como um toque, uma rápida sensação e vislumbre que aciona a seleção, tal como afirma Kastrup (2012, p.40): “Em realidade, entra-se em campo sem conhecer o alvo a ser perseguido; ele surgirá de modo mais ou menos imprevisível, sem que saibamos bem de onde”. A minha atenção de cartógrafa, a princípio, aberta e sem foco, exigiu uma concentração para uma sintonia fina com o problema, juntando-se a isso as minhas afetações com a maternidade, vivenciada por mim pela segunda vez naquele momento. Assim, ouvir aquele grupo formado exclusivamente por meninas apresentando a pesquisa “O hoje afetando o amanhã” possibilitou o toque. O fato de ser um grupo formado exclusivamente por meninas se coloca como uma pista de como esta questão da gravidez na adolescência encontra-se atravessada pela diferença de gênero.

Durante o curso, algumas pistas ligadas à questão de gênero foram aos poucos assumindo contornos. Por exemplo, no encontro em que trabalhamos a construção da pesquisa e suas diferentes perspectivas, exercitamos a técnica de pesquisa da observação ao solicitar que os estudantes fossem até o lugar da escola que eles mais gostavam, no caso foi escolhido o jardim, também chamado de bosque, e expressasse numa cartolina o que eles observaram por meio de desenho, poema, música etc. O objetivo era promover uma reflexão sobre a importância de entender que as formas de percepção de um determinado objeto são plurais, isto é, mesmo sendo o mesmo objeto a ser observado, há

várias percepções diferentes sobre ele, que se complementam e não se excluem. Durante a apresentação do bosque/jardim, um estudante citou que havia uma caixa de pássaros numa árvore, que cada árvore era homenageada com o nome de uma pessoa importante, como por exemplo Chico Mendes e também foi citado que existia ao redor do jardim alamedas com nomes de pessoas de referência, como por exemplo, Stephani Brito, ex-aluna da escola, morta pelo namorado (feminicídio) e Dandara dos Santos, travesti morta em Fortaleza-CE. As homenagens a essas duas últimas pessoas citadas indicavam que as questões de gênero pareciam ser reconhecidas pela instituição escolar (LOURO, 2014), o que reflete a importância da discussão desse marcador, que transversaliza a presente pesquisa no que diz respeito a maternidade e paternidade na adolescência. Abaixo algumas imagens da dinâmica de grupo acontecendo no jardim e de um cartaz produzido a partir dessa dinâmica.



Figura 6: Observação do jardim da escola

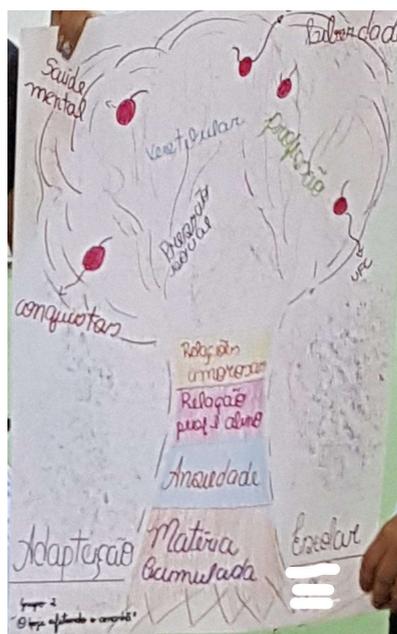


Figura 7: Cartaz da observação do jardim do grupo “O Hoje afetando o amanhã”

Na apresentação do cartaz acima, o grupo “O Hoje afetando o amanhã”, cujo tema era gravidez na adolescência, fez uma alusão de cada parte da árvore a uma etapa do ensino médio. A raiz é a adaptação escolar, quando o estudante vem de outra escola e vai se adaptar a instituição, novas pessoas, que geralmente acontece no primeiro ano do ensino médio. O caule significa o segundo ano do ensino médio, que são as matérias acumuladas, ansiedade, relação professor-aluno, relações amorosas. Os galhos e a copa da árvore simbolizam o terceiro ano do ensino médio, que são a pressão social e de si mesmo, o vestibular e as profissões. Os frutos retratam a boa saúde mental decorrente da sensação de conquistar o que se quer, de ter passado por todo o processo em busca de um propósito, e no cartaz, esses frutos estão associados aos termos “liberdade”, “Universidade Federal do Ceará (UFC)” e “Universidade Estadual do Ceará (UECE)”, relacionando a aprovação e entrada na universidade. O grupo deu destaque também à árvore que representa uma caminhada, um objetivo da escola atuar na formação e no caráter da pessoa e não apenas na formação acadêmica. Percebe-se a questão das consequências como muito forte no grupo, nesse caso, os frutos significam o futuro e as consequências do que se constrói desde o presente, o hoje, e em relação ao desenho, desde a raiz da árvore. Posteriormente ao ter um contato maior com o grupo, as alunas sempre faziam referência que a gravidez durante o ensino médio produzia como uma fissura, ou até mesmo uma quebra neste futuro almejado, ou seja, entrar para uma universidade

pública. Infelizmente as pesquisas corroboram com a impressão das alunas pesquisadoras, pois a gravidez representa o maior motivo de abandono escolar para as mulheres (ZINET, 2016). Assim a micropolítica das relações vivenciadas na escola, estavam de certa forma "refletindo" o que milhares de mulheres vivenciam quando engravidam durante os estudos.

Mas voltando ao nosso processo, em outro momento do curso, entregamos um caderno para cada grupo de jovens pesquisadores para colocarem impressões acerca do tema, acontecimentos do cotidiano escolar que se relacionassem aos seus objetos de pesquisa, inserindo por exemplo, imagens, desenhos, sentimentos, vivências, fotos, reportagens, músicas entre outros, que considerassem significativos e relevantes para suas pesquisas. Cada equipe também customizou a capa do caderno de diário de campo com recortes de texto, imagens de revistas, fotos com a logomarca da escola (borrada para não gerar identificação) para retratar o tema e objeto de pesquisa do grupo, elegendo marcadores discursivos significativos para cada grupo em relação a forma de ver e sentir a pesquisa. Pode-se observar, na figura abaixo, as capas construídas pelos grupos:

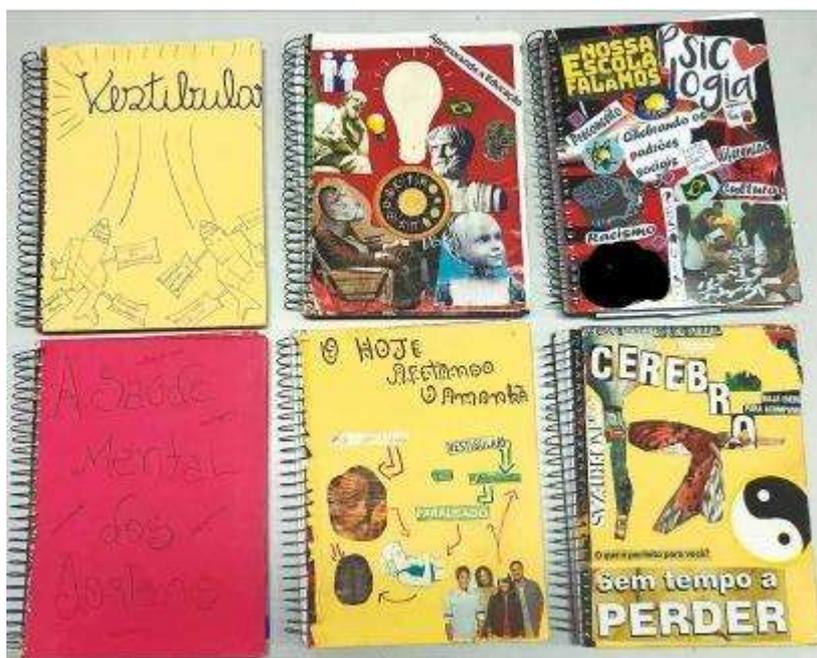


Figura 8: Capas dos diários de campo customizados por cada equipe.

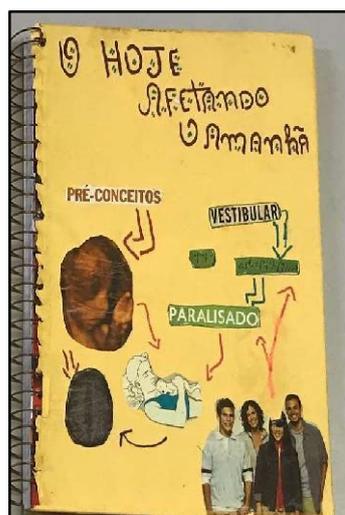


Figura 9: Capa do diário de campo do grupo “O Hoje afetando o amanhã”

Analisando mais detalhadamente a capa do caderno do grupo “O hoje afetando o amanhã”, percebe-se que consta uma figura de jovens seguida de uma seta apontando para figura de cálculos de matemática (figura na cor verde) e do termo “vestibular”, seguido por seta apontando para o termo “paralisado”, e, em seguida, outra seta apontando até a figura de uma jovem mãe recém-parida com o bebê no colo, demonstrando a interrupção nos estudos após o nascimento do bebê e indicando as “consequências” das ações de hoje que afetam o amanhã. Consta também o termo pré-conceitos seguido por uma seta até a figura de um bebê na cavidade intra-uterina, trazendo à tona a discussão do preconceito com as mulheres em relação a gravidez na adolescência. Nas discussões para a construção do objeto, a questão das consequências no futuro era o que mais atraía o grupo, sempre ressaltando que o que se faz hoje tem uma consequência e formas de prevenir consequências “ruins”, como poderia ser a da gravidez na adolescência, sobretudo para a mulher. Zinet (2016) afirma ser categórica a diferença de gênero nos cuidados com o bebê, isto é, maternidade e paternidade têm pesos distintos na sua relação com os estudos.

As narrativas escritas correspondiam a qualquer necessidade de fazer registro dos momentos de discussão do grupo, das inquietações tanto individuais quanto coletivas dos integrantes, bem como um espaço livre para escrituras. O diário de campo se tornou uma ferramenta de construção coletiva das ficções e dos acontecimentos reais, no qual o grupo vivenciava e debatia seu tema de pesquisa (RIBEIRO, *et al.*, 2016).

O diário de campo foi um importante dispositivo para cartografar e acompanhar processos com as/os jovens bem como uma ferramenta de PesquisarCOM os estudantes.

Tanto o grupo de estudantes da UFC (discentes de graduação e pós graduação) quanto as/os estudantes da escola elaboraram seus diários. Os primeiros escreviam numa plataforma digital compartilhada no Drive Online, para analisar as percepções dos encontros, com o intuito de poder se familiarizar com a dinâmica dos grupos e para planejar as outras atividades, analisando também as próprias condições da pesquisa. Já os/as estudantes secundaristas utilizaram o diário de campo físico, o caderno, como um instrumento para auxiliar na organização, no desenvolvimento da construção e análise de seus respectivos objetos de estudo, como retratado na figura abaixo:

• Justificativa

Escolhemos o tema porquê esses assuntos coincidiram e aborda o fato de que todos passam por processos, de maneiras diferentes, com problemas diferentes, resultando em consequências diferentes. Por exemplo: Pressão social, gravidez na adolescência e ansiedade, diante da desigualdade social. No caso da gravidez e a forma que ela afeta a vida da adolescente, sendo de forma precoce, acarretando em preconceito e julgamentos variados.

Figura 10: Diário de campo do grupo “O Hoje afetando o amanhã”

Nesse trecho acima do diário de campo do grupo “O hoje afetando o amanhã”, as pesquisadoras relatam a justificativa pela escolha do tema. Elas chegam a um denominador comum de que, dentre todas as temáticas de interesse das adolescentes secundaristas, a gravidez na adolescência de forma precoce afeta a vida da adolescente e repercute diretamente no futuro. O jogo de palavras (m)aternidade e (e)ternidade expressa bem o impacto da maternidade no futuro das adolescentes.

Segundo Medrado, Spink e Mélo (2014), os diários de campo são práticas discursivas, são atuantes na pesquisa, nos quais os pesquisadores se posicionam,

registrando suas opiniões, impressões, incômodos, afetações produzidas no encontro com os interlocutores:

O diário, como afirmamos, é um atuante: com ele e nele a pesquisa começa a ter fluidez, à medida que o pesquisador dialoga com esse diário, construindo relatos, dúvidas, impressões que produzem o que nominamos de pesquisa. Esse companheirismo rompe com o binarismo sujeito-objeto, tornando o diário também um ator/atuante que permite a potencialização da pesquisa. Ao invés de atores contrapostos (pesquisador-/pesquisado; técnicas/instrumentos; tema/objetivo), temos na pesquisa uma conjugação de fluxos em agenciamentos coletivos produzindo a própria ação de pesquisar (MEDRADO; SPINK; MÉLLO, 2014, p. 278).

As informações, observações, emoções e conteúdos colocados nos diários de campo e nos cadernos são dados valiosos de pesquisa. O uso do diário de campo possibilita um espaço privilegiado da análise de implicação do/da pesquisadora, através de uma escrita implicada com questionamentos, impressões, percepções, sentimentos, dúvidas, que perpassam a atuação no campo e interferem no agir da pesquisa. Por isso, a análise de implicação é uma ferramenta necessária para a construção do processo de pesquisar. Sobre o conceito de análise de implicação, pode-se afirmar, segundo Coimbra e Nascimento (2005, p. 3):

A ferramenta “análise de implicações” supõe, dentre outras, as análises transferenciais daqueles que fazem parte da intervenção, a análise de todos os atravessamentos ali presentes (sexo, idade, raça, posição sócio-econômica, crenças, formação profissional, dentre outros) e a análise das produções sócio-culturais, políticas e econômicas que atravessam esse mesmo estabelecimento e que também constituem os sujeitos que dele participam.

Na presente pesquisa, apesar da riqueza significativa da capa, o diário de campo da equipe “O Hoje afetando o amanhã” acabou ficando com uma das alunas que pouco ia aos encontros. Muitas anotações “se perderam” em papéis avulsos. Por outro lado, o diário de campo digital entre o grupo de pesquisadores oriundos da universidade foi bastante utilizado como relato e análise do processo que estávamos coletivamente vivenciando, garantindo a implicação com a escrita da pesquisa e seu campo de afetações.

Um dos aspectos que o grupo comentou em um encontro, mas não escreveu no caderno, foi que a partir do momento que elas começaram a pesquisar o tema da gravidez na adolescência, passaram a reparar mais nos acontecimentos que envolviam essa temática e citaram o caso do teste de gravidez positivo que foi encontrado no lixo do banheiro da

escola. Esse fenômeno do/da pesquisador/a passar a prestar mais atenção em fatos, notícias, acontecimentos sobre o tema é comum de acontecer em pesquisa, pois o olhar está direcionado para a temática em geral que envolve todo o campo-tema da pesquisa.

Spink (2003) propõe o termo campo-tema, no qual o campo não é um lugar específico onde o tema pode ser visto e sim se refere à processualidade de temas situados, “são as redes de causalidade intersubjetiva que se interconectam em vozes, lugares em momentos diferentes, que não são necessariamente conhecidos uns dos outros” (SPINK, 2003, p. 36). Ainda a respeito do campo-tema, o referido autor afirma que o campo é o nosso próprio tema de pesquisa, por isso estamos em campo o tempo todo, sendo acompanhados pelo acaso, o inusitado, como se observa na transcrição abaixo:

Enquanto a gente estava fazendo nossas pesquisas, uma outra aluna veio e mostrou para a gente um teste de gravidez que ela achou no banheiro, e o teste de gravidez tinha dado positivo. Então, a gente ficou muito surpreendida como as coisas se encaixaram, né? O teste alguém levou para casa (risada). Mas, enfim, é uma coisa muito real, aconteceu aqui na escola no período das pesquisas. Realmente está acontecendo. Então, é bom a gente estar atento a isso (TRANSCRIÇÃO DE ENCONTRO, 12/08/2019).

Como cartógrafas, as meninas pesquisadoras também estavam à espreita do que ocorria na escola.

2.5 O toque: “O Hoje afetando o amanhã”

No decorrer do desenvolvimento desse curso, o grupo intitulado ‘O Hoje afetando o amanhã’, formado exclusivamente por meninas, construiu a temática da pesquisa a partir de temas diferentes (aborto, relação professor e aluno, relação pais e filhos, ansiedade dos jovens em relação ao futuro), que buscavam discutir a relação entre as atitudes de adolescentes na fase escolar e suas perspectivas de futuro. Nos primeiros encontros, as ideias iniciais desse grupo envolviam mais fortemente as temáticas de gravidez na adolescência e a ansiedade para passar no vestibular e entrar em uma universidade. Com o passar dos encontros, decidiram fazer o recorte pelo tema de

gravidez na adolescência durante a vida escolar, tendo em vista que a única integrante da equipe que desejava mais o tema da ansiedade passou a faltar alguns encontros e então, o restante do grupo optou por gravidez na adolescência

Assim, dentre tantos temas que impulsionaram o interesse das jovens pesquisadoras, elas elegeram o tema da gravidez na adolescência para pesquisar com outros jovens dentro da escola. Sobre o processo de escolha do tema, podemos citar a fala de uma das jovens pesquisadoras do grupo:

No caso, era ansiedade, gravidez na adolescência, relações entre professor e aluno. A gente colocou “O hoje afeta o amanhã” por conta que se algum desses acontecimentos acontecem: ansiedade, gravidez na adolescência, acontece em meio à escola, vai afetar. Ai a gente escolheu esse tema porque eu acho que a maioria dos jovens que passa por isso, acontece hoje, mas com certeza afeta amanhã, afeta no futuro... Complica um pouco (TRANSCRIÇÃO DO ENCONTRO, Isabele, nome fictício).

Quando questionado por uma pesquisadora acadêmica sobre o que pretendiam com a pesquisa “O Hoje afetando o amanhã”, uma das integrantes desse grupo respondeu que interessava saber sobre os acontecimentos de hoje, no presente, na escola principalmente, que podem influenciar a perspectiva de vida de forma positiva (estudantes sendo bem recebidos) e de forma negativa (estudantes que sofrem bullying, preconceito) e isso afeta o futuro.

Em um certo momento de um dos encontros do curso, as jovens pesquisadoras do grupo “O Hoje afetando o amanhã” anunciaram o tema que elas tinham interesse em pesquisar para que os outros estudantes soubessem e, caso tivessem interesse pela temática se juntassem a elas. Nessa ocasião, uma aluna de outra equipe sinalizou a importância de dar continuidade à pesquisa sobre gravidez na adolescência na escola, como demonstrado na fala a seguir:

Vocês poderiam, tipo, fazer entrevistas com as alunas que estudavam aqui e que engravidaram, teve várias alunas no ano passado que engravidaram, inclusive teve no debate [referindo-se ao debate das chapas do grêmio], nós debatemos sobre isso, foram perguntado para as chapas, como cada chapa reagiria com uma

adolescente que engravidou... Eu não posso falar mais, mas aconteceu que no ano passado uma aluna engravidou. Ela fazia o primeiro ano, ela era muito nova ainda e, tipo assim, ela vinha para o colégio mesmo grávida, sabe? Ela continuou até onde deu para ela ficar, quando não deu mais para ela vim, [...] ela teve que ficar faltando porque a barriga dela tava muito grande, ela tava ficando muito cansada. Algum pessoal da diretoria ficou cobrando os livros para ela devolver e um professor do colégio, ele não aceitou isso, ele foi debater com a secretária, [ele disse]: ‘não, ela quer estudar ainda, deixa os livros com ela mesmo assim’. Aí tipo, foi um assunto bem complicado! Acho que vocês poderiam pesquisar, aí eles podem dar o número das meninas que engravidaram para vocês falarem com elas. (TRANSCRIÇÃO DOS ENCONTROS, Carla, nome fictício)

Neste período do curso, em uma conversa informal com o diretor da escola Potência foi relatado que a gravidez na adolescência foi ponto de pauta de discussão do conselho escolar, que sinalizou a importância de se fazer um levantamento na escola para identificar meninos e meninas “grávidos” que se tornaram jovens pais e mães, tanto os casos em que ambos são de dentro da escola como os casos em que apenas um deles seja da escola e o outro não, com o objetivo de acompanhar e dar o suporte necessário, evitando a evasão. De acordo com o diretor, é mais fácil identificar as alunas, meninas grávidas, tendo em vista as alterações corporais; por outro lado é mais difícil identificar os alunos, meninos, que engravidaram meninas, alunas da escola ou não. Segundo o gestor, esses dados sobre os meninos chegam à direção de forma indireta, com queixas de que o aluno está ansioso, preocupado e desatento devido à mudança recente em sua vida: a notícia de que será pai. Tal afirmação corrobora com a literatura em como as diferenças de gênero se evidenciam quando o tema é gravidez e mudanças na vida. A paternidade e a maternidade na adolescência são significadas, aceitas e reconhecidas de maneiras diferenciadas (ORLANDI; TONELI, 2008). Ao contrário da maternidade, definida com as mudanças corporais, a paternidade é um conceito relacional que só existe para as pessoas a partir do momento que o filho nasce (LUZ; BERNI, 2010).

Na ocasião de uma das conversas do cotidiano com a coordenadora da escola, ela enumerou os casos de estudantes que estavam ou estiveram grávidos: casais de jovens grávidos que estudavam na mesma sala de aula; jovens mães que já tinham tido bebê,

estavam cursando o ensino médio e vendia ‘dindin’²⁴ na escola para ajudar na renda; jovens mães, que finalizaram o ensino médio e continuaram os estudos no cursinho preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) no turno da noite na escola e casos também de perda do bebê, como retratado no trecho do diário de campo da pesquisadora abaixo.

Em uma conversa com a coordenadora, ela relatou que o caso de meninas que perdem o bebê é frequente na escola. Na ocasião, aproveitou e me mostrou a ficha de uma aluna onde tinha registrado que ela foi destaque no bimestre (esse registro é feito no conselho de classe²⁵) e também tinha registrado que ela estava faltando bastante, estava fazendo exames para descobrir o que tinha, pois estava magra e enjoando e depois descobriu a gravidez (DIÁRIO DE CAMPO DA PESQUISADORA, 07/10/2019).

Alguns estudos apontam que pouco se é abordado sobre educação sexual nas escolas e que, quando feita, a abordagem é manejada majoritariamente a partir de uma perspectiva biologizante, descontextualizada e não dialógica, com foco no sistema reprodutivo e com vistas à prevenção, seja de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST’s) ou de gravidez, não levando em consideração a complexidade de experiências sexuais, que não se resumem à procriação (GAIA, MENEZES, SILVA, 2020; MENEZES *et al.*, 2012; ROHR; SCHWENGBER, 2013).

Tal enunciado corrobora com a afirmação do diretor da escola de considerar importante que seja discutido com os estudantes sobre o bom relacionamento, o amor, o cuidado com o outro, a responsabilidade que deve se ter na relação sexual, as possíveis

²⁴ Sobremesa gelada conhecida no Ceará como dindin e em outras regiões também chamado de sacolé, chupe-chupe.

²⁵ Tive a oportunidade de participar como ouvinte do conselho de classe das turmas do 2º ano tarde. O conselho de classe acontece a cada bimestre e é o momento em que o representante de turma traz algumas críticas sobre a condução da disciplina pelo(a) professor(a) e também o(a) diretor(a) de turma apresenta sobre a turma, relata os casos de estudantes faltosos, de estudantes que conversam muito, que dormem em sala e os casos de indisciplina. No conselho de classe, também é feita a votação dos(as) alunos(as) destaques, que recebem depois um certificado de menção honrosa por terem sido colaborativo. É interessante ressaltar que o destaque não é devido ao alto rendimento escolar do aluno e sim se ele se esforça, se dedica e colabora. Considero interessante essa abertura da escola em permitir a minha participação do conselho de classe, tendo em vista que é um momento onde são colocadas informações muito pessoais sobre os alunos, sobre a didática do professor, etc.

consequências e não apenas se fixar nas infecções sexualmente transmissíveis decorrentes da relação sexual sem proteção, que já aconteceu em algumas parcerias da escola com grupos de acadêmicos de áreas da saúde da universidade. Conforme aponta Barros e Colaço (2013), as práticas educativas e de saúde sobre o tema da sexualidade no espaço escolar se pauta numa lógica centrada no conceito de risco, neste caso, risco de engravidar, de contaminação por infecção sexualmente transmissível.

O diretor demonstra-se assim mais preocupado na escola como promotora de saúde do que na patologização da sexualidade dos estudantes. Segundo ele, não que não seja um assunto importante, porém a forma de abordar pode ser menos “agressiva” para que não coloque o/a jovem, que muitas vezes está emocionalmente vulnerável com depressão, etc numa situação de culpabilidade, mas sim de responsabilidade que ele/ela tem que ter consigo e com o outro. Ainda em relação a importância do tema dentro do cotidiano escolar, o diretor acrescenta:

Nós temos 2100 estudantes que estão potencialmente numa idade que namoram, muitos deles até namoram aqui mesmo entre eles da própria escola ou namoram com pessoas de fora da escola. Estão também potencialmente num grupo que já entram numa relação mais íntima de sexualidade. Então, pra isso, um quantitativo de alunas grávidas aqui na escola, a gente entende que é um número relativamente pequeno pro tamanho do grupo que a gente tem, mas não é o fato de ser pequeno que não nos preocupa (TRANSCRIÇÃO DE UMA CONVERSA GRAVADA COM O DIRETOR, 2019).

De um modo geral, a direção da escola mostrou-se bastante mobilizada com o nosso tema em análise, bem como com os demais. Esse apoio da gestão escolar repercutiu como um elemento facilitador para a realização das nossas pesquisas, que se deu em todo o processo, envolvendo desde as primeiras visitas à escola, as conversas e as reuniões com a equipe gestora realizada a cada etapa da pesquisa.

Ao todo, foram construídos sete questionários em formato digital, a serem respondidos por outros estudantes e a gestão escolar. Também com o apoio da gestão escolar que autorizou a passagem nas salas de aulas, os/as secundaristas realizaram a divulgação das suas pesquisas nas salas, sensibilizando os/as estudantes a responderem os formulários online. Para isso, cada equipe produziu um cartaz de divulgação, como pode ser observado nas figuras abaixo:

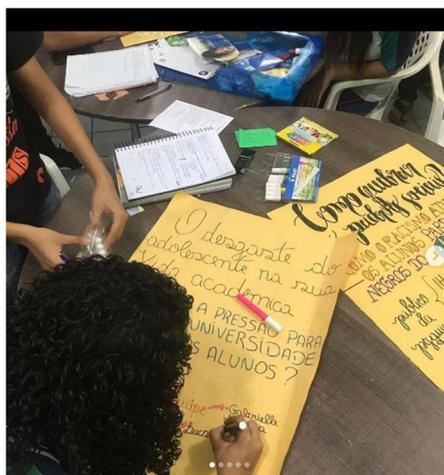


Figura 11: Elaboração de cartaz para divulgação dos questionários online



Figura 12: Cartaz produzido pela equipe “O hoje afetando o amanhã” para divulgação da pesquisa nas turmas da escola

Analisando o cartaz da equipe “O Hoje afetando o amanhã” cuja temática de pesquisa é gravidez na adolescência, percebe-se que constam figuras exclusivamente de meninas grávidas (não aparece figura de meninos/jovem pai), seguidas das diversas áreas que afetam a vida da jovem que engravidou na adolescência: sonhos, futuro, trabalho, vida social e estudos, bem como consta o termo “ansiedade” e a figura de uma menina com uma mão na cabeça, demonstrando preocupação, e na outra mão, o resultado do teste de gravidez. Outro aspecto presente no cartaz são as figuras de meninas grávidas e sua relação com os estudos, na qual a menina grávida caminha em direção contrária à carteira escolar, trazendo à tona a discussão da evasão escolar de jovens mães, também presentes na literatura (BRIGAGÃO, GONÇALVES, 2009). Ao redor do cartaz, estão as camisinhas, método contraceptivo de prevenção da gravidez indesejada.

Dando continuidade à ênfase na pesquisa do grupo “O hoje afetando o amanhã”, em um dos encontros do curso, os estudantes foram para o laboratório de informática da escola e exercitamos como criar um questionário no formulário Google. As equipes elaboraram o instrumento de investigação da pesquisa, que em todos os grupos foi um questionário online. O questionário da equipe supracitada, que consta no Anexo 1, era formado por vinte perguntas, que envolviam questões de múltipla escolha e perguntas subjetivas sobre o que pensavam sobre a gravidez inesperada na adolescência, sobre quem é o mais afetado com a gravidez na adolescência, sobre a importância da educação sexual na escola, as dificuldades enfrentadas pelas jovens meninas grávidas/mães e possíveis auxílios dados pelo Estado e pela escola.

O questionário dessa equipe foi aplicado com cinquenta e nove pessoas, entre jovens do ensino médio e professores, com o objetivo de analisar os diferentes pensamentos acerca da perspectiva de futuro de meninas que engravidam na adolescência. O objetivo das jovens pesquisadoras era que os professores também respondessem o formulário para analisar se eles, enquanto adultos que fazem parte do dia-a-dia da escola, teriam um olhar diferenciado sobre o tema.

A partir da análise dos resultados dos questionários, pode-se traçar o perfil do público que respondeu a pesquisa, sendo: em relação à faixa etária, 81,4% de 14 a 17 anos, 11,9% de 18 a 25 anos e 5,1% de 26 a 40 anos; em relação a gênero, 76,3% são do gênero feminino, 22% do gênero masculino. Outros dados a serem considerados é que: 89,8% dos respondentes conhecem meninas que engravidaram entre 12 e 18 anos; 71,2% concordam que meninas que engravidam na adolescência tem dificuldades de concluir os estudos; 45,7% concordam que meninas que engravidam durante a adolescência tem menos chance de entrar no mercado de trabalho. Em relação a gravidez inesperada na adolescência, 94,9% consideram preocupante, conforme corrobora as respostas do formulário retratadas abaixo:

É preocupante pois do nada a vida da pessoa muda e ela tem bastante responsabilidades e medos a partir daquele momento e não ter muito apoio prejudica ainda mais a pessoa. Ter que cuidar de uma criança, bancar as coisas pra ela, estudar e ainda ter tempo pra criança é mais difícil sem ajuda e isso pode acabar levando mais pessoas a um aborto sem segurança (RESPOSTA AO QUESTIONÁRIO DA PESQUISA “O HOJE AFETANDO O AMANHÃ”).

Preocupante, pois a fase da adolescência é uma fase de não só de dependência dos pais, mas assim como dos estudos. A menina que engravida na adolescência dificilmente terá apoio, ou cria o filho sozinha indo morar na casa do cara que engravidou (isso se ele assumir) ou até podendo ir para a rua (RESPOSTA AO QUESTIONÁRIO DA PESQUISA “O HOJE AFETANDO O AMANHÃ”).

Em relação a pergunta sobre se as meninas que engravidam na adolescência conseguem frequentar a escola, 62,7% dos respondentes afirmou que sim. Na análise dos dados do questionário, o grupo de pesquisadoras secundaristas do “O Hoje afetando o amanhã” debateu que frequentar a escola não significa ter um bom desempenho, produzindo diálogo abaixo:

Ana (nome fictício): A gente pode considerar que tipo elas frequentam, mas que elas não têm um bom desempenho.

Giovana: É. Eu acho que muita gente desistiu o ano passado por causa disso.

Ana: Exatamente.

Giovana: Umas três garotas, tipo, engravidaram e por conta disso chegavam dizendo que não querem mais estudar, que sofreu preconceito, que todo mundo olhava torto.

Soraya: Até mesmo também em casa, a gente não sabe como é que elas ficam em casa com a família e se a família aceita. Elas irem para escola com mais esse peso é muito mais complicado (DIÁLOGO ENTRE AS INTEGRANTES DO GRUPO “O HOJE AFETANDO O AMANHÃ”).

Em relação à relevância de conversar sobre educação sexual na escola, 100% dos respondentes afirmaram considerar importante. Durante a apresentação desse dado para o grupo dos estudantes do curso que envolviam as duas turmas (de quarta-feira e de sexta-feira), houve uma discordância de uma aluna em relação a esse dado justificando que a

pesquisa foi uma amostra de cinquenta e nove pessoas num universo de mais de dois mil estudantes, considerando que podia ter pessoas que não responderam a pesquisa e não concordavam com a educação sexual na escola. Enfatizamos que aquele tipo de pesquisa era por amostragem sem perspectiva de generalização e caso fosse interesse de uma pesquisa com intuito de generalização poderia propor junto aos Professores Diretores de Turma (PDT) a realização de uma pesquisa de maior alcance em toda a escola. Em seguida, uma das integrantes do grupo “O hoje afetando o amanhã” destacou a importância da educação sexual na escola:

Exatamente, por isso que isso tem que ser discutido, porque muitas vezes é um tabu, as pessoas não querem conversar sobre isso porque é um tabu. Então é isso que tem que ser quebrado, é atitude das pessoas de entender que aquilo ali é parte da nossa vida, que é parte do nosso cotidiano e que a escola deve sim interferir, porque, como a Ana (nome fictício) disse, a nossa boa parte do tempo, a gente tá na escola e se dissesse que afetava só em casa, que o problema é da pessoa, não, afeta na vida escolar, afeta no futuro, afeta na profissionalização. Então tipo assim, exatamente isso, tem que ser conversado exatamente para deixar de ser um tabu e não para continuar sendo uma coisa que se leva e que sempre vai ocorrer e ninguém conversa (TRANSCRIÇÃO DOS ENCONTROS, 07/08/2019).

Outro dado interessante sobre quem era o mais afetado após a gravidez na adolescência, 91,5% considerou a mãe; 8,5% afirmou serem os avós/avôs e ninguém apontou o pai como mais afetado. Nota-se que a figura do masculino, do pai, não se encontra presente. Essa ausência do pai de não ter sua vida afetada pela gravidez é um dado muito relevante que surgiu nessa pesquisa. Sobre essa desigualdade de gênero, umas das integrantes do grupo analisa uma resposta do questionário da pesquisa que enfatiza e responsabiliza unicamente a menina, notando-se a ausência da responsabilidade também do menino. Ao realizar a análise das resposta do questionário, uma componente do grupo se posicionou:

Aí tem essa resposta que, tipo, só fala das meninas, e não fala dos meninos, né? Que é: “Hoje em dia "transar é normal" e muitas meninas não se preocupam com a sua saúde ... pois, e se o outro tiver uma doença ... gravidez não é acontecida

de repente, até porque tem muitos métodos de prevenir ... e muitas meninas engravidam e abortam eu não acho isso justo. Se não queria engravidar por que não se preveniu?” Tipo, a gente leu essa resposta porque só fala exatamente da mãe. A mãe tem que se prevenir, a mãe tem que isso, mas nunca o pai!
(TRANSCRIÇÃO DE ENCONTRO).

Cada grupo realizou a leitura de todas as respostas abertas/subjetivas dos questionários online de suas pesquisas, debateram sobre elas e construíram coletivamente categorias de análise, anotando-as nos diários de campo. Esse foi um momento muito rico, de diálogo e também confrontação das respostas com as hipóteses iniciais de cada pesquisa, conforme se observa na foto abaixo:



Figura 13: Análise e categorização dos dados das pesquisas

Em seguida, selecionaram as respostas consideradas mais significativas para compor o banner artesanal produzido pelos jovens pesquisadores, conforme a figura abaixo, cuja identificação das estudantes foi borrada para preservar o sigilo:

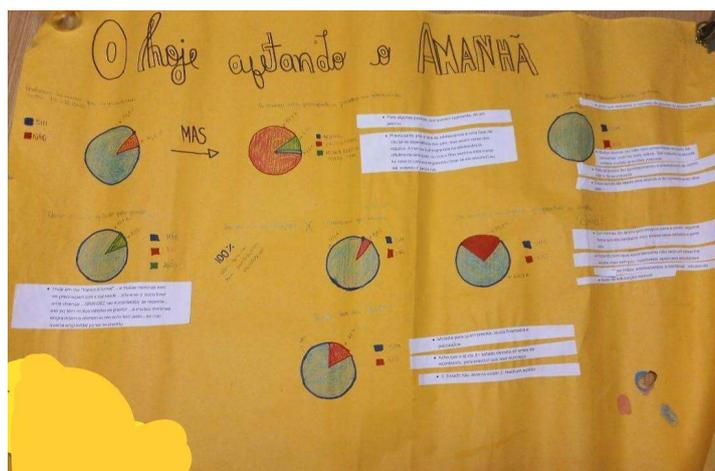


Figura 14: Banner artesanal produzido pelo grupo “O hoje afetando o amanhã” para restituição da pesquisa

Os dados que as estudantes consideraram mais significativos para colocar no banner foram: 89,8% conhecem meninas de 12 a 18 anos que engravidaram; 94,9% considera preocupante a gravidez inesperada na adolescência; 91,5% considera a jovem mãe como mais afetada pela gravidez; 100% acreditam que uma jovem que não tem apoio emocional durante a gravidez pode passar por problemas psicológicos; 93,2% consideram que jovens que engravidaram na adolescência têm mais dificuldade em criar o filho/a por não ter boas condições financeiras e não conseguir emprego; 78% concordam que o Estado deve dar algum auxílio para as jovens que engravidam na adolescência, tais como: “Moradia para quem precisa, ajuda financeira e psicológica” e “Acho que a ajuda do Estado deveria vir antes do acontecido, para prevenir que isso aconteça”.

Em relação a educação sexual na escola, 100% consideraram importante e complementaram com as seguintes respostas: “Acho que reduziria o número de gravidez na adolescência”; “Muitos alunos(a) não tem proximidade ao ponto de conversar com os pais sobre. Ser instruído na escola evitaria muitas gravidezes precoce”; “Para os jovens ter conhecimento e entendimento de como lidar e de se prevenir”; “Dependendo da idade dos alunos e do consentimento dos pais”.

Já em relação às meninas que engravidam na adolescência conseguirem frequentar a escola, 62,7% consideraram que sim, com a escola ajudando de diversas formas, tais como: “Com formas de apoio psicológico para a jovem, alguma forma para que ela não atrase seus estudos e pare eles”; “Fazendo com que esse assunto não seja um tabu na

escola, mas sempre mostrando apoio aos estudantes”; “Incentivando as mães adolescentes a continuar estudando” e “Aulas de Educação Sexual”.

O banner foi apresentado à comunidade escolar no momento da restituição junto com as demais pesquisas realizadas. A restituição constitui-se numa análise de implicação coletiva, onde a pesquisa é posta em análise pela instituição (LOURAU, 1993), afirmando uma desnaturalização do processo, colocando a instituição nos tensionamentos de uma construção permanente (DIAS, 2014). A restituição não se configura como uma devolutiva dos dados da pesquisa, na verdade, ela faz parte do processo constitutivo da pesquisa, como nos afirma Coimbra e Nascimento (2005, p. 9):

A restituição, para a Análise Institucional, não é uma simples técnica de devolução da pesquisa e/ou intervenção realizada. É, antes de tudo, um dispositivo sócio-analítico que dá destaque aos movimentos e acontecimentos geralmente excluídos e desqualificados e que entende os chamados objetos de pesquisa/intervenção como sujeitos constitutivos desses processos. Esse dispositivo permite colocar em análise as implicações e sobreimplicações de todos os participantes desses trabalhos e, ao desnaturalizar o sagrado lugar do especialista, possibilita a desconstrução da concepção positivista de neutralidade científica, privilegiando o aspecto político de toda e qualquer prática.

Com base nessa premissa de que a restituição faz parte do processo de pesquisa, foram realizadas duas restituições das pesquisas produzidas pelos jovens durante o curso de “Formação de Jovens Pesquisadores do cotidiano escolar”, sendo uma com os Professores Diretores de Turma (PDT) e outra com os estudantes representantes de turmas. A primeira restituição ocorreu no auditório da escola em agosto de 2019 em um momento de formação dos professores na qual participaram vinte professores do Projeto Diretor de Turma da escola, a equipe gestora da instituição, dois ou três jovens integrantes de cada equipe de pesquisa e o grupo de pesquisadores da UFC. Na ocasião, os principais resultados das pesquisas realizadas pelos jovens foram apresentados em formato de banner artesanal e debatidos com os professores diretores de turma e gestão escolar. Esse encontro proporcionou troca de experiências entre estudantes-pesquisadores e professores, possibilidades de inovação de metodologias no espaço escolar e um novo olhar sobre questões vivenciadas diariamente no cotidiano da instituição.



Figura 15: Restituição com professores Diretores de turma.
Ao fundo, os banners das pesquisas realizadas pelos jovens colados na parede.

Durante a restituição os professores comentaram que algumas temáticas das pesquisas já eram trabalhadas na disciplina de Formação Cidadã, como por exemplo preconceito, gravidez na adolescência, mas que era necessário uma espaço de formação dos professores, para os mesmos dominarem o assunto. Uma professora comentou por exemplo a questão do respeito à diversidade sexual.

Também foi relatado que apesar dos temas serem trabalhados, os estudantes buscam mais, querem falar ocupando o espaço de representatividade, do lugar de fala que ocupam, por exemplo, exigindo um lugar de fala de estudantes mulheres no dia da mulher, estudantes de negros no Dia da Consciência Negra. Além disso, alguns estudantes sugeriram temas para as aulas de Formação Cidadã como por exemplo autoconhecimento.

No momento do debate, um professor comentou sobre um caso de gravidez na turma dele, em que apesar do incentivo da escola, ocorreu a evasão escolar devido a dificuldade da família de aceitar a gravidez, descrito no trecho a seguir:

[...] É a questão da gravidez na adolescência. Eu passei por uma experiência na minha turma, né? No primeiro ano manhã, de uma aluna que tinha dificuldade de visão, ela era até auxiliada pela Laura (nome fictício), né? Desistir por conta, né, da gravidez, desistiu do colégio. Aí nós chamamos os pais para conversar, né? Para motivá-los a, no período da gravidez, ela continuasse, né? Completasse o ano, né? Mas o pai... É porque é muito difícil o diálogo com a família porque

o pai disse que não, grávida ela não vem para a aula. Então, foi uma conversa bem delicada, né? Que o pai insistiu que não, disse que ela tem que abandonar os estudos para cuidar do filho. Então, era muito difícil, sabe? Essa relação. Porque muitas vezes a família não dá o suporte (PROFESSOR DIRETOR DE TURMA, TRANSCRIÇÃO DA RESTITUIÇÃO).

Entre o rastreio e o toque, um novo plano aos poucos foi se configurando, as relações familiares que afetam e são afetadas pela gravidez da menina, o patriarcado em que o homem diz que a menina não deve estudar enquanto está grávida e os limites da escola nesta configuração. A maternidade é uma instituição de subjugação feminina na sociedade patriarcal de controle e reclusão das mulheres. O patriarcalismo institui a obrigatoriedade do cuidado com os filhos por parte da mulher como um mecanismo útil para a manutenção da mulher no espaço doméstico, mesmo quando elas já ocupam funções no espaço público. São violências e sistemas de poder que produzem a maternidade como uma instituição patriarcal (GONZAGA, MAYORCA, 2019).

Realizamos a segunda restituição com os estudantes representantes de turma na biblioteca da escola em setembro de 2019 durante a Semana de Linguagens, conforme demonstra a figura abaixo:



Figura 16: Restituição na escola com os representantes de turma

Sugerimos aos jovens pesquisadores que as restituições poderiam se utilizar de recursos artísticos. Assim, os jovens pesquisadores da turma de quarta-feira do curso apresentaram suas pesquisas em formato de poemas e músicas e os jovens da turma de

sexta-feira apresentaram as pesquisas em formato de uma esquete, abordando todas as temáticas pesquisadas. Porém a platéia ao assistir a encenação não sabia que o enredo da peça de teatro se tratava dos temas de pesquisa e surgiu um momento de implicação de uma das estudantes que estava assistindo a peça, conforme descrito no diário de campo abaixo:

Iniciaram então com a aluna Jéssica (nome fictício) entrando na sala, vestida com um jaleco e se apresentando como psicóloga. Disse que estaria lá para ouvir sobre algumas coisas que os alunos têm vivenciado na escola. Com a deixa, os membros das equipes, que até então não tinham se apresentado como participantes da pesquisa, foram falando sobre seus supostos problemas. **Uma relatou que estava grávida de três meses e não sabia como continuaria na escola**, outra falou sobre ter sofrido preconceito devido a sua cor de pele, um aluno falou sobre ter sofrido bullying, outra de estar se sentindo muito pressionada com a vivência de terceiro ano e com o vestibular. Após cada fala dos membros das equipes a aluna representando uma psicóloga perguntava se mais alguém gostaria de compartilhar algo. Em um certo momento, uma aluna representante de turma começou a falar sobre algumas questões pessoais familiares pelas quais estava passando. Nesse momento, nossa equipe ficou em alerta, pois aquela situação não havia sido esperada, visto que todos os relatos até então eram fictícios, com base nas informações coletadas na pesquisa. No entanto, após o depoimento real da representante de turma, a aluna que representava a psicóloga, se aproximou, segurou em sua mão e disse que estava ali no apoio, que achava lindo o que ela estava fazendo e desejou-lhe força (DIÁRIO DE CAMPO DA PESQUISADORA ACADÊMICA, 27/09/2019. Grifos nossos).

Essa implicação da estudante da platéia com o enredo e as temáticas das pesquisas foi inesperado para nós, pesquisadores e nos pegou de surpresa. Isso pode ser considerado um acontecimento da pesquisa, definido por Dias (2014) como uma experimentação de atravessamentos que dialogam com o inesperado, podendo ser pensado como um rizoma, com multiplicidade, e assim, ser plural “acontecimentos” que nos atravessam a todo o momento e aguça os sentidos, provoca mudanças e implicações.

Assim, entre o rastreio, vivenciado com o curso de formação de jovens pesquisadores da micropolítica do cotidiano escolar a escola, e o toque, experimentado com o grupo “O hoje afetando o amanhã”, me mobiliza a continuar aprofundando a temática no pouso, indagando como a produção de uma cartografia com adolescentes de uma escola pública estadual de Fortaleza acerca da maternidade e paternidade na adolescência pode se constituir como dispositivo na pesquisa COM adolescentes durante a pandemia/ensino remoto. Era necessário pousar e imergir nos dados mostrados até o

momento no rastreio e no toque, tais como: 1-) Uma equipe de secundaristas formada exclusivamente por meninas adolescentes para pesquisar sobre gravidez na adolescência; 2-) O gênero feminino (jovem mãe e avó materna) o mais afetado pela gravidez e (m)aternidade na adolescência; 3-) Um caso em que a escola *Potência* buscou acolher a adolescente grávida, mas a família impediu a adolescente de continuar estudando; 4-) Estudantes considerarem oportuno trabalhar o tema de Educação Sexual na escola para além de uma perspectiva exclusivamente biológica, dentre outros.

No próximo capítulo, iremos inicialmente discutir os desafios de realizar uma pesquisa de modo remoto devido a pandemia da COVID-19 e, em seguida, abordaremos sobre o pouso caracterizado, nesta pesquisa de doutorado, como as experimentações, impressões e afetações no processo de pesquisa COM os adolescentes bolsistas e voluntários do PIBIC Ensino Médio.

3 O POUSO NO GRUPO DE DISCUSSÃO DO PIBIC ENSINO MÉDIO: PESQUISA COM ADOLESCENTES ESTUDANTES DA ESCOLA POTÊNCIA

3.1 Atravessamentos da Pandemia de COVID-19 na Educação e na Pesquisa

Se o início da relação com o campo e com a temática ocorreu em 2019 numa presencialidade semanal e cotidiana através do curso de extensão “Formação de Jovens Pesquisadores do Cotidiano Escolar” já apresentado sobretudo através da temática do “Hoje Afetando o Amanhã”, em 2020, o contexto era outro. O mundo sofreu uma reviravolta que afetou a todas/os nós. Um vírus denominado SARS - CoV-2 surgiu, provocou doenças, milhões de mortes e produziu mudanças que tiveram impactos nas mais diversas áreas da saúde, da educação, da economia, dentre outras. A pandemia da COVID-19 trouxe à tona as impermanências da vida e derrubou a falsa pretensão de que temos “controle” sobre os acontecimentos.

No campo educacional, a pandemia provocou a migração dos processos escolares para a modalidade virtual de acesso remoto. As creches, escolas de ensino básico e instituições de ensino superior tiveram as atividades presenciais interrompidas, seguindo as orientações da secretaria de educação, decretos estaduais e/ ou municipais para conter a disseminação do vírus. Nessa transição do ensino presencial para o remoto em que a

relação escola-estudantes passou a ser de forma virtual, a pesquisa e a extensão outrora realizada presencialmente também teve que se reconfigurar.

Na época, antes da pandemia, havíamos planejado para o ano de 2020 uma imersão maior no campo com o pouso, cujo foco seriam as questões de gravidez, maternidade e paternidade na vida escolar, objeto de estudo da presente tese, e outra pesquisadora do coletivo “É da nossa escola” iria pesquisar os tensionamentos pré-vestibular e escolha profissional, objeto de estudo da dissertação de Mestrado intitulada “Escolha Profissional e escola pública: um olhar através da micropolítica cotidiana” (BARROS, 2021).

Era inevitável que os atravessamentos da pandemia deixassem suas marcas na presente pesquisa de doutorado, provocando um desvio no rumo desta ao ser migrada do presencial para o remoto, uma pesquisa COM os adolescentes no território virtual da Internet. Em nenhum momento imaginei que fosse realizar uma parte significativa desta pesquisa de modo virtual, ainda mais pretendendo fazer uma cartografia.

Diante de um cenário da educação já precarizado, a pandemia colocou em evidência as desigualdades que assolam, especialmente as escolas públicas brasileiras, dando visibilidade às discrepantes condições de uso das tecnologias nas diferentes classes sociais (AVELINO; MENDES, 2020; MIRANDA *et al.*, 2022). Como vislumbrar um aprofundamento da discussão sobre as questões de gênero que envolve adolescentes investigando como percebem a parentalidade no contexto de ensino remoto? Como pesquisar COM, inserir adolescentes na centralidade do processo de pesquisa na escola, incentivá-los a serem co-pesquisadores, no momento de desterritorialização do cotidiano escolar? Acredito que a vivência prévia COM a escola *Potência* desde o curso de extensão e fazer parte de um grupo de pesquisa consolidado foi um facilitador para ter conseguido sustentar e realizar a pesquisa no contexto remoto.

Após um breve tempo de interrupção das atividades na escola, até para entendermos o que poderíamos fazer neste novo contexto, nós da universidade fomos demandados a trabalhar o tema de saúde mental, diante da adversidade que vivíamos. O coletivo “É da nossa escola que falamos”, do qual faço parte, realizou uma roda de conversa, em maio de 2020, com os estudantes do 3º ano do Ensino Médio da escola *Potência*, para discutir sobre Saúde mental na quarentena, sobre como os estudantes estavam se sentindo no período de distanciamento social que estávamos vivenciando. Na ocasião, foram abordadas estratégias de autocuidado, manejo do estresse durante a

quarentena e respeito ao ritmo de estudos. Participaram dessa ação 35 pessoas, sendo: 25 estudantes do 3º ano, 9 pesquisadores do “É da nossa escola” e um coordenador escolar, conforme figura a seguir:

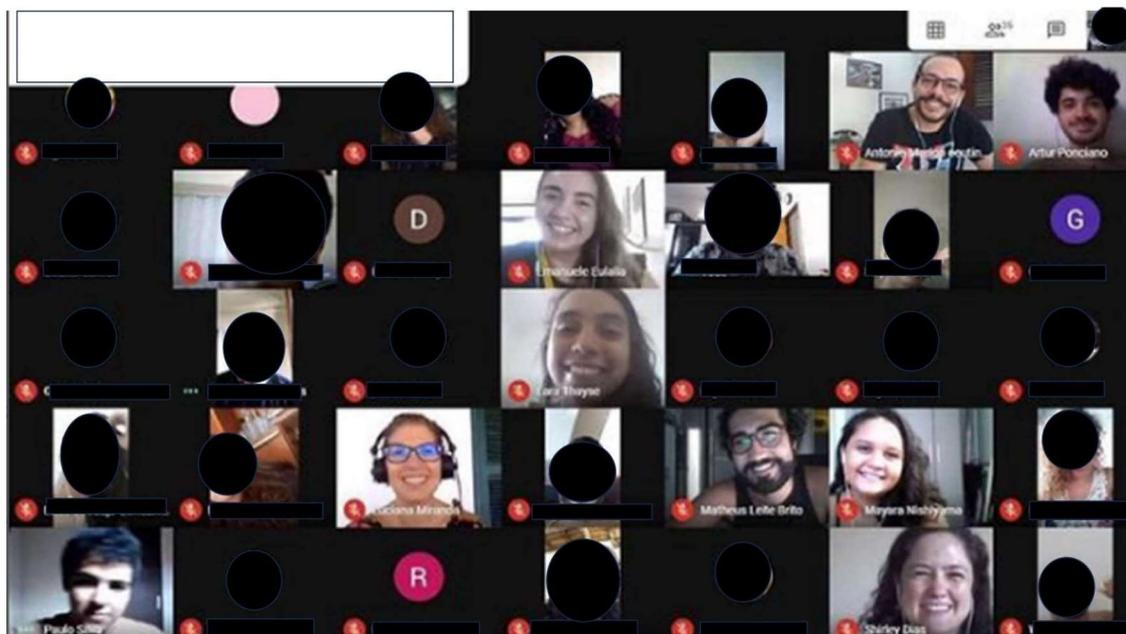


Figura 17: Print da gravação da roda de conversa com estudantes do 3º ano sobre Saúde Mental e quarentena.

Outra ação demandada pela escola *Potência* ao coletivo “É da nossa escola que falamos” foi uma roda de conversa, realizada em julho de 2020, com os estudantes para discutir como estava acontecendo as experiências das aulas remotas naquele semestre (março a junho de 2020) e a relação deles com a escola nesse período de ensino remoto devido a pandemia da COVID-19. A escola fez a divulgação dessa ação intitulada de “Reconstruções e Recomeços: dialogando sobre as conexões com a escola” no instagram com o cartaz abaixo:



Figura 18: Cartaz de divulgação da Roda de conversa com os estudantes sobre a experiência das aulas remotas.

Antes desse momento, participamos de uma reunião com a equipe gestora (diretor e coordenadora) da escola *Potência* e vinte e um professores diretores de turma (PDT's) para entender melhor a demanda e conversar acerca da percepção dos professores diretores de turma sobre os estudantes nesse contexto de ensino remoto. Na ocasião dessa reunião de planejamento com os professores, foi relatado sobre os desafios da pandemia que envolvia questões relacionadas aos estudos, à ansiedade e o cansaço, este último vivenciado tanto por parte dos professores como dos alunos nesse período de ensino remoto.

Muitos professores relataram a precariedade que vivem os estudantes e a falta de condições de estudo em casa, sem equipamento (computador e *smartphone*) e nem acesso à internet. Muitas vezes, os alunos não revelavam aos professores sobre a falta de condições de estudo e também com receio e vergonha de entrar em contato com os professores por considerar sinal de fracasso admitir que não está conseguindo estudar. Outro ponto destacado por uma professora foi a sensação de angústia por parte dos estudantes por vários motivos decorrentes dos impactos da pandemia: familiares com COVID-19 que foram à óbito; jovens meninas em atividades domésticas e em atividades “empreendedora” com as mães para ajudar na renda da família; sensação de fracasso, baixa produtividade e motivação em relação aos estudos; dentre outros.

Naquele início da pandemia, a demanda não era mais acerca da gravidez, maternidade e paternidade durante a vida escolar. Parecia impossível manter este foco, enquanto a escola clamava por parceria para tratar das vicissitudes pandêmicas que estavam nos atravessando e nos interpelando o tempo todo. Por outro lado, será que as

questões de gênero também não atravessavam de forma distinta nosso cotidiano pandêmico? Se na primeira fase da pesquisa, entre o rastreio e o toque, vislumbramos a diferença de gênero na experiência de nosso tema no cotidiano escolar, podemos afirmar que sim, as questões de gênero (não apenas raça, classe social, etc) marcou as diferentes experiências na pandemia.

A pandemia repercutiu significativamente na saúde mental dos trabalhadores, sobretudo mulheres, pois o acúmulo/sobrecarga de tarefas de trabalhos domésticos e atividades profissionais gera estresse, afetando a qualidade do sono e podendo acarretar em sintomas de ansiedade e depressão, dentre outros. Corroborando com isso, Souza, Dumont-Pena, Patrocínio (2022, p. 291-292) afirma:

Com respeito às condições de trabalho, a vulnerabilidade das mulheres se manifesta tanto no fato de elas serem a maioria entre trabalhadoras informais quanto pela sobrecarga de trabalho no ambiente doméstico no contexto de isolamento, o que faz com que estejam mais desamparadas economicamente ou exercendo trabalhos em piores condições.

Percebe-se assim a sobrecarga do gênero feminino decorrente da desigualdade de gênero na divisão de tarefas domésticas e também em tarefas relacionadas aos cuidados e assistência com filhos/filhas e idosos/idosas. Isso denota a divisão social do trabalho do cuidado, historicamente realizado por mulheres, principalmente negras e pobres, e pouco distribuído socialmente de modo equitativo (SOUZA, DUMONT-PENA, PATROCÍNIO, 2022). O cuidado relacionado à saúde revela a desigualdade de gênero no ambiente doméstico, com as mulheres expondo a sua saúde ao cuidar de pessoas doentes, infectadas com o vírus da COVID-19. O cuidado feminino com a criança nascida, delegada à mãe ou à avó materna, discutida na primeira fase, parecia se reproduzir em contexto pandêmico. Observa-se, assim, que as desigualdades de gênero revelam contornos específicos durante o período de pandemia, as quais têm acentuado os efeitos sobre os grupos mais vulneráveis.

A gravidez e a maternidade constituem-se como mais uma peça da desigualdade de gênero existente em nossa sociedade, com a responsabilização do gênero feminino pela gravidez ter ocorrido, havendo um apagamento da responsabilidade do pai bem como uma maior sobrecarga do gênero feminino nos cuidados com a criança. Assim, mesmo vivenciando um novo contexto e sem saber ao certo como daria prosseguimento ao

trabalho de campo no contexto de distanciamento social e de ensino remoto, com baixo acesso devido aos marcadores econômicos, as problematizações acerca do gênero continuavam a me inquietar.

A sensação de angústia também foi relatada por parte das/dos professores ao ouvir as dificuldades dos estudantes bem como a queixa das/dos profissionais de cansaço devido ao aumento de trabalho durante o período do ensino remoto. Além do trabalho pedagógico, as triplas jornadas de trabalho principalmente das mães professoras, cuidadoras de filhos, idosos, com múltiplas tarefas a serem realizadas ao mesmo tempo e no mesmo espaço, no caso, o doméstico devido ao período de distanciamento social decorrente da pandemia de COVID-19. Corroborando com o exposto acima, alguns professores relataram na reunião de planejamento para a roda de conversa sobre a experiências das aulas remotas:

Estamos fazendo uma redução de danos [...] Muitas angústias, sensação de fracasso [...] O público estudantil é muito precário, ele não diz porque é vergonhoso, é sinal de fracasso, fraqueza, admitir que não está conseguindo (Rita, Professora).

Eles (estudantes) têm tanto receio de entrar em contato com a gente (professores), pedem muitas desculpas. Muito desespero de meninas em atividades domésticas, atividades empreendedoras com as mães (Cátia, Professora).

Foi um semestre bem difícil. [Estamos] Tentando apagar incêndios (Raul, Professor).

Estou fatigada, acabada, desgastada emocionalmente e fisicamente [...] O aluno que só pode pegar o celular para estudar após às 22 horas da noite quando a mãe chega do trabalho. Você se angustia com o que ouve (Juliana, professora).

Também no encontro remoto com os Professores Diretores de Turma (PDT's), um professor ponderou que o diretor de turma estava sobrecarregado por ter que fazer esse acompanhamento dos alunos, relatando ter fornecido seu número de telefone para se

comunicar via *whatsapp* com alguns alunos durante o período de pandemia. Já outro docente afirmou que o trabalho do professor diretor de turma é difícil, porém gratificante.

Seguindo o ethos da cartografia, era preciso acompanhar os processos, não apenas no novo contexto remoto, mas com novas demandas, do cuidado com a saúde mental no contexto da COVID-19, que a escola nos convocava. Na roda de conversa remota com os estudantes, facilitada por mim e dois colegas da graduação em Psicologia da UFC, participaram quatorze estudantes do 3º ano do Ensino Médio, que apontaram algumas dificuldades desse momento de virtualização do ensino, tais como: angústias em torno da rotina de estudos no ambiente domiciliar, o acúmulo de tarefas domésticas somadas às atividades escolares e dificuldades em conectar à Internet por falta de acesso tecnológico. É importante salientar que a roda de conversa *on line* também ocorreu com dificuldades típicas das formas de intervenções virtuais que passaram a ser acessadas neste contexto, tais como: oscilações de conexão de Internet, dificuldade de fazer a fala circular entre os/as participantes, bem como de visualizar os/as falantes devido as câmeras desligadas, na maioria das vezes (MIRANDA *et al.*, 2021).

Mesmo assim, foi um momento de escuta e troca entre os estudantes, em que eles próprios deram dicas de como se adaptar ao isolamento. Na ocasião, foi reforçada a importância do coletivo, de pedir ajuda e a ideia de fazer o que é possível dentro do contexto que estávamos vivenciando da pandemia, reforçando o que se conseguiu fazer. Além disso, foi também um momento marcado por falas de saudade de estar presencialmente na escola. Uma estudante relatou que estava com saudades da rotina puxada de acordar cedo pra ir pra escola, pegar ônibus e voltar pra casa ao final do dia, cansada e afirmou nunca imaginar que fosse sentir saudades disso. Esse discurso de saudades do espaço físico da escola e das interações vivenciadas nesse espaço mostra o quanto a pandemia afetou o modo de se fazer escola, que passou a ser mediado exclusivamente por tecnologias nesse período.

Como não poderia deixar de ser, este novo contexto também produziu particularidades nessa nossa experiência de fazer pesquisa em tempos de pandemia, que serão relatadas no tópico a seguir.

3.2 Fazer pesquisa remota durante a pandemia e suas adversidades

Para discutir o processo da pesquisa COM adolescentes sobre maternidade e paternidade na adolescência no cotidiano escolar, faz-se necessário descortinar minimamente o que foi para nós construir uma cartografia no contexto de pandemia. É importante trazer para a cena a discussão sobre o processo de construção de uma pesquisa cartográfica que, a partir desse momento em que pretendia o pouso, passou a ser mediada exclusivamente pela internet, de modo remoto devido a pandemia da COVID-19.

Durante o segundo semestre de 2020 e primeiro semestre de 2021 constituímos um novo grupo de pesquisadores. Parte dos integrantes da UFC, seja da graduação ou da pós-graduação haviam se desligado, por terem se formado ou assumido novos compromissos acadêmicos. Outros estudantes da UFC se juntaram a nós. Para iniciar a segunda parte, visando o aprofundamento na temática, iríamos selecionar novos pesquisadores secundaristas, visto que as participantes²⁶ de 2019 já estavam ou fazendo ENEM ou já haviam se formado. Tínhamos agora a "novidade" do PIBIC-EM, que será tratado no próximo tópico. Era preciso constituir um novo coletivo, mas agora atravessados pelo distanciamento social.

A equipe de pesquisadores da UFC não conhecia pessoalmente os estudantes secundaristas. Até mesmo os próprios estudantes secundaristas não se conheciam, e passaram a se conhecer a partir da pesquisa PIBIC-EM. Não nos conhecíamos nem mesmo por imagem, foto, pois era comum alguns estudantes não ligarem as câmeras nas reuniões, pelos mais diversos motivos: porque não queriam, porque consumiria mais o pacote de dados da internet com a câmera ligada, porque não podiam naquele momento ligar a câmera por estarem na presença de outras pessoas, por estarem ocupados fazendo outra atividade ao mesmo tempo que estavam participando do encontro do grupo de pesquisa, como por exemplo, tarefa doméstica/cozinhar, como relatado por uma estudante. Para exemplificar as dificuldades das conexões virtuais, o relato de um bolsista foi escrito no chat: *“Gente, minha internet caiu e agora eu tenho que ficar na sala pra pegar o sinal da [Internet] do vizinho kk. Meus irmãos estão aqui, então vou ficar no chat”*.

Um dos estudantes bolsistas do PIBIC-EM não ligou a câmera nenhuma vez em todo o período de um ano da pesquisa. Só conhecemos esse estudante, primeiramente por

²⁶ Participantes do grupo “Hoje afetando o amanhã”, uma das equipes do curso Formação de Jovens Pesquisadores do cotidiano escolar, promovido por nós, enquanto coletivo “É da nossa escola que falamos”, conforme descrito no capítulo 2.

foto, no final da pesquisa, quando solicitamos a foto e a descrição de cada membro para fazer uma divulgação da pesquisa no instagram do “É da nossa escola que falamos” e, em seguida, no único encontro presencial do PIBIC-EM que ocorreu no final da pesquisa, em outubro de 2021, no qual ocorreu a entrega dos certificados dos participantes e a confraternização de encerramento da pesquisa.

Nos primeiros meses de encontros, os estudantes do PIBIC-EM selecionados não faltavam às reuniões, mas pouco falavam. Era muito comum o silêncio entre os participantes e não era tarefa fácil fazer a discussão fluir, tendo como intermediário uma tela de computador/celular, muitas vezes sem se ver nem pela câmera do dispositivo, ou nem mesmo ouvir quando o microfone não era ligado e a interação era feita somente pelo *chat* da plataforma *Meet*. A comunicação sem esses elementos visuais e auditivos ficava mais restrita, pois não havia a percepção dos elementos da comunicação não-verbal (gestos, expressões faciais, posturas, etc) que auxiliam na compreensão da mensagem. A respeito desse silêncio do grupo, um dos pesquisadores da UFC escreveu no diário de campo:

*Foi um encontro, de fato, que nos deslocou bastante nos movimentos que vínhamos trilhando, haja vista que **a pouca interação acaba nos fazendo refletir sobre, em alguma medida, não estarmos atingindo o plano comum, que baliza nossa pesquisa.** Esse encontro foi ainda desafiador pela quantidade de pessoas, uma vez que houve a ausência tanto de pessoas da UFC, como do [nome da escola]. Isso foi o pano de fundo para nos questionarmos sobre as metodologias utilizadas por nós, nos trazendo discussão, ao longo da semana, sobre outras estratégias que poderemos utilizar (DIÁRIO DE CAMPO PESQUISADOR DA UFC, 13/10/2020).*

É importante ser destacado também os desafios e peculiaridades de fazer pesquisa durante o distanciamento social decorrente da pandemia, na qual as famílias estavam em casa durante a maior parte do tempo, tendo que dividir o mesmo espaço e tempo para estudar, trabalhar, pesquisar, realizar atividades domésticas, maternar, ensinar os filhos que estavam em ensino remoto e necessitava de apoio durante as aulas, dentre outras. Era difícil delimitar a fronteira entre vida pessoal e profissional no espaço doméstico, que foi rapidamente transformado em local de trabalho, de estudo e de pesquisa, como demonstram estudos (ARAÚJO, LUA, 2021). Assim, durante os encontros virtuais da pesquisa, era comum ocorrer interferências típicas da vida do cotidiano em família, como

por exemplo: choro de criança (filhos, irmãos), dar atenção a algum familiar que solicitava ou que interrompia, latidos de cachorro, dentre outros.

O borramento de fronteiras entre a pesquisa e o cotidiano doméstico não afetava apenas os Bolsistas PIBIC-EM, mas a mim também. Por várias vezes, eu tinha que interromper minha fala, desligar o áudio e a câmera do computador durante os encontros virtuais para que eu pudesse dar atenção aos meus filhos quando vinham falar/interagir comigo, acalantar o choro e amamentar minha filha mais nova, que tinha apenas 1 ano e 10 meses, em setembro de 2020, quando iniciamos os encontros semanais do PIBIC-EM. Quando essas interrupções aconteciam, o grupo dava seguimento ao encontro e continuava a discussão.

Nesse período pandêmico não era possível a ajuda da rede de apoio de avós/avôs e da escola, de forma presencial, para cuidar das crianças enquanto os pais/mães trabalhavam e estudavam devido ao distanciamento social, estratégia para impedir a disseminação do vírus da COVID-19. Assim, as crianças estavam em casa somente comigo e me fizeram companhia nas reuniões virtuais, como se observa na foto abaixo (borrada para não identificar os estudantes secundaristas):



Figura 19: Print da gravação de um encontro virtual da equipe de pesquisadores do PIBIC-EM realizado em dezembro de 2020.

Nos primeiros encontros virtuais do PIBIC-EM, eu desligava a câmera do computador para que a imagem dos meus filhos não dispersasse a atenção do grupo, pois tinha receio disso atrapalhar a reunião. Com o passar do tempo, fui entendendo e aceitando que o espaço de casa era também das crianças, onde elas se sentiam à vontade

para transitar livremente e eu não iria tolhê-las quanto a isso. Questionei-me: como a presença das crianças iria atrapalhar a pesquisa se ela aborda justamente a maternidade e paternidade e sua relação com o contexto escolar/estudos? Impossível não pensar no conceito de análise de implicação de Lourau (2004): Estava sendo objetivada por aquilo que pretendia objetivar. Percebi a implicação da pesquisadora escancarada na vida real de mãe e estudante de pós-graduação, nessas cenas enunciativas da presença das crianças nos encontros de pesquisa.

Eram muitos desafios vividos concomitante ao medo de se infectar com o vírus da COVID-19 e suas possíveis consequências como, por exemplo, a morte, considerando que naquele momento ainda não tínhamos vacina. Seguindo o lema de “um dia de cada vez”, esses desafios eram encarados e, alguns superados, principalmente pela ajuda do coletivo “É da nossa escola que falamos”. A minha experiência de realizar pesquisa de modo remoto foi possível graças à rede de apoio desse grupo. Desde o primeiro momento de rastreio no curso de formação, contei com essa ajuda que continuou no pouso, no PIBIC-EM. Fazer pesquisa atravessada pela pandemia com o auxílio desse coletivo potente e forte, tornou possível e mais leve o que parecia impossível e pesado dadas as circunstâncias vividas com a pandemia da COVID-19.

Esse suporte foi de significativa importância no momento do distanciamento social, poder sentir a presença (mesmo que virtual) dos colegas do grupo, apesar da distância física real e fazer a pesquisa acontecer mesmo de modo remoto, dentro do que era possível naquele momento. Contar com a compreensão e empatia do grupo me ajudou a reconsiderar a ideia concebida por mim com a experiência do Mestrado de que o período da pesquisa e da escrita da dissertação, após as disciplinas cursadas com a turma, era solitário²⁷. No Doutorado, estava sendo diferente, não me senti sozinha em nenhum momento da pesquisa, apesar da pandemia.

Ressalto sobre “o fazer o que era possível no contexto de pandemia de COVID-19”, pois sua emergência afetou diretamente as pesquisas e a ciência no Brasil. Uma pesquisa realizada pelo movimento *Parent in Science* (2020) intitulada “Produtividade acadêmica durante a pandemia: efeitos de gênero, raça e parentalidade”, mostrou que, em

²⁷ Dissertação intitulada “Obesidade em discurso: cenas do grupo terapêutico com pacientes diagnosticados obesos em um hospital público de Fortaleza-CE”, pesquisa na qual acompanhei um grupo terapêutico de pacientes obesos do pré e pós-operatório da cirurgia bariátrica, conduzido pela psicóloga hospitalar, porém de modo solitário, sem a participação de colegas de grupo de pesquisa.

relação às(aos) alunas(os) de Pós-graduação que estão conseguindo trabalhar remotamente, 36,4 % de homens afirmaram que estão conseguindo enquanto apenas 27% de mulheres conseguem o mesmo. Quando se relaciona do efeito gênero e parentalidade, 41,1% de homens sem filhos e 20,6% de homens com filhos, conseguem trabalhar remotamente, enquanto 34,1% de mulheres sem filhos, 11% de mulheres com filhos conseguem o mesmo. Quando se relaciona o efeito da raça e da parentalidade, o número de mulheres negras com filhos que conseguem trabalhar remotamente é ainda menor 9,9%, enquanto 11,6% das mulheres brancas com filhos conseguem. Em relação aos homens negros com filhos, 18% conseguem trabalhar remotamente e 22,3% de homens brancos conseguem.

E assim, considerando o que era possível de se fazer naquele momento de pandemia, enveredamos pela pesquisa remota e contamos com o apoio importantíssimo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-EM) que será abordado a seguir.

3.3 O pouso: grupo de pesquisa formado com secundaristas bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-EM).

Concomitante ao período do fechamento das escolas devido a pandemia, o que constituía uma grande lacuna e desafio para a pesquisa, surgiu o edital nº 02/2020 Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Para o Ensino Médio – PIBIC-EM 2020/2021, com a abertura de inscrição para o processo de seleção para participação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Para o Ensino Médio, firmado, mediante convênio, entre a UFC, representada pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação - PRPPG, e o CNPq.

Decidimos submeter o projeto de pesquisa para essa seleção para concorrer a bolsa do PIBIC-EM, tendo em vista que a proposta do referido programa é voltada para estudantes da rede pública do ensino médio, que, sob a orientação de docente com vínculo permanente na UFC, desenvolvem atividades de pesquisa. Assim, a presente pesquisa de doutorado, que tem como proposição a pesquisa COM adolescentes e não do pesquisar sobre adolescentes, se identifica com o referido programa.

Segundo a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, responsável pelo Programa, os objetivos do PIBIC-EM são:

1º) Fortalecer o processo de disseminação das informações e conhecimentos científicos e tecnológicos básicos aos estudantes do ensino médio da rede pública.

2º) Desenvolver atitudes, habilidades e valores necessários à educação científica e tecnológica dos estudantes.

3º) Identificar e formar estudantes do ensino médio da rede pública, com vocação para a pesquisa.

4º) Proporcionar uma maior interação entre a Universidade e a escola pública.

(EDITAL Nº2/2020 - PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA PARA O ENSINO MÉDIO PIBIC-EM, p. 01).

Nesse sentido, o PIBIC-EM se configurou como um dispositivo importante na construção desta pesquisa. O objetivo da pesquisa aprovada pelo edital nº2/2020 PIBIC-EM da PRPPG era investigar como a comunidade escolar (estudante, ex-aluno/a, professor/a, pais/responsáveis, gestão e demais funcionário/a/s de uma escola pública estadual localizada em Fortaleza-CE lida com a maternidade e paternidade de adolescentes estudantes do Ensino Médio.

Inicialmente, nosso projeto de pesquisa foi contemplado com duas bolsas pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFC, sendo uma bolsa remunerada no valor de cem reais por mês e uma bolsa voluntária, ambas com vigência de doze meses, de agosto de 2020 a julho de 2021.

Em agosto de 2020, vivendo ainda sem vacina, realizamos a seleção de dois bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio (PIBIC-EM) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que tivessem interesse em ser agentes ativos e participativos na construção da presente pesquisa de Doutorado. O perfil do bolsista para a indicação da bolsa era: cursar o 1º ano ou o 2º ano do ensino médio e ter interesse em pesquisar sobre a temática de maternidade e paternidade na adolescência. Estudantes do 3º ano não poderiam se candidatar à bolsa, tendo em vista que a duração da bolsa era de um ano, a partir de agosto de 2020 e, no ano seguinte, esse estudante do 3º ano não seria mais aluno/a/e da escola e, portanto, teria que devolver a bolsa.

É importante ressaltar que, assim como ocorreu no primeiro momento narrado no capítulo anterior, durante todo o processo de pesquisa do PIBIC-EM, desde o processo seletivo para bolsista PIBIC-EM até a conclusão da realização da pesquisa, tivemos a

parceria e o apoio da escola, que se consolidava a cada reunião com a equipe gestora para apresentar a proposta de pesquisa, e, assim, garantir a adesão da comunidade escolar e obter o apoio na divulgação da pesquisa.

O processo seletivo, assim como toda a pesquisa PIBIC-EM, foi realizada totalmente de modo virtual devido ao contexto da pandemia da COVID-19. Foi divulgado no instagram da escola Potência e do projeto de extensão (@edanossaescola), o cartaz abaixo com a chamada: “Quer ser bolsista de pesquisa na escola? Essa é sua oportunidade!”



Figura 20: Cartaz de divulgação da seleção dos bolsistas

A seleção foi realizada em duas fases. A primeira consistiu na inscrição através de um formulário eletrônico divulgado na página do instagram da escola que ficou disponível para preenchimento durante quatro dias. Obtivemos vinte (20) inscrições, sendo doze (12) do gênero feminino, seis (6) do gênero masculino, um (1) agênero, e um que preferiu não informar o gênero. O formulário de inscrição era composto por perguntas sobre dados gerais pessoais (nome, idade, gênero, série/turma, turno, contato, etc) e duas perguntas qualitativas, que eram: 1) Por quê o estudante se interessava em pesquisar sobre experiências de maternidade e paternidade na adolescência e a vida escolar e os motivos de se candidatar a bolsa; 2) Quais as expectativas do estudante em relação a oportunidade de ser bolsista PIBIC-EM e pesquisar sobre essa temática de maternidade e paternidade na adolescência.

Nessa primeira fase da seleção, já podemos perceber que alguns resultados discutidos na parte 1 da pesquisa (do Hoje afetando o amanhã) também surgiram como pontos de interesse, tais como: preconceito com a menina que engravida; importância da educação sexual dada pelos pais dos/as jovens e pela escola para diminuição da gravidez na adolescência e a relevância de cuidar da saúde mental das adolescentes que engravidam, agora agravadas com o contexto pandêmico, no qual a saúde mental e o tema de suicídio emergiram com maior intensidade, como observado no trecho a seguir:

Apesar de ser um assunto muito falado por todos, a maternidade e a paternidade na adolescência não são assuntos tão discutidos quanto deveriam. Hoje em dia o nível de conhecimento dos jovens, tanto sobre prevenção quanto sobre a gestação, é maior que o de adolescentes de 15 anos atrás. Porém, ainda assim, é um assunto que necessita ser discutido em ambiente escolar, pois muitos adolescentes entram em depressão e até mesmo cometem suicídio por não saberem como lidar com o assunto. (RESPOSTA DA FICHA DE INSCRIÇÃO DE UM CANDIDATO À BOLSA PIBIC EM).

Estávamos curiosos para como seria o "encontro" com as/os candidatas/os. Nessa primeira fase de preenchimento do formulário de inscrição, o interesse de pesquisa pelo tema da maternidade e paternidade na adolescência surge materializado por experiências pessoais diversas relatadas pelos candidatos/as como: serem fruto de uma gravidez na adolescência; terem experienciado a ausência paterna durante a sua criação/desenvolvimento como filho/a; terem tido amigas que engravidaram na adolescência, inclusive da mesma sala de aula, e terem sido rede de apoio para elas; terem vivenciado uma experiência nomeada pelos estudantes de “quase paternidade”, ou seja, pensavam que iriam ser pais.

Em relação a expectativa da bolsa PIBIC-EM, os/as candidatos/as listaram os seguintes aspectos: compreender melhor o fenômeno da gravidez na adolescência (causa, consequências, impacto sobre a vida escolar etc) e poder ajudar meninas que estão grávidas; interesse em cursar psicologia; relevância do tema muito presente em várias realidades e que preocupa os adolescentes; ajudar na diminuição da evasão escolar, dentre outros.

Após a análise das inscrições, formamos um grupo de *WhatsApp* como ferramenta de comunicação com os/as estudantes inscritos. No grupo do *Whatsapp*, realizamos o seguinte passo-a-passo de preparação para a seleção de bolsistas: 1) Demos as boas vindas aos estudantes; 2) Apresentamos a comissão de seleção formada pelos estudantes da graduação e da pós-graduação em psicologia da UFC; 3) Indagamos se os estudantes tinham facilidade de acesso a plataforma *google meet*, ferramenta por meio da qual seria realizada a seleção; 4) Repassamos as datas e horários das reuniões das entrevistas no *Meet* bem como verificamos as disponibilidades dos candidatos; 5) Solicitamos aos estudantes para selecionar ao se apresentar, no dia da seleção, materialidades/conteúdos de sua própria autoria ou encontrada em outras fontes diversas, tais como: imagens, notícias, contos, vídeos, poesia, música, texto, etc., acerca da gravidez, da maternidade e da paternidade na adolescência.

Como segunda fase da seleção, no início de setembro de 2020, realizamos seis entrevistas grupais por meio da plataforma de reuniões online *Google Meet*, sendo cada encontro com duração de duas horas e composto por, no mínimo, três membros da comissão de seleção e três estudantes secundaristas candidatos à bolsa. Cada encontro seguiu o seguinte roteiro: 1) Breve apresentação dos membros da comissão de seleção e dos objetivos do projeto de pesquisa “Experiências de maternidade e paternidade de jovens estudantes da escola pública e suas repercussões na vida escolar”; 2) Apresentação dos/das/des estudantes secundaristas (nome, características pessoais, hobbies), o que mais gostavam na escola onde estudavam, qual a concepção deles sobre pesquisa, expectativas sobre como poderiam contribuir com o PIBIC-EM; 3) Apresentação da materialidade selecionada pelos candidatos que tinha sido solicitada previamente no grupo de *whatsapp*, enfatizando o por quê escolheu essa materialidade e como essa materialidade mobilizou e afetou o estudante secundarista).

Assim como a discussão de Spink (2003) no capítulo anterior, percebe-se que a pesquisa do PIBIC-EM já se iniciou na própria seleção dos bolsistas, tendo em vista a riqueza de material debatido na seleção. Nessa apresentação das materialidades, surgiu a implicação de uma estudante com a temática por ter sido fruto de uma gravidez na adolescência (sua mãe engravidou aos 14 anos), e que ressaltou a importância da educação sexual e do diálogo sobre sexualidade na família para prevenir abusos sexuais e também gravidez precoce.

Outra implicação da temática de pesquisa (maternidade e paternidade na adolescência) com a história de vida de um estudante candidato à bolsa, Levi²⁸, foi materializada por meio de um texto de autoria própria, resgatando a lembrança de uma prima, de nome fictício Marina, com quem brincava nas férias quando viajava para o interior e que engravidou aos 13 anos. Levi ressaltou que esse não era um caso isolado que ele conhecia e teceu relações entre gravidez na adolescência, questões de gênero, raça e socioeconômicas, trazendo ao debate o combate à violência contra a mulher e ao racismo e o direito de acesso à educação superior, como mostra o trecho a seguir:

Não sei exatamente por que estou te contando essa história, mas sei que Marina não é a única pessoa que no início da vida gerou outra que você conhece. Eu conheço outras também. Minha tia. O irmão do meu amigo. As primas da minha amiga (que não tiveram um final feliz, e eu espero que Marina não tenha ido para o mesmo lugar). Muita gente. Eu não sei se elas chegaram a aprender a dividir frações, mas sei que aprenderam a trocar fraldas e a decifrar o que um ser que não sabe falar está querendo dizer. Eu queria que todas as Marinas chegassem à universidade. Queria que todas elas tivessem uma vida feliz e não fossem constantemente vítimas de violência verbal, física e sexual. Queria que elas não ficassem à margem da sociedade, sendo espremidas ainda mais se acontecesse do seu tom de pele ser escuro. Queria que todas as Marinas tivessem uma chance.
(MATERIALIDADE DO CANDIDATO LEVI À BOLSA PIBIC-EM)

Levi, numa forma poética e testemunhal, traz à tona várias adversidades que marca o corpo da mulher, sobretudo negra e periférica, quando engravidada na adolescência.

Outro candidato, durante a apresentação da materialidade, trouxe para a discussão a responsabilidade do Estado de atuar na criação de programas e ações para abordar o tema da gravidez na adolescência e comentou sobre a proposta de abstinência sexual da ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Regina Alves na época, que ia contra pesquisas que ressaltam a importância da educação sexual e da abordagem direta do tema com o público jovem²⁹. O estudante ressaltou a responsabilidade do

²⁸ Nome fictício escolhido pelo próprio estudante que, posteriormente, se tornou um dos bolsistas PIBIC Ensino Médio.

²⁹ Na reportagem intitulada “‘Tudo tem seu tempo’, prega campanha de Damares por abstinência sexual”, a ministra Damares Silva afirma: “A proposta de retardar a medida da iniciação sexual é o novo, é a nova

Estado, tendo em vista a gravidez na adolescência ser uma das principais causas de evasão escolar, apontando-a como um problema social, não individual, impactando na realidade dos jovens.

Outra estudante candidata a bolsa PIBIC EM produziu a figura abaixo, de sua própria autoria, tendo em vista não ter encontrado nenhuma figura que expressasse a ideia que queria transmitir a respeito do julgamento e a pressão que a adolescente sofre quando engravidada “cedo” e se torna mãe solteira.



Figura 21: Figura de materialidade sobre maternidade e paternidade na adolescência produzida pela candidata a bolsa PIBIC-EM

Segundo a estudante, a figura ilustra o sofrimento que a mãe, que já vai ter tantas dificuldades e preocupações durante a gravidez, passa com esses comentários e a falta de apoio da família. De acordo com a estudante, esses comentários retratados na figura acima são comuns de serem falados, principalmente por pessoas de gerações mais antigas. A aluna também acrescentou que a maternidade e a paternidade durante a adolescência pode ser uma escolha dos jovens, que planeja e deseja ter um filho nessa fase da vida, não devendo ser isso julgado como errado.

Percebe-se assim que, durante o processo seletivo, desde o momento inicial do preenchimento da ficha de inscrição até o momento final da seleção que foram as entrevistas e apresentações das materialidades, já foram produzidos dados de pesquisa.

proposta”. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/tudo-tem-seu-tempo-prega-campanha-de-damares-por-abstinencia-sexual/>

A comissão de seleção dos bolsistas PIBIC-EM formada por estudantes da graduação e pós-graduação Psicologia da UFC, membros do grupo de extensão “É da nossa escola que falamos”, utilizou os seguintes critérios para escolha dos bolsistas: proatividade, iniciativa e desenvoltura na apresentação das materialidades. O grupo decidiu escolher um estudante do gênero feminino, um do gênero masculino e um agênero, tendo em vista que a questão de gênero é transversal a toda a pesquisa.

A equipe de pesquisa do PIBIC Ensino Médio era formada por cinco estudantes da graduação em Psicologia da UFC, três estudantes da Pós-graduação em Psicologia da UFC (Mestrado e Doutorado) e quatro estudantes do Ensino Médio, sendo dois bolsistas remunerados e dois voluntários, tendo em vista termos recebido mais uma bolsa remunerada após a seleção. Três estudantes (dois bolsistas e um voluntário) participaram de toda a pesquisa do PIBIC Ensino Médio cuja duração foi de um ano (setembro 2020 a agosto 2021) e uma estudante voluntária participou por seis meses e, em seguida, saiu da pesquisa para se dedicar exclusivamente aos estudos do 3º ano do Ensino Médio. Também foi disponibilizado aos demais candidatos que não foram contemplados à bolsa, participarem como voluntários e assim tivemos a contribuição de mais dois estudantes nos encontros do PIBIC-EM, apesar de ter sido apenas por alguns encontros iniciais. Todos/todas foram cadastradas no Projeto de Extensão “É da nossa escola que falamos”.

3.4 Apresentação dos/das bolsistas PIBIC Ensino Médio

O perfil dos quatro estudantes bolsistas no início da pesquisa em setembro de 2020, eram: tinham 16 anos; três estudantes cursavam o 2º ano do Ensino Médio e uma cursava o 1º ano de ensino médio; uma estudava no turno da manhã e três no turno da tarde; duas estudantes eram do gênero feminino, um estudante do gênero masculino e um estudante era agênero.

A pedido da pesquisadora da tese, cada um escolheu um nome fictício, pelos quais serão chamados nesta pesquisa, com o objetivo de resguardar o sigilo dos bolsistas PIBIC EM: Levi, Bruno, Bia e Daniela. Levi e Bia foram bolsistas remunerados durante um ano de pesquisa (de agosto/2020 a agosto/2021) e Daniela e Bruno foram voluntários da pesquisa, porém Daniela permaneceu por apenas seis meses, enquanto Bruno participou de toda a pesquisa PIBIC-EM com duração de um ano. Também tivemos a participação

breve de um estudante voluntário que chamaremos de Paulo, porém ele só esteve presente em alguns encontros iniciais.

A seguir, será feita uma breve apresentação de cada um, que foi feita por eles no momento da entrevista de seleção do PIBIC-EM bem como no preenchimento do formulário de inscrição da seleção quando indagado sobre o porquê se interessava em pesquisar sobre experiências de maternidade e paternidade na adolescência e a vida escolar.

Levi, estudante do 2º ano, afirmou gostar de ler, relatou que o lugar preferido dele na escola onde estuda era a biblioteca; considera-se uma pessoa curiosa, tem interesse em pesquisa de campo e identifica-se como pessoa não binária/agênero.

Primeiramente, meu nome social é Levi, então, se possível, gostaria de ser tratado assim. Bem, eu sou uma pessoa relativamente tímida, mas falo bastante. Um ponto que me fez criar coragem de me inscrever [na seleção] foi o envolvimento com acadêmicos de psicologia, já que é o curso que eu sonho em fazer, ainda mais no campo de pesquisa. Ter certa experiência antes da graduação seria incrível. (LEVI, RESPOSTA NO FORMULÁRIO DE SELEÇÃO)

Bruno, estudante do 2º ano, relatou gostar de ler bastante, inclusive Filosofia e de elaborar ideias de como repassar conteúdos de filosofia de forma mais dinâmica e lúdica. O estudante citou que o que mais gosta da escola onde estuda é a valorização das diferenças e a importância com que trata a diversidade.

Meu nome é Bruno e curso o 2º ano do ensino médio no Colégio [Potência]. Tenho por objetivo fazer faculdade de Filosofia e creio que participar desse projeto de pesquisa me ajudaria bastante no meu propósito, pois me faria ter contato com pessoas de diversas realidades. Tenho interesse em pesquisar sobre o tema [m(p)aternidade na adolescência], pois considero algo muito presente no âmbito escolar, porém pouco discutido. Trata-se de um assunto, onde o preconceito ainda está muito presente, sendo considerado um dos principais responsáveis pela evasão escolar, que afastam cada vez mais os adolescentes da escola. É uma pesquisa que dá voz para especialistas e estudantes nesse caso é essencial. (BRUNO, RESPOSTA NO FORMULÁRIO DE SELEÇÃO)

Bia, estudante do 1º ano, apontou que o lugar preferido da escola onde estuda é o jardim porque se sente “mais viva” (*sic*), afirmou gostar do acolhimento da escola, de estar com a irmã e a avó, considera-se uma pessoa simpática e ressaltou a importância da educação sexual para evitar abusos sexuais e gravidez precoce. Escreveu ter interesse em pesquisar sobre a temática, pois sua mãe engravidou na adolescência e não teve apoio, conforme relato a seguir:

Minha mãe engravidou na adolescência, foi mãe solo a adolescência dela inteira. A maternidade dela não foi uma das melhores, por isso tenho muito interesse em pesquisar e saber mais sobre esse assunto (BIA, RESPOSTA NO FORMULÁRIO DE SELEÇÃO)

Daniela, estudante do 2º ano, afirmou ser esforçada, gostar de aprender, de estudar matemática, de tocar flauta e o que mais gostava da escola onde estuda eram os professores, que são muito bons. Em relação ao interesse em pesquisar sobre m(p)aternidade na adolescência afirmou:

Acho muito interessante pais adolescentes que conseguem estudar/trabalhar e ainda assim cuidar de uma criança. São muitos desafios e essa temática [m(p)aternidade na adolescência] ainda é muito rejeitada e mal vista por parte da população por acreditar que a gravidez na adolescência é um "erro". Pesquisar sobre esse assunto pode ajudar bastante esses pais e também que possamos ver que a gravidez nessa idade não tem somente pontos negativos, mas também vários benefícios na vida da criança e na profissão dos pais. [...] Ver o anúncio [da seleção] me interessou bastante, pois as pessoas falam muito pouco sobre isso, visto que pode ser considerado um "tabu" pela sociedade. Ao invés de culparmos os pais e avós, acredito que na pesquisa possamos entender melhor a situação dessas famílias e como elas conseguem criar um bebê mesmo tão novos (DANIELA, RESPOSTA NO FORMULÁRIO DE SELEÇÃO).

Daniela comentou que já acompanhou amigas para comprar teste de gravidez na farmácia para ver se a amiga estava grávida e teceu reflexões sobre a perspectiva de que jovens podem querer e planejar ter filhos durante a adolescência, e que isso não é errado, apesar do julgamento de algumas pessoas.

Paulo, estudante do 2º ano, afirmou que o que mais gosta na escola são as relações sociais, a diversidade da escola, os vários tipos de pessoas que tem lá. A respeito do interesse no tema de pesquisa afirmou:

Gostaria de buscar entender como esse fato atinge a vida desses estudantes que estão passando por esse caso, como fica a sua saúde psíquica e como isso pode influenciar no ambiente escolar, familiar e social (Paulo, Resposta no formulário de seleção).

No tópico a seguir, iremos discutir sobre os temas debatidos nos encontros do grupo de pesquisa do PIBIC -EM.

3.5 Encontros da equipe PIBIC-EM: Construindo um PesquisarCOM no Contexto da pandemia

A pesquisa foi realizada entre setembro de 2020 e setembro de 2021. Devido a pandemia da COVID-19 e as medidas de distanciamento social para conter a disseminação do vírus, os encontros eram realizados de modo remoto por meio de ferramentas tecnológicas (computador, celulares, etc) utilizando a plataforma google meet. Foi um desafio significativo construir um coletivo no qual muitos não se conheciam pessoalmente: nem entre os próprios estudantes de graduação e pós-graduação da UFC, tendo em vista que entraram no grupo de pesquisa “É da nossa escola” durante a pandemia, nem entre os estudantes da UFC e da escola *Potência*, que realizaram a pesquisa do começo ao fim de modo remoto.

Diante desse contexto, como criar um coletivo disposto a pesquisar juntos, com o compromisso e interesse, apesar dos obstáculos de uma pesquisa virtual? Utilizamos ferramentas tecnológicas de comunicação como whatsapp e salas virtuais na plataforma *Google Meet*, que era o possível naquele contexto de pandemia. Buscamos diversificar estratégias para tornar o ambiente virtual mais interativo e atenuar um pouco as barreiras

e a distância que o remoto apresentava, utilizando-se de ferramentas como Google Jamboard, nuvens de palavras, chamadas de vídeo no whatsapp, software Atlas ti, etc.

A equipe de pesquisa organizou um cronograma para as reuniões até o final de 2020 que foi organizado em quatro módulos, sendo três módulos previamente estruturados e um não estruturado: 1) Noções e Definições de Pesquisa; 2) Conceitos de Maternidade e Paternidade e Gravidez na Adolescência no Cotidiano Escolar; 3) Análise das Categorias³⁰ de “Gênero, Sexualidade e Gravidez na Adolescência” utilizando a ferramenta Atlas Ti e 4) Outros encaminhamentos (módulo aberto para planejamentos/encaminhamentos ao longo da pesquisa).

Esse cronograma foi apresentado para a equipe do PIBIC-EM para aprovação e sugestão de mudanças para que a pesquisa fosse planejada de modo coletivo, ressaltando a riqueza e o diferencial dela que é o pesquisarCOM jovens e a descolonização do saber (APPADURAI, 2006). Inclusive, foi sugerido por uma estudante secundarista, como atividade³¹ para compor o módulo de encaminhamentos do cronograma, que a mãe dessa estudante desse o relato dela no grupo por ter sido mãe na adolescência e, logo em seguida, outro estudante também sugeriu o relato de sua tia que engravidou na adolescência e que foi ex-aluna da escola *Potência*.

Foram realizados no total quarenta e nove encontros³², sendo quarenta e oito destes, via plataforma *Google Meet* com duração de uma hora e trinta minutos cada e um encontro presencial realizado no pátio da Escola *Potência*, no qual os membros da equipe PIBIC-EM finalmente se conheceram pessoalmente. O planejamento desses encontros online foi organizado de modo a abranger: a formação do pesquisador que incluiu a discussão de definições de pesquisa, etapas, métodos e instrumentos de pesquisa; discussões teóricas e vivências acerca da temática de Maternidade e Paternidade e Gravidez na Adolescência no Cotidiano Escolar; definição dos objetivos, dos participantes da pesquisa (alunos, professores, pais de alunos, etc), elaboração do instrumento (formulário online), estratégias de divulgação da investigação na escola.

³⁰ As categorias são referentes a análise da pesquisa “O hoje afetando o amanhã” com o objetivo de apresentar o software Atlas Ti para o grupo de pesquisa PIBIC EM, pois essa ferramenta será utilizada na pesquisa.

³¹ Essa atividade foi realizada pelos secundaristas em formato de entrevista com as pessoas sugeridas por eles que engravidaram na adolescência.

³² A tabela com o número de encontros, metodologias e temáticas podem ser identificados no Apêndice C desta tese.

No primeiro encontro, houve a apresentação da equipe da UFC e dos secundaristas e ficou acordado que os encontros seriam às terças-feiras de 17h30 às 19h, tendo em vista a disponibilidade do grupo bem como um horário viável tanto para estudantes secundaristas que estudavam no turno da manhã quanto da tarde. Na ocasião, também foi apresentado de um modo geral sobre o curso de formação de jovens pesquisadores do cotidiano escolar realizado de março a julho de 2019 na escola *Potência*, que foi uma ação do projeto de extensão “É da nossa escola que falamos”, já citado anteriormente.

Solicitamos a autorização para a gravação dos encontros via plataforma google meet para os fins de pesquisa, sendo respeitada a ética na pesquisa e o resguardo do sigilo dos participantes. Foi explicado também sobre o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)³³ e o termo de assentimento³⁴ do Código de Ética em Pesquisa, pois, por se tratarem de menores de idade, foi necessária a autorização dos pais/responsáveis dos estudantes secundaristas para a participação na pesquisa PIBIC-EM. Colocamos-nos à disposição para sanar dúvidas dos adolescentes bem como dos pais/mães/responsáveis sobre a pesquisa.

Diante do contexto da pandemia, o software Atlas Ti se constituiu como uma ferramenta potente para evocar a participação dos/das envolvidos/as. O software Atlas Ti (SILVA JÚNIOR; LEÃO, 2018) é uma ferramenta de análise de dados qualitativos que auxilia o pesquisador no processo de organização da análise dos dados, porém o software não faz a análise sozinho. As inferências e categorizações devem ser feitas pelo/a pesquisador/a, suportado pela sua base teórica. Dentre outras possibilidades, ele possui o recurso de criar um mapa mental digital para tornar a análise qualitativa mais aprofundada. Esse software permite organizar os analisadores na produção discursiva da investigação realizada.

Um dos primeiros pontos de discussão no grupo foi sobre a definição de pesquisa. Propomos uma tempestade de ideias sobre o que é pesquisa para os participantes. A partir das respostas de cada integrante, foram escolhidas palavras-chave que foram registradas numa teia que denominamos mapa mental. O mapa mental, elaborado com o auxílio do software Atlas Ti, foi uma estratégia para criar um plano comum e a cartografia é o acompanhamento do traçado desse plano ou das linhas que o compõem numa rede

³³ O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) utilizado nesta pesquisa consta no Anexo A.

³⁴ O Termo de Assentimento consta no Anexo B.

transversal (PASSOS; BARROS, 2012). A figura a seguir mostra o mapa mental de definição de pesquisa:

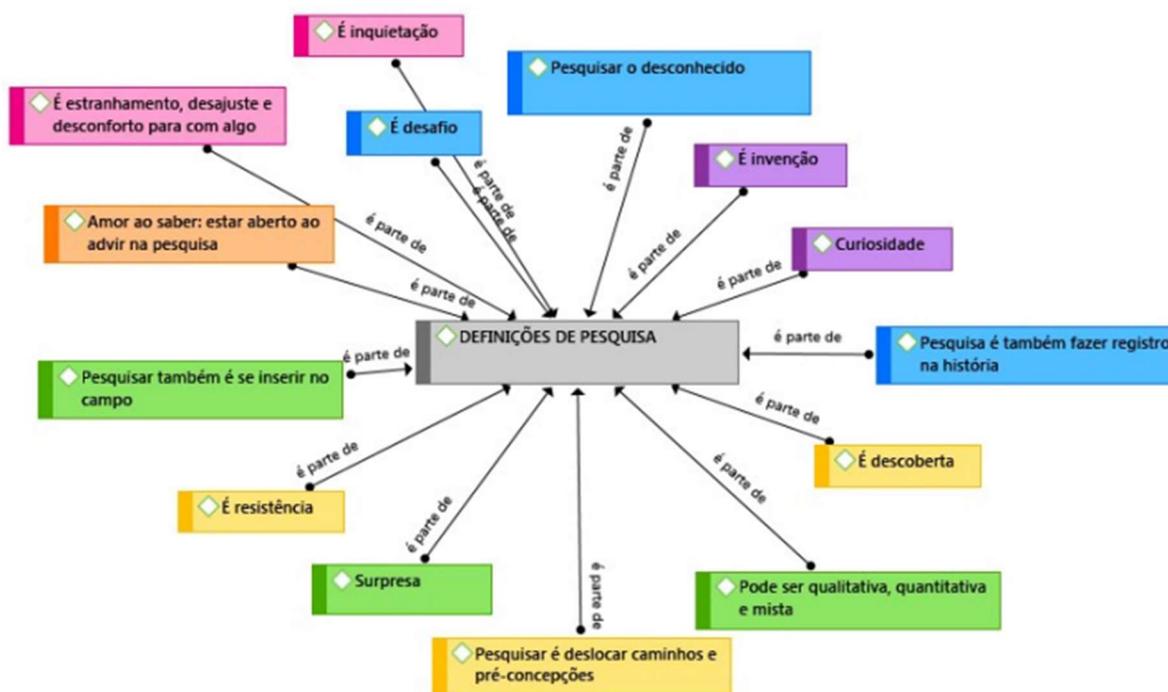


Figura 22: Mapa mental de definição de pesquisa (produzido no encontro do dia 29/09/2020)

Surgiram definições como: a pesquisa é amor ao saber, é descoberta, curiosidade, desafio, inquietação, é invenção, resistência, é se inserir no campo, é fazer registro na história, pode ser qualitativa, quantitativa, mista, pesquisa de campo, bibliográfica, exploratória e etc, como demonstra as falas abaixo:

Pesquisa pra mim mexe muito com a curiosidade...você tenta descobrir o que de fato acontece...quais são os meios...nunca é o óbvio...sempre tem algo a mais (Paulo, estudante voluntário, grifos nossos).

Pesquisa para mim é a descoberta de novos conhecimentos, é descobrir o novo sempre (Bia, bolsista PIBIC-EM, grifos nossos).

Quando eu penso na pesquisa, eu penso na mão na massa, na pesquisa mais ativa, e quando eu tava pesquisando sobre o curso de antropologia, que eu queria fazer né e tal, aí eu descobri que tem muito esse negócio de pesquisa de campo e tal, o pesquisador se insere no meio ali social pra estudar e tal, eu acho que

pesquisa de campo é mais quando o pesquisador se insere naquele contexto pra ele ter uma experiência melhor, uma propriedade melhor pra falar sobre as coisas. Eu acho que é isso, não sei, mas pode ser que seja (Levi, bolsista PIBIC-EM, grifos nossos).

*Eu achei interessante a fala da Mayara quando ela falou que **a pesquisa produz esses deslocamentos, caminhos**. Para além do deslocamento mesmo concreto... Tenho uma lembrança de uma colega que ela veio fazer Mestrado aqui em Fortaleza e ela é do Pará. Ela disse: “Olha o que essa pesquisa já fez com a minha vida? Me fez sair do Pará”. Um deslocamento para além de geográfico, ela trouxe esse deslocamento também no sentido de, **muitas vezes, eu tenho que desaprender sobre aquele objeto que eu quero pesquisar, eu devo ter alguma primeira impressão dele, alguma primeira hipótese, mas eu tenho que um pouco, esvaziar esse meu copo, de que eu acho que eu tenho esse meu conhecimento, essa informação sobre isso e me abrir pro novo. Esses des-caminhos, esses caminhos, esses deslocamentos produzidos também são deslocamentos de percepção de mundo, de concepções que a gente tem pré-concebidas muitas vezes e aí, através da pesquisa, vai descobrindo esse novo, podendo reaprender, aprender de outras maneiras e desaprender também que é o mais difícil, a gente abrir mão do que a gente sabe pro novo né, pra tá pronto pra o que vai vir (Shirley, grifos nossos).***

É interessante notar a palavra descaminho, do verbo descaminhar, que no dicionário Dicio (2009) tem os significados de extravio, desvio. Metaforicamente, pode se associar a ação de pesquisar à se perder ou se desviar no caminho, aventurando-se em novas rotas ao se deixar conduzir pelo desenrolar dos fios, do novelo de lã que é a processualidade da pesquisa, tecida à várias mãos no pesquisarCOM. Nesses caminhos, a paisagem muda a cada momento, não sendo portanto, estática. Estávamos vivenciando um descaminho em última potência, visto todos os desafios de construí-la no contexto de pandemia e de distanciamento social.

A cartografia se caracteriza por esses desvios no modo de produzir conhecimento, que se produz na experiência, na vivência, nas percepções, afetos e sensações do cartógrafo, percebidas na relação com o que se está estudando. Assim, na cartografia, há um deslocamento do objeto para os processos (afetivos, sensitivos), pois ela se constitui

como uma ferramenta de investigação que visa acompanhar processos mais do que descrever estados das coisas. E, dessa forma, as estratégias metodológicas vão se constituindo na processualidade, onde cada passo conduz ao passo seguinte (KASTRUP, 2008).

O ethos da pesquisa cartográfica é relativo aos modos como seus pesquisadores compõem com o campo de pesquisa, a forma de inclusão dos participantes, de relação com estes, de convivência e de disponibilidade, sendo portanto, uma atitude que se constrói no trabalho de campo. Nesse sentido, a investigação acontece na articulação do objeto de estudo a seu plano de produção, reposicionando, a partir das preocupações ético-políticas que movem esses processos de pesquisa, as práticas de produção do conhecimento (CÉSAR, SILVA, BICALHO, 2014).

A partir da definição de pesquisa como “estranhamento, desconforto para com algo”, eu trouxe uma reflexão sobre a minha inquietação em relação ao tema da pesquisa de que, a meu modo de ver, já há a dificuldade de vivenciar a m(p)atenidade em si e entrar em contato com suas questões pessoais, existenciais, independente da fase da vida do sujeito, ainda mais quando é inesperado, sem planejamento, como deve ser desafiante para a/o estudante que engravida na adolescência tanto em relação a sua vida pessoal e familiar quanto na relação com os estudos e a escola.

Após essa atividade de aquecimento para estimular o surgimento de ideias sobre pesquisa, selecionamos algumas definições de pesquisa para discutir com o grupo e relacionar com a pesquisa-intervenção. A partir da leitura de uma definição, um estudante comentou sobre a democratização da pesquisa:

*Isso me fez pensar sobre a democratização das pesquisas, do conhecimento em si. A globalização ajuda com isso, mesmo que a gente saiba que não englobe todos, mas ela aproxima e a gente percebe o quanto fica mais acessível, a importância de todos terem acesso à pesquisa. Hoje em dia é muito mais fácil você pesquisar, você tem ferramentas só para a pesquisa. Pensei sobre isso e claro que todos podem exercitar a capacidade de pesquisar, todo mundo pesquisa, é inerte a existência do ser humano, mas **partilhar essas pesquisas um com o outro é muito mais proveitoso**. É por isso que deve ser investido tanto em pesquisa, porque quanto mais pesquisas, mais a gente evolui enquanto sociedade,*

quanto mais pessoas consigam acessá-las, mais a gente tende a evoluir (Bruno, voluntário PIBIC-EM, grifos nossos).

Reforçou-se a ideia da democratização do conhecimento, de que a pesquisa não está restrita às universidades, aos laboratórios do ensino superior, ressaltando a importância desta ser realizada nos mais diversos espaços, dentre eles, a escola, no ensino médio com estudantes secundaristas. Abordou-se sobre a pesquisa como uma curiosidade, necessidade de conhecer o mundo e as pessoas, como um direito, que está presente no cotidiano, nas relações, no dia-a-dia e está para todos, como corrobora Appadurai (2006, p. 167):

Pesquisa é normalmente visto como uma atividade técnica de ponta, disponível através de treinamentos e aulas para especialistas em educação, em ciência e em outras áreas profissionais relacionadas. Raramente a pesquisa é vista como uma capacidade com potencial democrático, muito menos como algo que é da família dos direitos. [...] Argumentarei que é válido resguardar a pesquisa como um direito, embora seja um tipo de direito especial. Esse argumento requer de nós o reconhecimento de que pesquisa é um nome especial para uma capacidade generalizada, a capacidade de fazer questionamentos organizados sobre aquelas coisas que precisamos conhecer, mas ainda não conhecemos. Todos os seres humanos são, neste sentido, pesquisadores, já que todos os seres humanos tomam decisões que exigem deles uma investigação sistemática que vai além dos conhecimentos que já possui³⁵.

Imbuídos nesta questão da democratização da pesquisa, seguimos uma discussão sobre se esse processo engloba realmente a todos/as/es, tendo em vista que não interessa, às pessoas que estão no poder, o investimento em pesquisa, o incentivo a pensar, a pesquisar. Pesquisas, principalmente as que tratam de questões como racismo, violência urbana e subalternidades, colocam em cheque o campo das políticas públicas e denunciam e escancaram o descaso, a falta de assistência, o preconceito, as vulnerabilidades sociais, entre outras. Soma-se a isso, o momento que estávamos vivenciando de pandemia e a falta

³⁵Research is normally seen as a high-end, technical activity, available by training and class background to specialists in education, the sciences and related professional fields. It is rarely seen as a capacity with democratic potential, much less as belonging to the family of rights.[...] I will argue that it is worth regarding research as a right, albeit of a special kind. This argument requires us to recognise that research is a specialised name for a generalised capacity, the capacity to make disciplined inquiries into those things we need to know, but do not know yet. All human beings are, in this sense, researchers, since all human beings make decisions that require them to make systematic forays beyond their current knowledge horizons. (Tradução nossa).

de incentivo por parte do governo federal brasileiro, que mais se assemelhava a um desgoverno, ao desacreditar na importância da ciência, da vacina contra a COVID-19 como recurso imprescindível para salvar vidas, diante de tanta mortes causadas por esse vírus. A pandemia gerada pelo COVID-19 foi utilizada pelo governo Bolsonaro como mais um instrumento para consolidar a política de extermínio, de morte, isto é, a necropolítica, como um dispositivo de governo para fazer morrer e não deixar viver, ao banalizar a morte e expor o caráter higienista dessa política (KOHAN, 2020). Ao invés de democratização da pesquisa, no cenário brasileiro vivenciávamos o seu descrédito, a sua negação, como estratégia necropolítica que atingia como principal alvo a população preta, pobre e mais vulnerável, tendo em vista a sociedade racista em que vivemos.

Ainda nessa discussão sobre pesquisa, indagamos ao grupo o que eles entendiam por *pesquisarCOM*, se há diferença entre *pesquisarCOM* e *pesquisar* sobre algo/alguém e um bolsista respondeu que estava relacionado ao pesquisado também estar no processo de pesquisa:

*Eu chuto [palpite] que, tipo **PesquisarCOM**, as pessoas que são alvo da pesquisa também participam diretamente da formação dela e tipo ‘pesquisar sobre’, é só, os pesquisadores sobre um tema, mas ‘pesquisarCOM’ é pesquisar com as pessoas, tipo, trazer as pessoas que vão contribuir com a pesquisa de forma indireta, não necessariamente sejam organizadores, para participar junto da pesquisa, talvez seja uma coisa assim (Bruno, estudante voluntário PIBIC-EM, grifos nossos).*

Corroborando com essa explanação, enfatizamos que a pesquisa-intervenção tem caráter participativo e ressaltamos o processo colaborativo da pesquisa, no qual todos os envolvidos têm importância na pesquisa, tem seu saber relevante e a ideia de *pesquisarCOM* é a horizontalidade do saber, no qual não há uma hierarquia, todas as pessoas envolvidas na pesquisa tem a mesma relevância e, coletivamente, de forma mútua, um aprende com o outro (MIRANDA *et al.*, 2020; MORAES, 2014; BARROS; COLAÇO, 2013; LEONARDO *et al.*, 2023). Conforme aponta Moraes (2014, p. 132): “Pesquisar e intervir são inseparáveis [...] a pesquisa, mais do que representar o mundo, é uma ação de produzi-lo, ou seja, pesquisar é performar certos mundos, é delinear fronteiras, fazer movê-las, alargá-las e problematizá-las”. Essa é justamente a proposta da

pesquisa PIBIC-EM, de como construir uma pesquisa COM os estudantes da escola, se inserindo no campo com eles.

A partir daí, indagamos o que cada um da equipe PIBIC-EM entendia por pesquisa qualitativa e quantitativa bem como sobre os métodos e instrumentos de pesquisa (observação-participante, entrevistas, questionários, formulários, grupos de debate, etc), ética em pesquisa e produzimos o mapa mental abaixo:



Figura 23: Mapa Mental sobre Pesquisa Qualitativa e quantitativa (produzido no encontro do dia 06/10/2020)

Para os participantes do PIBIC-EM, a pesquisa qualitativa questiona como acontece determinados fenômenos, diz respeito ao discurso, a ouvir histórias de pessoas, de coletivos e instituições, utilizando-se de instrumentos como entrevistas, grupos de debate, etc e a pesquisa quantitativa se caracterizava por ser numérica e descritiva, atuando com escalas, gráficos, tabelas, etc.

César, Silva e Bicalho (2014) expõem a dicotomia quali-quantitativa em oposição à dualidade e inseparabilidade forma-força, indicando esta última como uma boa pista para a pesquisa cartográfica. Para os referidos autores, a dicotomia quali-quantitativa privilegia o instrumento em si e uma tentativa de enquadrar a pesquisa numa classificação geral, numa presunção positivista de medição interpretativa e representacional para explicar um

mundo pronto a ser investigado. Na dualidade forma-força ao analisar a relação entre quantidades de força que produzem acontecimentos interessa mais o “como” do que o “por quê?”, pretende-se articular o número, no sentido de *quantum*, com o quantitativo de forças que também o produzem. Assim, as dimensões quantitativa e qualitativa em sua inseparabilidade possibilita a invenção de estratégias que acessam a multiplicidade da experiência.

Ao debater sobre o instrumento de pesquisa entrevista e seus tipos (estruturadas, semi estruturadas), propomos uma atividade, na qual os estudantes secundaristas realizassem uma entrevista em dupla, na qual constasse a seguinte pergunta: “O que você pretende ou teria vontade de fazer na pesquisa?” e duas perguntas livres a critério dos participantes. Como os encontros eram realizados em formato virtual, solicitamos que os estudantes se comunicassem via *whatsapp* através de ligação de vídeo ou de áudio, e exercitassem na prática a entrevista e que cada estudante exercesse tanto o papel de entrevistador quanto de entrevistado, invertendo os papéis ao final da entrevista.

Foram formadas três duplas entre os participantes, envolvendo tanto os pesquisadores secundaristas quanto os pesquisadores da universidade e foi destinado um tempo de 10 minutos para a realização dessa atividade para que depois fosse discutido como foi essa experiência para o grupo. Fizemos uma adaptação dessa dinâmica comumente realizada nos encontros presenciais para o formato virtual, único ambiente possível no contexto pandêmico de 2020, como estratégia para movimentar o grupo, produzindo esse deslocamento de uma ferramenta virtual (*Google meet*) para outra (*whatsapp*) e em um grupo menor (duplas) para tornar o encontro menos expositivo e menos concentrado nas falas dos participantes vinculados à UFC. A ideia era provocar a circulação do discurso e da fala, principalmente entre os estudantes secundaristas, que, nesses encontros iniciais do PIBIC-EM, interagiam mais através do *chat* do *Google meet*, utilizando poucas vezes a câmera e o microfone.

A respeito do interesse em fazer pesquisa, Bruno comentou que a pesquisa é o lugar de contato com as pessoas, de conhecer outras realidades e a possibilidade da pesquisa ser realizada dentro da escola, tendo em vista ele gostar de temas relacionados à escola e de Filosofia. A estudante Bia relatou que queria muito fazer a pesquisa de campo, poder entrevistar as pessoas, falando e olhando para elas.

Em relação às perguntas livres, surgiu a pergunta sobre o que mais sentia falta nesse período de pandemia e também sobre o que estava achando do ensino remoto. A

resposta da estudante secundarista Bia foi a falta do encontro presencial e olho no olho entre as pessoas, pois sentia falta dos ensaios da família para as festas de São João e, sobre o ensino remoto, afirmou não gostar devido a dificuldade de se concentrar na aula à distância, o medo de não estar aprendendo e também sentia falta das pessoas. Ainda no âmbito das perguntas livres surgiu a pergunta de porquê tinha aceitado ser pesquisadora voluntária na pesquisa e a estudante Daniela afirmou que era a oportunidade de entender sobre o assunto e para não julgar caso alguma colega ficasse grávida.

Seguimos abordando sobre outros instrumentos de pesquisa como o grupo focal e questionário. Para iniciar a discussão, utilizamos um vídeo explicativo³⁶ sobre grupo focal e exemplos de pesquisas que utilizaram esse instrumento. Apresentamos também o questionário (*Formulário do Google*) produzido por estudantes da escola *Potência* integrantes do grupo “O hoje afetando o amanhã” no ano de 2019, mostrando as perguntas formuladas e as respostas obtidas, com o objetivo dos participantes do PIBIC EM conhecer esse instrumento e os tipos de perguntas: objetiva, com múltipla escolha e subjetivas, para justificar as respostas. Daniela, pesquisadora voluntária do PIBIC-EM comentou que já participou de uma pesquisa na escola *Potência* voltada para os representantes de sala e o instrumento utilizado foi um questionário exclusivamente com perguntas subjetivas, como por exemplo: o que o representante de sala faz?, qual a diferença entre líder de sala e representante de sala?, etc.

Para experienciar o instrumento e também aquecer a discussão sobre o tema, propomos que os estudantes do PIBIC-EM respondessem ao questionário, que foi adaptado por nós, pesquisadores da UFC, com a inclusão de duas questões: 1-) O que você acha sobre a campanha do Governo Federal lançada em 2020 de “promover a abstinência sexual na adolescência (10 a 18 anos) acerca de prevenção de gravidez na adolescência?” e 2-) O que você pensa sobre existir uma “idade certa” para a gravidez acontecer? No que diz respeito à discussão que sucedeu essas perguntas, têm-se os trechos a seguir:

Isso é negar que adolescentes tem desejo, tem Vida Sexual Ativa. Então, ela [se referindo a ministra Damare Alves] está tentando tapar um buraco, tentando

³⁶ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KH74ah4iQlo>. Acesso em 13/10/2020.

tapar um abismo com baínd-aid (Levi, bolsista PIBIC-EM, transcrição de encontro 03/11/2020).

*Até na minha entrevista de seleção, eu quis falar sobre isso desse projeto de Abstinência Sexual. **Como é equivocado, como ... a gente vê quem está no poder promovendo essas coisas não conhecem realmente o ambiente dos adolescentes em geral. E aí acaba sendo muito complicado porque é muito difícil você fazer alguma coisa, sendo que você não conhece realmente a realidade de quem você está querendo ajudar** (Bruno, voluntário PIBIC-EM, transcrição de encontro 03/11/2020).*

Tem esse negócio de que se você engravida muito cedo, isso pode acabar sendo muito perigoso pra você, pra sua vida e pra vida da pessoa que você vai parir. Então, não é muito legal uma criança realmente de 10 anos, que não está nem formada direito, engravide. Então nesses casos, eu concordo que não seja muito adequado sabe, que é muito perigoso mesmo pra vida dessa pessoa, criança. Outra coisa, na nossa vida, na sociedade, a gente tem fase. Tem a nossa fase da escola, tem a fase que a gente vai começar a trabalhar. Isso acontece de que a fase que você está mais propensa a ter filhos é essa fase que concorda com como você está vivendo a sua vida, sabe. Quando você tem um filho tão cedo, quando você tá estudando, você acaba perdendo muitas vezes oportunidade de se capacitar para você criar você mesma e o seu filho. **Eu não acho que é errado adolescentes tipo faz o que você quiser, sabe, com tanto que você tenha cuidado com o que você está fazendo. Por isso é tão importante você ser educado sobre isso. Eu não acredito que existe a idade certa. Porque muita gente engravida muito velho, muita gente engravida muito novo. Tem aquele meio termo. O que importa pra mim é o cuidado que você tem que ter com a sua vida, com a sua saúde e com a saúde da pessoa que você vai querer criar. Tem gente que não quer criar, a questão do aborto, enfim... outras coisas** (LEVI, bolsista PIBIC-EM, transcrição encontro 03/11/2020).

Completando....acho que é muito isso. O que existe não é uma idade certa, mas sim condições mínimas para você ter a criança. Isso varia de idade para idade. Tem muito da maturidade. Tem pessoas que simplesmente não querem ter filhos e isso vai além de questão de maturidade, simplesmente por não querer. Se você perguntar: Ah, tem idade certa? Não, tem condições mínimas para ter uma criança. Essas condições mínimas tem que ser conservadas para a criança crescer com saúde e a mãe e o pai também crescer com saúde (Bruno, voluntário PIBIC-EM, transcrição encontro 03/11/2020).

A partir dessa discussão, criamos o mapa mental sobre o que é Educação Sexual para os participantes do PIBIC-EM:



Figura 24: Mapa Mental sobre Educação sexual (produzido no encontro do dia 03/11/2020)

“Quando a pessoa fala Educação Sexual, na minha cabeça, automaticamente, já vem o nome prevenção. Mas eu acho também que é sobre esclarecer, né, sobre a responsabilidade particular de cada um, quando essa pessoa se entrega, quando essa pessoa tem as suas primeiras relações sexuais. Isso pra mim é Educação Sexual. É você explicar, você esclarecer dúvidas, você mostrar métodos de preservativos, mostrar, principalmente pras crianças, onde pode e onde não pode chegar. Esses dias eu vi uma publicação no “Quebrando o tabu” [página do instagram @quebrandootabu] que o cara obrigava a cada vez que ele fazia

sexo com a namorada dele, ele obrigava ela a tomar uma pílula de dia seguinte. Gente, eu fiquei muito chocada porque uma pílula do dia seguinte, se eu não me engano, equivale a 50% de uma tabela de anticoncepcional, ou seja, é muito hormônio. Eu acho que ela tomou 70 pílulas, não sei. Só sei que isso resultou a ela um AVC [Acidente Vascular Cerebral], isso é muito louco. Se a gente tivesse Educação Sexual, com certeza isso não teria acontecido”. (Bia, bolsista PIBIC-EM, grifos nossos)

*“Muita gente acha que Educação Sexual é sobre ensinar sexo, sabe. Só que na verdade é mais sobre ensinar a proteger, sabe, a se proteger, proteger a si mesmo e a pessoa com a qual você vai se relacionar. Então, **proteger a si mesmo de que: de abusos, de Infecções Sexualmente Transmissíveis - ISTs, esse tipo de coisa, sabe? Proteger você, proteger a outra pessoa com quem você vai se relacionar. Tipo... é pra vida toda porque conhecimento você não tira. Então, seria muito importante ter esse tipo de coisa nas escolas. Eu tive mais o meu, tipo, de Educação Sexual foram os métodos contraceptivos, eu aprendi como usar, [...] mas eu nunca fui ensinado sobre a me proteger das pessoas, como uma criança como um adolescente, de abusos”.** (Levi, bolsista PIBIC-EM, grifos nossos)*

Como afirma Bonfim e Mesquita (2020), a educação sexual muitas vezes se resume a aprender sobre doenças e métodos contraceptivos, reforçando o caráter perigoso da sexualidade. Os referidos autores citam que os jovens tentam debater sobre outras dimensões da sexualidade fugindo da heteronormatividade, porém são barrados por professores e colegas de sala. Corroborando a isso, na ocasião que estávamos debatendo sobre o questionário do “O hoje afetando o amanhã” com o grupo do PIBIC-EM, uma das pesquisadoras acadêmica da UFC comentou que em relação à pergunta se era importante debater sobre educação sexual nas escolas, muitas respostas apontavam que podiam sim falar, porém só se fosse em relação a prevenção, não se poderia conversar sobre outros aspectos da sexualidade, teria que ser restrito a uma certa idade, não poderia acontecer com crianças, ou seja, várias questões que limitavam a um certo tipo de educação sexual, a o que se poderia falar ou não sobre essa temática na escola.

Seguido a essas definições, abordou-se que a Educação Sexual não é discutida na

família, na escola e que os adolescentes aprendem sozinhos e se utilizam de pesquisas na Internet para isso. Na concepção dos participantes, a Internet é um meio de se conseguir informação de um modo mais fácil, apesar dela não ser acessível a todos e nem abordar muitas vezes da forma correta o tema.

*“Nunca foi ensinado. A gente sempre aprendeu tudo isso sozinho. **Eu acho que as pessoas acham que nós jovens não temos desejos.** Eu pelo menos, tudo o que eu sei hoje foi baseado em muita pesquisa (Bia, bolsista PIBIC-EM, transcrição de encontro 03/11/2020)”*.

*“A internet foi fundamental, sabe. Pelo menos **70% de tudo o que sei foi da internet.** Se for depender da minha família, da escola, eu não teria aprendido nada. **É muito tabu essas coisas, a gente acaba se prejudicando por conta disso.** [...] **É muito perigoso esse negócio porque coisas tão importantes e tão fundamentais pra gente, a gente não pode aprender sobre tão livremente, sabe? Mano, o que a sociedade está fazendo, velho?! Meu Deus!** (Levi, bolsista PIBIC-EM, transcrição de encontro 03/11/2020)”*.

*Eu fiquei meio pensativo sobre essa primeira resposta de ... “se não houver Educação Sexual nas escolas, onde terá?”...e tem a complementação [da resposta] de que “sexo é um tabu no Brasil e no mundo”...isso tá muito relacionado não só com a questão da gravidez, mas enfim da sexualidade no geral. **A gente é muito imerso realmente numa cultura que só não fala sobre isso [Educação sexual]. Tipo, as pessoas vivenciam a sexualidade, a gente sabe que as pessoas vivenciam, mas não tem abertura pra falar nem mesmo com alguns colegas, amigos, só com quem você é muito íntimo para falar sobre isso.** [...] **Quais são os espaços que a gente fala isso de maneira aberta? [...] Muitas pessoas não discutem sobre isso porque não tem acesso** (Gabriel, pesquisador acadêmico UFC, transcrição de encontro, 27/10/2020).*

Após a discussão das respostas do questionário adaptado, propomos que os/as bolsistas e voluntários/as entrevistassem, em duplas, alguém que engravidou na adolescência. Bia e Bruno entrevistaram a mãe de Bia e Daniela e Levi entrevistaram a tia de Levi, que também já foi aluna da escola *Potência*. Apesar das entrevistadas serem

familiares dos/das jovens pesquisadores, o objetivo era possibilitar a entrevista como experimentação para que eles exercitassem esse instrumento desde a elaboração das questões até a análise das respostas. As perguntas abordavam sobre: se a gravidez foi desejada; como se sentiu ao descobrir a gravidez; como foi a reação do pai da criança e das pessoas da família ao contar a gravidez; como lidaram com os julgamentos; se tiveram apoio; como ficou a saúde mental da mãe e do pai durante e após a gravidez; se pensou em abortar; como foi frequentar a escola (se pensou ou foi coagida a sair); quais as perspectivas de futuro em relação a estudos e trabalho; como ocorreu o reconhecimento da maternidade para ela (se gostou de ser mãe), etc. A proposta era promover uma imersão diferente no campo-tema com uma conversa do cotidiano em formato de entrevista.

Corroborando com o que expõe Spink (2003) a respeito do campo-tema, consideramos o campo não como um lugar específico, mas refere-se à processualidade de temas situados, denotando a presentificação do tema no dia-a-dia de quem pesquisa, como demonstra abaixo o trecho escrito no chat de um encontro on-line do Google meet pelo bolsista Levi:

Uma conhecida minha, estudante do [escola Potência], engravidou no final do ano passado. Conheço o pai [do bebê] também porque os dois estudaram comigo no fundamental. Fiquei pensando neles e na pesquisa durante essas férias [entre final de 2020 e início de 2021] (Levi, registro do Chat do encontro virtual no Meet dia 08/02/2021).

Outro relato que caracteriza a presença da temática de investigação no cotidiano do/a pesquisador/a foi quando a bolsista Bia nos informou de uma gravidez inesperada de uma tia, de idade adulta, que produziu implicações pessoais na adolescente. A seguir, o trecho com a notícia:

Esse negócio de gravidez inesperada ... a doida da minha tia tá grávida. Ela já tem 2 filhos e ela não estava esperando de jeito nenhum. Ela estava tomando anticoncepcional direitinho. Pra você ver que tem aquilo que o pessoal diz: Só engravida quem quer? E não é assim. Não é só engravida quem quer (BIA, TRANSCRIÇÃO DE ENCONTRO 27/10/2020).

Ao longo de um ano de reuniões do grupo de discussão do PIBIC-EM, Bia nos revelou várias informações e acontecimentos sobre a gravidez da tia, que ocorriam concomitante com o andamento da pesquisa: a reação da avó de Bia ao saber da notícia da gravidez, o chá revelação do sexo do bebê, a festa do chá de bebê com a família, o mêsversário da criança, a rotina de cuidados diários com um recém nascido, que inclusive apareceu na câmera durante um dos encontros online do PIBIC-EM pra conhecermos, tendo em vista que a bolsista falava bastante do primo. Eram várias também as implicações surgidas na vida da jovem pesquisadora, que afirmou repensar se ainda queria ser mãe após perceber quão cansativa era a rotina dedicada a cuidar de um bebê ao ajudar a tia nessa tarefa. Em um dos encontros online, Bia relatou:

Gente, cuidar de criança dá trabalho. Eu tô vivendo a maternidade sem ser mãe [...] Acho que eu não vou mais querer ter filho não, viu!. Ave, é muito difícil cuidar de neném (sic).

Percebeu-se, assim, o campo-tema presente no cotidiano do/a jovem pesquisador/a que diz respeito, por exemplo, a acontecimentos inesperados e a um despertar de percepções ao redor sobre a problemática pesquisada, materializada em notícias até mesmo da vizinhança.

3.5.1 Gravidez na adolescência e educação sexual: reflexões em tempos de políticas públicas que pregam a abstinência sexual.

Após o primeiro módulo sobre pesquisa, adentramos no tema da gravidez na adolescência. De forma análoga ao que realizamos na seleção do PIBIC-EM, solicitamos que cada participante trouxesse para o encontro uma reflexão, uma questão que provocasse uma inquietação no participante sobre o tema da gravidez, m(p)aternidade na adolescência em forma de materialidade³⁷ concreta.

³⁷ Tivemos várias materialidades como: filme (Juno), série de TV (“Little fires everywhere”), charges, documentários (“Meninas”, “Todos nós cinco milhões”), canais de youtube, notícias, etc.

O bolsista Bruno trouxe uma reportagem intitulada “Prevenção de gravidez na adolescência é tema de campanha”³⁸, na qual a ministra Damares Alves, do Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, afirma que a gravidez na adolescência é um problema de saúde pública e não um assunto moral e Bruno discute a contradição da fala da ministra, como demonstra o trecho a seguir:

Primeiramente, eu queria dizer da fala da ministra Damares que classifica a gravidez na adolescência como problema de saúde pública, mas que é bem contraditório que um tempo depois, ela agiu para tentar parar um aborto legal, de uma garota de 13 anos ou era 12 [anos] que tinha sido estuprada. É contraditório falar isso porque no momento que ela fala que a gravidez na adolescência é uma questão do governo, de saúde pública, se é de saúde pública é do governo e o governo não pode ser influenciado pela religião. Justamente foi o que ela falou [na reportagem] que isso não é uma discussão moral. Como não é uma discussão moral, também não é uma discussão religiosa. Quando ela age pra tentar impedir um aborto que é legal por lei muito baseado pelo discurso religioso, ela está indo contra o que foi dito (BOLSISTA BRUNO, TRANSCRIÇÃO DE ENCONTRO, 20/10/2020, grifos nossos).

Bruno se refere a um fato que aconteceu em agosto de 2020, no estado do Espírito Santo, no qual um grupo mobilizado pela ministra Damares Alves se dirigiu à frente do hospital, aonde ia ser realizado o aborto, legalizado pela Justiça, na criança de 10 anos, que engravidou após estupro praticado pelo tio, para tentar impedir que este fosse realizado.

A legalização do aborto é um tema polêmico no Brasil. As situações previstas em lei, no Código Penal Brasileiro de 1940, e em jurisprudência, do Supremo Tribunal Federal de 2012, para realização dessa prática são: em casos de risco de vida para a gestante, estupro ou anencefalia do bebê. No entanto, muitas mulheres recorrem a abortos

³⁸ Reportagem “Prevenção de gravidez na adolescência é tema de campanha”, de 03 de fevereiro de 2020, da TV Brasil, afiliada ao governo federal. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SvfV11QK5j4>. Acesso em: 20/10/2020

clandestinos e inseguros por não se enquadrarem nessas condições e acabam morrendo devido a complicações no procedimento.

Essa temática do aborto foi debatida também no grupo de discussão do PIBIC-EM no momento em que se apresentava uma das materialidades sobre gravidez na adolescência trazidas pelos participantes: a série de TV “*Little fires everywhere*”, que aborda temáticas como a questão antirracista e o papel da mulher na sociedade. Mayara, pesquisadora acadêmica da UFC, comentou uma cena da série em que uma adolescente utilizou o nome da amiga de cor preta para fazer o aborto numa clínica para que a mãe dela não descobrisse, e trouxe os seguintes questionamentos: “*Quem tem acesso a fazer o aborto? Quem são essas mulheres que estão morrendo?*” Essas reflexões trazem à tona os marcadores de raça, classe social, nível de escolaridade, por exemplo, que interseccionalmente afeta a mortalidade de mulheres devido ao aborto, corroborando com o que expõe Cardoso (2020) ao identificar o perfil de mulheres em maior risco de óbito por aborto no Brasil, que são: as de cor preta e as indígenas, de baixa escolaridade, com mais de 40 anos e menos de 14, vivendo nas regiões Norte, Nordeste e Centro-oeste, e sem união conjugal.

Em meio às reflexões sobre o que essas materialidades escolhidas pelos participantes do PIBIC-EM trouxeram, foi possível identificar a culpabilização do gênero feminino pela gravidez na adolescência, exemplificados na charge³⁹ abaixo seguida da explicação do Tadeu, participante acadêmico da UFC, bem como pela fala da Shirley sobre o documentário *Meninas*⁴⁰:

³⁹ Charge disponível em: <http://blogprofecido.blogspot.com/2013/04/avaliacao-de-lingua-portuguesa-7-ano.html>.

Acesso em: 20/10/2020.

⁴⁰ Documentário disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bXbToN1ILPY&t=52s>. Acesso em: 20/10/2020.



Figura 25: Charge retratando um ambiente de sala de aula

Essa sala de aula só tem mulheres: Será que a experiência de gravidez na adolescência atinge realmente só as mulheres? Ou então também a charge quer dizer o que: quem é mais prejudicada no sentido de um prejuízo aí em relação ao desenvolvimento de trajetória profissional? Também pode ser uma possibilidade de crítica. E também a crítica por exemplo à sala de aula. Enfim, eu achei muito emblemática essa charge e acho que dizia muito do que a gente tá tentando discutir, criar e pesquisar aqui no PIBIC-EM (Tadeu, pesquisador acadêmico da UFC, grifos nossos).

*O quanto o foco está na menina e me fez lembrar de um dos casos [retratados no documentário “Meninas”, materialidade trazida pela Lara, participante acadêmica da UFC], do rapaz que engravidou as duas meninas que são vizinhas. E, esses dias, eu vi uma postagem no instagram que falava assim: **uma mulher grávida, ela passa nove meses só com aquele bebê no ventre e o homem pode, nesses mesmos nove meses, gerar várias vidas. E todas as prevenções são colocadas todas em cima da mulher. O homem pode estar povoando na vida e, ainda assim, o foco é todo pra mulher, como ela deve se precaver, se prevenir, que ela falhou** (Shirley, pesquisadora acadêmica da UFC, grifos nossos).*

É válido questionar de quais adolescentes, de quais classes sociais, raças, gêneros estamos falando. Estas não são categorias estáticas e sim são construções que vão se traçando de diferentes maneiras nas interações sociais (NOGUEIRA, 2017). Gênero, raça, classe social, território, escolaridade e geração são marcadores importantes que deflagram situações distintas. Não se pode pensar uma categoria de “mulheres” como uma entidade

universal, sendo necessário refletir as múltiplas diferenças que podem existir entre elas, por exemplo em termos de classe social ou de sexualidade. Uma abordagem interseccional recusa a generalização do determinismo biológico, do essencialismo que pressupõe que todos membros de uma categoria são iguais porque possuem uma única qualidade em comum, e do estereótipo (NOGUEIRA, 2017).

Deve-se considerar as interfaces de gênero, classe e raça, interseccionalmente, tendo em vista a situação de desigualdades a que meninas pobres ficam condenadas. A vivência da maternidade e da paternidade na adolescência é perpassada por vulnerabilidades interseccionais (CRENSHAW, 2002), que faz desta um fenômeno heterogêneo, com experiências singulares de marginalizações a depender do espaço social ocupado por essa mãe e por esse pai.

Há uma diferença significativa do início da vida sexual em adolescentes de classe sociais menos favorecidas e mais favorecidas. Estas postergam o início da vida sexual e usam mais proteção por terem acesso à informação e aos meios contraceptivos e também porque dispõem de maiores oportunidades na vida para além da maternidade, não ancorando a auto-estima apenas na realização sexual/amorosa (VILLELA; DORETO, 2006).

De acordo com os referidos autores anteriormente citados, o conhecimento sobre métodos contraceptivos não garante o seu uso, o que pode indicar um modelo de socialização que recusam às mulheres o exercício da sexualidade, de um recato em relação ao sexo, de não se sentirem à vontade para abordar sobre esse tema com seus parceiros, sem um diálogo aberto sobre sexo e sobre estratégias de contracepção. Outra possibilidade a ser considerada são as negociações quanto ao uso de métodos contraceptivos tendo por base o “compromisso” e a “prova de afeto” (BRANDÃO, 2004).

Outro aspecto que interfere na fecundidade é o nível de escolarização, indicando que quanto mais escolarizada, menor a fecundidade da adolescente. Esse dado sugere que para algumas adolescentes pobres e pouco escolarizadas, a gravidez talvez não seja um problema e sim uma solução, um desejo para aquisição de identidade e função social, denotando uma importância simbólica, como forma de significar sua existência, de respeitabilidade da identidade de mãe nas camadas populares, que torna-se ainda maior pela dificuldade de acesso a outros bens sociais como educação, trabalho, remuneração e prestígio (VILLELA e DORETO, 2006; MENEZES *et al.*, 2012).

Um participante trouxe a charge⁴¹ abaixo para o debate sobre a importância de considerar que é necessário discutir sobre sexualidade com adolescentes para além de uma perspectiva moral ou de prevenção, de reconhecer que adolescentes têm desejos sexuais.



Figura 26: Charge retratando uma conversa de um adolescente com a sua tia.

Eu pensei em trazer essa charge porque foi uma coisa que me atravessou quando eu estava pesquisando. De quanto a gente tem tratado, a gente enquanto sociedade, numa perspectiva muito moral mesmo ou de prevenção. Às vezes, a gente não trata de que os adolescentes têm uma vida sexual ativa. Passa muito por uma perspectiva moral. Como o Bruno [nome fictício do estudante voluntário] estava falando também, às vezes, a gente trata isso muito com tabu de não entender que os adolescentes têm vida sexual ativa e a gente vai deixando pra lá ou pensando mais alternativas de como a gente vai lidar com o assunto (Gabriel, pesquisador acadêmico da UFC, transcrição de encontro dia 20/10/2020).

Essa fala nos remete a campanha do governo intitulada “Adolescência primeiro, gravidez depois - tudo tem o seu tempo”, lançada em janeiro de 2020, cujo objetivo era reduzir os altos índices de gravidez na adolescência. Apesar do termo abstinência sexual

⁴¹ Charge disponível em:

https://th.bing.com/th/id/OIP.28j_GqB9WfCWaVbR6_edfwAAAA?pid=ImgDet&rs=1. Acesso em: 20/10/2020.

não ter sido adotado, o slogan da campanha indica o apelo de retardar o início da vida sexual, desconsiderando as variáveis que envolvem o contexto de uma relação sexual e uma possível gravidez, como por exemplo, violência entre pares, as negociações sexuais e destacando a perspectiva do sexo como perigo (CABRAL; BRANDÃO, 2020). A prevenção de uma gestação depende de conhecimento e exercício de sexo seguro não apenas se restringindo ao uso de métodos contraceptivos, mas envolvendo habilidades relacionais e afetivas na construção da autonomia juvenil, que permitem ao jovem articular desejos e limites sexuais.

O governo deveria promover políticas públicas de incentivo à educação sexual, com recursos necessários de prevenção, com informações qualificadas e profissionais de saúde e educação capacitados para abordar as dúvidas dos jovens abertos ao diálogo sem moralismos (CABRAL; BRANDÃO, 2020).

Esse encontro de apresentação das materialidades da temática de gravidez, m(p)aternidade na adolescência, contribuiu para uma maior interação e movimentação das falas entre os/as secundaristas do PIBIC-EM, como pode se observar no diário de campo a seguir:

O encontro se deu de forma bem mais fluida e interativa do que na semana anterior, os/as estudantes secundaristas pareceram engajados na apresentação dos materiais trazidos e interagiram mais com as discussões que a equipe trouxe. Assim, acredito que é interessante que sejam priorizadas atividades que promovam maior interação dos estudantes com o tema e que sejam evitadas atividades meramente expositivas pois, pelas experiências de encontros passados, estas tornam o encontro mais monótono e menos interessante para os/as estudantes (Diário de campo pesquisador da UFC, 20/10/2020).

Nesse sentido, em face aos desafios de produzir uma pesquisa de modo virtual, é válido ressaltar que a pandemia ocupou uma dimensão analítica significativa nesta pesquisa, consistindo em um analisador importante por ter provocado uma reconfiguração no modo como a investigação aconteceu. Posto isso, ao longo de todo o processo de pesquisa, eram necessárias pausas para avaliação que iremos discutir no tópico a seguir.

3.5.2 Pausa para uma avaliação de um processo de pesquisa em que estávamos todos

aprendendo

A análise da pesquisa previu uma série de “paradas estratégicas” para avaliação enquanto análise coletiva de nosso próprio processo (pesquisadores PIBIC-EM e pesquisadores estudantes de Psicologia). Neste momento, discutíamos alguns condicionantes da pesquisa. Momentos ricos de análise de implicação deslocadas na virtualidade do *Meet*. Durante todo o percurso da pesquisa, tivemos alguns momentos de reflexão para avaliar a nossa prática e o processo em si, tanto em encontros planejados para isso, como nos encerramentos dos semestres 2020.2 e 2021.1, e também em ocasiões não planejadas como quando os estudantes secundaristas do grupo PIBIC-EM, ao apresentar o que tinha sido feito na pesquisa em reuniões com a direção da escola, relatavam como foi para eles participarem como jovens pesquisadores nessa investigação.

No encontro de encerramento do semestre 2020.2, propomos uma atividade, que ficou funcionando durante todo o encontro, no qual criamos um *link* para todes participantes do PIBIC-EM registrassem palavras que expressassem o que vivenciamos nas nossas reuniões online, os afetos, os sentimentos e também sobre o que estudamos. Ao final do encontro, formou-se a nuvem de palavras a seguir:



Figura 27: Nuvem de palavras do encontro de encerramento do semestre do PIBIC-EM em 15/12/2020.

As palavras que aparecem com a grafia maior e com mais destaque nessa teia significa que foram as mais escritas pelo grupo, tais como: participação, empatia, potência, discussão, responsabilidade, comprometimento, conhecimento, aprendizagem, discussão, curiosidade, compreensão, gênero e saúde mental. Essa nuvem de palavras expressa bem o fazer pesquisa para esse coletivo, destacando principalmente os afetos e a amizade envolvidos para além do conhecimento sobre o tema. Ela simboliza a construção coletiva de um espaço de compartilhamento e aprendizado, diversidade, troca, companheirismo e também sobre gênero, saúde mental, conhecimento, maternidade.

Ainda no encerramento do semestre 2020.2, propusemos uma dinâmica para que cada integrante falasse o: “Que bom!” (o que gostou do semestre), “Que pena!” (o que não deu certo) e “Que tal?” (sugestão para os próximos encontros). Como “Que bom!”, os participantes relataram que o grupo PIBIC-EM foi um espaço receptivo, compreensível e conseguiu realmente trocar e compartilhar experiências, pois os/as/es participantes estavam muito engajado/a/es e também pontuaram que foi muito bom ter conhecido jovens comprometidos/as e responsáveis, com vontade de pesquisar. Um dos estudantes secundaristas relatou:

*Que bom que eu cheguei a estar aqui porque eu acho que é de uma sorte muito grande eu estar nesse espaço, com essas pessoas e **é muito bom ver o quanto que eu amadureci, o quanto que eu cresci nesses encontros nossos.** Passei a pesquisar mais sobre o tema, enfim, passei a ter mais interesse não só nesse tema, mas também em pesquisar como um todo. Que bom que eu estou aqui com pessoas muito boas, que **com certeza eu vou levar isso pra minha vida** (BRUNO, TRANSCRIÇÃO DE ENCONTRO, 15/12/2020).*

Em relação ao “Que pena” surgiram muitos relatos dos participantes do PIBIC-EM relacionados ao fato da pesquisa acontecer de modo totalmente remoto, por *google meet* e que teria sido muito bom ter o espaço presencial, que possivelmente conseguiríamos construir mais, com mais potência e a nossa relação enquanto coletivo teria sido melhor.

*Que pena....**Não tem como não deixar de falar a questão isolamento e também a questão que outras coisas acabam influenciando, no meu caso, tinha dias que***

eu não chegava muito bem por causa desse ano, do que vem acontecendo esse ano [em relação a pandemia]. Não sei se de alguma forma isso impactou nas outras pessoas. Eu poderia ter aproveitado mais se não fosse um ano tão caótico. (BRUNO, voluntário PIBIC-EM, TRANSCRIÇÃO DE ENCONTRO, 15/12/2020).

A pandemia impactou diretamente a vida de todes em vários âmbitos. Bruno nos traz no seu depoimento acima que 2020 foi um ano difícil, caótico e que ele poderia ter aproveitado mais os encontros se não tivesse ocorrido a pandemia. Não há dúvidas que as consequências da pandemia afetaram a todes de modo distinto, tendo em vista que o contexto de cada participante era único. Ao longo dos encontros, surgiam, vez ou outra, relatos e sentimentos sobre as dificuldades da pandemia, como por exemplo o medo de um participante de não passar no Enem por não se sentir preparado. Nesse sentido, além da análise de implicação, os momentos das nossas reuniões também possibilitava essa troca sobre as dificuldades do cotidiano, do momento pandêmico que estávamos vivenciando e o grupo oferecia esse espaço de fala e empatia de tal modo que as palavras “respiro” e “acolhida” estiveram presentes na nuvem citada anteriormente como expressões do que os encontros do coletivo do PIBIC-EM representou para os/as/es participantes.

Posto isso, todo/a/es participantes foram unânimes em sugerir para nos encontrarmos presencialmente, quando houvesse condições de segurança sanitária em relação a pandemia COVID-19. Essa percepção foi o que mais surgiu nos relatos dos participantes sobre o “Que tal?”. Outra sugestão dada foi de fazer mais leituras teóricas e rodas de conversa com mais exemplos de pessoas que vivenciaram a maternidade e paternidade na adolescência.

Ainda no tocante à importância do coletivo e do trabalho em equipe, um bolsista relatou o depoimento abaixo em uma das reuniões com a direção da escola *Potência* para apresentar o formulário online⁴²:

Uma coisa que eu gostei mais desse período de 2020-2021, é mais o trabalho em

⁴² O Formulário online, instrumento utilizado na pesquisa, era composto por 27 perguntas relacionadas tanto ao perfil sociodemográfico dos respondentes quanto à gravidez, maternidade e paternidade na adolescência. Ele será discutido no capítulo 4 desta tese.

equipe que a gente fez e tal...porque a gente tá aqui há vários meses, fazendo várias coisas... Eu aprendi muita coisa, eu comecei sem saber de nada. Só sabia que eu tinha passado e ia começar a estudar com um monte de gente da UFC e um pouco sobre o tema. Daí a gente aprendeu várias coisas sobre pesquisa, vida acadêmica, eu tive oportunidade de participar de várias coisas que eu não teria, sendo simplesmente só aluno do ensino médio, tipo defesa de Mestrado, TCC [Trabalho de conclusão de curso], um monte de coisa bem legal (Levi, bolsista PIBIC-EM, transcrição de encontro 12/4/21).

Esse é um dos propósitos do PIBIC-EM: aproximar estudantes do Ensino Médio da universidade, possibilitando experiências de pesquisa. E é nesse contexto que vamos narrar no capítulo a seguir sobre a experimentação de construir um instrumento de pesquisa: o formulário online.

4 ANÁLISE DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO COLETIVA E APLICAÇÃO DO FORMULÁRIO ONLINE

Considerando que o método da cartografia entende conhecimento como invenção e considera a pesquisa como intervenção, propomos realizar uma pesquisa inter(in)venção ao acompanhar processos (PASSOS; KASTRUP, 2013). A pesquisa cartográfica se compromete com a criação de um mundo comum e heterogêneo, tendo como diretriz metodológica a transversalidade na busca pelo traçado comum e desmanchando os pólos pesquisador e pesquisado numa ação de “estar com” para assegurar sua relação de coprodução ou coemergência. Denomina-se plano comum não por ser homogêneo e sim porque opera entre singularidades heterogêneas num plano que é pré-individual e coletivo, incluindo as múltiplas linhas ou vetores que Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) denominam de rizoma. Nessa rede, sujeitos, objetos e instituições estão incluídos e implicados, como afirma Lourau (2004) e cabe à pesquisa acessar o plano que articula essa diversidade.

Kastrup e Passos (2014) salienta que a cartografia pretende a construção coletiva do conhecimento por meio de acessar e, simultaneamente, construir um plano comum entre pesquisadores e pesquisados. Apostar no plano comum da pesquisa faz-nos ampliar o sentido de participação coletiva, no qual interessa deslocar perguntas de “quem” e “o

que fazer” para o “como”, “como fazer”, incluindo as implicações políticas e os efeitos desse fazer.

Corroborando com o que expõe César, Silva e Bicalho (2014), consideramos a direção ético-política de articular a pesquisa com um fazer situado, avaliando as práticas de pesquisa e os efeitos do próprio pesquisar com o modo como se pesquisa. Nesse sentido, pesquisar trata-se de observar a correlação de forças que permite um dispositivo funcionar e acessar esse plano de forças para avaliar os efeitos dessas relações, interrogando como esses dispositivos articulam-se aos problemas que fazem a pesquisa, o que produzem?

Posto isso, iremos relatar a processualidade da pesquisa realizada nesta tese, enfatizando o como fizemos. Iniciamos o semestre de 2021.1 com a retomada do próprio projeto, aprovado pela UFC que resultou na implementação das bolsas do CNPq do PIBIC EM, intitulado “*Cartografia das experiências de m(p)aternidade de jovens estudantes da escola pública*” para revisitá-lo, esmiuçá-lo e provocar desvios necessários após um semestre de pesquisa. A ideia era, a partir dessa explanação do projeto, incitarmos a equipe de bolsistas e voluntários do PIBIC-EM a prepararem um esboço do planejamento da pesquisa a ser realizada na escola *Potência*, a elaborarem um pequeno texto de apresentação da investigação para realizar a divulgação da mesma, contendo o título, os objetivos e as palavras-chaves.

O processo de construção do título foi feito gradualmente com uma chuva de ideias onde cada participante ajudava a compor a ideia do outro/outra colega dando suas sugestões. Na decisão final, foi colocado em votação as seguintes opções: “Precisamos falar sobre gravidez na adolescência: maternidade e paternidade em pauta na escola” e “Gravidez na adolescência: diálogos sobre maternidade e paternidade na escola”, sendo este último escolhido pela equipe PIBIC-EM. Também foram elencadas em palavras-chave os conceitos significativos desta pesquisa: maternidade, paternidade, gravidez, adolescência e escola.

O interesse dos estudantes secundaristas do PIBIC-EM era promover o diálogo entre a comunidade escolar acerca da gravidez, da maternidade e da paternidade na adolescência, observando, a partir dos recortes de gênero, classe social, etnia e geracional, as diferenças que marcam a gravidez, m(p)aternidade na adolescência no território escolar. Era expressiva a ênfase no recorte de gênero, dada pelo grupo de discussão do PIBIC-EM, que atravessou transversalmente a pesquisa, ao, por exemplo, comparar, por

parte da comunidade escolar, diferenças de tratamento para o jovem pai e jovem mãe que engravidaram na adolescência e ao indagar se existem diferenças de gênero no papel exercido pelo pai e mãe adolescentes.

Era importante explicar o propósito da pesquisa para, em seguida, tomar as próximas decisões, como: quem seriam os participantes (alunos, professores, pais/mães/responsáveis de alunos, e etc); quais os possíveis instrumentos (formulário, entrevistas, grupos focais, etc) que seriam utilizados; quais seriam as formas de divulgação e como seria a mobilização para isto; em qual formato faríamos a restituição da pesquisa (reunião com professores Diretores de turma, aula de Formação Cidadã, mídias sociais, como por exemplo, o instagram da escola e do projeto *É da Nossa Escola que falamos*, live no instagram, etc). No diálogo a seguir, os/as bolsistas debatem sobre a escolha do instrumento de pesquisa:

Bia: Eu estava pensando muito em formulário também para que a gente consiga atingir um nível maior de pessoas sem ser somente da escola [Potência], entendeu? Eu estava pensando em a gente fazer um instagram ou no instagram do PIBIC, a gente colocando esse formulário, divulgando, pra gente conseguir ter um número de respostas maiores, né? (Bia, transcrição de encontro 08/02/2021).

Levi: Mas os dados não tem que ser da escola [Potência]? Eu gosto muito da ideia de entrevista, mas eu concordo que formulário alcança mais pessoas. Eu gosto muito da ideia de entrevista... só que se a gente conseguisse muitas pessoas seria difícil de fazer remotamente. Ai eu pensei que em grupo seria melhor, em grupo, mais pessoas seria melhor. Acho que usar os dois [formulário e entrevista em grupo] seria uma boa.[...] (Levi, transcrição de encontro 08/02/2021)

Percebe-se, na discussão sobre a escolha dos instrumentos, o interesse pelo uso do formulário e também da entrevista. Levi sugeriu incluir, ao final do formulário, uma pergunta se a pessoa tinha disponibilidade de participar de uma entrevista em grupo, caso decidíssemos fazer depois. Marlon, pesquisador da UFC, pontuou que o formulário já produziria bastante resultados da pesquisa. Como decisão final, escolhemos o formulário online, tendo em vista a vantagem deste instrumento de pesquisa poder atingir um número maior de pessoas, considerando os limites que o contexto da pandemia impunha. A

entrevista acabou por não ser viável ser realizada nesta pesquisa devido ao fim da bolsa PIBIC-EM que estava se aproximando e ainda iríamos fazer a análise dos resultados obtidos nos formulários.

Dessa forma, o delineamento da pesquisa na perspectiva do pesquisarCOM foi construído com e por muitas mãos, processualmente, e foi tecendo efeitos sobre uma análise da produção do comum. O contexto da pandemia na qual nos encontrávamos indicava que, apesar das primeiras vacinas contra a COVID-19 estarem sendo aplicadas no Brasil, ainda não seria possível a realização da pesquisa de forma presencial, e assim, precisávamos pensar numa alternativa virtual.

Corroborando com o que expõe César, Silva e Bicalho (2014), a pesquisa cartográfica possibilita que os instrumentos sejam inventados, (re)situando-os a partir do plano de relações que produz a pesquisa, não a partir de si mesmo, expressando o jogo de forças constituinte da pesquisa. Posto isso, o instrumento forjado nesta pesquisa pelo coletivo do PIBIC-EM foi o formulário online, tendo em vista que essa ferramenta abrangeria uma grande parte da comunidade escolar e o fato de ser virtual, teria um alcance significativo dada às condições da pandemia que ainda estávamos atravessando. Era preciso elaborar a frustração de não pesquisar no face a face, olho no olho como a bolsista Bia havia desejado. Nesse sentido, solicitamos que os estudantes secundaristas do PIBIC-EM se reunissem entre eles para planejar as possíveis perguntas do formulário e, posteriormente, apresentar um esboço inicial deste para o grupo. Estava posto o desafio: como trabalhar o plano de forças, a criação de um comum numa pesquisa on-line cujo instrumento é um formulário do tipo Google Forms? Como cartografar os processos de subjetivação que se colocam acerca da gravidez, maternidade e paternidade durante a vida escolar numa escola agora sem cheiro, sem ruído, mas ainda permeada de afeto e com sede de encontros? Cartograficamente era preciso acompanhar processos. Estes agora se davam de forma remota, e era preciso potencializá-los, criando um território comum que se constituiu na criação coletiva do formulário no Google Forms.

A partir desse esboço, elaboramos o instrumento da pesquisa, durante três meses em reuniões duas vezes por semana. O formulário foi construído com muita dedicação em cada enunciado de perguntas, debatido minuciosamente entre o grupo PIBIC-EM na plataforma remota, conforme print abaixo:

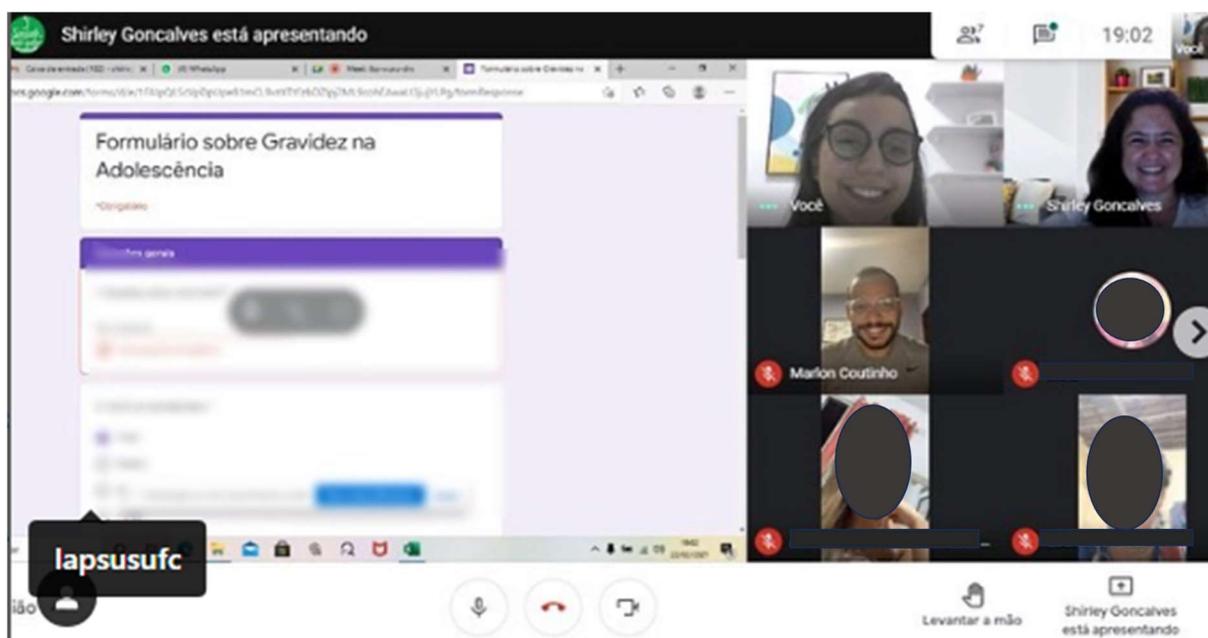


Figura 28: Print da gravação de um dos encontros de elaboração do formulário online

Interessa pensar o formulário desta tese não como um instrumento definido como quanti-quali e sim como mobilização das quantidades de força, como efeitos imprevisíveis que atualizam sujeitos e mundo. Assim, a pesquisa cartográfica é efeito dessa composição de forças, não sendo vista a partir de uma suposta dicotomia quali quanti e sim a partir de uma atitude ético política, na qual as dimensões quantitativa e qualitativa operam numa inseparabilidade entre forma e força, distinguindo sem separar o plano coletivo das forças e o plano das formas que ganha sentido com a processualidade da experiência (CÉSAR, SILVA e BICALHO, 2014).

O motivo da escolha do público alvo da pesquisa ser toda comunidade escolar é a busca de uma abrangência maior da compreensão da gravidez, m(p)aternidade por parte dos vários segmentos/atores sociais que compõe a instituição escolar, considerando o interesse dos jovens pesquisadores de entender como a comunidade escolar lida com essa temática, a partir do recorte de gênero, classe social, etnia e geracional. No tópico a seguir, iremos caracterizar o instrumento escolhido: o formulário online elaborado no *Google Forms*.

4.1 Formulário online do *Google Forms*: caracterização do instrumento

Após muitas revisões, o formulário (apêndice B) virtual intitulado “Gravidez na adolescência: diálogos sobre maternidade e paternidade na escola”, composto por vinte e sete questões de múltipla escolha e subjetivas, foi aplicado com a comunidade escolar, ou seja, alunos, ex-alunos, professores, gestores, funcionárias, pais/mães e responsáveis da escola *Potência*.

O primeiro bloco de perguntas abordavam os aspectos sociodemográficos dos participantes da pesquisa com questões relacionadas à: qual segmento o respondente pertencia (alune, ex-alune, professor, gestão, funcionária, pai/mãe e responsável); autodeclaração de raça/cor (preto, branco, amarelo, pardo, indígena, outro); identificação em relação a identidade de gênero (mulher cisgênero, homem cisgênero, homem transgênero, mulher transgênero, pessoa não-binária, prefiro não declarar, não responderam/outros); ao nível de escolaridade (não alfabetizado, fundamental incompleto, fundamental completo, médio incompleto, médio completo, superior incompleto, superior completo, pós-graduado) e qual a série do ensino médio, caso o participante pertencesse ao segmento aluno/a/e da escola *Potência*.

O segundo bloco de perguntas do questionário abordavam o tema da gravidez, maternidade e paternidade na adolescência no cotidiano escolar, com questões relacionadas à: experiência dos respondentes com a gravidez na adolescência (se teve filho na adolescência, e nesse caso, as mudanças no cotidiano após o nascimento da criança; se conhecia alguém que teve filho na adolescência; se era filho/a/e de uma gravidez na adolescência; se não tinha contato próximo com ninguém que teve essa experiência; se fez parte da rede de apoio de mães e/ou pais adolescentes); como a família de jovens que engravidaram na adolescência lidam com esse fenômeno; como professores, funcionários, estudantes lidam com um/a jovem que engravidou na adolescência (não tem opinião sobre isso; muito mal; mal; nem mal nem bem; bem e muito bem); como percebe o preconceito em relação a gravidez na adolescência dentro da escola comparando hoje e antigamente (não conheci ou vivi casos de gravidez na adolescência; não existe ou existiu essa forma de preconceito; o preconceito é o mesmo antigamente e atualmente; antigamente tinha mais preconceito que atualmente, mas está melhorando; antigamente tinha menos preconceito do que atualmente;); se percebe diferenças no tratamento, pela comunidade escolar, entre a jovem mãe e o jovem pai que engravidaram na adolescência; as implicações da desigualdade de gênero na maternidade e paternidade; se a escola é lugar para discutir sobre gravidez, m(p)aternidade na

adolescência; se após o nascimento da criança, a jovem mãe e o jovem pai tem: dificuldade para assistir aula, para concluir tarefas escolares, se tem maior probabilidade de abandonar os estudos para cuidar do/a seu/sua filho/a; o que a escola *Potência* tem feito para dar suporte pedagógico, emocional às mães/pais adolescentes; o que acha que a escola poderia fazer para evitar a evasão de jovens pais e mães que engravidaram na adolescência, etc.

A construção do formulário foi marcada também pelas trocas com o restante do grupo de pesquisa da universidade, além de assessoria técnica do Laboratório Cearense de Psicometria (LACEP)⁴³. Tivemos uma reunião para apresentar o formulário para o professor Walberto dos Santos, que teceu sugestões de melhorias, tais como: 1-) Iniciar o questionário pela pergunta “Quem é você na escola (aluno/a/es, ex-aluno/a/es, pai/mãe/responsável, professor, gestor, funcionário/a/e, etc?)”; 2-) Modificar a formulação da pergunta para “Qual a data de nascimento?” ao invés de “Quantos anos tem?”, tendo em vista que a primeira pergunta facilita a obtenção da resposta a qualquer tempo bastando apenas fazer o cálculo a partir do ano de nascimento para obter a idade do respondente; 3-) Explicação e descrição do que é pessoa não-binária e as demais identificações em relação a identidade de gênero para sanar possíveis dúvidas que venham a surgir durante o preenchimento do questionário; 4-) Sugestão de mudar a sequência dos itens e colocar como primeira opção “não ter opinião sobre isso” para que, caso o respondente queira marcar essa opção, ele não precise ler todas as opções e assim, não tornar o questionário cansativo, dentre outras.

Posteriormente, essas sugestões foram discutidas e apreciadas com a equipe do PIBIC-EM que definiu as alterações a serem realizadas. Cada participante solicitou duas pessoas para responder o formulário ainda na fase de pré-teste para que pudéssemos receber feedbacks de melhorias em relação às perguntas. Além disso, os participantes do PIBIC-EM fizeram a auto aplicação do formulário para se colocar no lugar do respondente e também para verificar a média de tempo de resposta. Desse modo, o instrumento passou pela validação tanto do próprio grupo PIBIC-EM, como do coletivo “É da Nossa Escola”, com membros que não acompanhavam a pesquisa, como do

⁴³ Com uma formação mais sólida em pesquisas qualitativas mais comum no campo das pesquisas participativas, precisamos buscar ajuda para a articulação quanti-quali que a dimensão da pesquisa estava tomando. Através do auxílio do Prof. Dr. Walberto Silva dos Santos do Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFC e coordenador do LACEP, o formulário foi discutido, configurado e finalizado. Agradecemos ao Professor sua valiosa contribuição.

Professor especialista Prof^o Walberto dos Santos e da própria escola *Potência*, tendo em vista em que nos reunimos com a gestão escolar para apresentar o formulário, planejar a aplicação desse instrumento com a comunidade escolar e a proposta de divulgação da pesquisa nas redes sociais da escola.

Assim, corroborando com o que expõe Passos e Kastrup (2013), consideramos que a validação na pesquisa cartográfica ocorre ao longo do processo de investigação e não ao final, e é distribuída em três níveis de avaliação: a autoavaliação realizada pelo próprio pesquisador; a avaliação pelos participantes da pesquisa e a avaliação por pares. Validar uma investigação cartográfica é avaliar suas avaliações, confirmar tanto os procedimentos e seus efeitos como as diretrizes que orientam a pesquisa, que são encontradas no plano comum que reúne os participantes, isto é, o plano coletivo de forças e não só nos resultados finais da pesquisa.

4.2 Divulgação do formulário online: estratégias de mobilização para participação da comunidade escolar na pesquisa

A proposta inicial era diversificar os canais de divulgação do instrumento de forma a atingir o segmento da comunidade escolar que usa aquele canal. Por exemplo, para garantir a participação dos/das estudantes, a divulgação foi primeiro na aula de Formação Cidadã e, em seguida, nos grupos de whatsapp; para os professores, a ferramenta mais útil de divulgação era a mensagem de texto via whatsapp e para os demais segmentos, como ex-alunos e pais/mães/responsáveis, a divulgação pelo instagram da escola era mais eficaz para atingir esse público.

Durante o planejamento de divulgação da pesquisa para o preenchimento do formulário, um dos participantes do PIBIC-EM sugeriu a elaboração de um vídeo-convite com objetivo de mobilizar a comunidade escolar para participação na pesquisa. A decisão pela criação do vídeo se deu por acreditarmos que este mobiliza mais as pessoas a participarem. A proposta do vídeo era ser bem sucinto e breve, tendo em vista que ia ser veiculado nas redes sociais, uma das nossas ferramentas aliadas nesse momento de pandemia e de pesquisa realizada de modo remoto.

O vídeo-convite foi planejado e produzido da seguinte forma:

1-) Apresentação da Equipe;

2-) Apresentação do PIBIC-EM com ênfase na relação de pesquisa entre Escola e Universidade;

3-) Apresentação da Pesquisa, salientando a importância de estudar maternidade e paternidade na vida escolar;

4-) Apresentação do objetivo da pesquisa, que era promover o diálogo entre a comunidade escolar acerca da gravidez, da maternidade e da paternidade na adolescência;

5-) Convite para responder o formulário online da pesquisa, composto por questões objetivas e subjetivas sobre a temática. Cada participante ficou responsável por gravar uma parte do vídeo e depois o vídeo foi editado para ser publicizado nas redes sociais da escola *Potência* e do coletivo “É da nossa escola que falamos”.

Na reunião de planejamento junto com gestão da escola *Potência*, o diretor sugeriu que a proposta de pesquisa do PIBIC-EM fosse apresentada para os 29 Professores Diretores de Turma (PDT's) no início de uma reunião que já estava agendada com a direção da escola em abril de 2021, o que foi acolhido por nós. Dessa forma, teríamos um espaço institucional agora também com a possibilidade de implicação de parte do corpo docente. O objetivo da nossa participação nessa reunião era solicitar o apoio dos PDT's em sensibilizar a comunidade escolar para aderir a pesquisa, respondendo o formulário online.

Nessa reunião com os PDT's, realizada de modo remoto, fizemos a apresentação dos membros do PIBIC-EM (estudantes bolsistas e voluntários da pesquisa e pesquisadores da UFC) e também reproduzimos o vídeo-convite elaborado pela equipe. Em seguida, convidamos os PDT's a responderem o formulário online para aproveitar o tempo dos docentes que já são bastantes ocupados, apresentamos o instrumento da pesquisa e tiramos as dúvidas. Os professores responderam o formulário e abrimos para o debate sobre o que os/as docentes acharam do mesmo. Tivemos uma boa receptividade por parte da equipe de PDT's, recebemos elogios como alguns relatos escritos no chat durante a reunião no *Meet*:

Achei muito bom o questionário, abrangente. (Professora)

Adorei responder o questionário. O decorrer das questões faz passo a passo entrarmos em contato com as especificidades do tema. (Professor)

Ainda em relação ao feedback dos/as PDT's em relação ao formulário, uma docente relatou que a pesquisa despertou uma dimensão afetiva ao lembrar de uma prima que foi mãe aos 14 anos. Outra docente relatou a reclamação de uma aluna grávida a respeito da forma como era tratada por seus pares/estudantes e pelos professores, conforme trecho abaixo escrito no chat:

Tive aluna que engravidou e reclamava dos professores que não a deixava ir ao banheiro, mesmo sabendo que ela estava grávida... E de como os alunos meninos passou a olhar para ela de forma maliciosa e as meninas de forma condenatória” (Professora DT).

Recebemos também questionamentos e sugestões ao formulário, como por exemplo, o relato de uma professora de ter sentido falta do tema aborto, que é invisibilizado. A docente denunciou o Estado como conservador, com ausência de políticas públicas voltadas para essa pauta e que o Estado não estimula a Educação sexual. Ela comentou que, geralmente, faz uma dinâmica com a turma de estudantes, dividindo-a em gênero masculino e feminino e pergunta, por exemplo, ao menino qual a vantagem e a desvantagem de ser menina. Uma das respostas que obtive foi: “Não há vantagem de ser mulher, a não ser ser mãe” (*sic*).

Essa resposta denota o quanto na sociedade patriarcal ser mãe confere à mulher um valor, sendo a maternidade socialmente apontada como objetivo-fim, um destino para a vida feminina (GONZAGA, MAYORCA, 2019). Desse modo, como afirma Gonzaga e Mayorca (2019, p. 63), “ [...] a instituição da maternidade é uma imposição colonial naturalizada e que tem efeitos de contenção e controle das mulheres”, considerando colonialidade como um sistema de imposição de todos os campos da vida humana. A Diretora de turma que fez essa dinâmica criticou o endeusamento da maternidade e reafirmou a ausência do Estado e de Políticas públicas de Educação sexual.

A respeito dessa dinâmica de grupo da professora, em um momento posterior em que discutimos sobre a reunião com os DT's, Levi, bolsista PIBIC-EM, criticou o binarismo de gênero presente na dinâmica, ao afirmar, via chat: “*Tive vontade de falar pra ela que a desvantagem de ser trans é não participar da brincadeira, mas me segurei” (sic).*

No que diz respeito à Educação Sexual, foi reivindicado, de maneira significativa por parte dos/das PDT's, como ação de encaminhamento a importância de se ter uma formação de professores para trabalhar educação sexual com os/as estudantes, para que o debate seja pautado a partir de uma formação continuada com os docentes sobre o tema e não a partir de uma construção moral de cada professor/a, que é diversificada. A respeito da formação de professores, o diretor comentou no chat: *“Acho que a pesquisa é nossa, participação direta será um bom momento para formação continuada”*(sic).

Conforme aponta Gonçalves e Miranda (2022), a educação sexual e as questões de gênero e sexualidade na escola são, na maioria das vezes, abordadas no aspecto biologicista, no qual a sexualidade é tratada numa normatividade heterossexual binária, pouco se reconhecendo as diferentes formas de expressão de gênero.

Ademais, a escola é um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual (LOURO, 2018). Aqueles e aquelas que se atrevem a expressar sua sexualidade são alvo de vigilância e taxados como aqueles/aquelas que desviam do esperado, do heteronormativo. A Educação para a Sexualidade se propõe a discutir as diversas perspectivas que atravessam não apenas aspectos relacionados à sexualidade como também às questões de gênero, pensando como uma construção histórico-social, problematizando práticas dadas como naturais (VARELA; RIBEIRO, 2017).

A direção também nos solicitou um material de apoio (apêndice F) sobre a temática de gravidez, m(p)aternidade na adolescência para auxiliar os/as/os professores Diretores de turma no debate sobre o tema durante a aula de Formação Cidadã. Posteriormente, o diretor da escola encaminhou o vídeo-convite e o texto-convite com o link do formulário online para os grupos de *whatsapp* dos estudantes representantes de turma, os/as/es professores, os/as diretores de turma e os/as/es funcionário/a/es. Realizamos postagens de divulgação (post, stories, reels e carrossel) no instagram da escola e do coletivo do “É da nossa escola que falamos”, a fim de garantir participação da comunidade escolar, como o banner abaixo que também foi divulgado nos quarenta e quatro grupos de *whatsapp* das turmas da instituição escolar:

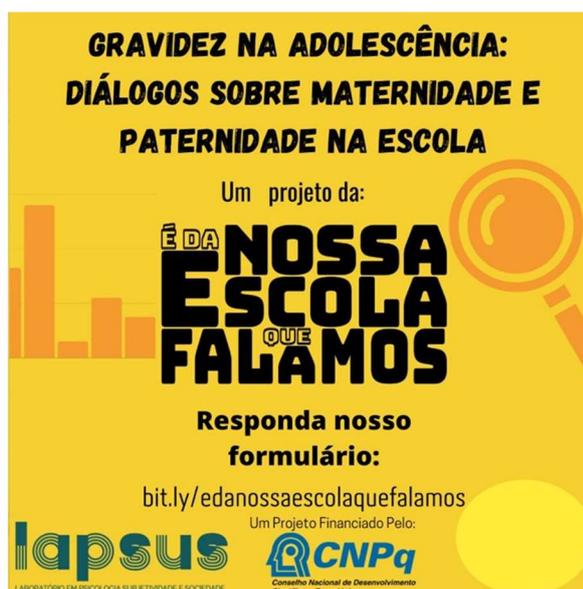


Figura 29: Banner de divulgação da pesquisa com o link do formulário

A rede social possibilitou o alcance aos pais/mães/responsáveis dos estudantes que, de acordo com a gestão, acessam bastante o conteúdo do instagram da escola *Potência*. Até mesmo a página do instagram do coletivo “É da nossa escola que falamos” adquiriu novos seguidores formados por estudantes e pais/mães/responsáveis que passaram a acompanhar o conteúdo da página a partir desta pesquisa. Como acompanhávamos frequentemente a página do instagram da escola, visualizamos lá um comentário de uma mãe de estudante da escola *Potência* parabenizando e afirmando a importância do tema da pesquisa e que considerava a escola como um modelo.

O período de divulgação e aplicação do questionário da pesquisa foram quinze dias. Diariamente acompanhamos a quantidade de respostas obtidas para que assim pudessemos elaborar novas estratégias para atrair o segmento (professores, pais/mães/responsáveis, etc) que ainda não tinha muitas respostas, produzindo posts no instagram direcionado especificamente a cada público.

Além disso, professores/as ligados/as ao Projeto Professor Diretor de Turma (PPDT), utilizaram o espaço da aula de Formação Cidadã para que mais estudantes respondessem o questionário. Durante o período em que o formulário ficou aberto, os bolsistas PIBIC-EM relataram o engajamento de alguns professores para que estudantes aderissem respondendo à pesquisa.

A respeito do feedback dos bolsistas PIBIC-EM sobre a aula de Formação cidadã de sensibilização para participação da pesquisa e preenchimento do formulário, Bia,

bolsista PIBIC-EM, relatou que a professora diretora de turma da sala dela utilizou os slides produzidos pela equipe do PIBIC-EM para aquecer a discussão do tema, que envolveu evasão escolar e aborto.

Segundo a bolsista, houve o relato de uma menina da sala dela, que estava grávida e comentou que não notou diferença de tratamento pelos outros colegas da escola, até por estar no momento de pandemia. A adolescente grávida afirmou que seus pais não reagiram bem no início da gravidez e o primeiro pensamento dela foi o aborto. A colega de sala de Bia também relatou não saber se o pai do bebê iria assumir a criança (DIÁRIO DE CAMPO DE PESQUISADORA ACADÊMICA, 12/05/2021).

Bruno, voluntário do PIBIC-EM, comentou que o professor DT da sala dele também utilizou os slides produzidos pela equipe do PIBIC-EM e as discussões circularam em temas como: não romantizar a gravidez na adolescência, relacionamentos abusivos, para que os/as/es adolescentes não cedessem a fazer sexo sem camisinha como prova de amor e a importância do papel da escola na educação sexual (DIÁRIO DE CAMPO DE PESQUISADORA ACADÊMICA, 12/05/2021).

Levi, bolsista PIBIC-EM, disse que a professora DT apresentou o formulário, mostrou vídeos no youtube de meninas de 12 anos que tinham sido mães e os namorados tinham 17 anos e que os estudantes da sala ficaram revoltados por causa disso. Ele também comentou que houve um debate sobre aborto e os estudantes solicitaram que a DT abordasse mais sobre esse tema na aula seguinte. (DIÁRIO DE CAMPO DE PESQUISADORA ACADÊMICA, 12/05/2021).

A mobilização com os/as PDT's e o próprio material criado para ajudar nas discussões que transbordavam no cotidiano escolar, mesmo que virtual, afirmam a cartografia como um método *ad hoc*. Estávamos construindo uma cartografia, provocando deslocamento, suscitando debates, mesmo em tempos tão difíceis da pandemia.

Vale a pena "pousar" em dois analisadores que dizem respeito ao próprio processo da pesquisa que, se por um lado não tem uma relação direta com gravidez, maternidade e paternidade no cotidiano escolar, por outro trazem a marca das questões de gênero que atravessam a escola e a nós, enquanto grupo de pesquisa inserido na temática.

4.3 Cena analisadora da interdição do corpo feminino por parte da gestão escolar: exclusão do vídeo de divulgação do formulário no instagram da escola Potência

Conforme foi dito no tópico anterior, o grupo PIBIC-EM planejou estratégias de divulgação do formulário elaboradas como *posts*, conteúdos com formato de imagem, vídeo, texto, criados e publicados numa plataforma da internet, no caso, instagram da escola e do “É da nossa escola que falamos”. Dessa forma, foram elaborados textos de divulgação do questionário com imagens para serem publicados no *feed* e no *stories* do instagram, como demonstram as figuras abaixo:

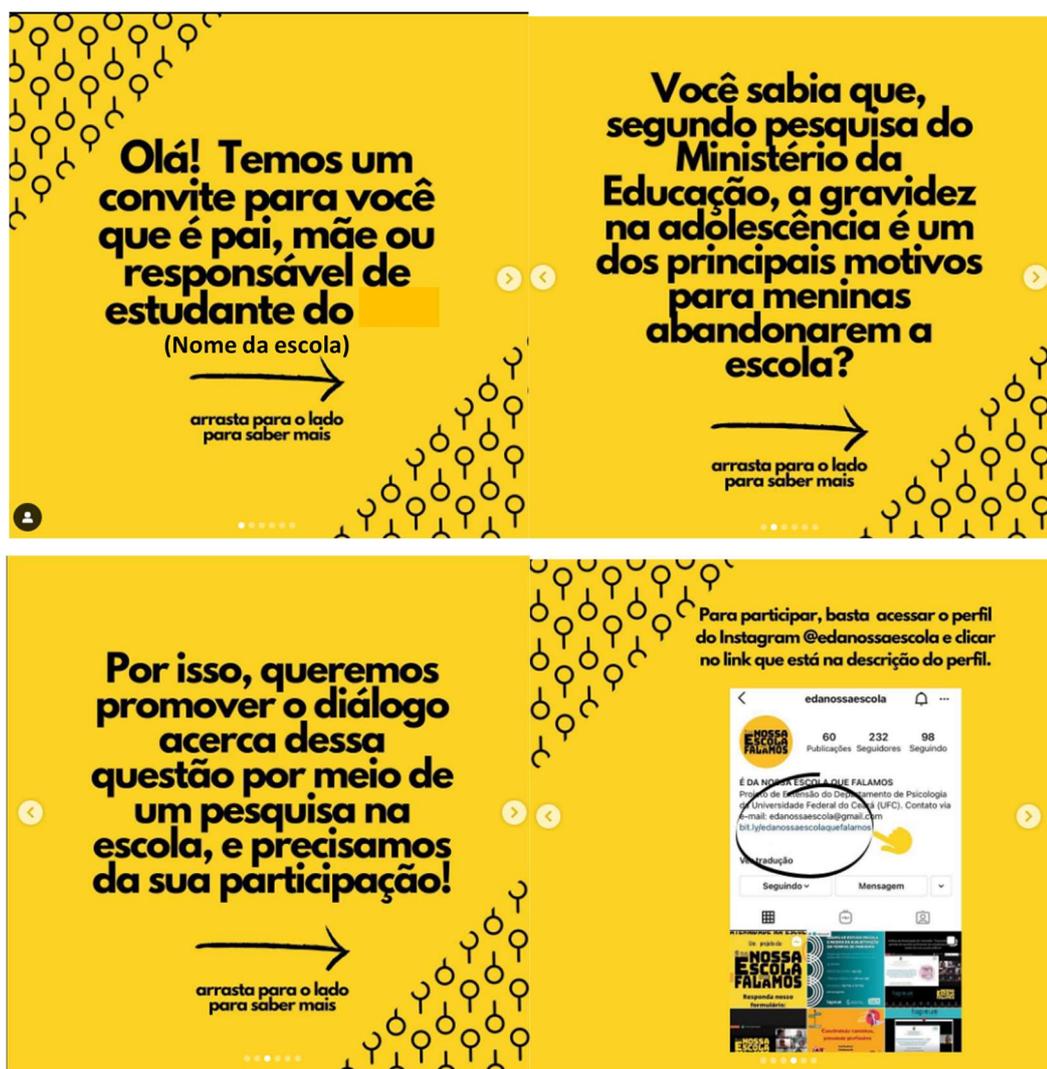




Figura 30: Post do instagram para divulgação do formulário.

Outro *post* de divulgação do questionário foi um *reels*, que é um vídeo curto e dinâmico de até 30 segundos, no qual pode adicionar músicas e textos. A descrição do vídeo é a seguinte: na primeira cena, Bia, bolsista do PIBIC-EM, está vestida com a blusa da farda da escola amarrada na cintura e uma calça jeans, dançando lentamente, com feição desanimada, a música de funk intitulada “Tipo Gin - E ela tá movimentando”, de composição do Mc Kevin o Chris, seguido da legenda: “Você passando na nossa pesquisa e ignorando”. Em seguida, na segunda cena, aparece a referida estudante dançando mais rápido a mesma música, com feição animada, seguida da legenda: “Você passando pela nossa pesquisa, respondendo e compartilhando”. Essa música era bastante tocada na época e os jovens costumavam se apropriar e (re)produzir no cotidiano.

Postamos o vídeo durante uma de nossas reuniões do PIBIC-EM, ao final do dia de uma segunda-feira, e seguimos com a reunião. O vídeo já tinha mais de 500 visualizações e com comentários de elogios a Bia, como: “top”, “musa” e “emoji de apaixonado”. Pouco antes do final da nossa reunião, percebemos que o vídeo tinha sido excluído da conta do instagram da escola. Pelo *whatsapp*, a coordenadora da escola escreveu a seguinte mensagem de texto sobre o apagamento do post:

Hoje teve uma postagem no instagram da escola com um vídeo sobre a pesquisa! Só escrevendo para dizer que eu acabei de apagar, porque o vídeo trouxe uma imagem de uma estudante com a farda dobrada e dançando, que consideramos um pouquinho exposto. E por isso achamos melhor apagar, tudo bem? [...] Recebemos algumas mensagens da nossa comunidade escolar com

esse incômodo e aí decidimos apagar da nossa conta [página do instagram da escola] (sic) (MENSAGEM DE TEXTO DA COORDENADORA DA ESCOLA POTÊNCIA).

Apesar disso, a coordenadora relatou que entendia a proposta, elogiou a ideia e disse que estava condizente na linguagem atual das mídias, porém, ressaltou que foi precaução da escola e também pediu a nossa compreensão, ressaltando a seriedade, o compromisso e significância do nosso projeto.

Esse acontecimento anuncia um analisador importante. Corroboramos com Paulon (2005), ao conceituar analisador como um dispositivo que tensiona as cenas, os discursos, as narrativas, os acontecimentos presentes em um determinado tempo e espaço, que, ao pôr em contradições, nos apresenta reflexões importantes sobre a realidade. Paulon (2005, p. 24) define esse conceito-ferramenta como:

[...] o analisador refere-se a todo dispositivo revelador das contradições de uma época, de um acontecimento, de um momento de grupo e que permita, a partir de uma análise de decomposição do que aparecia até então como uma totalidade homogênea (uma verdade instituída), desvelar o caráter fragmentário, parcial e polifônico de toda realidade.

A coordenadora considerou que o vídeo da aluna dançando e convidando a comunidade escolar para participar da pesquisa expôs a aluna Bia. Ficaram alguns questionamentos: O motivo do apagamento foi por ter sido considerado, pela coordenadora, um vídeo sensual, por ter a farda amarrada na cintura da estudante? A imagem reproduzida no vídeo fere alguma normativa da escola? Como são pautadas a disciplina dos corpos no contexto escolar?

É importante discutir, a partir desse analisador do episódio de apagar o vídeo, a sexualização do corpo da mulher, a ingerência da instituição escolar sobre o corpo feminino de podar, normatizar, disciplinar o corpo feminino. Questiona-se se, no lugar de uma estudante do gênero feminino, fosse um estudante do gênero masculino, dançando, se teria o mesmo desfecho de apagamento do vídeo.

Ademais, esse acontecimento do apagamento do vídeo também é indicador de controle do limite de pesquisa, as relações de poder que se presentifica no campo da pesquisa, tendo em vista que apesar de nós termos a senha do instagram da escola, fornecida pela própria coordenadora, esse uso é limitado.

4.4 Cena analisadora: atravessamentos de gênero no processo da pesquisa

Corroborando com o que expõe Kastrup e Passos (2014), consideramos que a ideia de composição no plano de forças e dos afetos busca apontar que não há indiferença na escolha do tema e dos sujeitos da pesquisa. Ao cartografar com afetos, abrimos nossa atenção e sensibilidade a atravessamentos múltiplos e imprevisíveis. É sobre esses atravessamentos que vamos abordar neste tópico.

A questão do gênero é um aspecto que atravessa a pesquisa tanto no que diz respeito ao objeto da pesquisa desenvolvida com o PIBIC-EM, gravidez na adolescência, maternidade e paternidade, quanto no próprio dispositivo do grupo PIBIC-EM que tinha como um dos seus participantes, um estudante que se identificou no formulário de inscrição à bolsa como agênero, ou seja, ausência de identidade de gênero, sendo portanto uma identidade não-binária.

Essa identificação agênero rompe com a binaridade de gênero, com, por exemplo, a identidade transgênera. No Brasil, há inúmeras ações para auxiliar na inclusão de pessoas transexuais e travestis nas políticas públicas, como por exemplo, a adoção do nome social nos diversos âmbitos sociais que buscam diminuir os impactos das violências sofridas por essa população. O nome social é a forma como a pessoa se autoidentifica e é reconhecida, identificada e denominada no seu meio social, tendo em vista que o seu nome civil não reflete, necessariamente, a sua identidade de gênero.

Um dos bolsistas do PIBIC-EM, que se identifica como pessoa não-binária, se apresentou para o grupo com o seu nome social Levi⁴⁴ e também solicitou preferência em ser tratado com pronomes masculinos.

Entretanto, ocorreram duas situações institucionais no início e no final da pesquisa PIBIC-EM em que o nome social do bolsista Levi não foi respeitado. A primeira circunstância foi quando, logo após a seleção dos bolsistas para a pesquisa, informamos à direção da escola *Potência* quais os/as/es estudantes tinham sido contemplados com a bolsa do PIBIC-EM, dentre os quais o nome de Levi estava incluído. A instituição publicou um post no instagram com a divulgação dos nomes dos/as bolsistas

⁴⁴ Nome fictício escolhido pelo próprio participante para fins de sigilo.

contemplados com a bolsa de PIBIC-EM, informando o nome do estudante conforme registrado na certidão de nascimento dele, um nome feminino e não o nome social pelo qual ele se identificava. A escola alegou que esse era o nome com o qual ele foi matriculado na escola e que, portanto, oficialmente a instituição tinha que utilizar esse nome.

Outra situação semelhante de falta de respeito ao nome social também ocorreu no âmbito da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFC, na ocasião em que foi solicitada a elaboração do certificado de bolsistas do PIBIC-EM ao final da pesquisa. Apesar do pedido formal feito pela professora orientadora desta tese à PRPPG para que o certificado do bolsista constasse o nome social do estudante, isso não aconteceu. A resposta à solicitação foi que, no caso de menores de 18 anos, a inclusão do nome social deveria ser requerida mediante a apresentação de autorização, por escrito, dos pais ou dos responsáveis legais. Assim, percebe-se ainda os entraves institucionais, causando desconforto e desrespeito ao não usar o nome social do estudante. Para minimizar um pouco os danos dessa situação de desrespeito ao uso do nome social, pedimos desculpas no ato da entrega do certificado da PRPPG ao Levi por não constar seu nome social e entregamos uma declaração à todes pela participação na pesquisa com a chancela do LAPSUS e do “É da nossa escola” e nesta constava o nome social do bolsista Levi.

Além das situações de cunho institucional que colocam a escola e a universidade no mesmo patamar, a micropolítica do próprio grupo também não escapou ao constrangimento e se viu atravessado por preconceitos, invisibilidade que cotidianamente atravessam corpos trans e que nosso coletivo por vezes também (re)produzia. Outro aspecto em relação a referência ao nome social, foi durante os encontros do grupo de pesquisa, em que dois integrantes do coletivo PIBIC-EM não utilizavam o artigo masculino ao se referir ao Levi. Isso provocou um incômodo em nós, pesquisadores da UFC, que dirá no próprio bolsista. Durante os nossos encontros de planejamento, nós da UFC refletimos sobre esses equívocos que estavam acontecendo no grupo e debatemos sobre a importância de conversar com esses estudantes e enfatizar que o bolsista Levi deveria ser nomeado com o artigo masculino antes de seu nome social, conforme ele se solicitou. Pode-se considerar as situações relatadas acima como violências sofridas por Levi em relação a sua identidade de gênero que não era reconhecida e valorizada algumas vezes pelo coletivo e pela própria instituição escolar.

A população Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais, Queer, Intersexos e Agêneros - LGBTQIA+ torna-se mais vulnerável às violências e são vítimas da necropolítica de gênero, por desobedecer as normas hegemônicas de gênero e sexualidade (NUNES *et al.*, 2023). Corroborando com o que expõe Jesus e Carvalho (2020), as pessoas trans, em seu cotidiano, são alvos do desatendimento de direitos fundamentais, da exclusão estrutural e de violências, ameaças, agressões e atos discriminatórios denominados como “transfobia”. Enquanto mulher cisgênero, a autora desta tese reconhece não sofrer as mesmas violações e violências às quais as pessoas transexuais estão sujeitas.

Ainda a respeito ao debate de gênero, este tema também perpassou o processo de elaboração do formulário, no qual Gabriel, pesquisador da UFC, ponderou a importância de atentar para a forma da construção da pergunta, como se percebe nos trechos a seguir:

O quão delicado é esse processo de a gente criar essas perguntas, porque querendo ou não às vezes, a gente pode enviesar um pouquinho nas respostas ou então a gente pode acabar não contemplando o que a gente quer descobrir ou o assunto que a gente quer, de alguma forma, suscitar o debate. É um trabalho realmente, assim, bem, bem delicado mesmo, que você vai fazendo bem aos poucos. Na forma que a gente faz a pergunta, muitas vezes, pode trazer algum julgamento, ou então pode acabar não contemplando todos os sujeitos. Enfim, acho que é isso. (Gabriel, pesquisador UFC, transcrição de encontro 13/10/2020).

Aí a ética também diz de uma construção da pesquisa, né. Porque até na maneira que a gente fala, às vezes, a gente reproduz algumas violências. Então, por exemplo, quando a gente coloca, assim, gênero, aí coloca apenas homem ou mulher. A gente acaba não considerando outras formas de vivenciar o gênero que existe, né. Então passa muito por isso tbm (Gabriel, pesquisador UFC, transcrição de encontro 13/10/2020).

Gabriel nos convoca a questionar a importância do processo de formular as perguntas do questionário, de como as palavras estão dispostas, de quais termos utilizamos e que podemos excluir sujeitos a partir da escolha de palavras que fazemos para elaborar as perguntas, como por exemplo ao usar termos binários. Essa questão do

binarismo de gênero, de pensar em formas dissidentes, quebrando o heteronormativo também esteve presente em outro momento de discussão na elaboração das perguntas do questionário, como vemos no diálogo a seguir:

*Mayara: Vim hoje pra reunião porque queria acompanhar vocês mas também pelas discussões da semana passada que me implicaram muito e que me deslocou. **Eu cheguei agora nessa pergunta [questão 22] e ela se utiliza da palavra menina-mãe e menino-pai. E aí eu fiquei me perguntando porque a gente se utiliza desse termo menino e menina e eu estava conversando com o Marlon no privado do por quê né e de uma alternativa possível pra gente sair um pouco desse binarismo. Acho que a gente pode conversar um pouco sobre isso, não sei se era pra conversar sobre isso agora. Por isso que eu fiquei com receio de falar disso do nada, acho que a gente estava em outro percurso, foi um desvio, não sei. Mas da gente pensar, sei lá, adolescente mãe e adolescente pai. Eu sei que são nesses detalhes que, às vezes, ou é chato ou trabalhoso, são esses detalhes que é importante a gente também colocar uma linguagem neutra, uma linguagem que, enfim, que represente mais. Não sei se é uma alternativa, se não faz sentido pra vocês, queria que vocês comentassem um pouco sobre essa escolha.***

*Levi: **Eu concordo plenamente. Eu queria muito deixar o menos binarista possível. Só que eu fico tipo: “Ah, meu Deus, será? O que que eu faço”.** Enfim, uma ótima sugestão.*

*Lara: **Nas outras questões, por exemplo, naquela que tem as pessoas da família, a gente usa jovem mãe e jovem pai. Acho que pra manter a regularidade do questionário, poderia ser utilizado jovem.***

*Bia: **Verdade, Lara.** Era isso que eu ia acabar de falar, pra gente continuar usando esse jovem pai e jovem mãe.*

Bruno: Eu não sei se eu entendi muito bem, talvez eu tenha ficado um pouco confuso. Eu gostei da observação da Mayara ... Mas, tipo, tem questões que essa diferença está presente na própria pergunta, não sei se colocando o termo, tipo, mudando “a pessoa que engravida” e a companheira, “a pessoa que está com o bebê no bucho” e “a que botou no bucho da pessoa”, entendeu, não sei qual seria

o termo assim (risos). Tem que ter uma diferenciação entre a pessoa que engravida, que vai passar pelo processo físico de gestação e o companheiro. Tipo, eu concordo que pai e mãe sejam termos que podem reforçar um estereótipo, assim.

Mayara: Eu nem pensei muito sobre o termo pai e mãe, porque eu acho que abarca, a gente pensa pai e mãe como um símbolo, não necessariamente um gênero, é mais uma uma função. O que eu fiquei pensando foi sobre esse menino e menina, que realmente é uma coisa mais binária e de gênero. Mas, é isso Bruno, o que tu traz é muito importante porque é difícil a gente se deslocar um pouco e pensar uma linguagem outra. Mas é esse trabalho, essa dificuldade que a gente tem que tentar e acho que vale a pena o esforço (TRANSCRIÇÃO DE ENCONTRO).

Desse modo, pode-se perceber que se configura de significativa importância utilizar uma linguagem de gênero neutra ou não-binária durante essa pesquisa tanto no instrumento quanto na própria escrita desta tese, assim como buscou-se também o uso dessa linguagem no próprio questionário para abranger todas as identificações de identidades de gênero, sem binarismo.

Malgrado as condições adversas da pandemia, houve uma adesão da comunidade escolar à pesquisa, talvez porque a temática seja considerada social e subjetivamente relevante. O próximo tópico aborda o momento de análise coletiva dos dados obtidos/construídos no formulário.

4.5 Descrição do processo de análise das respostas do formulário

Ao final do período de respostas ao formulário, realizamos as análises quantitativas dos dados, utilizando o excel e o software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) e as análises qualitativas, utilizando o software Atlas Ti. Durante a etapa de análise de dados, decidimos realizar dois encontros online semanais, tendo em vista o grande número de dados para analisar.

Iniciamos com o tratamento quantitativo dos dados na planilha do excel, ao legendar todas as respostas, transformando-as em números para que fosse possível ser usado esses dados no software SPSS.

Em seguida, nos dedicamos à análise qualitativa e dividimos as oito questões qualitativas do questionário entre quatro duplas, cada uma formada por um/uma pesquisador/a secundarista e um/uma pesquisador/a da UFC. Cada dupla analisou as respostas de duas questões qualitativas dos 599 formulários e realizou o gerenciamento textual através do recurso de categorização e codificação de texto no Software Atlas Ti (versão 22).

Em seguida, todos do grupo de discussão do PIBIC-EM se reuniram para apresentar as microcategorias e agrupar as que se assemelhavam, formando ao final sete categorias gerais, que compreendiam a análise das respostas de todo formulário: 1-) Gravidez, Maternidade e Paternidade na adolescência e suas possíveis consequências; 2-) Incompatibilidade entre Gravidez e adolescência; 3-) Responsabilização do gênero feminino/Desigualdade de Gênero; 4-) Responsabilidade da família sobre os cuidados com a criança; 5-) Diálogo sobre sexo/sexualidade com a família/Questões familiares e o papel da escola; 6-) Apoio escolar a estudantes que engravidam na adolescência e 7-) Educação Sexual. Apresentamos a tabela com as categorias gerais criadas e sua respectiva descrição no apêndice D desta tese.

Diante de uma vasta gama de material analisado, elencamos juntos aquilo que nos chamou mais atenção para compor a cartilha digital, legado desta pesquisa, que será discutido no capítulo 5. Assim, estas categorias gerais serviram de base para trabalhar os analisadores presentes no processo de construção da cartilha digital realizada no grupo de pesquisa do PIBIC-EM.

4.5.1 Perfil biosociodemográfico dos respondentes

No total, seiscentos e trinta e seis pessoas acessaram o formulário online. Destas, quinhentas e noventa e nove pessoas aceitaram participar da pesquisa e preencheram o questionário e trinta e sete, não aceitaram. A porcentagem de cada segmento da comunidade escolar que responderam a pesquisa foi: 84,11% alunes, 6,52% ex-alunes, 4,01% mães/pais/responsáveis, 3,68% professores, 1% gestão (coordenador/a, diretor), 0,68% funcionários (bibliotecários, zeladores, porteiros, etc).

Em relação à raça, os respondentes se identificaram como: 10,54% preto, 45,65% pardo, 3,51% amarelo, 38,96% branco, 0,67 indígena e 0,67 % outros. Em relação a identidade de gênero, o perfil foi: 61,20% mulheres cisgênero, 29,90% homens cisgênero, 2,70% pessoas não-binária, 0,2% mulheres transgênero, 0,3% homens transgênero; 4,5% dos respondentes preferiram não declarar e 1,2% não responderam ou responderam outros.

4.6 Avaliação do processo de pesquisa com o grupo de discussão do PIBIC-EM

Em julho/2021, realizamos um encontro virtual para avaliação do processo de pesquisa, no qual propomos a dinâmica de grupo “*Check-In versus Check-out*”. Essa atividade consistia em cada participante relatar: como chegou na pesquisa (*check-in*) e como se sentia saindo da pesquisa (*check-out*), como foi para cada participante esse processo de um ano de pesquisa. A proposta era expressar através de uma palavra, frase, imagens/figuras, meme ou desenho esse sentimento e registrar na ferramenta *Jamboard* que, ao final desse processo coletivo, resultou no quadro digital abaixo:

Check-in: (como chegaram na pesquisa)

Saí aprendendo um pouco sobre pesquisa e pensando em mil coisas pra fazer na minha pesquisa!!!

Check-out: (Como saíram)

Saio feliz em ver o comprometimento e empenho de todes vcs, que não abandonaram o barco e se dedicaram bastante pra dar certo.

Aprendi que não preciso ter receio em não saber, pois encontrei um espaço de pessoas compreensíveis e dispostas a debater e ajudar um ao outro.

Estou saindo muito feliz primeiro com o alcance, por ter conhecido vocês e principalmente por discutir gênero, gravidez pela pesquisa na escola.

Cheguei cheia de expectativa, adentrando o desconhecido de como ia ser desenvolver a pesquisa.

Eu cheguei muito ansiosa pra discutir as questões de gênero, ainda tinha algumas coisas pra pensar sobre gravidez na escola.

e eu saí grata por todo aprendizado. Mas com um sentimento de que eu estou realizada

Aprendi muito com todos. Muito grato pela dedicação de todo mundo e pela abertura que a gente conseguiu ter. Muito feliz por ver o que a gente conseguiu construir juntos.

Eu cheguei muito curioso!

Cheguei muito curioso e motivado em aprender coisas novas que sabia que certamente iria me ajudar muito, mas também receio por não saber o suficiente do tema

com medo de não conseguirmos construir juntas a pesquisa por ser tudo online

Feliz porque a gente fez o nosso nome e a pesquisa superou as expectativas

Saio grata pelo trabalho em equipe. O empenho de todes foi muito importante para a pesquisa dar certo.

Figura 31: Quadro digital produzido na dinâmica Check-in e check-out para avaliação do processo de pesquisa (produzido no dia 16/07/2021)

Levi, bolsista PIBIC-EM, descreveu como *check-in* o meme da Gretchen e relatou:

*Depois de um ano agora, aconteceu muita coisa e eu descobri que pra mim é muito difícil separar o emocional de outras coisas. Quando eu não estou bem da cabeça eu não consigo estar bem em nenhuma outra área da minha vida, óbvio né. Mas tem gente que consegue separar. **Eu aprendi muita coisa, eu me interessei muito pela área da pesquisa.***

Em relação ao *check-out*, o bolsista colocou o meme do Bob Esponja e afirmou: *Estamos unidos no meio do caos. É isso” (sic)*. Esse relato retrata na percepção do bolsista o que foi esse um ano de encontros de pesquisa, enquanto coletivo unidos em prol de produzir uma pesquisaCOM, no meio do caos da pandemia. Esse sentimento também foi compartilhado por Marlon, pesquisador acadêmico da UFC, que apresentou a figura de um paraquedista em relação à como chegou na pesquisa do PIBIC-EM e acrescentou: “[a pesquisa] *É uma forma da gente se aproximar no meio desse caos da pandemia” (sic)*.

Bruno, pesquisador voluntário, descreveu o seguinte relato para expressar a como ele chegou na pesquisa do PIBIC-EM:

*Cheguei muito curioso e motivado em aprender coisas novas. Sabia, que certamente iria me ajudar muito, mas também com receio de não saber o suficiente do tema. Acho que a maioria e eu também acabou caindo de paraquedas. **Eu nunca tinha participado de nada parecido, né. A única pesquisa que eu fiz foi uma do primeiro ano que era um trabalho de sociologia, que não era uma pesquisa mesmo porque você só saia perguntando pro povo e depois falava pro professor o que as pessoas responderam. Você não montava a pesquisa, você não fazia a divulgação da pesquisa, você não se reunia com outras pessoas para discutir o que seria feito em cada pesquisa. Então tudo isso é novo, né. É um tema que quando eu vi eu disse: Valha, se eu participar disso aqui eu vou ter uma experiência bacana, uma experiência nova, uma***

experiência que certamente vai me ajudar. Até mesmo por conversar mesmo com as pessoas pra entender, retirar dados e tal. Algo que eu provavelmente pretendo utilizar bastante no que eu vou fazer. Então pensei nisso na hora de entrar, por isso que eu vim muito motivado e querendo mesmo aprender, aprender sobre um tema, aprender sobre o que é uma pesquisa, ter uma experiência bacana, legal, até pra eu me ocupar mais durante o período da quarentena que eu achava que ia durar três meses. Nós estamos aqui terminando o negócio [a pesquisa] e ainda preso aqui [na pandemia], mas enfim... E, hoje em dia, eu aprendi que eu não tenho que ter receio em não saber das coisas, eu encontrei aqui um espaço com pessoas que sabem trabalhar muito bem com os jovens, sabem trabalhar muito bem com as outras pessoas, então eu encontrei um espaço com pessoas compreensíveis para ajudar (Bruno, voluntário PIBIC-EM, grifos nossos).

Bruno ressalta a produção coletiva da pesquisaCOM em que a participação dos estudantes secundaristas é protagonista em todo o processo, desde o delineamento da pesquisa, a construção do objeto de estudo, a elaboração do instrumento, a análise coletiva dos dados e a restituição à comunidade escolar. No que diz respeito a como saiu da pesquisa (check-out), o pesquisador voluntário, afirma:

Eu saio como um pesquisador, digamos assim, né. Todo mundo é um pesquisador, só que eu saio com consciência de que eu sou e que eu participei de uma [pesquisa] que eu tenho certeza que vai colher frutos. Muito grato mesmo por estar participando, muito feliz que eu resolvi participar, resolvi fazer a inscrição [...] muito feliz de estar aqui e feliz da gente ter conseguido fazer as coisas né, principalmente aquela época lá que eu até falei com o [diretor da escola] que foi uma época muito frenética, acabou ficando mais ainda, bem mais, inclusive, principalmente nessa reta final [em relação aos encontros constantes de análise de dados nas duplas] (BRUNO, voluntário, grifos nossos).

O medo da pesquisa não dar certo por ser online estava presente no relato da pesquisadora Lara, acadêmica da UFC, principalmente devido ao fato da interação no meio virtual não ter o contato olho no olho entre os participantes, como se observa no trecho abaixo:

Eu cheguei com medo de que não fosse dar certo da gente fazer. Porque a gente estava nesse meio online, né. A gente tinha feito a pesquisa com a escola de um jeito completamente diferente antes de como a gente fez agora. E era tudo diferente porque a gente tinha mais tempo de se encontrar, enfim conversando outras coisas, da gente se dividir. Enfim, era uma outra dinâmica que a gente não tem agora por ser nesse meio online. Acho que como eu cheguei foi principalmente assim: com medo e sem saber como é que a gente ia conseguir fazer isso, desse jeito, né. Como é que a gente ia conseguir construir as coisas todo mundo junto, de um jeito tão diferente que é esse jeito que a gente tá sempre aqui nessa salinha, que é sempre igual e que não deixa a gente se conhecer tão bem (LARA, pesquisadora acadêmica UFC, grifos nossos).

E o sentimento de felicidade e realização pela pesquisa ter acontecido, ter tido um grande alcance de participantes, o compromisso e dedicação de todos em cada etapa do processo de construção da pesquisa:

Eu saio feliz porque a gente realmente conseguiu fazer uma pesquisa que foi muito maior do que a gente esperava, do que eu esperava pelo menos. Foi muito maior. A gente conseguiu chegar em muita gente. Ver o esforço de todo mundo pra fazer acontecer, o tempo que a gente passou construindo esse questionário, da gente olhar e olhar de novo cada pergunta. Não, isso não dá pra entender desse jeito, não sei o que, aí apaga, não, vamos voltar. Então, tudo a gente ia costurando junto, passava horas e horas discutindo como é que a gente ia fazer. Acho que a gente realmente fez, a pesquisa tá com a nossa cara, a gente conseguiu fazer com que chegasse em um monte de gente. Eu saio bem feliz que deu tudo certo. Até quando tava dando errado, que a gente achava que não ia rolar, a gente dava o nosso jeito e fazia acontecer. (LARA, pesquisadora acadêmica UFC, grifos nossos).

Foi muito interessante escutar esses relatos sobre como foi o processo de pesquisa para os participantes, o que a pesquisa possibilitou para cada membro do coletivo, formando, como afirma bell hooks (2021), uma comunidade de aprendizagem. Como salienta Lavor Filho (2022, p.175) “[...] o processo de pesquisa na cartografia não se

encerra necessariamente quando entregamos os produtos, mas quando após isso, olhamos sobre o que tínhamos feito, habitado, criado, vivido, sentido e como fomos afetados”.

5 O RECONHECIMENTO ATENTO: RESTITUIÇÃO DA PESQUISA E A ELABORAÇÃO DA CARTILHA DIGITAL

Mesmo após o término da bolsa do PIBIC-EM e a finalização dos nossos encontros periódicos e semanais em julho/2021, os pesquisadores secundaristas se comprometeram a participar de reuniões episódicas para o planejamento e execução da restituição da pesquisa e para a elaboração da cartilha digital, demonstrando a responsabilidade e compromisso com a pesquisa do coletivo PIBIC-EM.

O momento da restituição com professores e gestores e da construção coletiva da cartilha digital foi marcado principalmente pelo reconhecimento atento (KASTRUP, 2012), onde na cartilha destacamos a produção de analisadores da relação gravidez, maternidade, paternidade durante a vida escolar do adolescente. Kastrup (2012), retomando as quatro variedades da atenção cartográfica, afirma que no reconhecimento atento a atitude do cartógrafo é “vamos ver o que está acontecendo” com intuito de retornar ao objeto para destacar seus contornos singulares.

Lourau (1993) ressalta que a restituição, como um dispositivo socioanalítico, não diz respeito apenas à informação e a devolver a pesquisa aos participantes. A concretude de restituir ocorre, sendo seu valor intrínseco ao processo de pesquisa (MIRANDA *et al.*, 2016) na implicação. Realizar análises com pesquisadores do coletivo PIBIC-EM, com a

gestão, os/as PDT's possibilitaram a construção de um campo de análise coletiva, que produziu dados de pesquisa, contribuindo para uma ressignificação do próprio processo de pesquisa e também das estratégias de ação na micropolítica do cotidiano escolar.

A restituição ocorreu em dois momentos: o primeiro foi com os gestores da escola Potência e o segundo foi com os Professores Diretores de Turma (PDT's). Durante a restituição aos gestores, foi sugerida uma devolutiva/restituição da pesquisa endereçada aos Diretores de Turma e a elaboração de uma cartilha digital.

A direção sugeriu que os/as PDT's fizessem a restituição aos estudantes da escola Potência durante a aula de Formação Cidadã e utilizasse a cartilha digital no debate dos resultados da pesquisa sobre gravidez e m(p)aternidade na adolescência com os estudantes da escola. A mobilização para participação na pesquisa também teve o apoio do PPDT's, como vimos anteriormente, e agora, apostamos em mais uma parceria desse projeto para debater e capilarizar os resultados para a escola. Iremos apresentar nos tópicos a seguir cada uma dessas etapas: 1-) restituição à equipe gestora; 2-) elaboração da cartilha digital e 3-) restituição aos/às PDT's.

5. 1. Restituição à equipe gestora da escola Potência

A primeira restituição foi realizada em uma reunião online com a equipe gestora, em agosto de 2021, no qual participaram o diretor, a coordenadora, a professora orientadora da UFC, os pesquisadores secundaristas (Bia, Bruno e Levi) e acadêmicos da UFC (Shirley, Lara e Artur) que formavam a equipe do PIBIC-EM. Logo de início, ao apresentarmos o perfil biosociodemográfico dos respondentes da pesquisa, os dois gestores relataram terem se surpreendido com a quantidade de pessoas que se consideravam brancas na escola (38,96%), sendo a maior identificação dos respondentes com a raça parda (45,65%).

Outro dado destacado pela gestão durante a restituição foi em relação à questão que indagava: “Como você acha que as pessoas que ocupam os cargos escolares abaixo (direção, coordenação, professores, funcionários e estudantes) na escola, lidam com um/a jovem que engravidou na adolescência?”. As respostas obtidas indicam que: 17,39% dos respondentes consideram que os estudantes lidam mal com um/uma jovem que engravidou na adolescência; 9,20% consideram que os professores lidam mal; 8,87% considera que a coordenação lidam mal; 8,53% consideram que a direção lida mal e 6,86% consideram que os funcionários lidam mal, conforme gráfico abaixo:

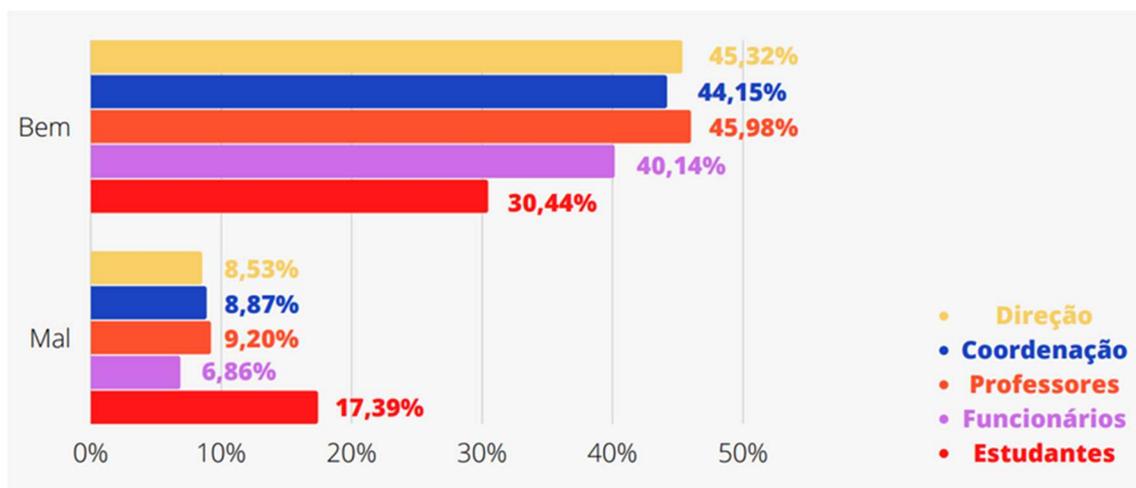


Figura 32: Gráfico comparativo das respostas à questão 20 do formulário online.

Ao fazer um comparativo entre os segmentos analisados, percebe-se que os estudantes lidam pior do que o restante da comunidade escolar, de modo que, entre os estudantes é onde há menos acolhimento ao/à jovem que engravidou na adolescência. A respeito desse dado dos estudantes serem os que menos apoiam, o diretor salientou:

Eu também quando fiz a leitura, senti também essa mesma sensação e acho que é um ponto que eu acredito que a gente tem que explorar mais na escola, pra saber qual é motivo dos jovens pensarem dessa forma, que seus colegas, das suas idades, mais ou menos, que teoricamente são os que a gente mais acreditam que apoiam, que dão ali uma força, uma sustentação, foi colocado na pesquisa como sendo os que menos talvez apoiam. Achei essa resposta aí importante pra gente mais pra frente trabalhar bastante. [...] Eu tenho a impressão, é de que o apoio ao jovem menino é maior, eu acho que algum lugar lá na frente tem uma pergunta...E o apoio a menina...acho que essa resposta está mais carregada com o apoio que as meninas grávidas não tem do colega (Sávio, nome fictício, diretor da escola, TRANSCRIÇÃO DE ENCONTRO 23/08/2021, grifos nossos).

Um aspecto relevante no que diz respeito a notar diferença de tratamento, pela comunidade escolar, entre a jovem mãe e o jovem pai que engravidaram na adolescência, em todos os segmentos (estudantes, ex-alunes, professores, funcionários, pais/mães/responsáveis), a maioria ou todas as pessoas percebem que há diferença de

tratamento entre jovem mãe e jovem pai que engravidaram na adolescência. Porém, ao realizar um comparativo das respostas válidas entre os segmentos que se identificaram com alguma expressão de gênero, os homens cisgêneros foram os que mais assinalaram que não há diferença de tratamento entre jovem pai e jovem mãe (35,8%), indicando que não haveria desigualdade de gênero, conforme se observa na tabela abaixo:

@22Vocénotadiferençasnotratamentopelacomunidadeescolar

			Frequência	Porcentual	Porcentagem válida no grupo de respostas SIM
@4ComovocêseidentificaemrelaçãoasuaidentidadedeGênero					
Mulher cisgênero	Válido	Sim	279	76,2	64,73
		Não	87	23,8	
		Total	366	100,0	
Homem cisgênero	Válido	Sim	115	64,2	26,68
		Não	64	35,8	
		Total	179	100,0	
Homem transgênero	Válido	Sim	2	100,0	0,46
Mulher transgênero	Válido	Sim	1	100,0	0,23
Pessoa não-binária	Válido	Sim	13	81,3	3,02
		Não	3	18,8	
		Total	16	100,0	
Prefiro não declarar	Válido	Sim	17	63,0	3,94
		Não	10	37,0	
		Total	27	100,0	
Não responderam/Outros	Válido	Sim	4	57,1	0,93
		Não	3	42,9	
		Total	7	100,0	

Figura 33: Quadro comparativo de respostas válidas da questão 22 entre os segmentos que se identificaram em relação à identidade de gênero.

Em alusão a esse dado, que perpassa a questão da masculinidade tóxica, o diretor relatou que, naquele mês de agosto de 2021, estava sendo trabalhada na aula de Formação Cidadã o tema do assédio sexual e da Lei Maria da Penha, cuja campanha do Agosto Lilás tem como objetivo por fim à violência doméstica e familiar contra a mulher. Conforme relatado pelo diretor, o Núcleo de Gênero da escola *Potência* elaborou a cartilha sobre a Lei Maria da Penha, que na ocasião da data completava quinze anos, e foi responsável por organizar um debate sobre masculinidade tóxica na escola.

Neste contexto, surgiu a ideia de elaboração da cartilha digital da pesquisa sobre gravidez, m(p)aternidade na adolescência, uma materialidade com os dados que a equipe PIBIC-EM considerasse principais como um produto de restituição da pesquisa à comunidade escolar. A gestão sugeriu que a cartilha tivesse informações condensadas sobre os resultados da pesquisa, porém não de uma forma meramente informativa e sim ilustrativa com perguntas disparadoras para gerar diálogo em momentos de debate sobre a temática na escola.

Esse momento de restituição da pesquisa à equipe gestora foi de devolutiva dos resultados e, ao mesmo tempo, de construção de dados da pesquisa, tendo em vista que os relatos dos gestores também se configura como produção de dados, como pode ser exemplificado no trecho a seguir da coordenadora da escola *Potência*:

Nós, enquanto gestão, o quanto a gente precisa também repensar nossas ações, muitas situações. Eu até então quando me deparava, não sabia como encaminhar. Vou dar um exemplo, eu lembro muito de uma estudante que chegava muito atrasada. Na semana era 2, 3 vezes por semana. E a gente aqui na escola no nosso projeto, a gente tem um limite para esses atrasos, pra gente entrar em contato com a família. E me impressionava porque ela era mãe, fazia o 2º ano à tarde, trabalhava de manhã e ainda era representante de turma. Ela tinha um protagonismo na sala de aula, ela era responsável até pela frequência dos estudantes. E ela tentava lidar com mil coisas ao mesmo tempo. Eu lembro que nos eventos da escola, como representante de turma, ela tomava à frente, organizava, mas assim com todas essas outras situações por trás: de trabalho, de família, de cobrança da escola, cobrança em casa, cuidado com o filho. Eu fiquei lembrando muito dela e ela dava o máximo dela em tudo. Ai eu fico pensando até onde a gente consegue pensar isso, propor soluções pro que a gente ainda não conseguiu porque, por exemplo, a gente conhecia essa situação e a gente tentava ser bastante flexível com ela. Eu ficava incerta porque como é que vou lidar com isso, porque ela está chegando muito atrasada, já ultrapassou tudo, mas eu entendia a situação. São dilemas que a gente acaba vivendo quando a gente pensa esse tema [...] O quanto a gente precisa discutir e propor soluções e temas como esse dentro da escola. Por mais que a gente acha que já tenha discussão, que a gente já pensou em muitas saídas, mas sempre, não se esgota, na verdade as situações vão surgindo e a gente vai vendo o quanto é preciso que a gente sempre esteja pensando sobre isso. [...] Muito bom a gente poder ter esse olhar mais aprofundado e a gente vê que essa discussão não se esgota e nem está encerrada numa pesquisa como essa. Na verdade ela tá é abrindo para mais questionamentos, muito mais. A gente só vê o quanto a gente ainda não conseguiu lidar com isso de maneira plena. Eu pelo menos saio daqui com a sensação de que é preciso que a gente converse muito mais, que a gente trabalhe

muito mais isso. É isso. (Júlia, nome fictício, coordenadora da escola Potência, transcrição de encontro 23/08/2023, grifos nossos).

É importante ressaltar as reflexões que a pesquisa suscitou e, dessa forma, produziu ecos na gestão no tocante a rever as condutas, questionar o que está posto e pensar maneiras outras de lidar com esse fenômeno dentro da escola. A ideia era que a pesquisa, após o seu término, continuasse produzindo reverberações no território escolar, nas condutas na micropolítica do cotidiano escolar. Um exemplo dessas ressonâncias foi o relato da coordenadora Júlia de interesse em pesquisar outros temas dentro da escola, da necessidade de conhecer, a partir de uma metodologia de pesquisa, a parcela de pessoas trans dentro do público de 2000 estudantes e 100 professores da escola Potência.

A respeito do diálogo abaixo, a coordenadora da escola sugeriu que houvesse uma restituição com os/as Professores/as Diretores de turma:

Júlia [nome fictício da coordenadora da escola]: Eu fico pensando assim que talvez ... como amplia o nosso olhar sobre o que que a comunidade escolar está pensando. Acho que seria interessante mais pra frente, da gente fazer um momento como esse, primeiro com os diretores de turma, pra que eles se apropriassem desses questionamentos que surgiram, fazer essa leitura sobre essas respostas, pra que eles pudessem posteriormente também está discutindo isso nas turmas. Acho que seria muito legal da gente montar um momento como esse também. Muito rico, é muito profundo, a gente ler um fenômeno dentro da nossa escola através desses dados. Acho que mais pra frente seria bacana se a gente conseguisse fazer esse momento primeiro com os diretos de turma de sensibilização desses dados, pra que depois a gente pudesse estar discutindo isso com os meninos [estudantes], levantar de novo esse tema a partir do que eles mesmos colocaram. Eu me lembro de estudantes que vivenciaram isso aqui na escola. É engraçado quando a gente consegue fazer esse link do que a gente percebeu aqui dentro da escola, tendo essa leitura também a gente consegue até fechar algumas coisas que a gente não conseguia perceber. Muito interessante. (Júlia, coordenadora da escola Potência, transcrição de encontro, 23/08/2021, grifos nossos).

Luciana [professora orientadora]: A ideia é exatamente essa Júlia [nome fictício] que faça sentido pra vocês, pra comunidade escolar, que não seja uma coisa só que esse grupo fez, mas que faça sentido também, que vocês olhem, se reconheçam e veja o que a gente pode fazer agora com isso, juntos. Acho que é esse espírito mesmo. Acho que o PDT [Projeto Diretor de Turma] é fundamental.

A restituição ocupa um lugar de problematização, não como uma denúncia dirigida a alguém, pois, como afirma Lourau (1993, p. 52): “Deve-se enunciar as coisas e não denunciar outrem”. Nesse sentido, as sugestões dadas pela comunidade escolar em resposta às perguntas do formulário: “O que a escola tem feito para dar suporte pedagógico/emocional/etc às mães e pais adolescentes?” e “O que você acha que a escola poderia fazer para evitar a evasão de jovens pais e mães que engravidaram na adolescência?” foram encaminhadas na íntegra em um relatório para a direção da escola Potência, via e-mail, conforme solicitado pelo diretor.

Ao final do encontro de restituição à gestão, a coordenadora da escola Potência elogiou a pesquisa e a oportunidade de participação dos estudantes secundaristas no âmbito das pesquisas, como demonstra o trecho a seguir:

Mesmo no contexto de pandemia, nas dificuldades que a gente vive no mundo virtual, poder estruturar uma pesquisa como essa tão bem detalhada. Posso imaginar que tenha sido um trabalho extenso e, ao mesmo tempo, fico muito feliz de como ele proporciona pra gente uma leitura muito legal, de como a gente pode pensar sobre esse tema na nossa escola. Parabenizo todos vocês, aos nossos estudantes também que participaram ativamente, uma coisa que me deixa muito feliz ver os meninos adentrando no universo de pesquisa, de poder compreender melhor esse fenômeno através dessas metodologias, o quanto é importante para o amadurecimento. A gente fica muito feliz quando vê a participação dos nossos jovens num processo como esse. Só posso deixar os meus parabéns a toda essa construção que foi feita (Júlia, coordenadora da escola Potência, transcrição de encontro, 23/08/2021).

5. 2 Processo de criação coletiva da Cartilha digital

O coletivo do PIBIC-EM produziu uma cartilha digital (Apêndice E) com os resultados principais da pesquisa, constituindo-se numa materialidade da investigação, cuja capa pode ser observada abaixo:



Figura 34: Capa da Cartilha digital elaborada pelo grupo de discussão do PIBIC-EM

A cartilha foi composta com os dados mais provocativos e relevantes escolhidos pelo coletivo da pesquisa, com a atuação do grupo de discussão PIBIC-EM, que foram problematizados com a escola, distribuindo-os de forma capilarizada. Ao sanar uma dúvida do bolsista Levi em relação a diferença entre a cartilha digital e o material apresentado na restituição à gestão em formato de powerpoint, Lara, pesquisadora acadêmica da UFC, afirma: “a cartilha é um dispositivo que fala por si só” (sic), ou seja, a ideia era a criação de uma materialidade que não dependesse da presença do coletivo para "explicá-la", que produzisse um campo de afetação que reverberasse no cotidiano escolar, para além do coletivo da pesquisa. Certamente isso já estava acontecendo: a mobilização da escola para responder o formulário, as quase 600 respostas, os diversos encontros com PDT's, gestão, etc. Mas agora na cartilha haveria uma sistematização do campo enunciativo que nós, grupo de pesquisadores, gostaríamos de enunciar.

Para realizar essa tarefa, nos organizamos em duplas, formada por um/uma estudante secundarista e um/uma acadêmico/a da UFC, na qual cada dupla era responsável por produzir uma parte da cartilha, que foi estruturada da seguinte forma:

1-) A relevância da temática de pesquisa, contendo perguntas disparadoras, tais como: “Por que é importante falar sobre gravidez na adolescência na escola?”, “Quais as

transformações ocorridas na gravidez?”, “O que pode mudar com a gravidez durante a vida escolar?” As consequências são as mesmas para meninas e meninos?

2-) A descrição de como aconteceu o processo de pesquisa, com a parceria entre a UFC e a escola Potência através do apoio do PIBIC-EM, bem como a caracterização do instrumento.

3-) Perfil biosociodemográfico dos respondentes

4-) Categorias obtidas a partir da análise dos resultados do formulário online e exemplos de respostas qualitativas caracterizando essas categorias, tais como:

- a) Gravidez, maternidade e paternidade na adolescência e suas consequências;
- b) Incompatibilidade entre gravidez e adolescência;
- c) Desigualdade de gênero (Gênero feminino sofre mais preconceito; A sobrecarga para a jovem mãe devido a ausência do jovem pai, que não assume e não tem responsabilidades com seus filhos; Evasão e a dificuldade de acompanhar a rotina escolar afetam mais a jovem mãe do que o jovem pai);
- d) Diálogo sobre sexo/sexualidade com a família e o papel da escola;
- e) Educação sexual
- f) Apoio escolar a estudantes que engravidam na adolescência
- g) Apoio escolar através do Projeto Diretor de Turma
- h) Suportes que existem ou que deveriam/poderiam existir na escola

A escolha desses resultados que compuseram a cartilha digital foi debatida primeiramente no coletivo do PIBIC-EM e encaminhada para a gestão ter conhecimento antes da reunião com os/as PDT's. A seguir, abordaremos os resultados mais significativos na pesquisa.

As pessoas que responderam o formulário entendem como possíveis consequências da gravidez, maternidade e paternidade na adolescência mudanças na vida pessoal, social, estudantil, psicológica e financeira, o que provoca muitas limitações na vida dos jovens pais e das jovens mães. As falas exemplificam isso:

Ter filhos é muita responsabilidade para jovens estudantes, que, conseqüentemente, terão que abandonar os estudos e arranjar um emprego para sustentar o seu filho. Isso atrapalha sua vida, carreira, estudos e até relações

com as pessoas. Essa idade é momento para estudar, se formar, arranjar um emprego, se relacionar (ALUNO, grifos nossos).

A própria jovem e o próprio jovem muitas vezes acabam por trabalhar para ajudar no sustento da criança e os pais também auxiliam nesse processo. **Outro fator é a perda da fase da adolescência, com toda questão dos cuidados maternos.** Além disso, esses jovens acabam por abandonar os estudos para auxiliar nesse sustento e isso afeta bastante no futuro, sem um grau de escolaridade, esses jovens têm a vida profissional afetada (ALUNA, grifos nossos).

[Com a gravidez na adolescência] **Não estou tendo tempo pra me dedicar aos estudos.** Na vida pessoal está indo tudo bem. E profissional estou dando um tempo, mas em breve farei cursinho de técnico de enfermagem (EX-ALUNA, grifos nossos).

Na real [a reação diante da gravidez] depende da família, mas, no geral, as reações são ruins. Medo de abandono, tanto do pai da criança ou dos familiares. **O machismo atua de forma direta nisso, em como o olhar cai demonizado para cima da mulher.** É interessante pensar em como isso pode dificultar suas outras metas, **nem todas querem exercer a maternidade.** E também é válido pensar na condição de vida da criança após nascer, se ela terá uma vida digna (ALUNA, grifos nossos).

Participantes da pesquisa relacionam essas consequências negativas da gravidez na adolescência, como destacadas anteriormente, com uma imaturidade que faria com que jovens não se adequassem ao exercício da maternidade e da paternidade, sendo este apropriado somente para a vida adulta e afastado das vivências próprias da adolescência. As falas em destaque apresentam estas percepções:

Pois é algo errado! Primeiro que tal pessoa não vai ter condições de criar um filho, segundo que na teoria ainda não somos adultos. A criança não terá boas

condições, e os pais podem perder uma grande fase da vida (ALUNO, grifos nossos).

Acredito que a maioria dos pais não querem isso [engravidar na adolescência] para seus filhos, pois a gravidez interrompe vários ciclos na vida de um adolescente e ao mesmo tempo antecipa outros que teoricamente deveriam acontecer apenas na fase adulta. Um dos ciclos que são interrompidos na maioria das vezes, é o estudo, onde o pai da criança geralmente precisa trabalhar para sustentar a criança junto de seus pais (normalmente) e os estudos são interrompidos (ALUNO, grifos nossos).

*Nem sempre em casa existe esse tipo de conversa, no Instagram mesmo eu já vi um comentário de uma garota de 14 anos perguntando se ela era muito nova para ser mãe, pois era algo que ela queria muito. **Se ela não conversa com os pais em casa, isso pode vir a ser um problema**, ainda mais se ela se apaixonar por um cara bem mais velho e acabar virando alvo de manipulações. **Em um diálogo na escola, um debate em uma aula com apenas 40 minutos, podemos abrir a porta da responsabilidade e ela irá enxergar o quanto um filho exigiria dela e ver que a hora não é agora** (ALUNA, grifos nossos).*

A maioria das pessoas que responderam à pesquisa apontam para uma reação muito má ou má por parte da família ao descobrir sobre a gravidez na adolescência, relacionando isso aos impactos negativos que a gravidez pode ter, especialmente na vida estudantil e na perspectiva de futuro da/o jovem, bem como à incapacidade de fornecer o cuidado adequado à criança, que pode ter que ser ofertado pela família, principalmente a da jovem mãe, conforme gráfico representado abaixo:

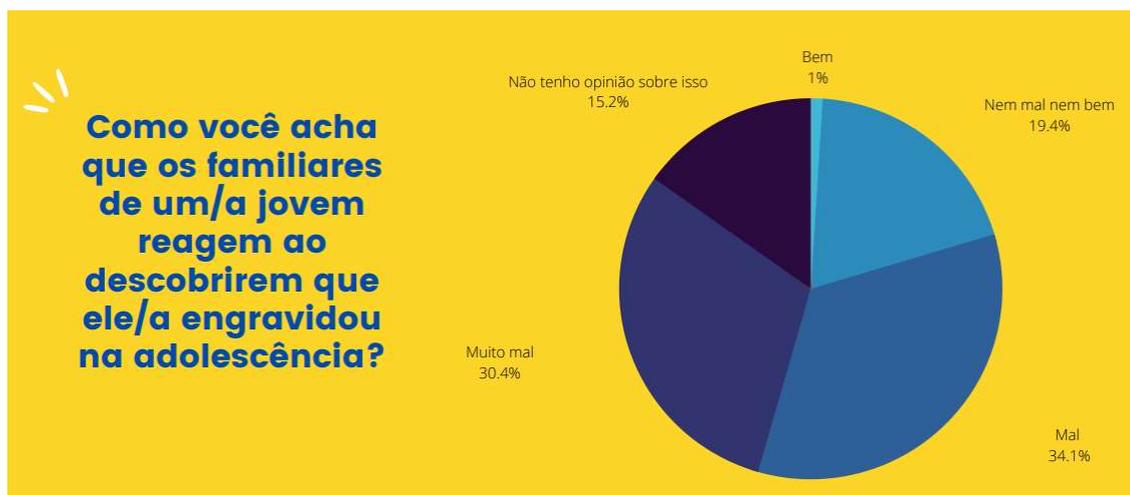


Figura 35: Porcentagem de respostas à pergunta do formulário: “Como você acha que os familiares de um/a jovem reagem ao descobrirem que ele/a engravidou na adolescência?”

A pesquisa apontou que o gênero feminino é muito afetado, impactando não só a jovem mãe, mas também outras gerações de mulheres da família, especialmente as avós maternas.

[...] Muitas avós maternas começam a cuidar dos netos para que a filha não desista de estudar ou trabalhar (na minha antiga rua, tinha uma menina que engravidou na adolescência e quem cuidava da criança era a avó, porque queria que ela continuasse estudando)” (ALUNA, grifos nossos).

Em relação à desigualdade de gênero, a pesquisa indicou que 72,1% dos respondentes notam diferenças no tratamento, pela comunidade escolar, com a jovem mãe e o jovem pai que engravidaram na adolescência. O gênero feminino, a jovem mãe, foi apontado como o que sofre mais preconceito. O julgamento social recai até mesmo sob a avó materna do bebê, por exemplo, ao ser cobrada por educar a filha e esta engravidar, como pode-se observar nas respostas do formulário:

As mulheres tendem a ser mais julgadas, colocadas como "burras", "desprevenidas" e "fáceis" quando passam por essa situação, enquanto os homens tendem a ser tratados como uma representação de masculinidade e virilidade (ALUNA, grifos nossos).

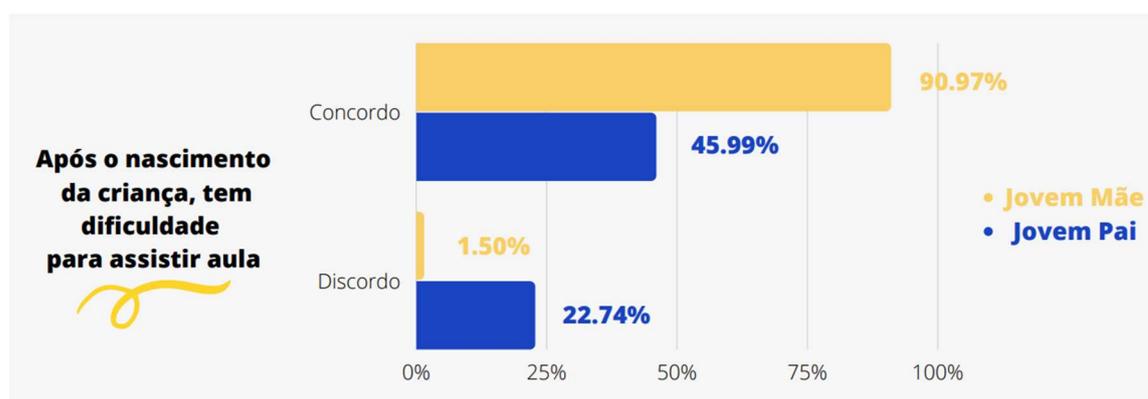
A pressão que a sociedade coloca em cima de jovens que engravidaram cedo é muito pesada [...]. A jovem mãe é a que mais sofre porque ela vai ser vista como

a pecadora, ela quem vai ser mais atacada pela sociedade [...]. A avó materna é normalmente a mais cobrada, porque ela quem educou a filha então vão julgar ela também pelo o que aconteceu” (ALUNA, grifos nossos).

O gênero feminino também é apontado como o mais afetado na gravidez na adolescência, inclusive devido a sobrecarga de atividades com os cuidados com o bebê devido a ausência do jovem pai, que não assume e não tem responsabilidades com seus filhos, como exemplifica a resposta abaixo:

A mãe jovem é extremamente afetada, tanto por questões sociais, como também físicas. São julgadas, sofrem mudanças prematuras no corpo, muitas têm que deixar a escola, outras passam a trabalhar cedo, entre outros. Além disso, é grande a taxa de mães que cuidam dos filhos sozinha por causa do abandono paterno (ALUNA, grifos nossos).

A gravidez na adolescência é um dos principais motivos pelo qual meninas param de estudar, de acordo com pesquisa realizada em parceria pelo Ministério da Educação, Organização dos Estados Ibero Americanos e Faculdade Latino-Americana de Ciências (ZINET, 2016). Esse dado também apareceu em nossa pesquisa, denotando que a evasão e a dificuldade de acompanhar a rotina escolar afetam mais a jovem mãe do que o jovem pai, conforme mostram os gráficos a seguir:



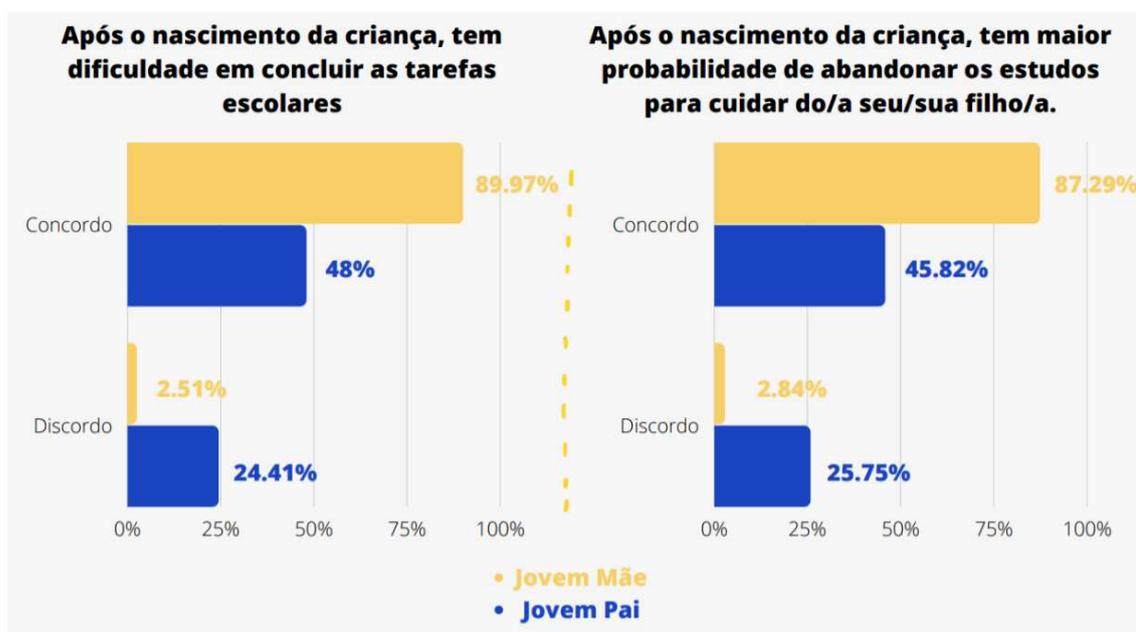


Figura 36: Porcentagem de respostas que relaciona a evasão e a dificuldade de acompanhar a rotina escolar afetam mais a jovem mãe

Outro dado relevante nesta pesquisa a respeito do diálogo sobre sexo/sexualidade com a família e o papel da escola, é que 98,3% dos respondentes apontaram que a escola é lugar para discutir gravidez, maternidade e paternidade na adolescência, conforme as percepções a seguir:

Todas escolas públicas deveriam ter projeto de educação sexual, porque muitos alunos não têm conhecimento sobre o assunto, e em casa, a família não conversa, ou aborda de forma constrangedora (ALUNA, grifos nossos).

É muito importante que a escola oriente os jovens e dê apoio a aqueles que estão passando pela gravidez na adolescência. Muitas famílias não informam sobre esses assuntos aos filhos e por conta disso, eles procuram descobrir sozinhos e isso pode acabar em uma gravidez indesejada ou em uma doença sexualmente transmissível (ALUNA, grifos nossos).

Antes de tudo, trabalhar cada vez mais o tema da educação sexual e gravidez na adolescência. Trabalhar os profissionais da escola em redes de conversas e formações (PROFESSOR, grifos nossos)

Educação sexual foi um tema recorrente ao longo da pesquisa. Respondentes reconhecem a importância da educação sexual na escola, especialmente pela falta de diálogo com a família. Percebeu-se uma visão positiva sobre educação sexual por parte da comunidade escolar:

Antigamente isso [a gravidez na adolescência] era visto como uma coisa absurda, considerando as mulheres impuras, irresponsáveis e jogando toda a culpa dela ter engravidado em cima dela. Atualmente esse preconceito vem diminuindo, embora muito lentamente. Porém mesmo com esse preconceito diminuindo, é de extrema importância a educação sexual nas escolas, para que os adolescentes se previnam e tenha conhecimento dos seus atos, pois uma gravidez indesejada e sem planejamento algum, pode trazer diversos traumas e consequências na vida de um adolescente que não teve acesso a uma educação básica sobre o assunto (ALUNA, grifos nossos).

Eu acho que esse assunto deveria ser abordado pelos pais e nas escolas, mas infelizmente os pais não conversam com seus filhos e muitos aprendem de uma maneira totalmente errada em sites pornô e etc. Até mesmo porque não é somente os jovens que engravidam, se esse assunto fosse abordado corretamente nas escolas e com os pais, muitas crianças não seriam abusadas por anos, pois muitas crianças crescem achando normal outras pessoas tocarem seu corpo (ALUNA, grifos nossos)

Educação sexual é um tabu ainda. [Familiares] Reagem mal [à gravidez na adolescência] porque não conversam com os jovens, e imaginam que isso não é uma possibilidade (EX-ALUNA, grifos nossos)

A educação sempre foi e sempre será o melhor caminho para orientação. Muitas das vezes a escola é o suporte mais acessível, já que a família é a primeira a fingir que isso não existe” (EX- ALUNA, grifos nossos)

A pesquisa mostrou que, de um modo geral, a escola Potência, acolhe bem estudantes que engravidam na adolescência. Entretanto, percebe-se que professores, diretores, coordenadores, funcionários lidam melhor com um/a jovem que engravidou na adolescência do que estudantes, como já relatado anteriormente.

[...] um dia presenciei um momento de acolhimento de uma coordenadora da escola para com uma aluna [grávida] (ALUNO).

Percebe-se que os professores diretores de turma têm mais proximidade com os estudantes e podem oferecer apoio e suporte (emocional, pedagógico, psicológico, entre outros) aos pais e mães adolescentes. Também, através das aulas de Formação Cidadã, podem incentivar o diálogo e discussão sobre o tema (gravidez, m(p)aternidade na adolescência) com os estudantes, promovendo tanto a prevenção da gravidez quanto a reflexão por meio de rodas de conversas sobre como apoiar e ser empático com jovens que experienciam a m(p)aternidade na adolescência.

De um modo geral, a comunidade escolar apontou como formas de suporte, que existem na escola, aos pais e às mães adolescentes: 1-) Suporte Pedagógico, em relação a dar suporte na flexibilidade de horário e a aluna gestante poder fazer as atividades em casa durante o resguardo; 2-) Suporte Psicológico/Emocional, em relação ao suporte e apoio emocional oferecido por alguns/algumas professores/as, principalmente os/as professores/as diretores/as de turma e; em relação ao que poderia existir, indicaram: 3-) Suporte Financeiro, que se refere a um auxílio financeiro oferecido pelo Estado às mães adolescentes e de suprimentos para cuidar do filho.

Ainda em relação a essa pergunta “O que a escola tem feito para dar suporte (pedagógico, emocional, entre outros) às mães e aos pais adolescentes?”, a pesquisadora acadêmica Mayara destacou a análise de uma categoria a respeito dessa questão

Uma coisa que eu achei interessante e importante também de destacar, enfim... de acordo com a categoria que eu e o Marlon analisou, que é sobre o que a escola está fazendo sobre a gravidez, ou pode fazer ou tem feito. Aí a gente fez uma categoria sobre os aspectos da própria pesquisa porque muitos estudantes falaram que a pesquisa já era um espaço para poder

discutir sobre a gravidez, que por causa da pesquisa teve aula sobre isso na Formação Cidadã, enfim colocaram o dispositivo metodológico da pesquisa enquanto algo que a escola está fazendo, que está trazendo essa discussão pra escola. Acho que é muito importante pensar a metodologia. (Mayara, pesquisadora acadêmica, grifos nossos)

Nesse sentido, pode-se perceber nos trechos abaixo algumas respostas que apontam o próprio dispositivo metodológico da pesquisa como uma ação e estratégia de suporte e apoio às/aos adolescentes:

Só em tá fazendo essa pesquisa ajuda (MÃE/RESPONSÁVEL, grifos nossos).

Esta ação [referindo-se a pesquisa] aqui feita já é uma resposta (PROFESSOR, grifos nossos).

Ajuda conversando sobre isso, e com esse formulário agora (ALUNA, grifos nossos).

Não sei, não vi o [nome da escola] atuando em uma situação dessa. Mas acho que só por fazer essa pesquisa já é alguma coisa (ALUNA, grifos nossos).

Outras respostas indicavam que a escola não oferecia ou oferecia pouco suporte, tais como:

Na minha vez, nada. Já na de outras meninas, não posso falar pois nunca perguntei a elas (EX-ALUNA QUE TEVE FILHO NA ADOLESCÊNCIA, grifos nossos).

No meu caso não me deu suporte nenhum (EX-ALUNA QUE TEVE FILHO NA ADOLESCÊNCIA, grifos nossos).

Já estudei com uma garota que era mãe, ela largou os estudos por não poder acompanhar, a escola pelo o que pareceu, entendeu a situação, mas não sabia o que fazer com a garota. Ou seja, parece que tem pouco suporte (EX-ALUNA, grifos nossos).

*Pra falar a verdade **nenhuma escola tem esse suporte**. A Gestão, Diretores de turma, tentam ao máximo acompanhar, mas situações em que o DT e a gestão tem que ir para outras instâncias do Estado (PROFESSOR, grifos nossos).*

Todas as turmas têm um professor diretor de turma que está mais próximo da turma e temos buscado abordar assuntos relevantes para os nossos adolescentes, além disso a gestão está sempre a postos para atender a todos, pais e alunos (PROFESSORA, grifos nossos).

Algumas respostas foram categorizadas em “Não sei”, pois envolvia não saber responder a questão, tendo em vista ser aluno novato na escola e devido a pandemia ainda não ter tido a oportunidade de conhecer bem a escola:

Como estamos em pandemia e sou novato, não conheço os projetos da escola sobre o assunto (ALUNO)

Isso, não sei lá. Ainda não frequentei a escola, estamos em pandemia (ALUNO).

Considerando que a gravidez na adolescência é um dos principais motivos pelo qual meninas param de estudar (ZINET, 2016), a comunidade escolar apontou algumas estratégias que a escola poderia fazer para evitar a evasão de jovens pais e mães que engravidaram na adolescência, tais como:

1-) Acompanhamento individual (psicológico, pedagógico e financeiro) com jovem pai/mãe, isto é, um suporte destinado para os adolescentes que tiveram ou potencialmente precisam de algum apoio advindo da escola, da família e do Estado (cestas básicas, auxílios, creches, etc).

2-) Fortalecimento da Relação Família-Escola, ou seja, da relação de diálogo/apoio/cuidado/rede entre a escola e a família.

3-) Educação Sexual requisitada na escola na direção de uma visão sistêmica contextualizada e crítica e/ou uma visão repressiva e de proibição do fenômeno da sexualidade e gravidez na adolescência.

Para exemplificar essas estratégias, os respondentes relataram:

Acredito que a escola já faz a parte dela, pois sempre flexibiliza o estudo com as jovens adolescentes grávidas (PROFESSORA).

Dar um suporte específico aos jovens, ajudando com carga horária adaptada e/ou cestas básicas Tentando encaixar uma rotina mais flexível com eles (ALUNO).

Ajudar a mãe e o pai adolescentes dando uma atenção especial e motivações para continuarem, assim como ajuda financeira e de suprimentos para cuidar do filho (ALUNO).

A escola em si não pode fazer muita coisa, mas o governo sim, dando mais oportunidades e creches para as crianças ficarem (ALUNA).

Como dito anteriormente, a direção da escola solicitou um relatório na íntegra contendo essas sugestões de estratégias⁴⁵ e foi encaminhado. Assim, a cartilha se constituiu como o produto resultante da pesquisa, o legado da investigação, que vai permanecer reverberando na escola Potência. Dessa forma, a cartilha digital atendeu à solicitação da gestão escolar de uma materialidade da pesquisa que devolvesse à escola os resultados da investigação com a comunidade escolar.

5. 3 Restituição aos Professores/as Diretores de Turma (PDT's) da escola Potência

Em setembro de 2021, realizamos a restituição aos/às professores/as Diretores de Turma, via Google meet, e tivemos 29 participantes, envolvendo PDT's, gestão escolar e equipe PIBIC-EM. Iniciamos explicando o termo de consentimento para gravação e encaminhamos o link para os professores preencherem e assinarem. Em seguida, os/as bolsistas e voluntários do PIBIC-EM apresentaram a cartilha digital, página por página,

⁴⁵ Referentes às respostas qualitativas das questões 26 e 27 do formulário on-line (Apêndice B)

produto da pesquisa realizada com a comunidade escolar sobre gravidez na adolescência, maternidade e paternidade na escola. Após a apresentação, abrimos espaço para o debate, porém houve um silêncio significativo entre os professores, rompido pelo comentário no chat de uma professora que foi lido pela pesquisadora Shirley:

Sim, educação para a sexualidade é fundamental. Não ter educação sexual é permitir o aprendizado através da pornografia. Que tem como base uma mulher objetificada, violentada (RELATO DE UMA PROFESSORA NA RESTITUIÇÃO, 24/09/2021).

O silêncio trouxe uma sensação inicial de frustração em nós pesquisadores, pois lidar com esse vazio, mesmo que momentâneo, após um trabalho árduo de elaboração do instrumento com várias discussões no grupo do PIBIC-EM, não era o que esperávamos. Em seguida, a mesma professora pediu para falar ao microfone, pois estava incomodada com o silêncio dos participantes e afirmou que também queria ouvir os demais colegas professores. Parabenizou a equipe do PIBIC-EM pela discussão necessária principalmente nesse momento de um mundo adoecido, da pandemia, mas também da situação do Brasil em que a violência, que já era presente, tem chegado mais forte, principalmente para as meninas mais jovens, ao que acrescenta: “*Nenhuma mulher está segura num país machista e misógino, violentada física e emocionalmente, seja no lugar de trabalho, no ônibus, na rua e nas nossas casas*”.

Relacionada à pauta da gravidez, a professora trouxe a discussão sobre a legalização do aborto no Brasil, relatando dados que apontam o aborto como a 4ª causa de morte materna no Brasil, que ele tende a ser muito maior quando ele é criminalizado do que quando é legalizado.

A professora acrescenta que o debate proposto pela pesquisa é importante e salienta:

Ser professor Diretor de Turma não é emitir opinião para um grupo de estudantes, é preciso muita pesquisa, leitura e coragem para defender coisas que deveriam ser tratadas como algo natural. O sexo é algo natural e ele é feito independente da vontade dos pais. Agora quando não é orientado, ele é feito de qualquer forma e aí vai prevalecer a violência contra a mulher. A pornografia é muito lucrativa

assim como também a prostituição. São vários elementos que a pauta da gravidez acaba puxando (RELATO DE UMA PROFESSORA DIRETORA DE TURMA NA RESTITUIÇÃO, 24/09/2023).

A referida professora destaca que os professores deveriam ter uma formação na graduação, na licenciatura para debater isso na escola e não expressar a opinião, tendo em vista que há professores com pensamentos conservadores e, isso aliado ao preconceito, mais atrapalha do que ajuda os estudantes. Corroborando a isso, um professor reforçou que a escola é um ambiente propício para o debate da temática de sexualidade, gravidez, m(p)aternidade na adolescência e ressaltou a importância da formação dos professores para discutir esses temas com mais qualidade:

Porque os pais, sem orientação na sua adolescência não tem uma bagagem, tem medo de tocar nesse assunto com os alunos. Lembro de algumas aulas de Formação Cidadã que o aluno disse que às vezes que tentou conversar, o pai mudava de assunto. As meninas, então, é que os pais evitam mais ainda e isso acaba deixando os jovens vulneráveis (RELATO DE UM PROFESSOR DIRETOR DE TURMA NA RESTITUIÇÃO, 24/09/2023)

O professor parabenizou a equipe de pesquisa do PIBIC-EM e enfatizou: “é uma prática cotidiana nossa no [nome da escola], dar o protagonismo pro aluno” (sic). O docente ressaltou também a importância dos diversos segmentos da comunidade escolar terem participado da pesquisa.

De um modo geral, houve uma boa participação dos professores e da gestão na discussão sobre a temática de gravidez, maternidade e paternidade na adolescência e ficou o convite para essa cartilha digital, com os resultados da pesquisa junto a comunidade escolar, ser discutida nas aulas de Formação Cidadã ministradas pelos PDT's para os/as estudantes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: ENCONTROS E DESPEDIDAS

*E assim chegar e partir...
São só dois lados
Da mesma viagem
O trem que chega
É o mesmo trem
Da partida...
A hora do encontro
É também, despedida
A plataforma dessa estação
É a vida desse meu lugar
É a vida desse meu lugar
É a vida...*

*(trecho da música Encontros e Despedidas
de Milton Nascimento e Fernando Brant)*

Ao escutar as gravações dos nossos encontros online para realizar a análise do processo de pesquisa, despertou minha atenção quando Bruno, pesquisador voluntário do PIBIC-EM, disse que o nosso único encontro presencial foi também nossa despedida. Lembrei-me da música “Encontros e Despedidas”, de Milton Nascimento e Fernando Brant, que em sua letra diz “A hora do encontro é também despedida”.

Corroborando com a letra da canção, o momento que os pesquisadores do nosso coletivo do PIBIC-EM se conheceram pessoalmente também foi a nossa despedida de encerramento da pesquisa, com a confraternização entre os participantes e a entrega dos certificados dos/das bolsistas e voluntários/as. Esse encontro presencial ocorreu no pátio da escola Potência no turno da noite para não coincidir com os horários das aulas dos participantes e contou com a presença dos/das pesquisadores/as do nosso coletivo e

também da coordenadora da escola Potência. Apesar de estarmos vacinados com, pelo menos, uma dose da vacina contra a COVID-19, ainda era tempo de cautela e o uso de máscara era necessário, como vemos nas fotos abaixo:



Figura 37: Foto da equipe de pesquisadores do PIBIC-EM da escola Potência



Figura 38: Foto da entrega do certificado de participação do PIBIC-EM emitido pela PRPPG/UFC

Com o objetivo de cartografar processos de pesquisa com adolescentes pesquisadores da escola pública de Fortaleza, a atenção da cartógrafa se debruçou no caminho percorrido, buscando pistas para a construção da pesquisaCOM. Tentamos não redigir análises fechadas, tendo em vista a realidade narrada ocupar uma centralidade localizada historicamente no tempo e no espaço. As considerações finais desta tese são

tecidas não à luz de conclusão, numa perspectiva de revelação/desvendamento de verdades a respeito da temática de gravidez, maternidade e paternidade na adolescência e sim de pensar os processos de produção de pesquisas, como funcionam e o que geram na relação com esse tema de m(p)aternidade na adolescência, que atuou como um campo de visibilidade para o problema de pesquisa.

O que existe é um ponto de partida (o início dessa jornada), um caminho, que foi construído no decorrer de cinco anos (sim, o prazo de quatro anos do Doutorado foi estendido por mais um ano devido ao trancamento para minha licença maternidade de estudante de pós-graduação e devido à prorrogação concedida pela universidade em razão da pandemia) e um ponto de chegada.

No meu percurso como pesquisadora, pude experimentar os desvios e as mudanças de rotas, de uma pesquisa transmutada para o virtual. Nesse sentido, busquei narrar e tecer análises do processo de pesquisa, de encontros e desencontros entre pesquisadores secundaristas da escola pública e pesquisadores acadêmicos da UFC, nessa plataforma da vida que, nesta tese, foram possíveis de acontecer numa plataforma virtual de *Google Meet* por intermédio da tecnologia materializada em um smartphone ou computador conectado à Internet. De certo, uma conexão, na maioria das vezes, sem visualização de quem estava do outro lado da tela devido a câmera de vídeo estar desligada, um silenciamento entre os participantes secundaristas em alguns encontros online que nos fazia indagar e pensar novas estratégias para a efetiva participação deles/delas. A participação dos/das bolsistas e voluntários/as do grupo de discussão do PIBIC-EM, no início, foi tímida, mas, ao longo de um ano, mostrou-se empenhada e protagonista nesse processo de construção coletiva de pesquisa. Tecemos vínculos, formamos redes e alianças com pesquisadores secundaristas e também contamos com a parceria da escola Potência, especialmente, com a gestão e com os/as professores/as diretores/as de turma, que foi fundamental para a realização desta pesquisa.

Apesar das limitações da pesquisa por ter sido realizada em grande parte de modo virtual e dos desafios de produzir uma investigação em meio ao caos da pandemia, com tantas mortes, adoecimentos, repercussões na saúde física e mental, dentre tantos outros impactos causados por esse contexto pandêmico, foram muitos e significativos os alcances e as reverberações desta pesquisa intervenção, que ecoaram na escola Potência através dos debates promovidos e do produto da pesquisa materializado em formato de cartilha digital.

A temática da gravidez, m(p)aternidade na adolescência produziu repercussão na escola Potência também após a realização da pesquisa como a ação pioneira do Chá de Fralda Solidária, promovida pelo Núcleo de Gênero Stephani Brito, uma iniciativa de acolhimento às estudantes gestantes e mães, que foi divulgado no instagram da escola Potência com a foto abaixo:



Figura 39: Print do post convite para ação solidária de doação de fraldas
(Diário de campo de 25/04/2022)

Ao fazer a entrega da minha contribuição de fraldas numa visita à escola Potência, a coordenadora comentou que, em 2022, foi significativo o número de meninas que entraram na instituição para cursar o 1º ano do ensino médio, grávidas e mães solas e, por esse motivo, a realização da campanha solidária.

O grupo de discussão PIBIC-EM foi relevante para a criação de dispositivos de análise coletiva na escola *Potência*. A potência desse coletivo que, mesmo após a finalização da bolsa de pesquisa PIBIC-EM, se manteve constante no propósito de realizar a restituição para a comunidade escolar bem como em divulgar os resultados produzidos na pesquisa através da apresentação de trabalhos nos Encontros Universitários da UFC.

A temática de gênero atravessou a pesquisa-intervenção em diversos âmbitos como, por exemplo, em um espaço de resistência e de recusa à imposição do binarismo de gênero e de seus enquadramentos ao gênero masculino e feminino que se fez presente

na provocação de se adotar uma linguagem não-binária para elaborar as perguntas do formulário e na própria composição do grupo de pesquisa do PIBIC-EM, no qual um dos bolsistas se identificava como agênero/não binário.

O coletivo, formado pelos/as pesquisadores secundaristas do PIBIC-EM e os/as pesquisadores acadêmicos/as da UFC, funcionou como uma comunidade de aprendizagem (bell hooks, 2021), com um desejo de aprender, sentir, afetar, implicar e inventar através de experimentações desse processo de pesquisa. A potência dessa tese de Doutorado encontra-se em reinventar cartografias num processo de tessitura de construção e delineamento de uma pesquisa COM o coletivo do PIBIC-EM, sendo esse acompanhamento um agenciador fundamental para a produção das análises narradas ao longo deste trabalho. A construção de uma restituição no processo de formação da pesquisa ativou o plano coletivo de análise e a materialização destas na cartilha digital e possibilitou dar visibilidade ao plano de forças da pesquisa com estudantes secundaristas.

Assim, apesar dos limites impostos pela pandemia da Covid-19, acreditamos que essa tese apresenta relevância para a Psicologia, sobretudo a Psicologia na interface com a Educação, ao atuar no âmbito das pesquisas participativas, na qual os jovens são protagonistas nesse processo de formação da pesquisa. Outra contribuição é refletir sobre as desigualdades de gênero apontadas nesta pesquisa e como a escola pode se implicar nesse fenômeno da gravidez, m(p)aternidade na adolescência durante o Ensino Médio.

REFERÊNCIAS

- APPADURAI, A. The right to research. *Globalisation, Societies and Education*, vol. 4, nº 2, July 2006, pp. 167-177. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/14767720600750696>. Acesso em: 15 abr 2020.
- ARAÚJO, T. M.; LUA, I. O trabalho mudou-se para casa: trabalho remoto no contexto da pandemia de COVID-19. Ensaio Dossiê COVID-19 e Saúde do Trabalhador. **Revista Brasileira Saúde Ocupacional**, 46: e27, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-6369000030720>. Acesso em: 11 jul. 2023.
- ARENDDT, R.J.J. A escrita como Laboratório. **Rev. Polis e psique**, 6 (1):28-38, 2016.
- AVELINO, W.F; MENDES, J. G. A realidade da educação brasileira a partir da covid 19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, RR, v. 2, n.5, p.56-62, abr. 2020. Disponível em: <https://revista.ufr.br/boca/article/view/AvelinoMendes>. Acesso em: 26 ago. 2022.
- BARROS, E. E. S. **Escolha Profissional e escola pública: um olhar através da micropolítica cotidiana**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Psicologia UFC, 2021.
- BARROS, J.P.P; COLAÇO, V. F. R. “Meu prazer agora é risco: sentidos sobre sexualidade entre jovens de um grupo sobre saúde. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, n. 1, p. 59-80, Jan./Abr. 2013.
- BONFIM, J. e MESQUITA, M. R. “Nunca falaram disso na escola ...”: um debate com jovens sobre gênero e diversidade. **Psicologia e Sociedade**, vol. 20, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32192744>. Acesso em: 21 set. 2023.
- BRIGAGÃO, J.I.M.; GONÇALVES, R. Promoção de saúde e empoderamento: oficinas com jovens mães de Ermelino Matarazzo. **Revista Cultura e Extensão USP**, volume 1, 1, 43-48. 2009.
- CABRAL, C.S e BRANDÃO, E. R. Gravidez na adolescência, iniciação sexual e gênero: perspectivas em disputa. **PERSPECTIVAS, Cad. Saúde Pública**, 36, (8), 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/WryX9xCMY5vwNwjM33pqbyb/#> Acesso em: 15 nov. 2023.
- CARDOSO, B. B.; VIEIRA, F. M. S. B.; SARACENI, V. Aborto no Brasil: o que dizem os dados oficiais? **Caderno Saúde Pública** 36 (Suppl 1), 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/8vBCLC5xDY9yhTx5qHk5RrL/?format=pdf>. Acesso em: 19 out. 2023.

CASTRO, L. R. Onde estão os (sujeitos) jovens nas teorias da juventude? In: COLAÇO, V. F. R.; GERMANO, I.M.P.; MIRANDA, L. L. **Juventudes em movimento: experiências, redes e afetos**. Fortaleza: expressão gráfica e editora, 2019.

CÉSAR, J. M.; SILVA, F. H.; BICALHO, P. P. G. O lugar do quantitativo na pesquisa cartográfica. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (orgs). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014.

COIMBRA, C.M.B; NASCIMENTO, M. L. **Sobreimplicação: práticas de esvaziamento político?** Universidade Federal Fluminense (UFF). 2005. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12914950/sobreimplicacao-praticas-de-esvaziamento-politico-psicologia>. Acesso em: 16 ago. 2022.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista estudos feministas**, 10(1), 171-188, 2002.

DIAS, R.O. **Entre analisar e intervir na formação de professores**. 1. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

DICIO. **Dicionário Online de Português**. 2009. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/descaminho/>. Acesso em: 18 ago 2023.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs** - v.1. Rio de Janeiro: Ed. 34., 1995.

GAIA, S. B. R., MENEZES, J. A.; SILVA, R. A. **Maternidade e Escolarização: Reflexões Sobre os Direitos Sexuais e Reprodutivos em uma Instituição Escolar Pública**. *Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas*, 21(1), 82-90, 2020.

GONZAGA, P.; MAYORCA, C. **Violências e Instituição Maternidade: uma Reflexão Feminista Deocolonial**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39 (n. spe2), 59-73, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003225712>. Acesso em: 20 nov. 2022.

GONÇALVES, L. T. L.; MIRANDA, L. L. Possíveis relações entre gênero, sexualidade e escola: composições de uma pesquisa-intervenção com jovens estudantes. **Psicologia Argumento**. jul/set., 40 (110), 2209-2238, 2022.

HOOKS, B. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Elefante, 2021.

JESUS, J. G.; CARVALHO, S. L. B. Orgulho LGBTI+: A hora e a vez das transvestigêneres. In: Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia. **Boletim Universais e Interdependentes**, 1 (1), 15-17, 2020.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E., KASTRUP, V., ESCÓSSIA, L. (org). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

KASTRUP, V.; BARROS, L. P. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E., KASTRUP, V., ESCÓSSIA, L. (org). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

KASTRUP, V. O Método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção. In CASTRO, L. e BESSET, V.L. (Org) **Pesquisa Intervenção na Infância e Juventude**. 1 ed. Rio de Janeiro: Nau editora, p. 465-489, 2008.

KOHAN, W. O. Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e2016212, p. 1- 9, 2020. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>. Acesso em: 30 set. 2023.

JESUS, J. G; CARVALHO, S. L. B. Orgulho LGBTI+: A hora e a vez das transvestigêneres. In: **Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia**. Boletim Universais e Interdependentes, 1 (1), 15-17, 2020. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2020/07/759.11-Boletim-CDH_ed2_v3.pdf Acesso em: 15 mai 2021

LAVOR FILHO, T. L. **Cartografia de bricolagens, alianças e produção do comum: pesquisa participativa decolonial com coletivos juvenis em Fortaleza-CE**. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFC, Fortaleza, 2022.

LEONARDO, C. S. *et al.* Dispositivo grupal com mulheres. **Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, ano 13, vol 1. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/3081>. Acesso em: 17 set. 2023.

LOURAU, R. Objeto e método da Análise Institucional. In: S. Altoé (Org.), **René Lourau: analista institucional em tempo integral** (pp. 66-86). São Paulo: Hucitec, 2004.

LOURAU, R. **Análise Institucional e Práticas de Pesquisa**. In: RODRIGUES, H.B.C (Org.) René Lourau na UERJ, Rio de Janeiro: UERJ, 1993.

LOURO, G. L. A construção escolar das diferenças. In: LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade** (p.7-34) Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LUZ, A. M. H.; BERNI, N. I .O. Processo da paternidade na adolescência. **Rev Bras Enferm**, Brasília, jan-fev; 63 (1): 43-50, 2010.

MORAES, M. Do “Pesquisarcom” ou de tecer e destecer fronteiras. In: TAVARES, G.; M.; MORAES, M.; BERNARDES, A. G. [orgs]. **Cartas para pensar: políticas de pesquisa em psicologia**. Vitória : EDUFES, 2014.

MEDEIROS, N. M.; MIRANDA, L. L. Gravidez na adolescência: Educação sexual e produção de subjetividades. **Sociedade em Debate** (Pelotas), 27, n.2, p. 123-137, maio/ago, 2021.

MEDRADO, B.; SPINK, M. J.C; MÉLLO, R. P. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: SPINK; BRIGAGÃO; NASCIMENTO; CORDEIRO (Org.) **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2014.

MENEZES, J. A.; COSTA, M. R. Desafios para a pesquisa: o campo-tema movimento Hip-Hop. **Psicologia & Sociedade**; 22 (3):457-465, 2010.

MENEZES, J. A. *et al.* Gravidez e maternidade na adolescência e suas repercussões no processo de escolarização. **Revista Percursos**. Florianópolis, v. 13, n. 02, pp. 134-154, jul/dez. 2012.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Prevenção de gravidez na adolescência é tema de campanha nacional**. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/prevencao-de-gravidez-na-adolescencia-e-tema-de-campanha-nacional>. Acesso em: 24. out. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Semana nacional vai conscientizar para evitar a gravidez na adolescência**. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2019/01/semana-nacional-vai-conscientizar-para-evitar-a-gravidez-na-adolescencia>. Acesso em: 24. out. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Gravidez na adolescência tem queda de 17% no Brasil. 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2017/maio/gravidez-na-adolescencia-tem-queda-de-17-no-brasil#:~:text=A%20gravidez%20na%20adolesc%C3%Aancia%20teve%20uma%20queda%20de,19%20anos%20em%202004%20para%20546.529%20em%202015>. Acesso em: 06 mar. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, **Marco Legal: Saúde, um direito de adolescentes**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf Acesso em: 26 jul. 2023.

MIGNOLO, W. Epitemic Disobedience, Independent Thought and Decolonial Freedom. In **Theory, Culture & Society**, SAGE. Los Angeles, London, New Delhi and Singapore, Vol. 26 (7-8). Pp 159-181., 2009.

MIRANDA, *et al.* Contextos desiguais na escolarização em tempos de pandemia. In: BARROS, J. P. P. et al. **Psicologia e pandemia de Covid-19 no Brasil: diálogos sobre educação, saúde, ciência e sociedade**. Sobral- CE: Edições UVA, 2022.

MIRANDA, L. L. *et al.* Atravessamentos do período pré-vestibular no cotidiano de jovens estudantes de uma escola pública: inter(in)venções possíveis durante a pandemia. In **Debates contemporâneos em psicologia**. Organizado por Antoniel dos Santos Gomes Filho *et al.* — Iguatu, CE : Quipá Editora, 2021.

MIRANDA, L. L.; FINE, M.; TORRE, M. E. Possible connections between Intervention Research (IR-Brazil) and Critical Participatory Action Research (CPAR-USA). **Trends in Psychology**, 28: 133-147, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.9788/s43076-019-00004-3>. Acesso em: 15 abr 2021.

MIRANDA, L.L *et al.* Jovens Pesquisadores do cotidiano escolar: uma análise do processo de pesquisa. In: BARROS, J. P. P.; ANTUNES, D. C.; MÉLLO, R. P. (orgs) **Políticas de vulnerabilização social e seus efeitos** [livro eletrônico]: estudos do programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza: Imprensa Universitária, 2020.

MIRANDA, L. L. *et al.* Participatory action research (PAR) with LGBTQ+ & GNC youth in the United States: an interview with Michelle Fine, Maria Torre, and Allison Cabana. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v.9, n.1, p. 132-140, 2018.

MIRANDA, L.L.; CYSNE, J. B.; SOUZA FILHO, J. A. Juventude e Mídia: Discutindo, Criando, Pesquisando. In RIOS, Felipe; VIEIRA, Luciana; QUEIROZ, Tacinara (org). **Metodologias participativas e organização psicossocial: promoção de saúde e enfrentamento da violência sexual e de gênero**. Recife: Editora UFPE, p. 209-231, 2016.

MIRANDA, L. L. *et al.* Pesquisando com professores: a centralidade do diário de campo e da restituição em uma pesquisa-intervenção. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 7 n.1, p. 81-93, jan/jun. 2016.

MONTERO, M. **Hacer para transformar: el método en la psicología comunitaria**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

NOGUEIRA, C. **Interseccionalidade e Psicologia Feminista**. Salvador-BA. Editora: Devires, 2017.

NUNES, L.F. *et al.* Faces da necropolítica genderizada contra a existência transexual em comentários no Instagram. **Psicologia em Pesquisa**, Vol 17, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa>. Acesso em: 10 ago 2023.

NUNES, S. A. Esperando o futuro: a maternidade na adolescência. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 22 [1]: 53-75, 2012.

ORLANDI, R.; TONELI, M.J.F. Adolescência e Paternidade: sobre os direitos de criar projetos e procriar. **Psicologia em estudo**, Maringá, v.13, n.2, p. 317-326, abr./jun. 2008.

PARENT IN SCIENCE. Produtividade Acadêmica durante a pandemia: Efeitos de gênero, raça e parentalidade. 2020. Disponível em: https://www.parentinscience.com/_files/ugd/0b341b_81cd8390d0f94bfd8fcd17ee6f29bc0e.pdf?index=true. Acesso em: 30 ago. 2022.

PASSOS, E.; KASTRUP, V. Sobre a validação da pesquisa cartográfica: acesso à experiência, consistência e produção de efeitos. **Fractal, Rev. Psicologia**, v. 25 - n.2, p. 391-414, Maio/Ago, 2013.

PASSOS, E; BARROS, R. B. de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E; KASTRUP, V. e ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PAULON, S. A Análise de Implicação como Ferramenta na Pesquisa-intervenção. **Psicologia & Sociedade**, vol. 17, n. 3, p. 18-25. 2005. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v17n3/a03v17n3.pdf>. Acesso em: 23 de junho 2016.

SEDUC. Secretaria da Educação do Governo do Estado do Ceará. Projeto Professor Diretor de Turma – PPDT. Disponível em: <https://www.seduc.ce.gov.br/projeto-professor-diretor-de-turma-ppdt/> Acesso em: 20 nov. 2022.

SILVA JÚNIOR, L.A; LEÃO, M.B.C. O software Atlas.ti como recurso para a análise de conteúdo: analisando a robótica no Ensino de Ciências em teses brasileiras. *Ciênc.Educ.*, Bauru, v. 24, n. 3, p. 715-728, 2018. Acesso em: 18 nov 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/yBwC9L74v4vD3s4PwVXggsk/?format=pdf&lang=pt>

SOUZA, E. R., DUMONT-PENA, E., PATROCINO, L. B. Pandemia do coronavírus (2019-nCoV) e mulheres: efeitos nas condições de trabalho e na saúde. **SAÚDE DEBATE | RIO DE JANEIRO**, V. 46, N. Especial 1, P. 290-302, Mar 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/tV5nxDNB6SkKfCb88FnnCmv/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 11 jul 2023.

SPINK, P. K. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-constructivista. **Psicologia & Sociedade**; 15 (2): 18-42; jul./dez. 2003. Disponível em: C:\SciELO\Ativo\psoc\v15n2\sour. Acesso em: 21 out 2022.

RIBEIRO, D. M., *et al.* Pesquisando com professores: a centralidade do diário de campo e da restituição em uma pesquisa-intervenção. **Revista De Psicologia**, 7(1), 81-93. 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/3675>. Acesso em: 15 abr 2019.

ROHR, D. R.; SCHWENGBER, M. S. V. **A escola e “as barrigas”**: relações possíveis? *Revista Contexto & Educação*, 28(90), 183-206, 2013.

TORRE, M.E. *et al.*, Critical participatory action research on state violence: bearing wit(h)ness across fault lines of power, privilege, and dispossession. In: Denzin, N. K. (Org.), Lincoln, Y. S. (Org.). *The SAGE handbook of qualitative research* (pp. 492-515). Thousand Oaks: SAGE, 2018.

TORRE, M.E. **Participatory action research**. T.Teo (ed.), *Encyclopedia of Critical Psychology*. New York: Springer. 2014.

VARELA, C. M.; RIBEIRO, P. R. C. Educação para a sexualidade: a constituição de um campo conceitual. In: Ribeiro, P. R. C. (org), Magalhães, J. C. *Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017.

VILLELA, W. V.; DORETO, D. T. Sobre a experiência sexual dos jovens. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 22 (11):2467-2472, nov 2006.

ZINET, C. Gravidez é responsável por 18% da evasão escolar entre meninas. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/gravidez-e-responsavel-por-18-da-evasao-escolar-entre-meninas/> Acesso em: 03/03/2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A - FORMULÁRIO ON-LINE “O HOJE AFETANDO O AMANHÃ”.

Fazemos parte do projeto "É da nossa escola que falamos" e estamos aqui com o objetivo de entendermos mais a mente do jovem no ambiente escolar. Com esse questionário buscamos analisar a influência da idade e diferentes pensamentos acerca da perspectiva de futuro de meninas que engravidam na adolescência. Este questionário é anônimo.

1. Idade: *

14 - 17

18 - 25

26 - 40

Outro:

2. Gênero *

Feminino

Masculino

Outro:

3. Conhece meninas que engravidaram entre 12 e 18 anos? *

SIM

NÃO

4. Eu acredito que meninas que engravidam na adolescência tem dificuldades de concluírem os estudos. Legenda: 1-Discordo totalmente; 2-Discordo; 3-Não concordo, nem discordo; 4-Concordo; 5-Concordo totalmente

Discordo totalmente 1 2 3 4 5 Concordo totalmente

5. Acredito que meninas que engravidam durante a adolescência têm menos chance de entrar no mercado de trabalho. Legenda: 1-Discordo totalmente; 2- Discordo; 3-Não concordo, nem discordo; 4-Concordo; 5-Concordo totalmente

Discordo totalmente 1 2 3 4 5 Concordo totalmente

6. O que pensa sobre a gravidez inesperada na adolescência? *

Normal

Preocupante

Nunca pensei sobre isso

6.1 De acordo com a pergunta anterior, justifique sua resposta... *

7. Você acha importante conversar sobre educação sexual na escola? *

Sim

Não

7.1 De acordo com a questão anterior, justifique sua resposta...

8. Quem você acha que é mais afetado após a gravidez na adolescência? *

Mãe

Pai

Avós/ Avôs

9. Você acha que esse número de jovens grávidas tem haver com a estrutura familiar?

- Sim
 Não
 Talvez

10. Uma jovem que não tem apoio emocional durante o período de gravidez na adolescência, pode passar por problemas psicológicos?

- Sim
 Não

11. Jovens que engravidam na adolescência tem mais dificuldade em criar o filho (a) por não ter boas condições financeiras e não conseguir emprego?

- Sim
 Não

12. Você acha que o Estado deveria dar algum auxílio para as jovens que engravidam na adolescência?

- Sim
 Não

12.1 De acordo com a questão anterior, justifique sua resposta...

13. Que tipo de auxílio o Estado poderia oferecer? *

14. Você acha que as meninas que engravidam na adolescência, conseguem frequentar a escola?

- Sim
 Não

15. Conscientização e educação sexual, diminuiria a quantidade de jovens grávidas?

- Sim
 Não

16. Você acha que a escola deve dar apoio a essas jovens que engravidam na adolescência?

Sim

Não

16.1 De que forma a escola poderia ajudar? *

**APÊNDICE B - FORMULÁRIO ON-LINE PESQUISA “GRAVIDEZ NA
ADOLESCÊNCIA: DIÁLOGOS SOBRE MATERNIDADE E PATERNIDADE
NA ESCOLA.**

Prezado(a) colaborador(a),

Gostaríamos de convidar você (estudante, ex-aluno(a), professor(a), pais/responsáveis, gestão e demais funcionário(a)s) da E.E.M. (nome da escola) para colaborar com esta pesquisa que tem como objetivo promover o diálogo entre a comunidade escolar acerca da gravidez, da maternidade e da paternidade na adolescência. Somos uma equipe de pesquisadoras e pesquisadores formados por estudantes de Psicologia da UFC (graduação e pós-graduação) e por estudantes secundaristas da escola que participam do Projeto do CNPq de Iniciação Científica no Ensino Médio (PIBIC-EM).

Ao participar do estudo, pedimos que você responda algumas questões relacionadas a gravidez, maternidade e paternidade na adolescência. Você tem a liberdade de não participar do estudo, bem como deixar de responder a qualquer pergunta do questionário sem nenhum prejuízo. São questões que podem ser respondidas em cerca de 15 minutos.

As informações coletadas aqui são estritamente confidenciais e não serão compartilhadas com terceiros. Apenas o grupo de pesquisa terá acesso às respostas fornecidas. Seu nome não será utilizado em nenhum momento do estudo. Os resultados da pesquisa poderão ser utilizados em eventos e publicações científicas. Se você desejar, poderá ter acesso aos resultados gerais do estudo quando ele for finalizado. Quando da divulgação destes, garantimos o anonimato do(a)s participantes da pesquisa.

Declaro que li as informações acima referidas e que fui informada(o) dos objetivos deste estudo, de seu caráter voluntário, bem como de seu caráter confidencial dos dados.*

() Aceito participar neste estudo.

() Não aceito participar neste estudo.

Questões Sociodemográficas

1. Na escola (nome da escola), você é: *

1. Aluno(a)

2. Ex-aluno(a)

3. Professor(a)

4. Faço parte da gestão (coordenadores, diretor, etc)

5. Faço parte de outra área organizacional (bibliotecários, zeladores, porteiros, etc)

6. Pai, mãe ou responsável

Outro:

2. Qual sua data de nascimento (dd/mm/aaaa)? *

3. Você se autodeclara: *

1. Preto

2. Branco

3. Amarelo

4. Pardo

5. Indígena

Outro:

Nota explicativa sobre identidade de gênero:

Cisgênero: identifica-se com as construções socioculturais atribuídas ao sexo biológico. Se reconhece com o gênero atribuído desde o nascimento.

Transgênero binário: identifica-se com as construções socioculturais atribuídas ao sexo biológico oposto. Se reconhece com o gênero oposto do qual nasceu atribuído.

Não Binário: identifica-se com as construções socioculturais atribuídas a ambos ou a nenhum dos sexos biológicos. Não se reconhece com as definições de masculino/feminino.

4. Como você se identifica em relação a sua identidade de Gênero. *

1. Mulher cisgênero

2. Homem cisgênero

3. Homem transgênero

4. Mulher transgênero

5. Pessoa não-binária

6. Prefiro não declarar

Outro:

5. Como você se identifica com relação a sua orientação Afetivo-Sexual: *

1. Heterossexual (orientação para o sexo oposto)

2. Homossexual (orientação para o mesmo sexo)

3. Bissexual (orientação para todas as orientações e/ou gêneros sexuais)

4. Pansexual (orientação para todas as orientações e/ou gêneros sexuais)

5. Assexual (não sente atração por nenhuma orientação e/ou gêneros sexuais)

6. Prefiro não declarar

Outro:

6. Qual seu estado civil? *

1. Solteiro(a)
2. União estável
3. Casado(a)
4. Separado(a)
5. Divorciado(a)
6. Viúvo(a)

Outro:

7. Qual a sua renda familiar?(Somando a sua renda e a das pessoas que moram com você). *

1. Rendimento de até 2 salários mínimos (até R\$2.078,00)
2. Rendimento entre 2 e 4 salários mínimos (entre R\$2.078,01 e R\$ 4.156,00)
3. Rendimento entre 4 e 6 salários mínimos (entre R\$4.156,01 e R\$6.234,00)
4. Rendimento entre 6 e 8 salários mínimos (entre R\$6.234,01 e R\$8.312,00)
5. Rendimento entre 8 a 10 salários mínimos (entre R\$8.312,01 e R\$10.390,00)
6. Rendimento mais de 10 salários mínimos (mais de R\$10.390,01)

Outro:

8. Qual seu nível de escolaridade? *

1. Não alfabetizado(a)
2. Fundamental incompleto
3. Fundamental completo
4. Médio incompleto
5. Médio completo
6. Superior incompleto
7. Superior completo

8. Pós-graduado(a)

9. Caso seja aluno(a) da escola (nome da escola), qual sua série do ensino médio?

() 1º ano

() 2º ano

() 3º ano

10. Com quem você mora atualmente? *

1. Com meu pai, mãe e irmãos, etc

2. Sozinho(a)

3. Com marido/companheiro, esposa/companheira e/ou filhos.

4. Em habitação coletiva (pensionato, república, etc.)

Outro:

11. Atualmente, você está exercendo algum tipo de trabalho remunerado? *

1. Sim

2. Não

12. Caso você tenha assinalado "sim" na questão anterior, qual tipo de trabalho você ocupa?

1. Estágio Remunerado

2. Jovem Aprendiz

3. Trabalho Informal

4. Carteira Assinada

5. Prefiro não declarar

Outro:

13. Em qual cidade você reside? *

14. Em qual bairro você reside? *

Questões relacionadas à gravidez, maternidade e paternidade na adolescência

15. Dentre as alternativas abaixo, assinale a que melhor representa sua experiência com gravidez na adolescência? (Você pode marcar mais de 1 opção)

1. Tive filho(a) na adolescência
2. Conheço alguém que teve filho(a) na adolescência
3. Sou filho(a) de uma gravidez na adolescência
4. Fiz/Sou parte da rede de apoio de mães e/ou pais adolescentes durante e/ou após a gravidez
5. Não tenho contato próximo com ninguém que teve esta experiência

Outro:

15.1. Caso você tenha marcado a opção 1 na questão acima, quais as mudanças em seu cotidiano após o nascimento da criança (em relação aos estudos, à vida pessoal, à vida profissional, entre outras)?

16. Como você acha que os familiares de um/a jovem reagem ao descobrirem que ele/a engravidou na adolescência? *

- () Não tenho opinião sobre o assunto (0)
- () Muito mal (1)
- () Mal (2)
- () Nem bem nem mal (3)
- () Bem (4)
- () Muito bem (5)

16.1. Justifique a resposta dada na questão anterior. *

17. De acordo com a escala a seguir, o quanto você acha que cada uma das pessoas citadas abaixo é afetada pela gravidez na adolescência? (SE ESTIVER RESPONDENDO PELO CELULAR, COLOCÁ-LO NA HORIZONTAL/DEITADO PARA VISUALIZAR MELHOR TODAS AS OPÇÕES DE RESPOSTAS) *

Não é afetado/a (1) Pouco afetado/a (2) Afetado/a (3) Muito afetado/a (4)

Jovem mãe	()	()	()	()
Jovem pai	()	()	()	()
Avó materna (mãe da jovem mãe)	()	()	()	()
Avô materno (pai da jovem mãe)	()	()	()	()
Avó paterna (mãe do jovem pai)	()	()	()	()
Avô paterno (pai do jovem pai)	()	()	()	()
Irmãos do pai/mãe jovem	()	()	()	()

17.1. Caso tenha marcado uma ou mais pessoas como "Afetado/a" e "Muito Afetado/a", justifique sua(s) escolha(s).

18. Assinale a alternativa que corresponde a sua percepção: (SE ESTIVER RESPONDENDO PELO CELULAR, COLOCÁ-LO NA HORIZONTAL/DEITADO PARA VISUALIZAR MELHOR TODAS AS OPÇÕES DE RESPOSTAS). *

Você concorda que um jovem pai tem menos oportunidades profissionais e de estudo em relação a outros jovens da mesma faixa etária?

Não tenho opinião sobre isso (1)

Discordo totalmente (2)

Discordo (3)

Não concordo, nem discordo (4)

Concordo (5)

Concordo totalmente (6)

Você concorda que uma jovem mãe tem menos oportunidades profissionais e de estudo em relação a outras jovens da mesma faixa etária?

Não tenho opinião sobre isso (1)

Discordo totalmente (2)

Discordo (3)

Não concordo, nem discordo (4)

Concordo (5)

Concordo totalmente (6)

19. A escola é lugar para discutir gravidez, maternidade e paternidade na adolescência?*

() 1. Sim () 2. Não

19.1. Justifique a resposta dada na questão anterior.

20. Como você acha que as pessoas que ocupam os cargos escolares abaixo na escola (nome da escola), lidam com um/a jovem que engravidou na adolescência? (SE ESTIVER RESPONDENDO PELO CELULAR, COLOCÁ-LO NA HORIZONTAL/DEITADO PARA VISUALIZAR MELHOR TODAS AS OPÇÕES DE RESPOSTAS). *

Direção

Coordenação

Professores

Funcionários

Estudantes

Não tenho opinião sobre isso (1)

Muito mal (2)

Mal (3)

Nem mal nem bem (4)

Bem (5)

Muito bem (6)

21. Caso você tenha engravidado ou tenha conhecido alguém que engravidou durante o período escolar na escola (nome da escola), como percebe o preconceito em relação a esta experiência no espaço escolar comparando hoje e antigamente? *

- 1. Não conheci ou vivi casos de gravidez na adolescência.
- 2. Não existe ou existiu esta forma de preconceito.
- 3. O preconceito é o mesmo antigamente e atualmente.
- 4. Antigamente tinha mais preconceito do que atualmente, mas está melhorando.
- 5. Antigamente tinha menos preconceito do que atualmente.

21.1. Justifique a resposta dada na questão anterior.

22. Você nota diferenças no tratamento, pela comunidade escolar, entre a jovem mãe e o jovem pai que engravidaram na adolescência? *

- 1. Sim 2. Não

22.1. Justifique a resposta dada na questão anterior. *

23. Assinale o seu nível de concordância com as afirmativas abaixo acerca da maternidade na adolescência. (SE ESTIVER RESPONDENDO PELO CELULAR, COLOCÁ-LO NA HORIZONTAL/DEITADO PARA VISUALIZAR MELHOR TODAS AS OPÇÕES DE RESPOSTAS). *

Não tenho opinião sobre isso (1)

Discordo totalmente (2)

Discordo (3)

Nem concordo nem discordo (4)

Concordo (5)

Concordo totalmente (6)

Após o nascimento da criança, a jovem mãe tem dificuldade para assistir aula.

Após o nascimento da criança, a jovem mãe tem dificuldade em concluir as tarefas escolares.

Após o nascimento da criança, a jovem mãe tem maior probabilidade de abandonar os estudos para cuidar do/a seu/sua filho/a.

Após o nascimento da criança, a jovem mãe tem de trabalhar para suprir os gastos com seu/sua filho/a.

24. Assinale o seu nível de concordância com as afirmativas abaixo acerca da paternidade na adolescência. (SE ESTIVER RESPONDENDO PELO CELULAR, COLOCÁ-LO NA HORIZONTAL/DEITADO PARA VISUALIZAR MELHOR TODAS AS OPÇÕES DE RESPOSTAS). *

Não tenho opinião sobre isso (1)

Discordo totalmente (2)

Discordo (3)

Nem concordo nem discordo (4)

Concordo (5)

Concordo totalmente (6)

Após o nascimento da criança, o jovem pai tem dificuldade para assistir aula.

Após o nascimento da criança, o jovem pai tem dificuldade em concluir as tarefas escolares.

Após o nascimento da criança, o jovem pai tem maior probabilidade de abandonar os estudos para cuidar do/a seu/sua filho/a.

Após o nascimento da criança, o jovem pai tem de trabalhar para suprir os gastos com seu/sua filho/a.

25. Em relação à responsabilidade advinda da maternidade e da paternidade na adolescência, assinale a alternativa que mais corresponde à sua percepção: *

Nunca pensei sobre isso (0)

Não tenho opinião sobre isso (1)

Discordo totalmente (2)

Discordo (3)

Nem concordo nem discordo (4)

Concordo (5)

Concordo totalmente (6)

Eu acho que o jovem pai percebe a responsabilidade da paternidade logo após descobrir que será pai

Eu acho que o jovem pai só percebe a responsabilidade da paternidade após o nascimento da criança

Eu acho que o jovem pai só percebe a responsabilidade da paternidade quando necessita buscar emprego para suprir financeiramente os gastos com a criança

Eu acho que a jovem mãe percebe a responsabilidade da maternidade logo que engravida

Eu acho que a jovem mãe só percebe a responsabilidade da maternidade após o nascimento da criança

Eu acho que a jovem mãe só percebe a responsabilidade da maternidade quando necessita buscar emprego para suprir financeiramente os gastos com a criança

26. O que a escola (nome da escola) tem feito para dar suporte (pedagógico, emocional, entre outros) às mães e aos pais adolescentes?*

27. A gravidez na adolescência é um dos principais motivos pelo qual meninas param de estudar, de acordo com pesquisa realizada em parceria pelo Ministério da Educação, Organização dos Estados Ibero Americanos e Faculdade LatinoAmericana de Ciências (ZINET, 2016). O que você acha que a escola poderia fazer para evitar a evasão de jovens pais e mães que engravidaram na adolescência?*

Você tem desejo de receber os resultados dessa pesquisa quando for concluída? Se sim, deixe abaixo o seu e-mail. Seus dados serão mantidos em sigilo!

Você tem interesse de participar de uma entrevista ou grupo de discussão sobre a temática desta pesquisa? Se sim, deixe abaixo o seu e-mail e contato. Exemplos: (DDD) 9 XXXX XXXX ; nome@gmail.com. Seus dados serão mantidos em sigilo!

APÊNDICE C - TABELA COM NÚMERO DE ENCONTROS, TEMÁTICAS E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DO GRUPO DE DISCUSSÃO PIBIC-EM.

Nº de encontros	Estratégias metodológicas e temáticas trabalhadas no grupo de discussão PIBIC-EM
1º	Apresentação da equipe.
2º	Explicação sobre os termos de consentimento e assentimentos da pesquisa e Solicitação de autorização para gravação dos encontros.
3º	Conceitos e Definições de pesquisa.
4º	Métodos e instrumentos de pesquisa (entrevista). Dinâmica de entrevista: “O que você pretende ou teria vontade de fazer na pesquisa? e duas perguntas livres”).

5º	Métodos e instrumentos de pesquisa (formulário “O Hoje afetando o amanhã”).
6º	Materialidades sobre gravidez na adolescência (filmes, documentários, pesquisas, charges, etc).
7º	Questionário adaptado “O Hoje afetando o amanhã” respondidos pelos bolsistas/voluntários do PIBIC-EM.
8º	Discussão da análise das respostas do questionário adaptado respondido pelos bolsistas/voluntários do PIBIC-EM.
9º	Entrevista como experimentação: bolsistas e voluntários entrevistaram, em duplas, alguém que engravidou na adolescência.
10º	Discussão das entrevistas realizadas pelos bolsistas/voluntários do PIBIC-EM.
11º	Utilização do software Atlas Ti com os dados da pesquisa do “Hoje afetando o amanhã” e as categorias de análise.
12º	Utilização do software Atlas Ti com os dados da pesquisa do “Hoje afetando o amanhã” e as categorias de análise.
13º	Encerramento do semestre 2020.2 (“Que pena, Que bom e Que tal”).
14º	Planejamento do semestre 2021.1 Apresentação da pergunta de partida e objetivos do projeto de pesquisa aprovado para bolsas de PIBIC-EM. Sugestão para os bolsistas/voluntários prepararem o planejamento da pesquisa na escola.
15º	Apresentação do esboço da proposta de pesquisa planejada pelos bolsistas/voluntários PIBIC-EM (participantes, instrumentos e divulgação).
16º	Construção dos objetivos (gerais e específicos) e título da pesquisa.
17º	Finalização dos objetivos, palavras-chave. Discussão das perguntas do formulário online (questionário) propostas pelos participantes.
18º	Discussão das perguntas do formulário online. Definição de título da pesquisa.
19º	Revisão das perguntas do formulário.
20º	Reunião sobre o formulário online com o professor da UFC, Walberto dos Santos.
21º	Apresentação das sugestões do Profº Walberto para apreciação da equipe PIBIC-EM
22º	Revisão final do formulário. Sugestão de cada participante solicitar a duas pessoas para fazer o pré-teste e autoaplicação do formulário.
23º	Discussão das sugestões de alteração do formulário após o pré-teste e autoaplicação.
24º	Encontro de planejamento com a gestão da escola para apresentação do questionário e proposta de divulgação da pesquisa.
25º	Elaboração do vídeo-convite da pesquisa.

26º	Preparação dos slides de apoio para os professores diretores de turma (DT's). Elaboração de roteiro para a reunião com os/as DT' s.
27º	Apresentação da pesquisa para os/as professores DT 's e aplicação do questionário com eles/elas.
28º	Discussão sobre a reunião com os/as DT 's. Feedback dos bolsistas/voluntários sobre a aula de formação cidadã, na qual houve a sensibilização dos estudantes para participação na pesquisa. Planejamento de cronograma de postagens de divulgação da aplicação do questionário no instagram da escola <i>Potência</i> .
29º	Planejamento de cronograma de postagens de divulgação da pesquisa no instagram da escola e de encontros para a análise dos dados com definição de dois encontros semanais.
30º	Tratamento quantitativo dos dados na planilha de excel
31º	Tratamento quantitativo dos dados na planilha de excel
32º	Tratamento qualitativo dos dados e divisão das questões por duplas. Criação de microcategorias a partir da análise das questões.
33º	Discussão coletiva das microcategorias no Atlas Ti
34º	Descrição das microcategorias
35º	Discussão coletiva das microcategorias, criadas a partir da análise das questões por duplas, para aglutinar em categorias gerais da pesquisa.
36º	Continuação das criação das categorias gerais da pesquisa
37º	Finalização das categorias gerais da pesquisa (qualitativa) Planejamento da restituição da pesquisa (Seleção dos dados qualitativos para a restituição).
38º	Elaboração de powerpoint com o perfil sociodemográfico, os gráficos relacionados às respostas quantitativas e as respostas qualitativas. Aglutinação das descrições de microcategorias em descrição de categorias gerais.
39º	Reunião com Profª Luciana Lobo para apresentar a análise qualitativa e planejar a restituição
40º	Decisão da escolha dos resultados da pesquisa para a restituição à escola com algumas citações para exemplificar.
41º	Encerramento do semestre 2021.1: Dinâmica do check-in e check-out (como chegaram na pesquisa e como se sentem saindo da pesquisa)
42º	Organização dos dados produzidos na pesquisa no powerpoint para restituição
43º	Organização dos dados produzidos na pesquisa no powerpoint para restituição
44º	Análise dos dados produzidos na pesquisa para restituição
45º	Apresentação do powerpoint da restituição da pesquisa à direção da escola.

46°	Elaboração da cartilha digital. Escolha dos assuntos para compor a cartilha e divisão das duplas em três blocos da cartilha.
47°	Elaboração da cartilha digital.
48°	Restituição da pesquisa com os/as professores Diretores de Turma (DT's). Apresentação da cartilha digital.
49°	Encontro presencial realizado na escola <i>Potência</i> para confraternização da equipe PIBIC-EM, entrega dos certificados e para os membros da equipe se conhecerem pessoalmente.

Fonte: Calendário dos encontros do grupo de discussão do PIBIC-EM.

APÊNDICE D - TABELA COM AS CATEGORIAS GERAIS E A DESCRIÇÃO DAS CATEGORIAS

CATEGORIA	DESCRIÇÃO
Gravidez, Maternidade e Paternidade na adolescência e suas possíveis consequências	Nesta categoria incluem-se falas que ressaltam a presença da gravidez como uma realidade entre jovens da escola; as consequências da m(p)aternidade na adolescência e sua relação com os estudos (menos tempo para os estudos, interrupção dos estudos devido a gravidez e aos cuidados com as crianças ou devido ao trabalho e evasão escolar, o

	<p>que dificulta a inserção no mercado de trabalho; mudanças nas rotinas e costumes da vida pessoal e social; mudanças físicas, psicológicas, financeiras; mudanças nos planos profissionais, consideradas como negativas/problemáticas, de pessoas que engravidaram na adolescência após o nascimento da criança; responsabilidade e cuidado com a criança; busca de emprego para sustentar a família; a má reação da família frente à descoberta da gravidez na adolescência ao impacto na vida estudantil de jovens por conta deste acontecimento, seja ainda na escola ou na possibilidade de entrada no ensino superior; expulsão da jovem mãe de casa pela família.</p>
<p>Incompatibilidade entre Gravidez e adolescência;</p>	<p>Nesta categoria incluem-se falas que relacionam a má reação da família frente à gravidez na adolescência com a imaturidade ou incapacidade (financeira, física e/ou emocional) de pai/mães adolescentes de cuidar de uma criança, podendo causar prejuízo a si e à criança. Também refere-se a falas que incluem juízos de valor de que é errado engravidar na adolescência, existe o momento certo para engravidar que não é a adolescência (serem novos, não estão preparados); a perda de momentos e vivências da fase da adolescência.</p>
<p>Responsabilização do gênero feminino/ Desigualdade de Gênero</p>	<p>Nesta categoria incluem-se falas relacionadas à desigualdade de gênero, responsabilizando unicamente o gênero feminino por cuidar, educar e se responsabilizar pela criança, em detrimento da falta de responsabilidade do pai (consequências do machismo da sociedade que responsabiliza unicamente a jovem mãe), identificando a jovem mãe e a avó materna como as mais afetadas pela gravidez na adolescência em relação a família paterna; maior preconceito sofrido pela jovem mãe em comparação ao jovem pai, que é considerado afetado positivamente por ser melhor tratado. Também refere-se a falas que relacionam a má reação da família frente à descoberta da gravidez na adolescência com o preconceito de familiares, especialmente com as adolescentes mães, que sofrem em casa violências/são expulsas e com o conservadorismo social/práticas sociais que colocam esse acontecimento como um erro da família e da pessoa que engravidou.</p>
<p>Responsabilidade da família sobre os cuidados com a criança</p>	<p>Nesta categoria incluem-se falas que relacionam a má reação da família frente à gravidez na adolescência à necessidade desta de ter que assumir os cuidados (totais ou somente financeiros) sobre a criança, visto que ainda é</p>

	<p>responsável pelo cuidado com adolescente. Também refere-se a falas que indicam a família (principalmente os avós) como rede de apoio ao ajudar na criação e cuidados com a criança, enquanto os jovens pais não podem, sejam por motivos escolares ou de trabalho. Falas sobre a ausência do apoio da família.</p>
<p>Diálogo sobre sexo/sexualidade com a família / Questões familiares e o papel da escola</p>	<p>Nesta categoria incluem-se falas que relacionam a má reação da família frente à gravidez na adolescência, à falta de diálogo entre adolescente e família sobre sexo e práticas anticoncepcionais, ressaltando a importância desse diálogo na escola; refere-se a falas que afirmam que o assunto de gravidez, maternidade e paternidade na adolescência deve ser tratado na família e na escola. Também refere-se a falas que afirmam que o preconceito diminuiu ou acabou porque houve maior conversa/diálogo na comunidade escolar e as pessoas passaram a ter mais acesso a informações sobre o tema.</p>
<p>Apoio escolar a estudantes que engravidam na adolescência</p>	<p>Nesta categoria incluem-se falas que defendem a ideia de que a escola deve dar apoio ao jovem pai e à jovem mãe. Falas que trazem o suporte (emocional; pedagógico, psicológico, entre outros) por parte da escola aos pais e mães adolescentes através do Projeto Professor Diretor de Turma e outras formas de apoio que existe ou que deveria/poderia existir, por exemplo, com a flexibilização de atividades pedagógicas, de forma individual.</p>
<p>Educação Sexual</p>	<p>Nesta categoria incluem-se falas relacionadas à importância da educação sexual nas escolas para uma melhor compreensão acerca da gravidez, importância da prevenção da gravidez na adolescência, e proteção contra DST's, conscientização dos jovens sobre as consequências de uma gravidez precoce, responsabilidade e maturidade de ter filho na adolescência. Educação sexual como dispositivo de apoio utilizado pela escola, incluindo o suporte que deveria/poderia existir (apoio psicológico, apoio pedagógico, apoio emocional utilizando as aulas como dispositivo de forma coletiva). Também falas relacionadas à escola como um espaço de formação integral (social, cidadania, etc), aprendizado, de preparação para a vida, debate e discussão sobre o tema; escola como espaço onde tem muitos jovens, sendo propícia essa discussão e troca de experiência entre os próprios jovens e também com os professores.</p>

**APÊNDICE E - CARTILHA DIGITAL PRODUZIDA PELO GRUPO DE
DISCUSSÃO PIBIC-EM**



Gravidez na adolescência: diálogos sobre maternidade e paternidade na escola

Uma pesquisa realizada por:

Logo da
escola

**NOSSA
ESCOLA
FALAMOS**

Apoio:






Equipe:
 Prof. Luciana Lobo
 Shirley Dias
 Lara Gonçalves
 Tadeu Lucas
 Marlon Coutinho
 Mayara Nishiyama
 Artur Ponciano
 Levi (Nome fictício)
 Bruno (Nome fictício)
 Bia (Nome fictício)
 Daniela (Nome fictício)



Por que é importante falar sobre gravidez na adolescência na **escola**?

A gravidez na adolescência tem sido objeto de debate, de investigação e de políticas públicas no Brasil em razão de seus altos índices. De acordo com relatório publicado em 2018 pela Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS), Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), a taxa mundial de gravidez adolescente é estimada em 46 nascimentos para cada mil adolescentes e jovens mulheres entre 15 e 19 anos. Na América Latina e no Caribe, a taxa é estimada em 65,5 nascimentos. No Brasil, um em cada cinco bebês nasce de uma mãe com idade entre 10 e 19 anos, sendo a proporção de 18%.



Quais as transformações ocorridas durante a gravidez?

A adolescência, por si só, constitui fase de autoafirmação, de transformações físicas, psicológicas e sociais. Nesse tocante, uma gravidez acarreta, para os adolescentes, além das transformações físicas e emocionais inerentes à parentalidade, a responsabilidade por outra vida. Estas responsabilidades advindas das rotinas de cuidado de outro ser humano, como horários de sono, de lazer e de convívio social, costumam repercutir na dinâmica familiar, na qualidade dos vínculos afetivos e protetivos e na trajetória profissional e escolar.

Do ponto de vista educacional, estes casos são ainda mais delicados, pois a dificuldade de conciliar os estudos com os cuidados à criança por muitas vezes impede que o adolescente, em especial a jovem mãe, conclua seus estudos. De acordo com o relatório citado anteriormente, 75% das mães adolescentes abandonam a escola, número que corresponde a 18% das causas de evasão escolar no mundo (OPAS/OMS - 2017).

Nesses casos, tanto a maternidade quanto a paternidade podem ter consequências desafiadoras para os adolescentes e para a criança que vai nascer. Torna-se, portanto, indispensável abrir um espaço de discussão dentro da comunidade escolar e de cuidado com as pessoas envolvidas neste processo.

O que pode mudar com a gravidez durante a vida escolar? As consequências são as mesmas para meninas e meninos?

Pensando nisso, os integrantes do Laboratório de Psicologia em Subjetividade e Sociedade (LAPSUS), vinculado ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), por meio do projeto de extensão "É da Nossa Escola que Falamos", em parceria com a escola especialmente através da participação de três estudantes ligados ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Ensino Médio (PIBIC EM do CNPQ), realizaram uma pesquisa com o tema "Gravidez na adolescência: Diálogos sobre maternidade e paternidade na escola".

O objetivo dessa pesquisa foi promover o diálogo entre a comunidade escolar (pais/mães/responsáveis, alunos, ex-alunos, funcionários, professores e gestores) acerca da gravidez, da maternidade e da paternidade na adolescência e como a escola vem lidando com o fenômeno da gravidez na adolescência.

A pesquisa que discutimos nessa cartilha foi realizada entre agosto de 2020 e julho de 2021. No 2º semestre de 2020, após a seleção de um bolsista e de uma bolsista, um estudante voluntário juntou-se ao grupo de pesquisa com estudantes de graduação e pós-graduação em Psicologia da UFC. Assim, a equipe, por meio de reuniões semanais em plataforma digital, se dedicou a estudar teoricamente a construção de uma pesquisa e suas etapas, bem como o objeto em investigação. Já no 1º semestre de 2021, o grupo se dedicou à construção de um formulário virtual a ser aplicado com a comunidade escolar

A fim de garantir participação da comunidade escolar, o grupo produziu postagens no perfil do Instagram da escola e do projeto de extensão "É da Nossa Escola que Falamos", ao qual a pesquisa está vinculada. Além disso, professores/as ligados/as ao Projeto Diretor de Turma, após reunião com o grupo, utilizaram o espaço da aula para que mais estudantes respondessem. Depois do período de respostas, foi feita a análise dos dados com a ajuda de dois softwares: Atlas.TI e SPSS.

O questionário online mencionado anteriormente contou com 27 questões de múltipla escolha e subjetivas que abordavam o tema da gravidez, maternidade e paternidade na adolescência no cotidiano escolar, tais como: a experiência dos respondentes com a gravidez na adolescência, a percepção acerca do preconceito em relação a gravidez, como a família de jovens que engravidaram na adolescência lidam com esse fenômeno, as implicações da desigualdade de gênero na maternidade e paternidade, etc.

Ao todo, contamos com a participação de 599 pessoas da comunidade escolar. A partir dos resultados encontrados nos questionários, destacamos alguns dados importantes para o debate aprofundado sobre o tema na escola e os mostraremos a seguir.



Perfil Biosociodemográfico

As 599 pessoas que participaram da pesquisa estavam divididas entre alunes, ex-alunes, professores, funcionáries, gestão e pais, mães ou responsáveis, sendo a porcentagem por segmento a seguinte:

- Alunes: 84,11%
- Ex-alunes: 6,52%
- Professor(a): 3,68%
- Gestão (coordenador(a), diretor, etc): 1,00 %
- Pai, mãe ou responsável: 4,01%
- Bibliotecáries, zeladores, porteiros, etc: 0,68%

Você se autodeclara...

Preto: 10,54%
Pardo: 45,65%
Amarelo: 3,51%

Branco: 38,96%
Indígena: 0,67%
Outro: 0,67%

Como você se identifica em relação a sua identidade de Gênero*

Mulher cisgênero: 61,20%
Homem cisgênero: 29,90%
Pessoa não-binária: 2,70%

Mulher transgênero: 0,2%
Homem transgênero: 0,3%
Prefiro não declarar: 4,5%

Não responderam/Outros: 1,2,%

*Nota explicativa sobre identidade de gênero: "Cisgênero": identifica-se com as construções socioculturais atribuídas ao sexo biológico. Se reconhece com o gênero atribuído desde o nascimento; "Transgênero binário": identifica-se com as construções socioculturais atribuídas ao sexo biológico oposto. Se reconhece com o gênero oposto do qual nasceu atribuído; "Não binário": identifica-se com as construções socioculturais atribuídas a ambos ou a nenhum dos sexos biológicos. Não se reconhece com as definições de masculino/feminino.

Gravidez, maternidade e paternidade na adolescência e suas consequências

Participantes da pesquisa entendem como possíveis consequências da gravidez, maternidade e paternidade na adolescência mudanças na vida pessoal, social, estudantil, psicológica e financeira. O que coloca muitas limitações na vida dos jovens pais e das jovens mães. As falas nas próximas duas páginas exemplificam isso:

Ter filhos é muita responsabilidade para jovens estudantes, que, conseqüentemente, terão que abandonar os estudos e arranjar um emprego para sustentar o seu filho. Isso atrapalha sua vida, carreira, estudos e até relações com as pessoas. Essa idade é momento para estudar, se formar, arranjar um emprego, se relacionar (ALUNO)

A própria jovem e o próprio jovem muitas vezes acabam por trabalhar para ajudar no sustento da criança e os pais também auxiliam nesse processo. Outro fator é a perda da fase da adolescência, com toda questão dos cuidados maternos. Além disso, esses jovens acabam por abandonar os estudos para auxiliar nesse sustento e isso afeta bastante no futuro, sem um grau de escolaridade, esses jovens têm a vida profissional afetada (ALUNA)



[Com a gravidez na adolescência] Não estou tendo tempo pra me dedicar aos estudos. Na vida pessoal está indo tudo bem. E profissional estou dando um tempo, mas em breve farei cursinho de técnico de enfermagem. (EX-ALUNA)

Na real [a reação diante da gravidez] depende da família, mas, no geral, as reações são ruins. Medo de abandono, tanto do pai da criança ou dos familiares. O machismo atua de forma direta nisso, em como o olhar cai demonizado para cima da mulher. É interessante pensar em como isso pode dificultar suas outras metas, nem todas querem exercer a maternidade. E também é válido pensar na condição de vida da criança após nascer, se ela terá uma vida digna. (ALUNA)

Incompatibilidade entre gravidez e adolescência

Ainda, participantes da pesquisa relacionam essas consequências negativas da gravidez na adolescência, como destacadas anteriormente, com uma imaturidade que faria com que jovens não se adequassem ao exercício da maternidade e da paternidade, sendo este apropriado somente para a vida adulta e afastado das vivências próprias da adolescência. As falas em destaque apresentam estas percepções:

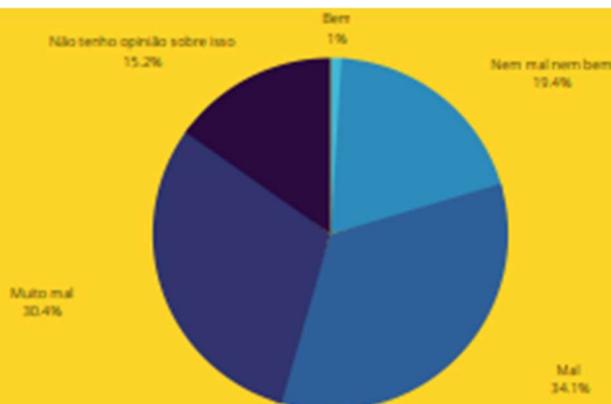
Pois é algo errado! Primeiro que tal pessoa não vai ter condições de criar um filho, segundo que na teoria ainda não somos adultos. A criança não terá boas condições, e os pais podem perder uma grande fase da vida (ALUNO)

Acredito que a maioria dos pais não querem isso [engravidar na adolescência] para seus filhos, pois a gravidez interrompe vários ciclos na vida de um adolescente e ao mesmo tempo antecipa outros que teoricamente deveriam acontecer apenas na fase adulta. Um dos ciclos que são interrompidos na maioria das vezes, é o estudo, onde o pai da criança geralmente precisa trabalhar para sustentar a criança junto de seus pais (normalmente) e os estudos são interrompidos
(ALUNO)

Nem sempre em casa existe esse tipo de conversa, no Instagram mesmo eu já vi um comentário de uma garota de 14 anos perguntando se ela era muito nova para ser mãe, pois era algo que ela queria muito. Se ela não conversa com os pais em casa, isso pode vir a ser um problema, ainda mais se ela se apaixonar por um cara bem mais velho e acabar virando alvo de manipulações. Em um diálogo na escola, um debate em uma aula com apenas 40 minutos, podemos abrir a porta da responsabilidade e ela irá enxergar o quanto um filho exigiria dela e ver que a hora não é agora
(ALUNA)



Como você acha que os familiares de um/a jovem reagem ao descobrirem que ele/a engravidou na adolescência?



O gráfico representado acima mostra que a maioria das pessoas que responderam à pesquisa apontam para uma reação muito má ou má por parte da família ao descobrir sobre a gravidez na adolescência. Elas relacionam isso ao que destacamos anteriormente, isto é, aos impactos negativos que a gravidez pode ter, especialmente na vida estudantil e na perspectiva de futuro da/o jovem, bem como à incapacidade de fornecer o cuidado adequado à criança, que pode ter que ser ofertado pela família, principalmente a da jovem mãe.

A pesquisa apontou que o gênero feminino é muito afetado, impactando não só a jovem mãe, mas também outras gerações de mulheres da família, especialmente as avós maternas.

"[...] Muitas avós maternas começam a cuidar dos netos para que a filha não desista de estudar ou trabalhar (na minha antiga rua, tinha uma menina que engravidou na adolescência e quem cuidava da criança era a avó, porque queria que ela continuasse estudando)" (ALUNA).



A seguir, falaremos mais sobre isso.

Desigualdade de Gênero



72,1% das pessoas que participaram da pesquisa notam diferenças no tratamento, pela comunidade escolar, entre a jovem mãe e o jovem pai que engravidaram na adolescência.



No comparativo entre os segmentos que se identificaram com alguma expressão de gênero, os homens cisgênero foram os que mais marcaram que não há diferença de tratamento entre jovem mãe e jovem pai (35,8%), indicando que não haveria desigualdade de gênero.

Gênero feminino sofre mais preconceito:



As mulheres tendem a ser mais julgadas, colocadas como "burras", "desprevenidas" e "fáceis" quando passam por essa situação, enquanto os homens tendem a ser tratados como uma representação de masculinidade e virilidade
(ALUNA)

A pressão que a sociedade coloca em cima de jovens que engravidaram cedo é muito pesada [...]. A jovem mãe é a que mais sofre porque ela vai ser vista como a pecadora, ela quem vai ser mais atacada pela sociedade [...]. A avó materna é normalmente a mais cobrada, porque ela quem educou a filha então vão julgar ela também pelo o que aconteceu" (ALUNA)

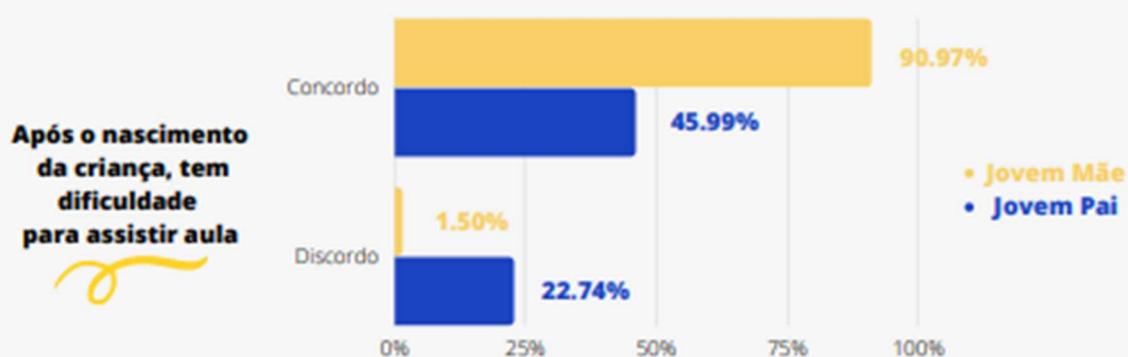
Sobrecarga para a jovem mãe devido a ausência do jovem pai, que não assume e não tem responsabilidades com seus filhos



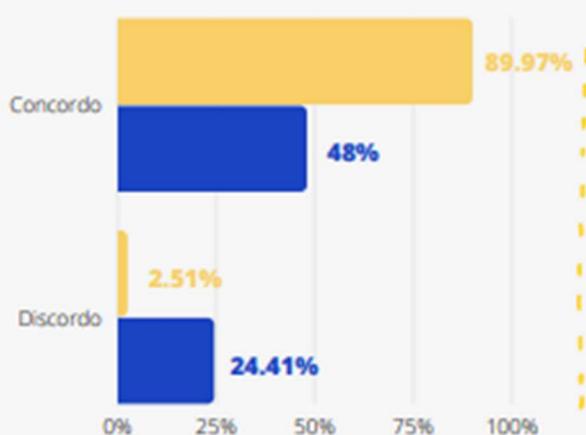
A mãe jovem é extremamente afetada, tanto por questões sociais, como também físicas. São julgadas, sofrem mudanças prematuras no corpo, muitas têm que deixar a escola, outras passam a trabalhar cedo, entre outros. Além disso, é grande a taxa de mães que cuidam dos filhos sozinha por causa do abandono paterno (ALUNA)



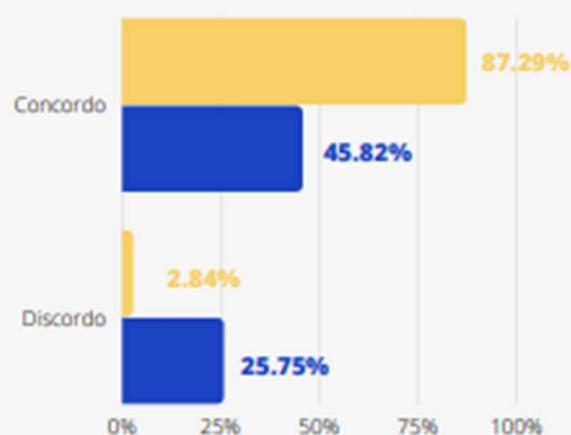
A gravidez na adolescência é um dos principais motivos pelo qual meninas param de estudar, de acordo com pesquisa realizada em parceria pelo Ministério da Educação, Organização dos Estados Ibero Americanos e Faculdade Latino-Americana de Ciências (ZINET, 2016). Esse dado também apareceu em nossa pesquisa, denotando que a evasão e a dificuldade de acompanhar a rotina escolar afetam mais a jovem mãe do que o jovem pai, conforme mostram os gráficos a seguir:



Após o nascimento da criança, tem dificuldade em concluir as tarefas escolares



Após o nascimento da criança, tem maior probabilidade de abandonar os estudos para cuidar do/a seu/sua filho/a.



• Jovem Mãe
• Jovem Pai

Diálogo sobre sexo/sexualidade com a família e o papel da escola

**98,3% apontaram que a
escola é lugar para discutir
gravidez, maternidade e
paternidade na adolescência**

Todas escolas públicas deveriam ter projeto de educação sexual, porque muitos alunos não têm conhecimento sobre o assunto, e em casa, a família não conversa, ou aborda de forma constrangedora **(ALUNA)**

É muito importante que a escola oriente os jovens e dê apoio a aqueles que estão passando pela gravidez na adolescência. Muitas famílias não informam sobre esses assuntos aos filhos e por conta disso, eles procuram descobrir sozinhos e isso pode acabar em uma gravidez indesejada ou em uma doença sexualmente transmissível **(ALUNA)**

Antes de tudo, trabalhar cada vez mais o tema da educação sexual e gravidez na adolescência. Trabalhar os profissionais da escola em redes de conversas e formações **(PROFESSOR)**



Educação Sexual

Esse tema foi recorrente ao longo da pesquisa. Respondentes reconhecem a importância da educação sexual na escola, especialmente pela falta de diálogo com a família. Percebeu-se uma visão positiva sobre educação sexual por parte da comunidade escolar:

Antigamente isso [a gravidez na adolescência] era visto como uma coisa absurda, considerando as mulheres impuras, irresponsáveis e jogando toda a culpa dela ter engravidado em cima dela. Atualmente esse preconceito vem diminuindo, embora muito lentamente. Porém mesmo com esse preconceito diminuindo, é de extrema importância a educação sexual nas escolas, para que os adolescentes se previnam e tenha conhecimento dos seus atos, pois uma gravidez indesejada e sem planejamento algum, pode trazer diversos traumas e consequências na vida de um adolescente que não teve acesso a uma educação básica sobre o assunto (ALUNA)

Eu acho que esse assunto deveria ser abordado pelos pais e nas escolas, mas infelizmente os pais não conversam com seus filhos e muitos aprendem de uma maneira totalmente errada em sites pornôs e etc. Até mesmo porque não é somente os jovens que engravidam, se esse assunto fosse abordado corretamente nas escolas e com os pais, muitas crianças não seriam abusadas por anos, pois muitas crianças crescem achando normal outras pessoas tocarem seu corpo (ALUNA)

Educação sexual é um tabu ainda. [Familiares] Reagem mal [à gravidez na adolescência] porque não conversam com os jovens, e imaginam que isso não é uma possibilidade (EX-ALUNA)

A educação sempre foi e sempre será o melhor caminho para orientação. Muitas das vezes a escola é o suporte mais acessível, já que a família é a primeira a fingir que isso não existe". (EX-ALUNA)



Apoio escolar a estudantes que engravidam na adolescência

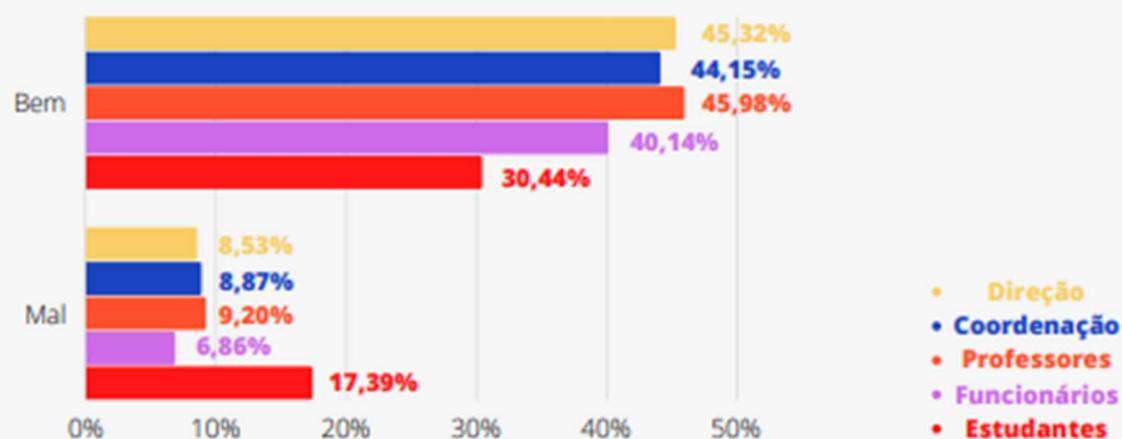
A escola Adauto Bezerra, de um modo geral, acolhe bem estudantes que engravidam na adolescência.

[...] um dia presenciei um momento de acolhimento de uma coordenadora para com uma aluna [grávida]
(ALUNO)



No período que estive presente na escola, eu presenciei um ato acolhedor em relação aos amigos de uma estudante grávida que fiquei bastante impressionado [...]
(ALUNO)

Entretanto, percebe-se que professores, diretores, coordenadores, funcionários lidam melhor com um/a jovem que engravidou na adolescência do que estudantes.



Apoio escolar através do Projeto Diretor de Turma

Os professores diretores de turma têm mais proximidade com os estudantes e podem oferecer apoio e suporte (emocional, pedagógico, psicológico, entre outros) aos pais e mães adolescentes.

Também, através das aulas de Formação Cidadã, podem incentivar o diálogo e discussão sobre o tema (gravidez, m(p)aternidade na adolescência) com os estudantes, promovendo tanto a prevenção da gravidez quanto a reflexão por meio de rodas de conversas sobre como apoiar e ser empático com jovens que experienciam a m(p)aternidade na adolescência.

Respondentes apontaram as seguintes formas de suporte que existem ou que deveriam/poderiam existir na escola:

1 Pedagógico

Dar suporte no sentido de flexibilidade de horário, sem penalização de horário, fazer as atividades em casa no resguardo (ALUNA)

Costumamos acolher e encaminhar os estudantes para que possam dar prosseguimento aos seus estudos (PROFESSORA)

2 Psicológico/Emocional

Alguns professores são super atenciosos e dão um apoio emocional enorme, sempre motivam os envolvidos (ALUNO)

Disponibilizar um psicólogo para os adolescentes (ALUNA)

3 Financeiro

É imprescindível que o Estado, através das escolas, disponibilize um auxílio financeiro para essas mães. (ALUNO)

Ajudar a mãe e o pai adolescentes dando uma atenção especial e motivações para continuarem, assim como ajuda financeira e de suprimentos para cuidar do filho". (ALUNO)



Agradecimentos



Agradecemos, primeiramente, a gestão e aos professores Diretores de Turma da Escola pelo apoio e parceria na realização desta pesquisa. Também agradecemos a todos os participantes da pesquisa que contribuíram diretamente com a pesquisa, respondendo ao formulário. Por fim, agradecemos também ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que financiou essa pesquisa com duas bolsas de PIBIC Ensino Médio.

Sugestões de filmes e livros que tratam de gravidez, maternidade e paternidade na adolescência

- ✱ **Documentário Meninas de Sandra Werneck**
- ✱ **Filme Juno de Jason Reitman**
- ✱ **Documentário Eu, Adolescente, Grávida de Ricardo Sá**
- ✱ **Filme Confissões de Adolescente de Daniel Filho e Cris D'Amato**
- ✱ **Livro Como dois e dois de Jefferson Galdino e Neir Illeis**

REFERÊNCIAS

CONFISSÕES DE ADOLESCENTE. Direção: Daniel Filho, Cris D'Amato. Produção de Sony Pictures, Globo Filme. Brasil: Sony Pictures, 2013.

EU, Adolescente, Grávida. Direção: Ricardo Sá. Produção: Lena Cogo e Marcela Dias. Brasil: [s. n.], 2008. Disponível em: <https://curtadoc.tv/curta/comportamento/eu-adolescente-gravida/>. Acesso em: 20 set. 2021.

GALDINO, J.; ILELIS, N. Como dois e dois. Ed. Noovha America, 2003.

JUNO. Direção: Jason Reitman. Intérprete: Elliot Page, Michael Cera, Jennifer Garner, Jason Bateman. Roteiro: Diablo Cody. Estados Unidos: [S. L.: s. n.], 2007. DVD.

MENINAS. Direção: Sandra Werneck. Produção: Sandra Werneck, Belisário Franca. Intérprete: Edilene Ferreira da Silva, Evelin Rodrigues dos Santos, Roteiro: Beбето Abrantes. Brasil: [S. L.: s. n.], 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f9X8WSWf12I>. Acesso em: 20 set. 2021.

OPAS/OMS; UNICEF; UNFPA. Accelerating progress toward the reduction of adolescent pregnancy in Latin America and the Caribbean. Washington: [s. n.], 2016. 56 p. Disponível em: <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/34493/9789275119761-eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 13 set. 2021.

ZINET, Caio. Gravidez é responsável por 18% da evasão escolar entre meninas. 2016. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/gravidez-e-responsavel-por-18-da-evasao-escolas-entre-meninas/>. Acesso em: 20 set. 2021.

**APÊNDICE F - MATERIAL DE APOIO PARA OS/AS/ES DIRETORES DE
TURMA SOBRE GRAVIDEZ, M(P)ATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA.**

Gravidez na adolescência: diálogos sobre maternidade e paternidade na escola



Apresentação

Esse material de apoio foi desenvolvido pela equipe de pesquisadores do PIBIC Ensino Médio – CNPq, com o intuito de aquecer o diálogo sobre gravidez, maternidade e paternidade na adolescência e sua relação com o cotidiano escolar.

Desse modo, tem por objetivo sensibilizar a comunidade escolar (alunos, ex-alunos, pais/mães/responsáveis, funcionários, professores e gestores da escola [redacted]) a participar da pesquisa, respondendo ao formulário: <http://bit.ly/edanossaescolaquefalamos>

A gravidez na adolescência no contexto brasileiro

(Ministério da Saúde, 2020)

- **Nascem por ano 434,5 mil bebês, filhos de mães adolescentes (com idades entre 15 e 19 anos).**
- **Taxa de 68,4 nascimentos de bebês para cada mil jovens entre 15 e 19 anos.**
- **66% das gestações em adolescentes não são planejadas e aproximadamente 75% das mães adolescentes estavam fora da escola, segundo a PNAD 2013.**

Concepções acerca da gravidez na adolescência

—

A fase da adolescência comumente entendida como de cuidado e tutela para a garantia do desenvolvimento considerado socialmente como ideal.

(Menezes e colaboradoras, 2012, p. 135)

—

Assim, o acontecimento da gravidez durante esse período da vida é interpretado comumente sob a ótica da precocidade, onde se ressalta a dependência, irresponsabilidade e dificuldades emocionais e impulsivas dos/das envolvidos/as.

Será que as diferentes classes sociais vivenciam a gravidez, a maternidade e a paternidade na adolescência da mesma forma?

— Nas classes sociais média e alta, as motivações da gravidez na adolescência tende para patologização, pois o projeto de maternidade/paternidade é adiado tendo em vista a valorização da capacitação profissional e acadêmica em busca de independência financeira.

(Orlandi, 2008; Nunes, 2012)

— Por outro lado, nas classes populares, o investimento em um projeto de maternidade e paternidade se torna muitas vezes a grande promessa de satisfação e futuro, tendo em vista a falta de perspectivas escolar ou profissional incapazes de apresentar alternativas atraentes para descartar a opção pela maternidade nessa época da vida.

Dificuldade de dialogar com a escola e com a família sobre a sexualidade na adolescência

— A sexualidade na adolescência e juventude continua sendo tabu difícil de ser discutido por pais e professores, pois predomina a ideia de que “falar é incitar”. Essa dificuldade pode ter como uma de suas explicações a perspectiva desenvolvimentista que atribui o momento ideal ou correto para os eventos da vida humana.

(Menezes e colaboradoras, 2012, p. 139)

A Educação Sexual nas escolas

- **A Educação Sexual seria interessante e de grande valia, se fosse realmente posta em prática nas escolas de todo o Brasil. Acreditamos que aulas sobre o tema, orientadas por uma proposta didática motivadora e educativa, pautada na qualificação da discussão [...] contribuiriam para uma vivência da sexualidade de modo mais seguro e prazeroso.**

(Menezes e colaboradoras, 2012, p. 137)

A Educação Sexual nas Escolas

- **O trabalho de educação sexual nas escolas depende, dentre outros fatores, de investimento na formação de professores, sob a perspectiva dos Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos como norteadores da prática docente.**

(Menezes e colaboradoras, 2012, p. 136 e 137)

- **O termo direitos reprodutivos trata do reconhecimento do direito da pessoa a decidir sobre sua reprodução, indo além de uma ideia de controle de natalidade; enquanto que os direitos sexuais incluem o direito de todas as pessoas sem exceção de vivenciarem sua sexualidade sem coerção, discriminação, violência ou preconceito. Tratam ainda da sexualidade enquanto esfera positiva da atuação humana que inclui sexo, identidades, gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução.**

Evasão escolar

- Tanto a jovem mãe quanto o jovem pai tem dificuldade de permanecer na escola. Segundo pesquisa de 2013, realizada no Rio Grande do Sul com 204 adolescentes mães e pais, foi apontado que 80% dos adolescentes não frequentavam a escola e os motivos do abandono escolar foram, principalmente, o trabalho e a própria gestação.

(Bordignon e colaboradoras, 2013)

Evasão escolar

- Em pesquisa de 2014, realizada também no estado do Rio Grande do Sul com 14 pais adolescentes de camada popular, estes afirmaram reconhecer a importância do ensino, tanto para si quanto como forma de proporcionar uma melhor qualidade de vida a seus filhos. Entretanto, pela necessidade de prover sustento à família, priorizavam o trabalho, ainda que informal e pouco remunerado.

(Bordignon e colaboradoras, 2014)

Evasão escolar

- Além disso, em uma pesquisa de 2012 realizada no estado do Pernambuco com 7 mães e grávidas adolescentes de camadas popular e média, as jovens apontam que a gravidez e os sintomas a ela relacionados atrapalham o seu rendimento, dificultando a permanência escolar. Ainda, apresentam que o auxílio da escola se limita ao período em que ainda conseguem frequentá-la, e que sentem falta da escola na superação e dificuldades para o retorno à escola.

(Menezes e colaboradoras, 2012)

Evasão escolar

- Destaca-se ainda que, segundo pesquisa do Ministério da Educação, enquanto 18,1% das meninas de 15 a 29 anos indicam a gravidez como principal motivo de abandonar os estudos, somente 1,3% dos meninos da mesma faixa etária indicam que interromperam os estudos pela mesma razão.
- Percebe-se, tendo como exemplo esses dados, que há sobrecarga de culpabilização para a menina, que bem denota as desigualdades de gênero em nossa sociedade.

(Zinet, 2016; Menezes e colaboradoras, 2012, p. 141)

Será que meninos e meninas vivenciam a gravidez, a maternidade e a paternidade na adolescência da mesma forma?

- Assim, é importante salientar que a maternidade e a paternidade na adolescência são significadas, aceitas e reconhecidas de modo diferenciado, a depender da cultura, da etnia, da classe social, da raça e do gênero.
- A paternidade é associada à noção de virilidade e masculinidade no imaginário social bem como insere o adolescente no mundo dos adultos, de modo a favorecer um maior reconhecimento social, trazendo satisfação e enaltecendo o jovem pai. Já a maternidade na adolescência é compreendida como transgressão, risco social, enfatizando o aspecto inconsequente e irresponsável, estigmatizando essas jovens que engravidaram “fora de hora”.

(Luz, 2010; Orlandi, 2008; Nunes, 2012)

Referências

BOURDIGNON et al. Aspectos educacionais e a parentalidade na adolescência. **Revista de pesquisa: cuidado é fundamental**. online. jan/mar. 5 (1) : 3285-3292, 2013. Disponível em: ssoar-revpesquisa-2013-1-bordignon_et_al-Educational_aspects_and_parenting_in.pdf. Acesso em: 26 de abril de 2021.

BORDIGNON, Simoní Saraiva et al. Paternidade na adolescência no contexto dos serviços de saúde, escola e comunidade. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 23, n. 4, p. 979-986, Dez. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072014000400979&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 de abril de 2021.

LUZ, A. M. HECKER; BERNI, N. I .O. Processo da paternidade na adolescência. **Rev Bras Enferm**, Brasília 2010 jan-fev; 63 (1): 43-50.

MENEZES e col. Gravidez e maternidade na adolescência e suas repercussões no processo de escolarização. **Revista Percursos**, Florianópolis, v. 13, n. 02, pp. 134 - 154, jul./jdez, 2012.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Prevenção de gravidez na adolescência é tema de campanha nacional**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/prevencao-de-gravidez-na-adolescencia-e-tema-de-campanha-nacional>. Acesso em: 24. out. 2020.

NUNES, S. A. Esperando o futuro: a maternidade na adolescência. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 22 [1]: 53-75, 2012.

Referências

ORLANDI, R; TONELI, M.J.F. Adolescência e Paternidade: sobre os direitos de criar projetos e procriar. **Psicologia em estudo**, Maringá, v.13, n.2, p. 317-326, abr./jun. 2008.

ZINET, C. Gravidez é responsável por 18% da evasão escolar entre meninas. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/gravidez-e-responsavel-por-18-da-evasao-escolar-entre-meninas/> Acesso em: 03/03/2020.

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: DIÁLOGOS SOBRE MATERNIDADE E PATERNIDADE NA ESCOLA

Um projeto da:

É DA **NOSSA
ESCOLA
QUE
FALAMOS**



Responda nosso
formulário:

bit.ly/edanossaescolaquefalamos

Um Projeto Financiado Pelo:

lapsus

LABORATÓRIO EM PSICOLOGIA, SUBJETIVIDADE E SOCIEDADE

CNPq

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

ANEXOS

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O menor sob sua responsabilidade está sendo convidado por Luciana Lobo Miranda como participante da pesquisa intitulada PIBIC ENSINO MÉDIO “CARTOGRAFIA DAS EXPERIÊNCIAS DE M(P)ATERNIDADE DE JOVENS ESTUDANTES DA ESCOLA PÚBLICA” a partir do trabalho de desdobramento da pesquisa “*EDUCAÇÃO, MODOS DE SUBJETIVAÇÃO E FORMAÇÃO DE JOVENS PESQUISADORES DA MICROPOLÍTICA DO COTIDIANO ESCOLAR*” . Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Luciana Lobo Miranda, CPF 010.888.367-12 , juntamente ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará estão realizando o Projeto de Pesquisa intitulado “*EDUCAÇÃO, MODOS DE SUBJETIVAÇÃO E FORMAÇÃO DE JOVENS PESQUISADORES DA MICROPOLÍTICA DO COTIDIANO ESCOLAR*” que tem como objetivo discutir a relação juventude e escola com base nos discursos dos próprios participantes; Analisar a construção de uma pesquisa com jovens de escola pública em que os próprios jovens sejam pesquisadores desse processo com estudantes das séries de 1º, 2º e 3º ano em uma escola de ensino médio localizada na cidade de Fortaleza-CE; e Investigar como as experiências de maternidade e de paternidade de jovens estudantes da rede pública de Fortaleza repercutem na vida escolar deles, contribuindo no processo de subjetivação destes. Para isso, estamos desenvolvendo um estudo que consta das seguintes etapas: 1) Analisar a função social da escola na contemporaneidade tendo como base o diálogo com jovens estudantes de escola pública; 2) Investigar a importância da escola na vida dos jovens alunos de escola pública; 3) Desenvolver estratégias de pesquisa colaborativas em que jovens atuem como co-pesquisadores; 4) Analisar coletivamente aspectos considerados pelos jovens significativo da relação da escola com seus pares. 5) Criar estratégias de divulgação e debate com as escolas envolvidas. 6) Cartografar as experiências de maternidade e

paternidade na vida e no cotidiano escolar de jovens estudantes. 7) Analisar as práticas discursivas e não-discursivas sobre maternidade e paternidade de jovens estudantes no território escolar.

Por essa razão, convidamos o (a) menor sob sua responsabilidade para participar da pesquisa. A participação do menor consistirá na cooperação com o curso de extensão “Formação de Jovens Pesquisadores do Cotidiano Escolar”, como também, responder se houver necessidade uma entrevista com aproximadamente 1 hora de duração com 5 questões sobre sua vivência na escola. O curso de formação trabalhará com a comunidade escolar temas de interesse dos jovens estudantes para a pesquisa, refletindo conjuntamente como eles percebem o cotidiano escolar. A proposta é construir uma pesquisa coletiva em que os próprios estudantes reflitam quais as questões sociais, econômicas, culturais e subjetivas que fazem parte da escola.

Vale lembrar que os participantes da pesquisa por terem idade inferior a maior idade de 18 anos, precisam obrigatoriamente ter o consentimento dos pais ou responsáveis legais que aprovam a participação na pesquisa, devendo, portanto, assinar este TCLE.

Os procedimentos utilizados poderão trazer algum desconforto que podem consistir na exposição de fatores, causas, motivos e informações pessoais relevantes para vida do participante da pesquisa, podendo desencadear sentimentos e comportamentos de desconforto antes, durante e depois da pesquisa. O tipo de procedimento pode apresentar riscos mínimos que sejam a apresentação de informações privadas, mas que será reduzido mediante a garantia do sigilo dos nomes de todos os participantes e de suas respectivas instituições. Nos casos em que os procedimentos utilizados no estudo tragam algum desconforto, ou seja, detectadas alterações que necessitem de assistência imediata ou tardia, eu LUCIANA LOBO MIRANDA serei a responsável pelo encaminhamento ao Serviço de Psicologia Aplicada da Clínica Escola no Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará.

O motivo que nos leva a estudar esse assunto se insere no interesse de pesquisa com juventudes, em que pretendemos criar um campo de discussão com jovens de escola pública a respeito de como vivenciam o cotidiano escolar em torno do tema de experiências de maternidade e paternidade no cotidiano escolar, bem como a discussão de gravidez na adolescência. Os benefícios esperados são o aumento do caráter participativo dos jovens enquanto pesquisadores do seu próprio cotidiano escolar, a

discussão dos resultados com professores, gestores e funcionários, e conseqüentemente a melhoria da escola.

Destacar, ainda no convite, que a qualquer momento você poderá recusar a participação do menor sob sua responsabilidade e que também poderá retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo. Garantir que as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pela pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto. Incluir que a qualquer momento o participante poderá ter acesso a informações referentes à pesquisa, pelos telefones/endereço dos pesquisadores.

Endereço dos responsáveis pela pesquisa:

Nome: Luciana Lobo Miranda

Instituição: Universidade Federal do Ceará

Endereço: Av. da Universidade, 2762, Benfica - CEP: 60.020-180 - Fortaleza/CE – Área 2 do Centro de Humanidades - Bloco Didático Prof. Ícaro de Sousa Moreira

Telefones para contato: Telefone: (85) 3366-7723 / 3366-7722

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8346/44. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

O abaixo assinado _____, _____ anos, RG: _____, declara que é de livre e espontânea vontade que está como responsável pelo menor participante de uma pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

Fortaleza, ____ / ____ / _____

Nome do participante da pesquisa	Data	Assinatura
----------------------------------	------	------------

Nome do pesquisador principal	Data
Assinatura	

Nome do Responsável legal/testemunha (se aplicável)	Data	Assinatura
--	------	------------

Nome do profissional que aplicou o TCLE	Data	Assinatura
---	------	------------

ANEXO B - TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado(a) como participante da pesquisa: PIBIC ENSINO MÉDIO “CARTOGRAFIA DAS EXPERIÊNCIAS DE M(P)ATERNIDADE DE JOVENS ESTUDANTES DA ESCOLA PÚBLICA” a partir do trabalho de desdobramento da pesquisa “*EDUCAÇÃO, MODOS DE SUBJETIVAÇÃO E FORMAÇÃO DE JOVENS PESQUISADORES DA MICROPOLÍTICA DO COTIDIANO ESCOLAR*” da pesquisadora Luciana Lobo Miranda.

Nesse estudo pretendemos: discutir a relação juventude e escola com base nos discursos dos próprios participantes; Analisar a construção de uma pesquisa com jovens de escola pública em que os próprios jovens sejam pesquisadores desse processo com estudantes das séries de 1º, 2º e 3º ano em uma escola de ensino médio localizada na cidade de Fortaleza-CE; e Investigar como as experiências de maternidade e de paternidade de jovens estudantes da rede pública de Fortaleza repercutem na vida escolar deles, contribuindo no processo de subjetivação destes.

O motivo que nos leva a estudar esse assunto se insere no interesse de pesquisa com juventudes, em que pretendemos criar um campo de discussão com jovens de escola pública a respeito de como vivenciam o cotidiano escolar em torno do tema de experiências de maternidade e paternidade no cotidiano escolar, bem como a discussão de gravidez na adolescência. Os benefícios esperados são o aumento do caráter participativo dos jovens enquanto pesquisadores do seu próprio cotidiano escolar, a discussão dos resultados com professores, gestores e funcionários, e conseqüentemente a melhoria da escola.

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): Sua participação consistirá na cooperação com o curso de formação proposto pela pesquisa com grupo de estudantes, como também, responder se houver necessidade uma entrevista de caráter semi-estruturada de aproximadamente 1 hora de duração com 5 questões sobre sua vivência na escola. O curso de formação trabalhará com a comunidade escolar temas de seu interesse para a pesquisa, refletindo conjuntamente como esta percebe o cotidiano

escolar. A proposta é construir uma pesquisa coletiva em que os próprios participantes da escola reflitam quais as questões sociais, econômicas, culturais e subjetivas que habitam e se produzem no território escolar.

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler etc.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos e, após esse tempo, serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____ fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar, se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste Termo de Assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Fortaleza, ____ de _____ de 2020.

Nome do (a) menor	Assinatura
-------------------	------------

Nome do pesquisador principal	Assinatura
-------------------------------	------------

Endereço d(os, as) responsável (is) pela pesquisa:

<p>Nome: Luciana Lobo Miranda</p> <p>Instituição: Universidade Federal do Ceará</p> <p>Endereço: Av. da Universidade, 2762, Benfica - CEP: 60.020-180 - Fortaleza/CE – Área 2 do Centro de Humanidades - Bloco Didático Prof. Ícaro de Sousa Moreira</p> <p>Telefones para contato: Telefone: (85) 3366-7723 / 3366-7722</p>
--

<p>ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).</p> <p>O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.</p>
--

ANEXO C - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000
Bairro: Rodolfo Teófilo **CEP:** 60.430-275
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3366-8344 **E-mail:** comepe@ufc.br

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EDUCAÇÃO, MODOS DE
SUBJETIVAÇÃO E FORMAÇÃO DE JOVENS
PESQUISADORES DA MICROPOLÍTICA DO
COTIDIANO ESCOLAR.

Pesquisador: Luciana Lobo
Miranda

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 06528918.0.000
0.5054

Instituição Proponente: Departamento de Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.227.767

Apresentação do Projeto:

Projeto caracterizado como uma pesquisa-intervenção (PI) e da critical participatory action research (CPAR) que prevê a inserção e a intervenção do pesquisador na micropolítica do cotidiano institucional (PI), além da formação do sujeito/campo pesquisado como co-pesquisador (CPAR) como forma de descolonização do conhecimento e justiça social. O público-alvo da pesquisa são cerca de 20 estudantes do ensino médio de uma escola localizada na cidade de Fortaleza

– Ceará. São critérios de inclusão: ser estudante que se interessa pela temática de formação de pesquisadores e que desejam participar voluntariamente da pesquisa; matriculado nas séries de 1º, 2º e 3º do ensino médio; com autorização concedida pelos pais ou responsáveis caso menor de 18 anos. O pesquisador buscará construir com jovens estudantes de escolas públicas de Fortaleza uma pesquisa em que eles mesmos investigam com seus pares a relação que estabelecem com a micropolítica do cotidiano escolar através de um curso de formação que prever uma carga horária aproximadamente de 30 horas. A formação trabalhará com a comunidade escolar temas de seu interesse para a pesquisa, refletindo conjuntamente como esta percebe a micropolítica de seu cotidiano. No curso de formação serão discutidas quais as questões sociais, econômicas, culturais e subjetivas habitam e se produzem no território escolar, além da criação de instrumentos de pesquisas pelos próprios jovens a serem num segundo momento aplicados com outros jovens e analisados conjuntamente com o grupo de formação. No primeiro momento do curso de formação, serão realizadas oficinas com os estudantes (entre 10 e 20 componentes) para reflexão sobre o cotidiano escolar e discussão sobre as bases epistemológicas, éticas e políticas de uma pesquisa com jovens. Será realizada criação coletiva do objeto da pesquisa, objetivos e do instrumento de investigação. No segundo momento, será realizada aplicação do instrumento da pesquisa com jovens na escolar e análise coletiva dos dados. Tanto o instrumento quanto a quantidade de sujeitos/ escolas envolvidos dependerá do processo construído com os jovens no primeiro momento, que poderá ser, por exemplo, roteiros de entrevistas, questionários, produção audiovisual, etc). No terceiro momento, será realizada divulgação dos resultados com jovens e escola envolvidos no segundo momento. Haverá utilização de diversas linguagens que possam servir de reflexão e ação nos diferentes contextos educacionais, como material audiovisual, artigos científicos, produções artísticas, dentre outras. A reflexão acerca dos dados produzidos será realizada por meio da análise do discurso de base foucaultiana.

Objetivo da Pesquisa:

Primário: Problematizar a relação juventude e escola com base na produção discursiva dos próprios jovens; Analisar a construção de uma pesquisa com jovens de escola pública em que os próprios jovens sejam pesquisadores desse processo.

Específicos: Analisar a função social da escola na contemporaneidade tendo como base a produção discursiva de jovens de escola pública; Investigar a incidência da escola nos modos de subjetivação de jovens alunos de escola pública; Desenvolver estratégias de pesquisa colaborativas em que jovens atuem como co-pesquisadores; Analisar coletivamente aspectos considerados pelos jovens significativo da relação da escola com seus pares, criar estratégias de divulgação e debate com as escolas envolvidas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: A pesquisa possui risco de exposição a fatores, causas, motivos e informações pessoais relevantes da vida do sujeito participante na pesquisa, podendo desencadear sentimentos e comportamentos de desconforto antes, durante e depois da pesquisa. Tais riscos podem levar a manifestações de aversão, mal estar físico e psicológico. A exposição de qualquer risco iminente ou agravantes terão suporte no Serviço de Psicologia Aplicada da Clínica Escola do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará.

Benefícios: Compreensão sobre ações e atividades desempenhadas de caráter participativo pelos jovens enquanto pesquisadores do seu próprio cotidiano escolar. Produção de conhecimento científico, contemplando novas discussões acerca de práticas de pesquisas e metodologias ativas, situando os sujeitos enquanto co-pesquisadores do processo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante. Objeto de pesquisa está bem descrito e os objetivos são claros e pertinentes. Metodologia com adequado detalhamento dos participantes, instrumentos e procedimento de coleta.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos obrigatórios apresentados estão de acordo com a Resolução 510/16.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisa não apresenta pendências éticas ou documentais.

Considerações Finais a critério do CEP:**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1271397.pdf	13/03/2019 14:27:51		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_ASSENTIMENTO_MENOR_DE_IDADE.pdf	13/03/2019 14:27:39	Tadeu Lucas de Lavor Filho	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVR E_ESCLARECIDO_Responsaveisdo Menor.pdf	13/03/2019 14:27:33	Tadeu Lucas de Lavor Filho	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVR E_ESCLARECIDO_ParticipantesMaioresdeIdade.pdf	13/03/2019 14:27:27	Tadeu Lucas de Lavor Filho	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETODEPESQUISAPlataformaBrasil.pdf	11/12/2018 18:06:42	Luciana Lobo Miranda	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	05/12/2018 19:56:32	Luciana Lobo Miranda	Aceito
Outros	CARTADEAPRECIACaO.pdf	05/12/2018 17:46:56	Luciana Lobo Miranda	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AUTORIZAcaoINSTITUCIONAL.pdf	05/12/2018 17:45:16	Luciana Lobo Miranda	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracaodeconcordancia.pdf	05/12/2018 17:44:52	Luciana Lobo Miranda	Aceito
Orçamento	ORcAMENTO.pdf	05/12/2018 17:42:46	Luciana Lobo Miranda	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	05/12/2018 17:41:00	Luciana Lobo Miranda	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 27 de Março de 2019

Assinado por:
FERNANDO ANTONIO FROTA BEZERRA
(Coordenador(a))